



Confraria dos Livros Bons

Babili

Jairo Avellar
pelo espírito Palminha

Obs: As páginas em branco foram retiradas desta
versão eletrônica..

Confraria dos Livros Bons

Babili

Copyright © 2014 by Instituto Editorial D' Esperance

Coordenação e Preparação de Originais

Maria Luiza Torres Teixeira

Capa

Paulo Moran

Projeto Editorial e Gráfico

Instituto Editorial D' Esperance

Revisão

Mary Ferrarini

Produção do e-book

[Schaffer Editorial](#)

Instituto D' Esperance

Rua Iporanga, 573 - Novo Progresso

Contagem | MG | Brasil

Cep: 32.110-060

Tel: (31) 3357-6550

www.institutodesperance.com.br

Editora Itapuã é um selo do Instituto Editorial D' Esperance

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO PÚBLICA

■

P19b

A96b

Palminha (Espírito)

Babili: a libertação do povo judeu na Babilônia, pelo imperador Ciro II, abrindo os caminhos para a vinda de Jesus - Palminha (Espírito); psicografado por Jairo Avellar. Instituto D' Esperance, Contagem, MG, 2014.

ISBN 978-85-67800-02-8

1. Espiritismo. 2 Psicografia. 3 Romance. I. Título. II. Avellar, Jairo. III. Palminha (Espírito).

CDD 130 140

Obs: As páginas em branco foram retiradas desta versão eletrônica..

Dedicatória

Autorizado pelos espíritos amigos que, na realidade, são os verdadeiros autores deste trabalho, e no uso da cota que me é devida como modesto medianeiro, alegra-me dedicar acanhada participação e esforços a todos os queridos irmãos de ideal espírita que buscam, com toda a sinceridade de coração, ser dedicados seareiros da FRATERNIDADE.

Presto minhas homenagens a todos aqueles que decididamente se esforçam no sentido de colocar a amizade nas lidadas diárias das relações humanas, situando-a nos patamares mais altos, fazendo-a prevalecer sob a feição de respeito e, sobretudo, de ética.

Muito em especial, dedico este esforço aos companheiros que se movimentam voltados para a afetividade e conseguem transformá-la em FRATERNIDADE a serviço do MOVIMENTO ESPÍRITA. São valorosos trabalhadores dedicados a essa joia rara que se tornou o MOVIMENTO DA FRATERNIDADE, farol bendito de luzes e esforços continuados, sentimentos vividos nas CASAS ESPÍRITAS espalhadas por longínquos rincões deste imenso BRASIL a enobrecer e engrandecer o valoroso MOVIMENTO ESPÍRITA BRASILEIRO e a DOCTRINA DOS ESPÍRITOS pela colaboração abnegada integralmente voltada ao MOVIMENTO DE UNIFICAÇÃO.

A todos os que plantam sementes diárias do MOVIMENTO DA FRATERNIDADE, as nossas vibrações de amor, carinho e profunda admiração.

Paz e alegria!

Jairo Avellar

Confraria dos Livros Bons

O Espírito Palminha

Registramos a presença de alguns mentores espirituais José Grosso, Palminha, Scheilla e outros numerosos espíritos da Fraternidade. Assinalamos, também, a presença do espírito Charles Baudelaire, e percebemos que os amigos espirituais são velhos conhecidos.

José Grosso inicia o relato assim:

“Viemos de longe, de eras passadas, e vamos falar sobre nosso irmão chamado carinhosamente de Palminha¹, simplesmente Palminha. Hoje, nessa altura de sua caminhada espiritual, deseja firmemente desempenhar, como vem fazendo, a tarefa da fraternidade sob a égide de Jesus. Busquemos reportar marcantes épocas da vida desse querido amigo.

Reafirmamos que viemos de longe. Vislumbramos o tempo dos vedas. O grande Templo de Amon. As colunas formidáveis da cidade de Soma (subúrbio de Memphis) sobre a areia do deserto no Antigo Egito.

Identificamos, ainda, nosso irmão Palminha em Tebas e Memphis. Consta que, após algumas encarnações de mandos e desmandos, reencarnou-se como escravo núbio, vivendo por pouco tempo nessa condição, pois, devido a circunstâncias que desconhecemos, tornou-se senhor. Podemos percebê-lo descansando nos alpendres dos jardins de grande palácio, nas tardes ensolaradas e cálidas de verão, às margens do Nilo. Como senhor, mercadejava também com escravos, e não demonstrava nenhum sentimento fraterno em relação a eles, esquecendo-se de que já fora um.

Habitou também o Templo de Carnac; viveu em áreas longínquas na China; conviveu com os persas.

Nosso Palminha viveu na época do cristianismo em Roma. Suas idas ao circo romano o empolgavam bastante. Segundo Charles Baudelaire, acima citado: “A multidão sanguinolenta reunia-se no vasto circo de Roma. O Coliseu regurgitava ao murmúrio sinistro de patrícios e plebeus que buscavam, na dor dos desgraçados, o prazer e o tumulto”. Vivendo em Roma, Palminha conheceu e se

identificou com muitos cristãos. Ouvia-os falarem de Jesus. Muitos deles estão reencarnados e vivendo no Brasil de hoje. Naquela época, alguns fizeram parte dos quinhentos da Galiléia.

Viveu nos templos de Heliópolis e ajudou a destruí-los, incendiando-os. Conviveu com o califa de Samira em seu palácio, sendo um de seus familiares. Renasceu na Pérsia. Reviu a Índia, mas desejava, nesse tempo, algo mais da vida. Seus sentimentos começaram a mudar. Conviveu com amigos e também com a turba dos que gostavam de anarquia e destruição, pois seu passado falava muito forte em seu espírito. Viveu numa aldeia em Simiansqui, ao norte do império chinês. Participou das hordas de Genghis Khan. Estreitou laços com os afins.

Teve reencarnações na Tártaria. Após essa existência, viveu nos Bálcãs e reencontrou um espírito muito querido na Germânia: o nosso José Grosso.

Pertenceu também ao grupo dos seguidores de Alarico VIII. Após esse período, Palminha desejou ardentemente modificações mais profundas em seu espírito. Vieram, então, reencarnações mais suaves, tranquilas e religiosas na França, Espanha e Brasil.

Nos dias de hoje, sua identificação espiritual com os companheiros encarnados é grande. Quer ser lembrado somente como Palminha. Seus objetivos se encontram no apostolado do bem, na simplicidade consciente e responsável do espírito que deseja valorizar o atual momento em que vivemos, pois é um marco decisório para a sua evolução e a de todos nós.

Em sucessivas reencarnações, Palminha experimentou derrotas, conquistas e sofrimentos atroz, mas hoje considera o momento um oásis de bênçãos na tarefa junto aos companheiros espíritas do Brasil e da Fraternidade.

Não podemos deixar de citar a encarnação de Palminha no Brasil, como Antônio da Silva, um dos nove filhos do casal Gerônimo e Francisca, e irmão de José da Silva (José Grosso). Pertencia também a um dos bandos da época, na década de 1930, no Nordeste.

Desencarnou com ferimentos quando do cerco policial nas imediações da cidade de Floriano, no Piauí. Consta que tentava fugir quando foi alvejado. Correu sem perceber que seu corpo ficara para trás. Voltou e constatou que havia desencarnado. Não é sabido quanto tempo levou até ser amparado pelos espíritos

Joseph, Scheilla e José Grosso. Com o passar do tempo, foi convocado a cooperar nas reuniões do grupo Scheilla, em Belo Horizonte.².

1 Palminha: nome dado ao espírito que, quando se manifestava em reuniões de efeitos físicos, batia palmas e de suas mãos saíam raios de luz.

2 Relato ditado ao médium nio Wendling, através da audição, pelo espírito José Grosso.

Sumário

[Prefácio](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

Prefácio

Quis a Misericórdia Divina que pudéssemos também trabalhar neste ofício que agora prazerosamente apresentamos e entregamos aos irmãos leitores.

Assim, durante alguns anos, refletimos longamente sobre O Livro dos Espíritos, em seu capítulo VIII, “Da Lei do Progresso”, navegando nos apontamentos sensatos e criteriosos do lionês Hippolyte Léon Denizard Rivail, o nosso Allan Kardec, a majestosa estrela do bom senso a brilhar na imensa constelação do cristianismo, ofertando-nos base sólida para aprofundarmos os conhecimentos acerca de intrigante assunto, a “Lei de Progresso”.

Assim, dando continuidade aos estudos que vínhamos desenvolvendo, passamos a estar noite a noite nas inúmeras casas espíritas, marcando a nossa modesta presença onde quer que esse tema estivesse sendo estudado, comentado, abordado ou inserido nas programações de estudo.

Avançamos, então, em nossas pesquisas, participando, passando a discutir com vários grupos de encarnados, debatendo sobre tão importante questão. Todos os esforços foram vertidos no intuito de colher diferenciadas visões e de ampliar o nosso conhecimento sobre o assunto.

Dessa forma, fomos pouco a pouco amalhando informações, aprofundando em nossas conclusões, nos preparando melhor para a condução de nós mesmos, buscando um entendimento mais espiritualizado de quem somos.

Como somos?

Para que somos?

Por que somos assim?

Descortinando, então, o véu quanto ao que seremos no grande amanhã.

Verdadeiramente, muito assimilamos no curso desses esforços, e assim podemos concluir que somos síntese de nossa própria história pura e simplesmente.

Aprendemos que vivemos todos os dias a grande e misericordiosa oportunidade de reescrever uma nova história nas páginas de nossa vida, de forma mais objetiva, direta e obrigatoriamente estruturada em três pilares básicos: “Deus, Cristo e caridade”.

Somos a expressão do nosso “inconsciente”, e este, a bem da verdade, é muito mais consciente do que se pensa, ou do que se possa crer, uma vez que os vazamentos seguidos do substrato de materiais do “já vivido” produzem impressões claras e bem definidas no psiquismo. Na grande maioria das vezes, esse substrato dita as nossas mínimas ações perante a vida.

Vivemos um constante e ininterrupto retorno às experiências passadas, evidenciadas cotidianamente pelos atos costumeiros, que nada mais são do que os reflexos esclarecidos dos hábitos arraigados no véu da alma. Por isso mesmo, possuindo trânsito livre entre o espírito imortal e o corpo psicossomático, reproduzem suas expressões positivas ou negativas sobre o casulo físico, que assim vive a sofrer pesadas e inclementes influências.

Assim, as estruturas físicas reclamam, a cada reencarnação, dos impactos impiedosos promovidos pelos descompassos milenares a requisitar gratificações constantes, tornando imperiosa a realização de esforços plenificados no bem para que possa haver urgentemente um descolamento judicioso e produtivo na área da reforma íntima.

Passado, presente e sonhos de futuro se misturam em nós, prevalecendo a força do impacto que nos seja mais forte. Comumente, o passado tem falado mais alto, já que, em muito dos casos, observamos que os materiais recalcados nos níveis do “inconsciente” têm emergido vigorosa e expansivamente, assenhoreando-se do ser, promovendo o homem velho a principal condutor dos processos existenciais.

Vejam, meus fraternos irmãos, que não estamos falando aqui de uma extensa população de internos ou de companheiros sob o cuidado das casas de saúde mental. Estamos nos referindo a uma enorme massa tida e havida como normal, gozando, aos olhos do mundo, daquilo que consideramos como comportamentos adequados aos níveis de sanidade mental plena.

Entretanto, quando decidimos caminhar pelo estudo aprofundado de O Livro dos Espíritos, naquilo que se refere às “Leis de Progresso”, o fizemos por

preocupação, ao visualizarmos o grande volume de companheiros hoje presos às medicações das mais variadas. São os ansiolíticos, tranquilizantes, antidepressivos, anticonvulsivantes, hipnóticos, hipertensivos e muitos outros. São irmãos fraternos com veículos físicos que nada apresentam de anomalias reais, mas cujo adoecimento procede exclusivamente do entrecchoque efetivado no trâmite mental pela prevalência do ontem de sofrimentos e desmandos, em detrimento do hoje como oportunidade bendita de refazimento e cura pessoal.

Alinhados a tudo isso, preocupamo-nos com o grande e meritório esforço atualmente efetivado em torno da literatura de autoajuda, que, se avaliarmos sob a ótica do volume disponível, veremos que tem se mostrado pouco eficiente se analisado friamente o contexto dos resultados obtidos.

Observamos, assim, o entusiasmo de ler em contraposição com as barreiras para se operar o campo prático das propostas trazidas. Há enormes abismos que dificultam a realização dos inadiáveis compromissos de mudanças.

A proposta para a criação do Grupo de Estudos foi minha, diante das muitas necessidades pessoais, já que cotidianamente me vejo em equipe, empenhado nas atividades assistenciais dirigidas a centenas de grupamentos espíritas. Trabalho sem tréguas em torno dos tratamentos espirituais, dos passes, da assistência médico-espiritual nos tratamentos desobsessivos, nos quais, muitas vezes, em nossas avaliações constantes, vemos que os resultados têm ficado muito aquém do esperado e das naturais expectativas dos nossos irmãos em sofrimento.

Assim, ao final da nossa mobilização, compreendemos que, se não frearmos a gritaria promovida no “inconsciente”, impondo-se de maneira decisiva nas atividades do “consciente”, como uma fera indócil e ferina dentro de nós, verdadeiramente poucos e insuficientes resultados colheremos em nossas experiências.

É imperativo não nos fixarmos nem nos submetermos a essas pressões advindas de nós mesmos, não nos resignarmos apenas à utilização pura e simples dos múltiplos medicamentos no dia a dia nem mesmo nos aferrarmos às fugas substanciosas nas páginas e nos auspiciosos capítulos da literatura de autoajuda.

Estudando detidamente com Kardec o capítulo “Das Leis do Progresso”, concluímos que os caminhos se encontram dentro de cada um de nós.

Somos a solução de nós mesmos!

A etiologia dos acontecimentos encontra-se em nós mesmos. Assim, a profilaxia também reside em nós, basta para isso cuidarmos das feras adormecidas nas arcas pessoais.

Nunca foi tão necessário cuidar acuradamente do nosso substrato psíquico, de atuar sobre os velhos hábitos e nos determinar a implantar em nós mesmos novos comportamentos, que venham a se contrapor vigorosamente com a “gritaria interior” que nos atormenta e atordoia.

Entretanto, também observamos que o remédio é bem antigo e há muito tempo disponível: o Evangelho de Jesus, trabalhado diuturnamente, alternando-se ensinamento e ação ininterrupta no bem, pois a mudança de postura traz a reforma interior imprescindível.

Somado a isso, sugerimos doses substanciosas da codificação tomadas diariamente. Kardec presente na estruturação de novos conceitos de vida, promovendo a reestruturação de ideias. Assim, iremos pouco a pouco desabilitando as influências perniciosas de um passado comprometido e habilitando o surgimento de um novo homem.

Nunca Emmanuel foi tão necessário! Seria muito útil se retirássemos imediatamente os velhos livros das prateleiras, que hoje jazem empoeirados e inúteis. Biblioteca não lida ou mal lida torna-se ninho de traças. Deveríamos trazê-los à utilização diária, diligente, minuciosa, pesquisadora, elucidativa e esclarecedora, retirando de nós os débeis conceitos ainda malformados sobre a prática do bem e da caridade, verdadeiramente aprendendo, nessas maravilhosas páginas, o que significa servir com Jesus, amar e progredir.

Esse recurso funcionará como especial antídoto bloqueador de hábitos nocivos construídos no passado. A leitura estudiosa e atenta nos permite o reflorescer de novos procedimentos, trazendo reforços positivos às linhas do consciente, permitindo-nos, assim, um alívio cada vez maior, ensejando o afastamento das pressões vivas do “inconsciente”.

Prescrevemos também algumas pílulas diárias de Joanna de Ângelis, para que possamos ampliar os processos necessários de docilidade da alma, afastando-nos decididamente da esterilidade pessoal, fazendo-nos mais participativos e conscientes diante dos imperativos do amor e do trabalho.

Esse recurso promoverá a ação de atitudes revisoras em nossa modulação diária, permitindo-nos melhor selecionar as companhias mentais e sintonizarmos na estação das experiências diárias, fazendo-nos pessoas mais seletivas no bem e observadoras em torno da nossa alimentação mental diária, evitando, então, repastos desnecessários.

Trabalho no bem!

A ociosidade enferma qualquer engrenagem. Por mais objetivas que sejam as medicações que a ciência moderna nos ofereça, se não promovermos uma mudança profunda em nossa dinâmica de vida, tornar-se-á impossível operarmos a devida assepsia nas feridas internas, que jazem infectas e inflamadas, carecendo de urgente atenção.

Trabalho no bem!

O trabalho é a dinâmica que movimenta os mundos e mantém o universo em pleno equilíbrio. É também a prática que mais nos aproxima de Deus.

Trabalhar sempre!

Assim, decorrido todo esse tempo de estudo, teve o nosso fraterno Palminha a iniciativa de trazer aos companheiros as presentes narrativas que, por ora, humildemente passamos às mãos dos leitores como nossa contribuição, desejando que os assuntos aqui propostos possam ser úteis e despertadores dos processos de retomada do “consciente” e de uma refreada nas influências nefastas das gritas do “inconsciente”.

Lembre-mo-nos sempre de que não basta entulhar nossas farmácias pessoais de múltiplos medicamentos, muito menos engrossar as filas para passes, tratamentos e cirurgias espirituais, reuniões de cura, receituários, tratamentos e terapias desobsessivas, tampouco adiantará nos aferrar às terapias alternativas e de autoajuda, se não nos dispusermos a interferir agudamente em nós mesmos, removendo velhos hábitos e conceitos, promovendo o surgimento de um novo homem, o homem evangelizado, para si mesmo e para os outros, o homem com Jesus.

Não nos esqueçamos de que a vida não efetua construções por mágica, e que não existe uma fada madrinha a promover transformações miraculosas. Existe, sim, muito esforço, força de vontade, determinação e aplicação diuturna em torno de

nossos objetivos. A felicidade acontece por consequência.

“Cristianizemos” as iniciativas efetivadas em torno do nosso próximo!

“Kardequizemos” nossos estímulos conscientes em torno da criação de conceitos novos e equilibrantes!

“Emmanuelizemos” os sentimentos no sentido de polir nossas mínimas atitudes!

“Joannalizemos” nossas atitudes, dando a elas o sentido da construção pessoal positiva!

Libertemo-nos de nós mesmos, permitindo-nos alçar voos mais auspiciosos na direção da luz.

Entrego Babili a vocês!

Paz e alegria!

Otto Franz Schorr

Capítulo 1

Estávamos, como sempre estamos, em nossas lides diárias junto aos companheiros do caminho assistidos em nossa Colônia Albergue. Todos muito carentes de amparo e desvelos especiais, almas que, em determinado momento, preferiram os caminhos tortuosos dos desmandos pessoais, permitindo ser presas fáceis da raiva e, por vezes, do ódio. Invigilantes, não se deram conta do conjunto de pesadelos que eles próprios teciam para o futuro.

Hoje, do lado de cá, feita a viagem entre as dimensões do ponderável e imponderável, lutam bravamente contra os pesadelos que assolam seus pensamentos e lhes causam mutilações de elevada monta, a ponto de desfigurar total ou parcialmente suas engrenagens perispirituais, gerando deformidades de difícil trato, que exigem tempo de investimento no bem e tratamentos continuados para que venham a reunir condições mínimas de novamente serem guindados à experiência física, emergindo nos filtros sutis da matéria mais densa, aí podendo reiniciar uma experiência com vistas ao progresso.

– Paz e alegria, meu bom Devair, como tem passado?

– Bom dia, querido irmão, tenho me sentido melhor, mas são essas dores terríveis que me fazem dia após dia mais sofrido e infeliz.

– Querido irmão, temos de exercitar a mente nos círculos dos pensamentos positivos, procurando nos plugar às coisas boas e úteis, buscando sempre as questões transformadoras, pois somente assim conseguiremos lograr êxito quanto aos males que nos assolam neste momento. Sem o exercício diário e contínuo, as mudanças se tornam difíceis e muito sacrificiais, já que o panorama mental, embora haja o interesse de mudanças, continua preso aos velhos modelos que sustentaram a nossa derrocada. Alterar a conduta mental torna-se resolução inadiável e urgente para a autocura!

– Olha, Deus é testemunha! Bem que tenho tentado, querido irmão, mas as coisas não são fáceis. Eu tento, mas mudar as vozes internas do próprio pensamento não é coisa simples e, quando me dou conta, novamente estou em verdadeiras brigas internas. Aí os conflitos se multiplicam e as coisas só pioram

para mim.

– Querido Devair, não coloque Deus como testemunha de seus insucessos. Deus é misericórdia, e não juiz de malogros. Segure-se a Ele não pelo viés dos fracassos, mas como a mão terna e justa, o Senhor da Misericórdia infinita, poderosa e capaz de ajudá-lo a promover as maiores transformações!

Querido irmão, jamais se esqueça da força que há em você. Promova o autodiálogo. É você falando consigo mesmo. Fale e ouça sem reservas e seja transparente consigo mesmo! Permita-se falar muitas verdades que você mesmo não quer ouvir. Quando ouvimos os outros, muitas vezes nos ofendemos e movimentamos a raiva em nós mesmos. Mas quando nós mesmos nos falamos, começamos a criar novas realidades e aprendemos, pouco a pouco, a lidar com o bálsamo das verdades.

Não continue a mentir indefinidamente para si mesmo!

Sempre que os pensamentos contrários o assaltarem, jamais fuja deles, ao contrário, enfrente-os pacificando o seu coração, tendo a coragem de levar os pensamentos no rumo do perdão, do entendimento e da concórdia. Fraternizar interna e externamente é necessidade de toda hora.

– Meu amigo, há muito tempo temos insistido com você para que se matricule em nossos estudos do “Evangelho para o perdão”, e você, segundo me consta, somente compareceu lá uma vez!

– Ah, querido irmão, bem que eu gostaria mesmo de ir, e até que gostei. Entretanto, aquilo lá é muito difícil. Teorizar é muito fácil, mas a prática é difícil. Depois que estive lá, tive uma grande recaída. Perdoar é o caminho, mas perdoar... E aí vem uma aluvião de lembranças, dores infelizes, rancores e raiva. A gente pensa no Evangelho e logo ouve a voz do nosso irmão instrutor a agir em nossos pensamentos, como a nos sovelar de forma inclemente. Sentimo-nos impotentes diante das verdades do Evangelho, que, sinceramente, não suportei.

– Meu querido irmão, a terapia pelo Evangelho é assim mesmo. Provoca incisões profundas nos traumas existentes e, logo de imediato, permite que a purulência provocada pela raiva, o ódio, o rancor, as mágoas, as frustrações e a irritabilidade saiam. Tudo isso certamente provoca uma dor muito grande.

Passada a fase da incisão, que é costumeiramente dolorida e difícil, toda a

purulência é lentamente drenada. Aliás, nesse período, precisamos ter paciência para com os drenos do Evangelho, porque se trata de um trabalho persistente e gradativo.

O material recalcado é pouco a pouco remexido e gradativamente jogado para fora. Mas não se assuste, pois isso causa um grande desconforto. Em geral, trata-se do despejo de sujidades fétidas incorporadas ao nosso psiquismo há milênios, e por isso mesmo de difícil remoção, fato que nos provoca intenso incômodo.

Olha, um dia ainda lhe conto minhas experiências pessoais nessa área. Devair, todos nós possuímos histórias no campo dos desvios pessoais, por isso não pense que falo movido por teorias existenciais, mas sim assentado em sólidos conhecimentos pessoais.

Os efeitos terapêuticos do Evangelho não são decantados por mirabolantes teses do cientificismo nem emergem da crítica filosófica, mas das repetições sistemáticas e vitoriosas em seus resultados, o que tem assegurado pleno êxito.

Devair, a fase seguinte é a da cisão. Em geral, dividimo-nos em duas ou mais pessoas. Cada parte de nós vai colocando nossos corações junto aos nossos tesouros.

Temos de identificar todos esses corações para conhecermos os nossos tesouros mais íntimos, e assim verificar qual é o nosso verdadeiro, qual é joio e qual é trigo. Segue-se a extirpação do joio, tarefa longa, árdua e de difícil prática.

Aí, sim, a coisa se complica, querido Devair, pois então a luta deixa o campo externo e torna ao campo interno. Passamos a lidar com os processos penosos da culpa, dos arrependimentos e da autopunição consciencial. É o momento em que todo o processo começa a perder o foco do outro e inicia o deslocamento em direção a nós mesmos.

Devair, querido irmão, nós somos o princípio e o fim de tudo!

O Evangelho, meu irmão, é Jesus, o médico incondicional das almas, de bisturi nas mãos, sempre a postos e bem juntinho a nós no sentido de operar suas maravilhosas curas.

Irmão querido, não nos esqueçamos um momento sequer de Jesus, e entreguemos a Ele as nossas propostas para um futuro melhor e mais promissor.

Abra seu coração ao Evangelho, querido Devair! Aliás, vamos ver como andam estas feridas?

– Meu irmão, elas têm dóido sem parar um só instante e ainda se encontram com esse mau cheiro insuportável, muito fétidas mesmo, desaguando este líquido amarelecido sem parar.

Olha que nada posso reclamar, pois a enfermagem por aqui é maravilhosa. Eles me tratam com toda a atenção e carinho, mas confesso que não tenho visto melhora nestas queimaduras, meu irmão.

Pior é que eu passo o tempo todo tentando me lembrar onde foi que eu me queimei tanto. Como foi que me feri a ponto de ficar neste estado! Na realidade, não consigo me lembrar.

Pior é que não recebo visitas. Pelo jeito, posso até morrer por aqui, que ninguém vai se importar comigo!

– Olha, Devair, de mim você não pode reclamar, pois estou frequentemente por aqui. Sempre que o tempo permite, venho para dar uma olhada em você e conversar um pouco.

Compareça à “Terapêutica do Evangelho”, não perca o seu precioso tempo! Você verá que vale a pena e as coisas vão melhorar bastante.

Devair, não podemos mais continuar nos arrastando neste sem-fim de sofrimentos. Se a solução está juntinho a nós:

“Disse-lhe Tomé: ‘Senhor, nós não sabemos para onde vais; e como podemos saber o caminho?’

Disse-lhe Jesus: ‘Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vós me conhecêsseis a mim, também conheceríeis a meu Pai; e já desde agora o conheceis e o tendes visto.’”¹

Devair, o caminho está posto para todos os Tomés da vida, não percamos mais o nosso precioso tempo!

Nesse instante, senti o meu sinal de alerta tocar. Percebi, por intermédio dos fios sutis da sintonia, que alguém me procurava em sentida prece. Era, por certo, uma

oração movimentada pelas forças do sentimento, verdadeiramente com o coração, e trazia consigo real aflição.

Certamente um coração amigo a me procurar em mais um de seus momentos de aflição. Sem dúvida, para mim, no acanhado campo de lutas em que me encontro, era mais uma oportunidade maravilhosa de trabalho. Ninguém movimenta um coração aflito pelas antenas da prece sem que receba as bênçãos da atenção.

Nós, os espíritos ditos guias, não ostentamos títulos pelos títulos, mas convivemos com eles pela imposição bondosa daqueles que, com simplicidade, amam-nos verdadeiramente. Por isso somos sempre profundamente reconhecidos de coração aos corações que nos admiram e os entendemos como verdadeiras oportunidades vivas de trabalho.

Estamos aqui, longe das brincadeiras, sempre afastados dos folguedos, vinculados exclusivamente ao trabalho. Para nós, essas oportunidades em que as várias preces nos convidam ao labor são momentos maravilhosos em nossa proposta de crescimento e evolução.

– Querido amigo Hermínio, ministre a medicação ao nosso Devair, preciso me ausentar agora e rapidamente por motivo de emergência.

Devair, assim que puder, voltarei para vê-lo, mas não se esqueça de procurar o “Departamento do Evangelho” e matricule-se na escola do “Atendimento Psicoterapêutico”. Você comprovará rapidamente a sua eficácia!

Embora os trabalhos se multiplicassem na enfermaria e aguardassem o meu concurso naquele reduto de sofrimentos e de extensas dores, outras responsabilidades também me chamavam com urgência. O trabalho nunca para! Não é conveniente deixar os amigos esperando e sem respostas, principalmente quando o chamamento vem de uma prece vigorosa e sentida. Assim, juntamente com Rubens Gávio, demandei para os círculos terrenos.

[1 Jo 14:5-7.](#)

Capítulo 2

Enquanto seguíamos para os círculos terrenos, aproveitávamos aqueles instantes para conversar, Rubens Gávio e eu, sobre o Devair.

– Nosso irmão, depois de muitos desmandos no campo afetivo, vivendo verdadeiras batalhas campais na área do afeto sempre não correspondido, foi ludibriado por determinada companheira. Ela, depois de iludi-lo totalmente por alguns anos, jurando-lhe grande amor e integral dedicação, privou-o de sua companhia ao largá-lo e fazer uma nova opção afetiva.

Durante vários anos, ele andou a lhe implorar o retorno e o reatamento do convívio, questão essa que a nossa companheira sempre tratou com muito desprezo e impaciência total, fixando-se mesmo ao novo companheiro.

Devair, depois de marchas e contramarchas no intuito de reconquistar seu objeto de afeto, vivenciando seguidos malogros, transferiu todo o quantum afetivo para a esfera dos ressentimentos. E passou a devotar à antiga companheira um ódio implacável, desejando-lhe toda a espécie de mal possível e tudo fazendo mentalmente para prejudicá-la, chegando a ponto de persegui-la munido de más intenções.

– É, companheiro, então ele a amava mesmo.

– Rubens, isso jamais aconteceu. Se fosse amor, ele jamais teria esse procedimento. O amor simplesmente ama, independentemente da situação e dos acontecimentos. O amor cede, compreende e avança, respeitando a liberdade. O amor jamais se algema ao que quer que seja, desviando o curso ou se transferindo para outro sentimento qualquer!

– Mas ele se machucou muito, meu irmão!

– Sim, porque não era amor. O amor, em momento algum se machuca, pois ele não cai nem se fere. Ele a tudo respeita e em tudo cede. É versátil, adaptável. Pena que muitos o confundam com o sentimento de posse e queiram manter pessoas, coisas e circunstâncias sob domínio. Amigo, o amor jamais escraviza,

ele liberta sempre!

O sentimento de posse, querido Rubens, tem sido um dos grandes entraves ao processo evolutivo e um dos maiores responsáveis por grande número de derrocadas morais a que assistimos frequentemente.

O ódio, a mágoa e o ressentimento, meu irmão, são os grandes responsáveis por aquelas queimaduras terríveis que lhe consomem, dia a dia, em dores atrozes. Funcionam como labaredas mentais a queimar inclementes a mente dos que se lhe tornam prisioneiros. Podemos testemunhar, todos os dias, os quadros terríveis, perfeitamente visíveis em nossas enfermarias.

Amigo, ninguém pertence a ninguém. Nada é de ninguém. Vivemos, em tudo, simples situações transitórias. Tudo é passageiro, tudo passa, tudo se transfere, tudo muda e avança, seguindo os inexoráveis planos de Deus para a reconstrução de todos.

– Mas, querido irmão, as dores provocadas pelos sentimentos, quando mal utilizados, causam-nos sofrimentos terríveis!

– Irmão Rubens Gávio, nada acontece que não esteja milimetricamente dentro das propostas da lei de causa e efeito. Aquilo que semeamos, sem dúvida, colheremos, mais dia, menos dia!

– Teria o nosso irmão questões nas áreas sentimentais?

– Ora, a bem da verdade, qual de nós não as possui? Uns mais, outros menos. Essa é uma área que vem requerendo de nós esforços de crescimento urgentes. A afetividade tem sido espinho incandescente na carne de muitos.

Precisamos trabalhar melhor os nossos sentimentos de forma geral, especialmente os que estão atados ao sexo oposto, no grande embate da sexualidade, que é essa chama ardente flagelando vidas e mais vidas. Em vez de trazer crescimento e avanços, tem, frequentemente, acorrentado vidas, movimentado sofrimentos atrozes e dores lancinantes.

Aliás, Rubens Gávio, temos em nossa colônia o grupo de estudos “Vida e Sexo”, no qual trabalhamos de forma mais aprofundada a cartilha produzida por nosso instrutor Emmanuel. Já ouviu falar, não?

– Claro que sim! Quem por aqui não ouviu falar em seus esforços em torno do Evangelho e do esclarecimento humano. Já me inscrevi para as próximas turmas, entretanto, aguardo vagas. Não tenho ainda bônus-trabalho suficiente para ingressar diretamente.

Nosso irmão Devair precisa aprender a perdoar.

– Muito mais do que perdoar, primeiramente precisa aprender a pedir perdão. É necessário habilitar-se primeiro ao difícil exercício da humildade.

Nosso companheiro foi antigo viajante que cuidava do transporte e do comércio em época bastante remota. Vivia com o seu povo, vendendo e comprando aqui e ali. Assim, teve várias mulheres com as quais movimentou grandes e ardentes paixões. Infelizmente, sempre agia conforme seus próprios interesses, sem se preocupar com os corações que lhe eram queridos e que acreditavam na sinceridade de suas doações afetivas e, assim, se entregavam a ele sem reservas. A grande maioria, captada em tenra idade, muito inexperiente, deixava-se levar pelos sonhos e pelas ilusões que ele semeava em seus corações.

Devair, ou Atrensis, o mercador, sem nenhum motivo nem preocupação, de repente as vendia sem o menor escrúpulo nem piedade, sempre frio e zombeteiramente, a quem pagasse o melhor preço, e saía sem nem sequer olhar para trás. Jamais se importou com as lágrimas, as dores e os sofrimentos.

Atrensis passava despudoradamente pelos sentimentos alheios, levando consigo apenas a ânsia pela próxima aventura e a volúpia dos próximos lucros.

Assim, durante muitos séculos, bebeu do próprio veneno, perseguido por vários corações, espoliado em suas reservas afetivas e enganado em sua ânsia de encontrar sentimentos verdadeiros. Há muito, vive o caudal das mágoas e dos ressentimentos.

Em sua última passagem pelo casulo denso, viveu o abandono por parte de uma mulher e suas oito filhas, que lhe saqueavam diariamente até o último vintém, fazendo-o de escravo das suas ambições desmedidas, deixando a ele somente contas, dívidas, preocupações, agressões, terminando por abandoná-lo à própria sorte, quando adoeceu irreversivelmente, tendo passado os seus últimos anos em desvalimento total.

– Querido irmão, isso nunca terá fim?

– Caríssimo Gávio, são processos de reajustes longos. Vão assim se esmerilhando, aparando as diferenças e as saliências até que atinjam o ponto da perfeição, ou seja, até que a humildade possa abater-lhes o egoísmo e abrir espaços para o perdão. Muitas mulheres já se libertaram pelo exercício pleno do perdão, e hoje avançam a passos largos. Esta turma se mantém reunida pela dureza dos próprios corações.

Sofrer ou ser feliz, meu caro Gávio, é apenas uma questão de escolha pessoal. Tudo depende de nós!

Caro Rubens Gávio, meu irmão, a vida não manda recados. Ela nos fala sempre diretamente e olhos nos olhos. Os sofrimentos de hoje não devem ser creditados à conta de responsabilidade dos outros!

A ponta do novelo da vida sempre está em nossas mãos, por isso o Evangelho, humildade e perdão devem ser os exercícios de todos os dias, nunca deverão estar distantes das propostas de retomada para a evolução consciente.

Essas lutas ainda se arrastarão por muito tempo, até que o perdão possa alvejar as almas e fazer a assepsia nos corações, situando-os em novas instâncias de comportamento.

Jamais se importe com os acontecimentos que cercam sua vida, entenda que eles são necessários a você!

Aprenda a fazer deles o indicativo de retomada do próprio caminho e saiba sempre agradecer por tudo! Agradecer a tudo e a todos!

Agradeçamos sempre, sem reservas e no âmago do nosso coração, pois, por pior que sejam as circunstâncias que nos envolvam a marcha, Capítulo 3 são as melhores dentro das linhas de nossas necessidades e merecimentos.

Capítulo 3

Chegamos, então, a um maravilhoso templo espírita, local já conhecido, onde nos reunimos aos nossos amigos encarnados para as tarefas da mediunidade, dos encontros, dos seminários, do atendimento fraterno e muitas outras. Um templo abençoado!

Fomos imediatamente entrando, até que encontramos o irmão que havia acionado o sinal de chamada. Ele estava ali assentado diante de uma mesa. Juntamente com ele estavam vários companheiros.

Um maior número de irmãos estava instalado em confortável auditório, muito atentos a uma leitura de ata que se fazia naquele instante. Na verdade, entendemos que estavam reunidos em uma grande assembleia.

Compreendemos que os companheiros que ali se encontravam estavam participando de uma reunião dita administrativa. Instantaneamente, localizamos o companheiro, autor da prece, que nos convidou e nos autorizou a estarmos ali presentes.

Observamos as preocupações de muitos, entre eles do querido Anésio Ferreira.

Acudimos o companheiro com passes emergenciais, procurando tranquilizá-lo e equilibrar seu centro cardíaco. Observamos que aquele coração enfeixado ao tórax fazia grandes esforços para garantir o fluxo normal da corrente sanguínea.

Notamos que aquela nobre alma, naquele momento, fazia um esforço incomum para manter a ordem e a paz em torno da assembleia que ali se realizava.

– Dessa forma, não conseguiremos formar chapa alguma e nem chegarmos a um consenso, pois estamos cansados desta mesmice em nossa casa, que parece, há muito, estar estagnada e nas mãos das mesmas pessoas.

Anésio acudiu com paciência:

– Calma, companheiros, não estamos aqui preparando uma eleição do mundo, requer que pesemos o interesse de estabilidade da nossa amada instituição. Viemos pensando na transição que vem sendo feita, mas entendemos que esses processos demandam tempo e paciência! Tenham calma! Companheiros, alertemo-nos quanto aos riscos da correria e lembremo-nos da natureza, que jamais opera suas mudanças aos saltos, e tudo segue uma sequência lógica no tempo.

– Anésio, deixemos de blablablá! Vamos fazer logo uma composição. Abra os cargos, e assim cada grupo indica um confrade de sua confiança. Após isso, os indicados farão a indicação do presidente, e está acabada esta celeuma!

– Não, assim não concordamos. Temos de ver um companheiro que venha dar à casa maior consistência evangélica, para que possamos amparar melhor tantos quantos nos têm chegado diariamente.

– Olha, com todo o respeito aos dignos estudos do Evangelho, que até reconheço serem muito bons, mas a nossa casa precisa ter mais solidez doutrinária. Somente o Evangelho não basta. Se deixarmos com o sr. Ildeu, vamos caminhar para nos tornar uma igreja. Daqui a pouco, estaremos elegendo um papa!

Dois companheiros levantaram-se enfurecidos e, de forma agressiva, tentaram também impor suas próprias ideias.

– Discordamos frontalmente de tudo isso. O sr. Agenor é o mais velho daqui e um dos fundadores. Ele é o mais experiente e conta com a simpatia da maioria. Além do mais, o próprio Palminha já disse, em nossa reunião mediúnica, que ele é quem deveria ser o próximo presidente de nossa amada instituição. Não vamos contrariar os espíritos, vamos?

Quase desmaiei de susto. Segundo me consta, jamais indiquei nem contraindiquei ninguém. Até gostaria de saber quem estaria se passando por mim ali naqueles trabalhos!

Nesse momento, atenciosa entidade, irmão Gláusio, trabalhador interno da casa, me acudiu:

– Palminha, são coisas do animismo. Ele se acha seu médium. Por enquanto,

fazer o quê?

– Querido Anésio, desculpe-me, mas o amigo tem sido um dirigente fraco, sem posições nem posturas definidas, sempre preocupado em deixar a casa avançar com o amadurecimento comum. Você deveria ser o primeiro a cair fora da próxima chapa, já deu a sua contribuição e está bom demais.

– Não cometa essa injustiça, meu irmão! Nosso irmão Anésio vem contribuindo maravilhosamente. Tornamo-nos uma casa mais sábia e mais eficiente, sua participação tem sido exemplar!

– Irmão Rubens Gávio, é o momento de entrarmos em ação, senão isso aqui retornará seguramente há dois mil e seiscentos anos! Aí, sim, provavelmente teremos muitos problemas, porque os substratos existentes nestas mentes são terríveis!

Aliás, meu amigo Gávio, o problema não é nem o retorno ao passado, o pior seria o despertar de consciências ainda adormecidas e guardadas em regiões pesadíssimas e de trevas densas, não preparadas para entrar em cena na atualidade. Isso, sim, seria desastroso!

– Guardadas?

– Irmão Gávio, tudo é útil dentro dos projetos do Arquiteto do Universo! Deus não improvisa jamais! São companheiros ainda sem as menores condições na atualidade, que ali se mantêm prazerosamente. São respeitados em seus arbítrios. Enquanto isso, este grupamento tem tempo de avançar e progredir, para que, futuramente, possa enfrentá-los em melhores condições.

– Enfrentá-los, querido irmão?

– Sim, há de ocorrer o enfrentamento para os devidos ajustes e reajustes, ou acha que isso ficará perdido no tempo? Esta Casa de Jesus faz parte do tempo da misericórdia, pois, mais dia, menos dia, os ressarcimentos terão de ser efetivados e, se o momento da misericórdia for bem aproveitado, provavelmente, no tempo das vacas magras, ainda assim haverá fartura. Depois, quando tiver tempo, estude o diálogo de José com o faraó.

Irmão Gávio, esta Casa Espírita, em que hoje se reúnem todos, representa para eles os anos de vacas gordas, mas o período de vacas magras, por certo, virá. Por isso, é aconselhável ajuntar e abastecer bem os celeiros!¹

Não percamos tempo, vamos inundar o ambiente com vibrações tranquilizadoras, a ponto de deixá-los até mesmo um tanto quanto abobados. Gláusio, proponha a todos um momento para o cafezinho.

Assim foi feito. Gláusio passou a influir, a sugerir a necessidade de se tomar um bom cafezinho, o que foi rapidamente assimilado e aceito.

Substituímos, sem demora, a vibração grosseira do ambiente por uma bastante sutil e balsamizante. Nossa equipe de fluidoterapia entrou em ação e, em poucos momentos, tudo estava transformado.

Para os mais exaltados, providenciamos passes especiais e tranquilizadores, para que não interferissem negativamente nos trabalhos que se seguiriam dali para a frente.

O nosso irmão Jesuíno Ventura, antigo trabalhador nas atividades de segurança daquela instituição, incumbiu-se, a seu modo, de tomar as providências finais.

Passados alguns instantes, o telefone do Jorge tocou.

– Sim, querida! Meu amorzinho, tenha calma! Não, a reunião não vai demorar muito. Você está queimando de febre? Muita febre?

– Sim, Jorge, meu amorzinho, você sabe como eu sou, preciso de você aqui agora, estou passando muito mal. Venha logo!

– Mas, querida, a reunião ainda está indefinida, e eu penso em lançar também o meu nome para a diretoria! Meu nome é unanimidade, amorzinho!

– Jorge, quem é mais importante: eu ou o centro?

– Claro, amor, é você, amorzinho!

– Então venha agora! Eu estou sofrendo muito, e a caridade tem de começar por nossa casa!

Jorge desligou o telefone e, depois de perder o ar de antigo carrasco, educadamente, deu mil desculpas. Saiu em desabalada carreira rumo ao seu lar, deixando as coisas mais tranquilas na nossa amada instituição.

– Seu Palminha, já está tudo resolvido. Esse não volta mais.

– Tem certeza, Jesuíno?

– O amorzinho somente melhorará depois das dezoito horas, pode ficar tranquilo.

A reunião, então, recomeçou mais amena e ordeira. Sem Jorge e seus comparsas e sem as pressões que havia no ambiente, as coisas tiveram um encaminhamento tranquilo, e os nossos irmãos puderam fechar harmonicamente a nova constituição diretora da Casa.

Ao final, nosso Anésio proferiu sentida prece, agradecendo a Deus e a Jesus pela harmonia reinante no ambiente, convocando todos a continuar a servir.

[1 Gn 41:1-57.](#)

Capítulo 4

– Querido Palminha, ao que parece, todos estão saindo daqui irmanados em torno das propostas fechadas, buscando os planejamentos futuros, conciliando as coisas e harmonizando em torno dos resultados que buscam atingir. Que maravilha, não?!

– Querido Rubens, seja mais cauteloso e nunca confie nas aparências. Isso somente durará enquanto as vibrações presentes no ambiente perdurarem, porque, seguramente, seguir-se-ão mais alguns anos de acirradas disputas internas.

– Disputas internas, meu irmão?

– Sim, uns pelo poder; outros pela predominância do Evangelho; alguns simplesmente querendo fazer prevalecer os anseios doutrinários puros e simples. Vários tenderão a fazer prevalecer os trabalhos assistenciais; outros buscarão a prevalência dos trabalhos mediúnicos e muitos vão querer fazer prevalecer a si mesmos.

Assim, de disputa em disputa, não deixarão o burburinho passar pelas próximas décadas. Ainda é necessário que seja assim, pois vão crescendo em torno dos impactos e das fricções.

Infelizmente, precisam dos atritos para gerar energia e efetivar o crescimento.

– Nossa!

– Pena que poucos se preocupem com o próprio crescimento e de fazer desta Casa de Jesus o pronto-socorro para a autocura, cuidando das próprias mazelas...

Pena, também, que se preocupem tanto em promover as transformações alheias, de fora para dentro, e tão pouco em trabalhar o próprio interior.

– Poderia ser melhor?

– Claro que sim! Muitos vivem aqui à cata do modismo e da transformação que

não lhes custe mexidas profundas na própria intimidade, e assim vivem o faz-de-conta do dia a dia.

Vários se transformaram em livreiros ambulantes. Leem, mas não estudam; esbanjam conhecimentos, mas não os transformam em sabedoria. Assim, não passam de bibliotecas ambulantes, sempre à espera dos próximos livros, sem se darem conta da importância de transformá-los em sinalizações preciosas para que se passe a buscar novos caminhos.

Outros se transformam em médiuns do intercâmbio vazio, na medida em que a doutrinação atinge os irmãos infelicitados mas não traz aos medianeiros a devida e inadiável reflexão sobre as comunicações verificadas e, assim, passam décadas nas mesas mediúnicas esquecendo-se de doutrinar a si mesmos.

Muitos se tornam passistas, canalizando a fluidoterapia digna, mas se esquecem de fluidificar a si mesmos na água viva do Evangelho. Acham que, pelos muitos passes, os problemas estarão solucionados. Esquecem-se do árduo processo da transformação pessoal.

Muitos outros se preocupam dignamente em preparar os farnéis e as roupas para os mais necessitados, tarefa maravilhosa e muito digna, mas se esquecem dos famintos que estão no interior do próprio lar: famintos de amor, friorentos de calor humano e vivendo a inanição do dia a dia.

Raros são os que aproveitam esses momentos para promover o crescimento individualizado, de dentro para fora, operando, pelo trabalho redentor, as transformações que os milênios, as dores e as lutas nunca deixaram de sinalizar.

Assim, um sem-número de companheiros perde diariamente maravilhosas oportunidades de realizar o reencontro com Jesus. Esses são os “Devair” do caminho!

Vivem mergulhados nas reclamações diárias, enfeixados no próprio umbigo, morrendo de sede, sem perceberem que o rio da misericórdia corre manso e cristalino bem a seu lado.

– Mas, querido Palminha, parecem ainda muito novos.

– Sim, meu irmão Rubens Gávio! Se você se refere à pauta de atividades no bem, digo que são novíssimos mesmo. Mas, se fala nas recalcitrâncias e nas

repetições sistemáticas nos ódios pessoais, são todos milenares detratores.

– Antigos? Milenares?!

– Ora, querido Rubens Gávio, foi instalado nesta instituição um representativo grupo cuja origem da grande maioria dos componentes remonta às transmigrações de Capela ou Capra. Eles aportaram no orbe terreno no seio do povo ária. Por certo, você já ouviu falar na transmigração das almas!

– Dos árias?

– Sim, dos árias! Um povo sanguinário e turbulento. Muitos deles foram nômades, guerreiros e viviam nos desertos, fazendo das lutas o seu grande instrumental.

– Um núcleo grande de árias ainda está estagiando por aqui?

– Sim, aqui, particularmente, estão muitos que viveram junto ao império persa, um povo bárbaro e violento por natureza, mas do qual os milênios não apagaram o mérito coletivo. Graças ao imperador Ciro II, carregam consigo o positivismo da libertação do povo judeu do jugo da antiga Babilônia.

A Pérsia, a Média, Babili, meu caro Rubens, foi uma ponte de libertação e de oportunidades para muitos. Aliás, por detrás desses rostos respeitáveis, presentes nesta assembleia de hoje, estão antigos caravaneiros, mercadores implacáveis de escravos e, mais precisamente, de escravas, guerreiros, nobres, e por que não dizer, também, grandes alcoólatras, estroinas e sexólatras que viveram em orgias e faustuosos dias de encantamento.

– Meu irmão, será por isso que daqui partem tantos pedidos ligados às questões afetivas, esposas, filhas, desarmonias conjugais, doenças, derrocadas financeiras?

– Todo efeito tem sua causa no pretérito escabroso!

Caro Rubens, aqui estão as mulheres postas à venda ontem e que hoje reclamam a devida atenção e carinho. Aliás, meu irmão, é da lei!

Também encontramos vários companheiros que foram grandes salteadores nas estradas de ontem e que hoje vivem um ganhar e perder infindo. Sempre

assaltados seguidamente, lutam, lutam e lutam e nada conseguem ajuntar, porque, sempre que se acham bem, vivem seus reveses.

– Já aprendi! É da lei, não é mesmo, irmão Palminha?

Quem dispara sistematicamente este processo que ocasiona a repetição das perdas?

– Ora, ora! A própria consciência! Sintonia pura e simples. Não há como se esquivar, os plugues mentais estão sempre ligados! Com isso, não há desvinculação da culpa.

Sim, claro, Rubens, como muito bem disse, é da lei... Por aqui estão os caçadores de tesouros sempre iludidos com o ganho fácil, guerreiros incontroláveis quando de espada nas mãos e, por mais que os atendamos e ajudamos por meio da fluidoterapia, dos passes e dos muitos tratamentos, eles estão sempre debaixo dos bisturis e das dores implacáveis.

– Ah, irmão Palminha, é por isso que as doenças não param por aqui e, muitas vezes, o grupo passa por desencarnes doloridos, levando irmãos hoje operosos no bem?

– É da lei! Graças a Jesus, estão podendo operar a colheita em tempos de muito amor, beneficiados pela Misericórdia Infinita, assim operando os expurgos sem que haja maiores sacrifícios.

Infelizmente, ainda falta para muitos espíritas a consciência da importância da Evangelização Infantil. Alguns males crônicos que testemunhamos têm o remédio na terapêutica de base, desde os dias mais tenros da infância. Para essa conscientização, ainda demandaremos muito tempo, caro Gávio!

– Irmão Palminha, apesar das lições do dia a dia, do Evangelho, da doutrina, dos trabalhos e mais trabalhos, observamos que muitos ainda não conseguiram largar o copinho social, não é mesmo?

– Ora, Rubens Gávio, essa bebedeira vem desde o tempo das orgias vividas em Babilí, das festas intermináveis. A grande maioria ainda tem muito a avançar em torno do álcool e do sexo desregrado.

Aliás, por detrás da aparência destes respeitáveis senhores e senhoras, também

observamos que o álcool e a sexualidade desregrada têm sido a mutilação de muitos, e as grandes pedras de tropeço que vêm consumindo os séculos de muitos de nossos companheiros.

– E o Anésio?

– Irmão Gávio, melhor seria que se chamasse “Milionésimo”. Trata-se de antigo comandante babilônio que sempre viveu da usurpação do poder e das riquezas alheias, comandando aos gritos e impondo sua vontade a ferro e fogo, até que, ao final de sua experiência, conheceu Jeriel. Daí para a frente, ingressou no plano contínuo de progresso, custeado por esse digno trabalhador.

Meu irmão, nestes séculos, ele tem sido um osso duro de roer. Esta Casa de Jesus está sendo a grande ponte de passagem deste antigo estroina e onde ele tem tido grandes oportunidades de recompor o passado, juntamente com os vários comparsas de ontem.

– Jeriel?

– Por que não? Ou você acha que os luminares param de trabalhar?

Eles não descansam nunca! Enquanto a Terra não atingir o ponto planejado por seu governador, enquanto a Boa Nova não triunfar em todos os corações, não pode nem deve haver descanso, meu caro Rubens Gávio.

– Desculpe-me a curiosidade, mas e o Jorge?

– Ele e Cármem continuam juntos até os dias atuais em cobranças intermináveis. Ela lhe fora, durante décadas, escrava humilhada e sofrida. Hoje, cobra-lhe ceutil por ceutil. Ela o mantém nas algemas da dominação e lhe exige até a última gota de suor em joias e roupas.

Ainda bem que o Evangelho lhes tem feito um grande bem. Hoje, ela começa a se desagregar do passado e inicia a marcha como evangelizadora.

– Evangelizadora?

– É tudo de que precisava a aborticida de ontem. Se não veio com a permissão de ser mãe no próprio lar, pode ser aqui, verdadeiramente. Isso não estava nos planos, mas o Evangelho no lar faz milagres e, de uma forma ou de outra, ela

tem avançado bastante.

– Irmão Palminha, mas por que as discussões são tão acaloradas por aqui? Como todos vêm de um mesmo grupamento, deveriam ser mais pacíficos, não acha?

– Há sempre a enxertia, caro Rubens. Por aqui existem alguns macedônios, também bárbaros ainda, e muitos gregos, que se acham os donos da sabedoria. Há um bom número de romanos, que estão sempre destilando superioridade e querendo assumir o controle de tudo, sem falar que judeu aqui é que não falta, e estão sempre aí, querendo repor o tempo perdido!

– Irmão Palminha, a Pérsia, então, dá pano para manga até hoje, hein? A Babilônia ainda tira o sono de muita gente e garante a inquietude de muitos, não é mesmo?

– O passado não existe, meu fraterno Rubens! Existe apenas o hoje a tornar tudo presente! Vivemos o substrato de nós mesmos na árdua tarefa de recomposição do ser divino, do eu profundo, da consciência integral. Nada passa, tudo é vivo em nós, meu amigo.

Tudo se locomove e se movimenta dentro de nós, e amanhã, quando nosso futuro se chamar hoje, estaremos presenciando o nosso plantio de agora.

Por isso, meu irmão Gávio, não temos tempo a perder. Mãos à obra e trabalho ininterrupto em torno do bem, pois somente assim sairemos desse ciclo vicioso das expiações dolorosas.

– E o senhor, irmão Palminha, vem de onde?

– Eu não tenho me preocupado muito quanto à minha origem, mas diariamente me preocupo em relação a para onde eu posso estar indo. Tenho me esforçado para procurar o melhor, o caminho do trabalho no sistêmico aprendizado do amor. “Quo Vadis?” Esta deve ser a nossa pergunta de todos os dias!

– Mas, meu irmão, poderíamos falar mais sobre a Pérsia?

– Vamos, então, caríssimo Rubens Gávio, consultar os arquivos mentais que aqui se encontram. Talvez assim possamos remontar partes dessa importante passagem no concerto da humanidade.

A velha e maravilhosa Pérsia, transbordante de beleza e encantos, terra bárbara, quando habitada pelos árias há mais de oito mil anos, desempenhou um papel importantíssimo como uma estação para readaptação psicológica por meio da bendita bênção do esquecimento e da terapia do trabalho concedidas a todos por um regime intensivo.

Marcou-se, definitivamente, como um fecundo viveiro de almas para o replantio indispensável do velho azambujeiro, esperando o momento certo até que esses estivessem prontos para a enxertia nos auspiciosos ramos da redentora oliveira.¹

Caro Rubens Gávio, quando você estiver matriculado na escola do Evangelho, busque estudar detidamente as referências de Paulo, o apóstolo, contidas em romanos, no capítulo 11. Verá que são verdadeiras pérolas para o entendimento humano. Lembra-se de que a enxertia sempre existiu?

São os processos sutis, minuciosos e intrincados que visam a promover as transformações coletivas indispensáveis, para que se possa operar, com desenvoltura e segurança, o crescimento individualizado.

Hoje, vincadas no inconsciente coletivo de milhares de almas; inúmeras vitoriosas, algumas se desprendendo de algemas milenares ainda conservadas no tempo e outras ainda vivendo pesadas refregas anímicas a forjar desassossegos no âmago da consciência.

Todas, sem exceção, por certo agradecidas “aos ramos da oliveira”, por terem sido agraciadas com oportunidades redentoras.

Naquela época, uma imensa massa de companheiros iniciava, por extensas regiões, uma nova jornada, na tentativa dos planos superiores de interromper os ciclos milenares de terríveis quedas.

Essas coletividades eram, por assim dizer, testemunhas vivas de que as quedas são livres, mas a ascensão é sempre extremamente trabalhosa e difícil, contudo inevitável e inadiável. Almas transgressoras do ontem, que tiveram tudo para continuar bem postas nos processos evolutivos individualizados, mas que, empurradas pelas próprias decisões infelizes, optaram pelas descidas íngremes dos severos precipícios morais. Embora tudo tenha sido feito para resgatá-las, para chamá-las à razão, evitando os momentos de pranto e de ranger de dentes, fizeram-se surdas quanto ao chamamento. Chegaram a tal ponto na recalcitrância em torno da violência, das monstruosidades, das guerras fratricidas, da

criminalidade, das vivências em quadros de menor esforço, que outros recursos não havia que não fossem os das pesadas experiências expiatórias, até que pudessem atingir os instantes das duras provas.

É maravilhoso, querido Gávio, observarmos tais acontecimentos, pois neles vemos a beleza luzidia da Misericórdia Divina, que, em vez das penas eternas, dos sofrimentos perpétuos, dos degredos, permite-nos ver hoje, extasiados, a grandeza a operar pelas linhas do amor, dando a cada um a sublime oportunidade do recomeço, atestando que o inferno nunca existiu no plano topográfico, somente no mundo interiorizado de cada um. Também cabe a cada um a construção do céu pessoal. Aliás, tudo depende de nossas escolhas.

A lógica da reencarnação é ideia imbatível. Pode-se combater um pressuposto, teorizações ermas de conteúdo fundamentado, mas a lógica, esta é imbatível.

A vida sem reencarnação é experiência sem justificativa. Reencarnação é uma ideia lógica e, por consequência, irrefutável!

Causa e efeito, ação e reação, lei de progresso, reencarnação e vida futura, nestes cinco pilares repousam as bases da Misericórdia Divina, mostrando-nos que a existência é um encaminhar inteligente de acontecimentos e que todos nós estamos sujeitos a eles. Hoje, vemos os mínimos acontecimentos perfilar em nossa mente, permitindo-nos refletir em torno da sábia batuta do amor.

Aprendemos, então, a duras penas, que a vida é um ato de responsabilidade e um exercício constante de bom senso. Todas as vezes que nos falta a responsabilidade ou o bom senso em seu sacrossanto labor, passa a sobrar a dor. Até o dia em que, por amor ou exaustão, decidimos pelo basta e assumimos a retomada pessoal e intransferível do caminho da fraternidade universal!

A princípio, essa legião de almas foi se instalando nas áreas centrais das planícies arianas. Eram simples tribos de pastores, inicialmente, nômades, até se fixarem na terra como agricultores, trabalhando culturas rudimentares de subsistência.

Em laboratório, tudo é lento e gradativo. Não podemos atropelar os passos futuros. Aguardamos sempre as respostas das experiências para que sejam determinados os projetos futuros.

Deus trabalha e remodela o mundo nas oficinas do tempo.

Muitos viviam em áreas formadas por extensos desertos, de clima intensamente desfavorável para o plantio. Dada à dureza do lugar, foram pouco a pouco se convergindo para o centro, onde podiam contar com a presença de alguns rios que mantinham graciosamente a irrigação do solo e também favoreciam a cultura e a criação de animais.

Assim, aquele povo nômade foi se fixando na terra por longos quatro mil anos, em tribos espalhadas, mas mantendo o hábito das grandes viagens. Por isso, foram se tornando hábeis comerciantes, vendendo e comprando e, assim, lentamente, aprendendo a fazer as riquezas circular e beneficiar um número maior de pessoas. Por medida de segurança e pela necessidade, essas tribos foram se aproximando e formando grupos maiores. Foram surgindo melhores teias sociais, que lhes permitiram enfrentar o inimigo comum.

Ao longo de aproximadamente três mil anos, foram se fixando na planície ariana, mais ao noroeste. As tribos árias vindas de todas as direções se uniram até formarem somente duas poderosíssimas comunidades.

A dos medos, formada pelos mais nômades e acostumados à vida do deserto, embora já plenamente adaptados à vida nas planícies, já prontos e aptos para lidar com as dificuldades e limitações.

Tratava-se de um povo rude, ignorante e mais afeito ao comércio como fonte de sobrevivência. Àquela altura, já percorriam imensas distâncias, chegando a ir sorratoriamente às terras da Grécia e adjacências. Às vezes, até a Índia. Sempre vendendo, comprando e trocando. Nessa época, comercializavam homens em regime de escravidão e ainda reviviam áreas profundas do inconsciente a replantar sofrimentos para os tempos futuros.

Uma questão de substrato psíquico, caro Rubens Gávio, não perdido no silêncio dos milênios e tampouco nas operações das longas transmigrações das almas.

Os hábitos operam como verdadeiros vincos mentais. Uma vez adquiridos, demandarão muito tempo e esforço para sua total erradicação. Somente o amor é suficientemente forte para operar essa profunda cirurgia, por isso se faz aconselhável vasculhar diariamente nossos substratos psíquicos e promover grande esforço para extirpar os quistos nocivos, antes que eles nos levem aos pesados processos cirúrgicos pelo bisturi da dor.

Esse povo, dado ao conhecimento profundo que detinha acerca das regiões mais

remotas, tornou-se grande guerreiro e hábil flecheiro. Eles dominavam, como poucos, a utilização inteligente da roda, já possuíam carros de combate velozes e levavam o desassossego da guerra a todos em sua redondeza. Impunham-se pela força, submetendo os mais fracos a severos castigos, deveres de obediência e pesados impostos.

A outra tribo, também notável para a época, era a dos persas, um povo também bárbaro, feroz, sempre disposto às lutas, mas com menores recursos de guerra que os medos. Duas coisas que não lhes faltavam eram coragem e ousadia.

A falta de recursos bélicos para competir com os medos era suprida pela astúcia, a capacidade de espionagem e a organização interna. Possuíam noções de administração impecáveis, como estruturação de governos, distribuição de povoados e maior controle sobre o povo. Tinham, também, comandos mais bem treinados, com capacidade de se impor pela disciplina e determinação, não pelo medo. Esses detalhes importantíssimos faziam deles um povo mais apurado e preparado que os medos.

Eram, também, diferentes dos medos, que primavam pela rudeza, pela força e pela intolerância. Os persas eram o oposto. Voltados às posses e às necessidades de ter, eram entregues às vaidades humanas. Adoravam principalmente as festas que atravessavam os dias e as noites. A exibição de escravos era um dos símbolos do poder. Tratava-se de um povo mais erotizado. A sexualidade era uma tônica inserida em todas as atividades dessa gente, sempre amante do sexo. Eles jamais se preocupavam com a qualidade, a afetividade, a parceria e tampouco com os sentimentos nessas relações. Eram voltados à quantidade em profusão, até mesmo como uma demonstração de poder e força.

Contudo, apesar dessa característica bastante presente no substrato psicológico, a família tinha um valor especial no sentido da responsabilidade, de participação. Neste contexto, as mulheres eram estritamente cuidadoras. Tinham um papel sulbalterno, de gestoras familiares; e os homens assumiam o papel de comandantes, com deveres de lealdade e proteção, mas sem que isso implicasse nenhum dever de fidelidade.

Era uma característica social possuir mulheres, na mesma medida em que estar com uma mulher significava honra para a agraciada, que deveria ter aquilo como deferência magnânima ou como uma situação especial. Para a verdadeira esposa, era uma deferência, uma honra, assentar-se à mesa com o seu senhor, e seria

motivo de alegria se ele levantasse os olhos e a visse, ou se lhe dirigisse algumas palavras.

Essas características eram presentes em uma extensa região e entre povos. Pouco a pouco, definiram tais costumes como forma de comportamento, daí formando substratos psíquicos de peso.

Concomitantes à incorporação dessas características ao padrão social, as sucessivas reciclagens nesses ambientes acabaram por provocar a formação de um ambiente mental comum nas experiências sociológicas. Daí passaram a fazer parte do inconsciente coletivo, evidenciado que, decorridos mais de três mil anos, ainda encontramos homens e mulheres livres vivenciando tais hábitos, reciclando os mesmos costumes e, muitas vezes, sofrendo terrivelmente por não conseguirem se adequar a uma nova ordem social: a da fraternidade em todas as direções.

– É da lei, irmão Palminha!

– Sim, irmão Gávio, é da lei, e as leis Divinas se encontram na consciência!

Embora todas essas características afetivas fossem vividas integralmente, o medo impunha que eles vivessem, em primeiro lugar, os interesses do Estado, num regime de subserviência. Mesmo que esse Estado se impusesse a eles pela força e os esmagasse com pesados tributos, recolhidos para Deus e para o rei, ainda assim ocupava sempre um lugar de honra.

O Estado era cultuado como a um Deus, venerado e amado, e seus governantes, tanto os sátrapas como os reis, eram pessoas tidas como divinas e semidivinas. Por eles se entregava a vida, sem o mínimo constrangimento ou medo. Aliás, essa oportunidade era tida como uma honra. Morrer por seu senhor, seu rei e seu deus era morrer pelo Estado, não havendo honra maior. Essas características acabaram por tornar os persas mais fortes que os medos.

Neste caldeirão fervente, muitos companheiros plenificaram em suas respectivas sistematizações evolutivas por vivências múltiplas, em torno de sofrimentos e intensas lutas regeneradoras, reaprendendo no dia a dia as maravilhosas lições, onde foram escritas páginas imortais de sabedoria em uma terra que ainda ensaiava os primeiros passos nas linhas das provas e expiações.

Por outro lado, os imigrantes do lado de lá também ofertavam à Terra a sua

parcela imortal de colaboração diária. Assim, por meio de sublimes oportunidades, muitos tiveram a chance de retornar vitoriosos ao plano de origem, conforme promessa sublime do Divino Pastor das almas, embora vários outros tenham preferido permanecer por aqui, colaborando nos projetos macros e micros para o crescimento evolutivo do orbe.

Nessa forja de lutas redentoras, os primários foram os que mais ganharam, na medida em que puderam desfrutar das experiências, empreendendo um aprendizado veloz. Por via natural, teria demorado milênios para a descoberta de experiências até certo ponto simples. Tiveram a oportunidade de viver processos de assimilação como acelerador da marcha.

O progresso, caro Gávio, sempre opera pelas linhas de um intercâmbio perfeito. Não recebemos nada sem que também deixemos a nossa cota de contribuição. Ninguém passa à margem nem evolui sem que seja membro operoso em um processo de permuta recíproca.

1 Referência do autor à carta de Paulo aos Romanos, no capítulo 11.

Capítulo 5

Os séculos corriam céleres até o momento em que Ciro II, “o Grande”, assumiu o comando dos persas, reorganizando e fortalecendo o Estado, cuidando de seus exércitos com a argúcia de um verdadeiro comandante. Assim que se viu suficientemente forte, tratou de instalar campanha contra os vizinhos, até que, em 540 a.C., os medos se curvaram diante da força de seus exércitos, plenamente extenuados, depois de três anos de intensas pelejas.

Nesses anos, aquelas planícies, antes tranquilas, cobriram-se de sangue e de mutilações, pelos seguidos combates, até a capitulação final dos valentes medos. Assim os cavaleiros viajaram à velocidade do vento anunciando, de lugarejo em lugarejo, que os medos haviam se rendido.

– Grande Ciro, os medos se renderam!

– Atrihses, meu general, eu o saúdo por essa glória que será sempre lembrada por Deus e estará registrada em meu coração. Vou agora mesmo, pessoalmente, para a frente de batalha. Quero cumprimentar nossos valorosos soldados, quero abraçar um a um.

– Meu senhor e meu rei, esta vitória nos rende aproximadamente mais de duzentos e sessenta mil escravos, entre homens, mulheres e crianças. Pensei em mandar matar os velhos e as crianças, pois esses têm pouco valor comercial e para nada servirão, mas somente para aumentar nossas despesas. No entanto, preferi receber pessoalmente as vossas divinas ordens.

– Gávio, observe bem aquele irmão ali, participando dos trabalhos mediúnicos da noite como um esforçado medianeiro. É o nosso Robério. Observe se ele ainda guarda vestígios do grande comandante.

– Apenas a pose e o rompante!

– Gávio, o passado é peça viva em nós!

A mediunidade tem sido para ele sublime oportunidade de resgate dos desmandos do passado. Aqui, ele serve com Jesus a muitos daqueles caídos pelo caminho e, vez por outra, tem a oportunidade de reencontrar os próprios verdugos. Olha, ele tem sabido aproveitar as oportunidades.

– É da lei, não é mesmo, querido irmão?

– Abracemos o trabalho, querido Gávio, enquanto estamos sob o império da lei de amor, para que amanhã não sejamos transferidos aos domínios das leis de justiça.

Hoje é sempre o dia, dia de trabalho, querido Gávio!

– Atrihses, escravos só nos renderão alguns punhados de moedas, ao passo que homens livres nos renderão soldados, força de trabalho e aliados nestes tempos tão difíceis. Precisamos das mulheres. Elas fazem os homens felizes. Determino a todos que não toquem em um fio de cabelo de nenhum cidadão medo.

Faça reunir todos, medos e persas, na grande praça, que eu irei pessoalmente falar a eles.

– Mas, meu senhor e meu rei, essa gente é perigosa, revoltada. Será que esse seria o melhor caminho?

– Atrihses, não existe melhor caminho para os povos que não seja o que conduz ao progresso e às liberdades individuais. Um povo livre e unido é imbatível.

Na manhã do dia seguinte, Ciro entrou na terra dos medos, ovacionado por seus soldados. Todos estavam exultantes, pois esperavam que a carnificina e os saques fossem começar. Assim, mal conseguiam se conter pela ansiedade.

Por todos os lados, viam-se os vencidos em profundo abatimento, tristes e cabisbaixos, com o semblante desolado. Traziam na face o pavor estampado, antevendo a destruição que estava por vir. Estavam famintos e desesperançados quanto ao futuro. As mães se atracavam de forma frenética a seus filhos em surtos de pavor, como se quisessem, enlouquecidamente, defendê-los.

Diante da passagem de Ciro, todos se curvavam e deitavam ao chão, a implorar

por piedade. Era como se estivessem diante do próprio deus, que cavalgava levando consigo o poder da vida e da morte. Ele, garboso em sua montaria, sabia da importância daquele momento para os projetos futuros.

– Grande rei, senhor nosso deus, tende piedade de nós! Não mateis os nossos pobres filhos, aceitai a nossa vida, mas concedei a eles o perdão para sua vida, são crianças inocentes, senhor tende clemência de nós.

Por outro lado, as imensas colunas formadas pelos soldados vencidos choravam e pediam clemência, enquanto, muito próximo dali, a grande maioria de seus comandantes permanecia amarrada como animais expostos em praça pública, aguardando o momento da decapitação. Era verdadeiramente um quadro desolador.

As aves de rapina já haviam chegado por lá. Sentiram de longe o cheiro da carniça. Os mercadores de homens já andavam apressadamente por entre o povo e, principalmente, entre os que já estavam amarrados, olhando dentes, olhos, presumindo a idade e a força. Mas, na realidade, olhavam sequiosos para as mulheres. Entre eles, Danvar, o sanguinário. Avançavam sobre a carniça no intuito de oferecer o preço mais baixo possível e de sair dali com o maior número de mercadorias que pudessem.

Eram livres para a crueldade, mas os séculos iriam exigir deles reparações dolorosas.

– Irmão Gávio, vê ali o nosso irmão Ferdinando Pastor fazendo essa esclarecedora palestra na noite de hoje, veja se ele guarda alguma semelhança com o passado.

– Querido irmão, o olhar de rapina ainda é o mesmo!

– Querido Gávio, o passado está vivo em nós!

– Será possível, querido irmão, hoje falando coisas tão lindas?

– Olha, a oratória e a cabine de passes, noite após noite, têm lhe ofertado imensas oportunidades, facultando-lhe a quitação. Uma degeneração cervical a lhe provocar dores agudas tem completado o trabalho regenerativo, cumprindo, assim, o papel das chicotadas.

– É da lei!

Enquanto isso, Ciro continuava a passar magnificamente por entre os vencidos, sendo ovacionado como um grande deus por suas tropas. Em seu cavalo negro, desfilava como um verdadeiro deus. Para uns, ele era um pária saído das profundezas do inferno; para outros, um ser divino provindo do próprio céu.

Estancou a marcha para observar ali muito próximo um homem de semblante sereno, olhar distante e postura calma, sem demonstrar o mínimo medo, tampouco nenhum sentimento de revolta. Estava ali impassível, vestido com trajes militares, que demonstravam certa distinção. Permanecia imóvel, já amarrado à cauda de um cavalo indócil. A cavaliça persa somente esperava a ordem de seu rei para soltar o animal.

A turba olhava delirantemente cada postura mais agressiva do animal, esperando mais um espetáculo dantesco. Outros tinham clemência e compaixão no olhar, entretanto, todos olhavam assustados, esperando pelo pior.

Ciro, tomando a dianteira, expediu seus estafetas e pediu que espalhassem ordens para que todos se dirigissem à grande praça, um largo imponente.

Ele desceu de seu cavalo e tomou uma posição de destaque. Assim, a multidão, num piscar de olhos, superlotou todo o cenário, disputando um lugar mais próximo do rei. Ele, serenamente, tomando a palavra, fez-se desabar com uma voz de raio pesado, carreando toda a energia de seu ser, e começou a falar:

– Grandes homens, cumprimento cada um, pois fomos todos adversários dignos e de grande coragem. Hoje, aqui, não existem vencidos! Todos somos vencedores! Triunfou a vontade de Deus!

Diante dele, estavam os comandantes medos amarrados. Foram todos trazidos à sua presença, humilhados, para ouvi-lo!

Nesse ínterim, Ciro desceu do espaldar onde se encontrava e apanhou uma criança meda desconhecida, que permanecia apavoradamente chorando no colo da mãe, colocando-a carinhosamente nos braços, carregando-a como a um filho. Chamou outras para junto de si e continuou:

– Desamarrem todos! Homens corajosos e heróis não podem ser colocados nessa situação. Venho lhes afirmar que nenhum de vocês será escravo, nem meus, nem

de ninguém! Nasceram livres e morrerão livres. Têm a minha palavra.

E digo mais: aqueles que quiserem poderão servir em minhas fileiras como meus soldados e valorosos combatentes, para que vençam ao meu lado. Estou lhes convidando para, juntos, sermos vitoriosos, pois unidos poderemos ser uma só nação, um só povo.

Irmãos, se vocês aceitarem, seremos, a partir de hoje, um só povo. Os comandantes serão meus comandantes, os soldados serão os meus soldados e o povo, o meu povo. Tudo o que conquistarmos será dividido entre todos, aliás, somos um só povo...

Naquele instante, a multidão explodiu em alegria, os corações se desarmaram, e uma grande gritaria explodiu de ambas as partes. Embora muitos dos soldados de Ciro demonstrassem certa decepção, pois o circo fora desarmado, não poderiam se saciar com o sangue dos vencidos, com os despojos previstos para aquela guerra, nem se repastar com as mulheres medas.

Trovejou Ciro, no intuito de conter o ímpeto macabro de sua tropa, influenciado pelos abutres do tráfico humano, pois já tinham comprado e pago muitas mercadorias por antecipação. Entendia ele que aquele era mais um momento delicado:

– Qualquer medo ou persa que tocar em uma mulher meda, num velho ou em uma criança estará cometendo um crime contra mim, e a punição, não tenham dúvida, será severa. Sirvam vinho e comida! Decreto três dias de festas para celebrarmos uma grande nação.

Nisso, ergueu-se Fhurrhe, um dos mais destacados comandantes de Ciro naquela campanha. Sempre um amigo ambicioso e invejoso desde a infância. Percebia-se logo a sua alteração. Sem titubear, parou diante do seu rei e, munido de toda a sua coragem e veneno, dirigiu-se a ele:

– Grande Ciro, somos amigos desde a mais tenra idade. Meus pais serviram aos seus avós e as nossas vidas se cruzaram ainda muito cedo. Veja, meu rei e meu senhor, durante esses anos superamos o frio implacável e o calor indomável. Vimos nossos companheiros valorosos tombar sob o fio das espadas medas, lutamos, avançamos e, depois dos avanços e dos muitos reveses, vem você, que não sofreu como nós sofremos nem arriscou sua nobre vida, falar-nos de um só povo, um só Estado e que não haverá espólio nem escravos e, ainda por cima,

nos proíbe de comemorar a vitória protegendo essas raparigas sem valor! Meu senhor, meu deus, necessitamos de um rei forte!

Fez-se, momentaneamente, um silêncio profundo para, em seguida, iniciar um burburinho seguido de grande agitação, principalmente entre os das tropas persas. Ciro olhou à sua volta e tomou consciência da gravidade daquele instante. Sabia que era um momento de decisão.

Ele sentiu as mãos tênues de uma criança meda que, em sua infantilidade, segurava medrosamente as suas pernas, como a implorar, e ouviu a voz daquela criança na acústica da alma “não nos abandone mais uma vez!”

Em segundos, pareceu fazer uma grande viagem em si mesmo e sentiu um grande temor invadir-lhe a alma. Voltava ao passado, indo a regiões profundas de seu inconsciente. Aqueles instantes foram muito duros, pois foram momentos de profundas reavaliações.

Era como se uma voz lhe dissesse no âmago do ser: “Não fracasse outra vez! Estas vidas dependem de você”. Para ele, era como se estivesse cercado por vários companheiros do mundo invisível. Era tão nítido que ele percebia vultos ao redor de si. Na verdade, essas são as testemunhas ocultas que nos cercam nos momentos de decisão. São os avaliadores invisíveis.

Na acústica de sua alma, as vozes se confundiam, mas uma era perceptível: “Cuide para que essa raça de víboras não o desvie de sua missão. Ciro, cuide destas vidas como se fossem a sua vida!”

Ele olhou profundamente o seu comandante, que lhe respondeu com outro olhar injetado de um misto de inveja e ódio, como num jogo de sedução, num amplo esforço hipnótico, ao que Ciro respondeu com outro olhar duro e incisivo. Não suportando o olhar do seu rei, curvou levemente a cabeça, desviando o olhar.

Força moral pura e simples!

Ciro, então, retomou imediatamente a plenitude de sua consciência e iniciou uma rápida viagem, agora pela área do consciente. Lembrou-se de quando Fhurrhe, ainda novo, o empurrara de um cavalo, numa tentativa explícita de matá-lo, o que lhe custou muitas escoriações.

Como um raio, na rapidez de um felino em seu bote mortal, lançou mão de sua

espada e, antes que o inimigo levantasse os olhos, decapitou-lhe a cabeça, que ficou presa por alguns fios. O corpo, momentaneamente, ainda tentou ficar de pé, e o reflexo o fez levar a mão à espada, para logo em seguida vergar sobre os próprios pés, enquanto o sangue jorrava aos borbotões.

Ciro, virando-se para a tropa, disse:

– Mais alguém quer desafiar o seu rei e o seu deus?

Fez-se um silêncio tumular, até que alguém iniciou a gritaria: “Ciro, Ciró, Ciró, grande rei, Ciró o nosso rei...” As pessoas buscavam abraçar Ciró, beijar-lhe a capa ou gritar palavras de agradecimento e louvores.

Enquanto isso, passando por cima daquele corpo inerte, que há poucos instantes era um comandante e amigo de infância, hoje uma víbora morta pelo caminho, convocou rapidamente outra reunião somente com seus generais.

– Gávio, observe se nosso amigo Leandro Machado tem alguma semelhança com Fhurrhe.

– Ainda mantém os olhos injetados, ambiciosos. Parecem-me sequiosos de poder!

– É, querido amigo, é outro das cabines de passes. Pena que ainda teime em manter as mãos no paciente e a mente na direção da casa. Se ele se concentrasse mais em suas atribuições, provavelmente aproveitaria melhor as oportunidades, mas, enquanto isso não acontece, seus quatro filhos completam a ação da lei, exigindo-lhe pesados tributos de entrega e devoção, consumindo diariamente todas suas reservas pecuniárias.

Ainda bem que, mesmo nesse monturo de desequilíbrio, ele se agregou decisivamente ao Culto do Evangelho no Lar, e temos podido operar lá, durante os cultos, verdadeiras tarefas desobsessivas.

– Também é da lei!

– Parabenizo todos vocês pela campanha implacável. Saberei recompensá-los no momento certo. Muito em breve, iremos à Lídia e de lá para a Babilônia, mas

antes temos outra tarefa muito importante.

Quero que identifiquem todas as cabeças pensantes dos medos, o nosso serviço de inteligência já sabe quem são eles.

– Grande Senhor e nosso rei, acho muito temeroso mantermos seus comandantes em nossos exércitos, e mais ainda os seus soldados, que podem sublevar a qualquer momento.

– Digno Tarhif, eu não lhes falo de soldados e comandantes. As espadas não pensam, elas simplesmente matam e cumprem ordens! Falo daqueles que são as cabeças pensantes nestas terras, pois estes podem levar o povo a futuros levantes e a organizar futuras resistências. É preferível enfrentar exércitos de muitos soldados e comandantes briosos a lutar contra uma só inteligência.

Pessoas que pensam, meu amigo, são muito perigosas para o Estado, por isso jamais menospreze um inimigo inteligente.

Quero que matem todos, que não sobre um. Não se preocupem com o corpo. Esmaguem as cabeças. Cobras sem cabeça para nada servem.

Um povo que não pensa é um povo fraco e totalmente dominado. Não temam as cobras, pois o que mata não é a cobra, e sim seu veneno, e o veneno está na cabeça.

Lembrem-se que não quero nada ostensivo, isso deve acontecer pouco a pouco, sem o menor alarde.

Naquele instante, Ciro sentiu a mesma sensação da praça. Enxergou vultos que pareciam convidá-lo a rever suas ordens. Ele saiu e montou em seu cavalo. Já ia se dirigindo à sua tenda, armada nas cercanias da cidade, mas foi sentindo um desassossego e um desconforto muito grande. Não resistindo aos seus pensamentos, fez meia-volta e retornou aos seus generais, que se assustaram ao vê-lo novamente ali. Desceu calmamente do cavalo e, reunindo-os, disse:

– Última forma em minhas ordens: não quero que matem ninguém. Até mesmo as cobras merecem viver. Vamos desarticulá-los. Criem um importante conselho de notáveis que possa insuflar-lhes a vaidade pelo poder e inclua todos eles, digam-lhes que são convidados de honra de Ciro. Marquem uma reunião com todos eles com festins, música e muitas mulheres. Diga-lhes que eu estarei

presente. Vamos picar essas cobras com o mais forte dos venenos: a vaidade. Em poucos dias, estarão mortos, ainda que permaneçam vivos.

Todos se abraçaram, riram e galhofaram da grande ideia de Ciro. Drahdos sugeriu uma rodada de uma boa bebida para comemorarem aquele momento, o que foi aceito por todos.

Ciro estava feliz e em paz com sua consciência. Em paz com os objetivos traçados para a construção de uma grande nação. Tão feliz que permaneceu com os seus comandantes até o raiar do dia, em comemorações, muito vinho e muitas mulheres. A orgia parecia que não ia ter fim. Por todos os cantos, o povo comemorava. Parecia até que nada havia acontecido, e todos eram persas desde o início da vida. Valera a pena rever aquela ordem e revogá-la. A sua consciência agradecia.

Assim, os anos se passaram e os medos amavam Ciro, “o Inteligente”. Não mais se sentiam medos, pois rapidamente haviam perdido a identidade. Agora eles eram persas e obedeciam cegamente ao grande guia e às suas ordens. Nem sequer perceberam que os seus líderes já não lideravam mais nada, simplesmente obedeciam cegamente às vontades de Ciro. Tudo em troca de poder conviver com a fantasia de um falso poder.

Mas o tempo era pouco para o descanso, pois a guerra seguia sem tréguas. A campanha agora se arrastava ainda mais sanguinolenta e encarnada. O comandante não desistia e colocava seus exércitos mais à frente, até que em 546 a.C. caíram as terras da Lídia, formadas também por guerreiros ferozes, que exigiram pesados esforços para que capitulassem diante as forças de Ciro, “o Feroz.”

Ciro, “o Grande”, agiu novamente como hábil político, preservando homens, mulheres e crianças, retirando dos vencidos a identidade e fazendo deles guerreiros persas. Ele agora sonhava com a Mesopotâmia. Precisava do Tigre e do Eufrates para o engrandecimento do seu povo, para possuir uma grande nação.

Ninguém pensava em descanso. Era necessário agora fazer dos vencidos amigos. Nada melhor do que fazê-los também vencedores, miscigenar os povos para construir uma grande nação. Assim, Ciro, o arquiteto, marchava agora com seus velozes exércitos sobre as portas de Deus, “Babili”, a tão cobiçada Babilônia de

tantas glórias e muita fama, localizada na antiga “Abirush”, ou a Mesopotâmia.

Capítulo 6

Ciro marchava com suas tropas na velocidade do vento. Tudo valera a pena, pois seus exércitos dobraram de tamanho e de força. Ele agora tinha homens lídios e medos a seu favor, mas não eram mercenários, eram companheiros de batalhas, aliás, eram todos persas e tinham a tiro, verdadeiramente, como a um deus. Em pouco tempo de campanha, até seus comandantes mais diretos e seus próprios soldados não faziam mais diferença. A identidade persa tornou-se comum entre todos aqueles homens.

Entretanto, tiro mantinha-se vigilante e, chamando Tarhif, deu as últimas instruções:

– Grande Tarhif, permita-me abraçá-lo como a um irmão, pois você me tem sido leal em todos os dias. Já não tenho o compromisso de lhe dar nenhum espólio de guerra. Espólios são para guerreiros, mas é diferente, você é irmão, é amigo e companheiro leal de todas as horas. Não tenho outra coisa a lhe dar além do meu próprio coração.

– Meu senhor, meu rei e meu deus, não me é lícito abraçá-lo, manter estas intimidades com sua majestade!

Curvando-se ao chão, beijou-lhe os pés, levantou-se e, em lágrimas, manteve-se em postura reverente e humilde diante do seu rei.

– Tarhif, essas reverências são para os senhores e seus súditos, não para amigos. Nós somos irmãos, e os irmãos devem estar acima dessas representações reconhecidamente humanas e plenas de dominação.

Tarhif era um guerreiro incomum, feroz, destemido, mas que trazia consigo todos os trejeitos femininos. Entretanto, apesar de ser pessoa de comportamentos extremos, variava entre uma docilidade incomum conseguida no arquétipo feminino e uma ferocidade incontrolável quando esse arquétipo principal tornava-se o masculino.

– Apraz-me o coração tê-lo comigo e, sempre que o vejo, parece que retorno a

outras épocas em que, juntos, andávamos de braços dados. Éramos felizes a correr pelos campos em tempos de muita felicidade.

Interessante, tudo parecia tão diferente, como se vivêssemos coisas do coração. É como se fosse uma época muito além do agora em que vivemos. Então me surgem pensamentos, sensações e coisas que eu não entendo, nem tenho como descrever e contar-lhe com detalhes.

– Meu rei e meu senhor, isto é muita honra, da qual sei que não sou digno, entretanto, sabe de minha fidelidade e por você estou sempre disposto a morrer, se necessário for.

Meu senhor, eu também tenho sonhos estranhos, que muitas vezes me enlouquecem. Parece que Angra Maineu¹ vem a mim para me perseguir ou para se vingar em mim.

Às vezes, acordo altas horas da noite com medo. São coisas estranhas, e você sabe que eu não tenho medo de nada, mas parece que é o temor das trevas em que me vejo. Muitas vezes eu choro, porque não consigo fugir dessas tentações que me trazem essas lembranças tão tristes.

Grande Ciro, ao final de nossa campanha, quero retornar aos sítios tranquilos de minhas lembranças, mas infelizmente são lugares que eu mesmo não consigo saber onde ficam.

Meu senhor, eu sonho com uma multidão que, na verdade, era uma grande nuvem, como se nós estivéssemos caminhando através dos céus sem nunca chegar. Muitos choravam copiosamente e rangiam os dentes. Muitos gritavam implorando compaixão!

Era como se caminhássemos sem andar, empurrados por uma força que nos arrastava impiedosamente. Ainda me lembro que caminhávamos juntos, sempre juntos. Será que isso é um mau presságio, meu senhor? Não seria um mau presságio para quando enfrentarmos os homens de Babili?

– Valente Tarhif, nada poderá nos deter. Vamos em frente. A vitória será nossa. Eu também tenho sonhos que me fazem chorar e tremer de medo, mas não posso parar. Sinto que temos de ir em frente. É como você disse, estamos indo sem andar.

Tarhif, uma força enorme me impulsiona para Babili. É como se eu não pudesse ir para outro lugar que não seja para lá. Às vezes, no profundo da noite, saio a andar, fico olhando as estrelas e me pergunto de qual delas eu vim!

É como se eu tivesse saído de algum outro lugar. Como se alguém morasse nas estrelas. Aí me canso e deito entre as pedras. É comum eu acordar com vozes estranhas que me dizem: “Raça de víboras! Raça de víboras! Suas víboras! Degredados, degredados! Produzam bons frutos! Frutos dignos!”

Pior é que essas vozes parecem sair de dentro de mim mesmo e me causam profundo pavor.

A vida, meu grande comandante, é cheia de coisas misteriosas e muito mais profundas do que imaginamos. Mas, seja como for, sinto que não temos o direito de parar!

Assim, os dois amigos continuaram a conversar, falando de uma situação que era comum a ambos. Os sonhos macabros e as lembranças fugidias de alguma coisa que, na realidade, não conseguiam lembrar.

A bem da verdade, eram espíritos recalcitrantes que, não se inserindo nos processos universais de adaptação vibratória, foram, em determinado momento, sugados para faixas inferiores, onde já se encontravam outros milhares, convivendo com aflições agudas. Foram arrastados pela onda do progresso e constrangidos a deixar o orbe de origem para que pudessem continuar a marcha evolutiva, rumando para outras estações.

É bom não nos esquecermos de que liberdade pressupõe obrigações. Que ninguém se iluda quanto a enganar as leis divinas, porque as reparações, mais dia, menos dia, serão exigidas. Somos todos a consciência de uma consciência, seja nos microcampos como nos aspectos dos macrocampos.

– Gostaria de ter o mínimo choque com os babilônios. Não gostaria de estragar nada que se encontra por lá.

– Meu grande rei, parece-me, neste momento, um tanto impossível, pois, segundo informações, eles já estão preparados para a defesa.

Atacaremos com nossos homens de frente e flancos. Deixaremos o restante das tropas para infiltrar pelas brechas abertas no decorrer do combate.

– Grande Tarhif, não cometa esse erro, meu irmão, pois, se sofrermos um revés, nossas tropas, os homens persas, ficarão entre o inimigo. Os lídios de um lado e os medos de outro. Ninguém nos garante ainda que eles nos socorreriam ou se nos prensariam contra os babilônios.

– Bem pensado, senhor meu rei. Como não pensei nisso?

– Coloque na linha de frente os lídios, que são os mais bravos, e dê aos seus generais o comando dos ataques. Vamos ver se ainda continuam lídios ou se já viraram verdadeiramente persas. Coloque logo na retaguarda os medos com ordem expressas de apoiar os lídios em seus avanços. Quando o desgaste do inimigo for grande e surgirem as primeiras brechas de avanço, aí, sim, você entra em cena. Os persas serão os primeiros a entrar em Babili, disso não tenha dúvida.

– Bem pensado, grande rei, saúdo a sua inteligência!

– Grande Tarhif, se os lídios refugarem na batalha, você faz os medos prensá-los contra os muros de Babili. Servirão então como escudos humanos. No caso de os medos refugarem, você os prensa contra os lídios, que também servirão como escudos. Assim você assistirá aos combates de forma privilegiada, e só restará aos combatentes trazer a vitória.

– Ciro, o seu nome ficará escrito no tempo como o grande comandante do povo persa e como aquele que fundou uma grande nação. Meu rei e meu senhor, você é o maior dos comandantes!

Tarhif se adiantou e beijou a mão de Ciro com a veneração e o respeito de quem beijava a um deus. Este, em resposta amável, envolveu seu general em um profundo abraço, com a devoção de um pai quando abraça um filho querido.

Na realidade, aquelas duas almas estavam soldadas entre si por uma proximidade que se alongava nas noites infindáveis dos tempos. A amizade é assim, torna-se o embrião mais perfeito para a estruturação do amor, é superior ao tempo e à distância e se manifesta em qualquer lugar.

Ciro, então, convocou o seu conselho de guerra, formado pelos mais destros e valentes homens, companheiros que ocupavam as posições estratégicas em seus planos. Aos poucos, foram chegando um a um e tomando assento ao redor de uma grande mesa de campanha, enquanto aguardavam ansiosamente por Ciro.

Mantinhm a aparência tensa e estavam nervosos, como reflexo normal de todo grande comandante, até mesmo os mais experientes, diante dos combates do dia a dia.

Ciro entrou no salão, cumprimentou a todos nominalmente, abraçou calorosamente um a um, e estes se sentiram inibidos e desconcertados em abraçar o seu rei e senhor, ao que ele, percebendo, logo disse:

– Não podemos combater juntos se não formos amigos. Os amigos são conhecidos por se estimarem muito, e nada mais representativo de estima e franca consideração do que o abraço. Nunca se esqueçam de abraçarem o seu rei e também jamais deixem de colocá-lo no lugar do melhor amigo.

Abraço-os, pois os amigos são sinceros e leais. Dão a própria vida uns pelos outros, por isso somos todos fraternos.

A voz de Ciro trazia tanto magnetismo movimentado pela sinceridade, que invadia a alma daqueles que ali estavam. Todos foram se ajoelhando e desembainhando suas espadas, voltando-as na direção de seu rei em juras de lealdade até a morte.

Critithos, um velho comandante lídio, deixou as lágrimas cair em abundância, como se a idade lhe permitisse ir às emoções, e sentiu necessidade de pedir desculpas ao seu rei:

– Grande Ciro, meu senhor e meu rei, perdoe-me as emoções, é que há muito sonhei que estava às portas de Babilí para uma batalha decisiva e implorei ao deus de meus pais que nos trouxesse a vitória, por isso me emocionei, jamais pensei que esse momento seria transformado em realidade pelos deuses.

Ciro o levantou, como se o fizesse a um pai, abraçou-o calorosamente e lhe disse:

– Critithos, não conheço os deuses de seus pais, como não tive tempo para conhecer muito os deuses dos meus. Aliás, essa história de deuses ainda não se encaixa muito bem na minha cabeça. Tenho dificuldade para lidar com coisas subjetivas, mas conheço vários deuses que podem nos levar à vitória.

O deus da lealdade, o da coragem, o da determinação e, acima de tudo, o maior de todos os deuses: a amizade que nos une. Convoco-os a um brinde aos nossos

deuses pessoais.

Naquele instante, as espadas foram levantadas, e um coro dizia:

– Ciro, Ciro, Ciro! Babilí será nossa!

– Nobre Rubens Gávio, veja aqueles companheiros ali. São dedicados irmãos no estudo diário do Evangelho de Jesus nessa instituição. Veja ali o irmão Henrique Sobreira. Observe se ele guarda ainda alguma semelhança com o nosso Critithos.

– Ora, parece-me mais alegre, remoçado, guardando consigo maior otimismo, e não traz mais aquele porte de arrogância!

– Rubens Gávio, estimado irmão, o Evangelho de Jesus opera milagres quando buscado, sentido e vivido nos refolhos mais íntimos da alma.

– É da lei, querido irmão?

– Sim, é da lei de progresso!

Ciro os convidou a se assentar, quando entraram na imensa barraca alguns guerreiros, levando um imens pacote coberto de peles e colocaram-no, sob as ordens de Ciro, no centro da mesa.

Quando foi descoberto, todos se levantaram admirados com a engenhosidade de Ciro. Lá estava Babilí reproduzida fielmente em barro em seus mínimos detalhes.

Durante três horas a fio, Ciro discutiu exaustivamente com seus comandantes as operações táticas para a conquista de Babilí, desde o corte da entrada de suprimentos na cidade até o corte dos principais veios de água, com vistas ao enfraquecimento paulatino da resistência psicológica de seus moradores. Ele não queria uma guerra convencional. Queria a batalha psicológica. Desejava triunfar sobre Babilí com o menor número de vítimas possível.

Ciro jamais foi um guerreiro de campo aberto, sempre foi um pensador, um estudioso da arte bélica, muito provavelmente o primeiro entre nós a guerrear. Não gostava de perder homens, fossem quem fossem. Por isso, enquanto todos

pensavam em força, ele pensava em astúcia e desenvolvia métodos para sempre surpreender.

Mesmo os mais próximos, ninguém sabia o que Ciro pensava. Era capaz de surpreender a cada manobra com suas tropas, e isso também era por demais vivo no inseparável amigo Tarhif.

– Os homens mais bravos estarão à frente no primeiro cerco, e isso caberá aos persas lídios, que estarão sob o comando de Critithos. O segundo anel caberá aos homens mais corajosos, os persas medos, e estarão sob o comando de Shuedrif. As infiltrações e escaladas caberão aos mais disciplinados, os persas de origem.

Estava, então, determinado o papel de cada um naquela que prometia ser a campanha mais inédita de todos os tempos.

Encerrada a apresentação tática da guerra, todos estavam felizes e confiantes na vitória. Já era noite no acampamento, e Ciro havia determinado a retomada da marcha em três dias, quando sairiam para o encontro final com Babili.

Assim, determinou que passassem para o exterior e se assentassem, porque daria uma festa para todos os amigos, quando, de imediato, os músicos foram entrando, e logo a bebida passou a ser servida. Outros combatentes de patentes inferiores foram também chegando para participar.

Ciro era amante de festas, orgias, mulheres, músicas, bebidas e muita animação. Em contrapartida, era distante da fé, dos deuses, de templos, de adorações. Acreditava firmemente no poder da sua realeza e em sua essência divina, capaz de realizar o impossível. Tarhif, embora também fosse um tanto quanto distante da fé, vivia longe das adorações. Também gostava de viver longe dos festejos e das orgias, dos quais procurava se manter afastado. Muito se falava e levantava dúvidas sobre sua masculinidade, pois jamais era visto junto às muitas mulheres, embora fosse também do conhecimento de todos que ele teve algumas companheiras e filhos em sua terra. Caracterizava-se por ser um hábil político, com ideias subversivas para a época, e pela sua coragem em falar sobre elas com Ciro. Dava-se a discutir com seu comandante por longas e longas horas sobre as formas de governo, mas se amavam. Havia entre eles uma lealdade já incrustada na alma. Ambos não pensavam em escravizar nem em matar, tampouco em pilhar e saquear qualquer nação que fosse. Pensavam num povo unido, livre e feliz. Ininterruptamente, idealizavam a construção de uma grande nação.

A bem da verdade, ele era um democrata de alma. Ciro não se totalizava como um democrata por se enxergar divino, mas ainda assim o amava por sua capacidade realizadora e por seu embrião democrático.

Ciro via em Tarhif a competência e a capacidade de distribuir o poder entre muitos. Ambos não pensavam em reinos, locais de submissão de um povo à sua realeza, mas já traziam consigo a concepção de Estado local, onde os cidadãos seriam livres e trabalhariam pelo bem comum. Eles pensavam claramente e anteviam o futuro.

Assim, juntos, beberam demasiadamente ao som das músicas as quais Ciro amava, cantaram, pois ele era um cancionero por excelência, dançaram e viveram as mulheres durante quase dois dias ininterruptos. Saíam de barraca em barraca ao longo do acampamento numa brincadeira comum na época. Faziam improvisadamente um ofertório ao companheiro visitado. Na porta da tenda, o companheiro mais próximo cantava algum feito heroico do visitado e entregavam-lhe alguma mulher ou algum bem. Ali também recebiam, em contrapartida, alguma oferta, paravam, bebiam, e o visitado entrava na turma e a procissão seguia em frente. Era sempre uma honra ser visitado pela turma do ofertório, ainda mais tendo o próprio rei na comitiva. Como tinham de agradar à maioria, pois isso era considerado por todos uma deferência honrosa, essa brincadeira formava longos e concorridos cortejos.

Ciro sabia que aquilo era importante para a sua tropa, pois construía a amizade, a admiração e a lealdade entre seus homens. Ele, mais do que ninguém, sabia que esses eram os ingredientes máximos para qualquer vitória.

Todo o acampamento se mobilizou na festa, até mesmo os mais casmurros e carrancudos agora estavam ali, irreconhecíveis. Ele, verdadeiramente, trazia consigo um magnetismo diferenciado. Sabia unir as pessoas com o seu sorriso e sua maneira aparentemente simples de ser. Ele era político e enxergava por objetivos e, naquele momento, tinha um que era conquistar Babili, e iria conseguir.

Até que, extenuado, ao fim de dois dias, completamente embriagado, as mulheres e os serviçais foram prontamente dispensados. Foi assim que a notícia da grande festa percorreu todo o reino: “Ciro dançou e cantou com seus homens

e anunciou que a vitória está próxima. Ciro, o grande rei, realizou a festa da vitória”. Uma grande onda de otimismo e segurança tomou conta do seu povo e chegou também a Babilí, que, por efeito contrário, ouvia estarecida e abatida as notícias do inimigo.

O grande rei foi carregado dali sob o efeito das bebidas, para o sono reparador. Tarhif ficara aos seus pés como um cão de guarda, velando pelo seu deus, seu rei e seu senhor, mas, acima de tudo, por seu grande amigo de ideais. Era necessário recobrar as forças, pois a campanha verdadeiramente começaria no dia seguinte.

– Caro Rubens Gávio, esse povo festeiro daqui tem raízes profundas no passado. Graças a Deus, as festas de hoje já estão mais evangelizadas, não é mesmo?

– Caro irmão, por isso temos notado que muitos aqui, entre as responsabilidades de uma reunião e os compromissos de uma festinha, nem hesitam, e optam logo pelas festanças.

– Sim, caro Gávio, por isso as festas momescas ainda são prestigiadas por aqui. Bem disfarçados socialmente, ainda fazem questão de permanecer em frente à telinha televisiva, fazendo verdadeiros retornos ao passado.

– E como gostam de cantar, hein, querido irmão?

– Graças a Deus, estão optando hoje por músicas que alimentam a alma, e não mais as que falam de suas barbáries. Isso já é um grande avanço, meu caro Gávio!

– Que maravilha, não é mesmo?

Enquanto os persas caminhavam sobre as trilhas do otimismo, da confiança e da certeza de que a vitória era certa, em Babilí todos mergulhavam numa imensa onda de pessimismo. Ninguém se preocupava com as defesas da cidade, mas sim em esconder suas posses, tesouros, objetos de valor, vivendo um grande alvoroço. De um lado, havia uma tropa encarnada no ser de seus comandantes e, do outro, pessoas preocupadas com o que tinham.

Os babilônios estavam mais atentos aos seus bens do que à sua própria vida. Babilí não sobreviveria para a posteridade. O tempo faria dela cinzas e restos, porque ela não tinha alma e, em toda a sua história, que já remontava a mais de dois mil e setecentos anos, nunca fora outra coisa que não mero símbolo de

posses e poder. Vivera momentos de apogeu e de glórias.

Seu povo amava Marduk, um deus possessivo, vaidoso e vingativo que se comprazia apenas com bens, poses e valores. A bem da verdade, ele também não tinha alma, era apenas uma representação da extensão do imaginário coletivo, formado durante séculos por um bolsão de companheiros que traziam consigo o substrato das vaidades efêmeras e passageiras que o mundo oferece.

Ciro sabia que Babilí era fraca. A presença da dinastia dos caldeus não havia contribuído em nada para o crescimento de Babilí, apenas para o seu embelezamento e o agigantamento de suas vaidades. Era um fruto lindo, mas apodrecido por dentro e com o qual se haveria de ter cuidado, pois, além de estar podre, era venenoso e sedutor.

O contágio das vaidades enfraquecera muitos que por lá passaram, quebrando-lhes a cerviz dos objetivos iniciais, fazendo-os tímidos e seduzidos pelas belezas. Com ele seria diferente, não queria tesouros, riquezas, carnificina nem escravos. Interessava a ele fazer dali as suas portas para o outro lado do mar, além de transformar toda aquela região em uma imensa lavoura.

Ciro sabia que uma boa alimentação, moradia e ocupação digna, tudo cercado pela segurança oferecida pelo Estado, eram a base de solidificação para uma nação poderosa. O seu povo não possuiria riquezas, nem ouro, nem prata, nem porcelanas, nem tapeçaria, nem escravos, mas teria comida em abundância. Este era o centro de seus objetivos.

Ciro fez deslizar os seus carros de combate, bigas, provisões e armas, inicialmente, por uma extensa região árida e de difícil acesso. Mas, ainda que a dureza fosse muita, seus homens eram mais duros e mantinham-se inquebrantáveis em seus afazeres. Seus comandantes eram o seu perfil, homens medos e lídios, e haviam assimilado rapidamente a filosofia de combate persa. Eram, agora, a alma de Ciro. Procuravam imitar o grande rei em tudo, inclusive na inteligência, tolerância e bondade entre si, e isso facilitava muito as coisas.

– Irmão Gávio, veja você que a força dos exemplos é extremamente poderosa. A exemplificação foi capaz de transformar homens rudes e bárbaros em verdadeiros heróis.

– Todas as vezes que nos preocupamos em ensinar, corremos grande risco de nos tornar simples repetidores de ideias e nada mais do que excelsos teóricos, mas, quando nos propomos a exemplificar através dos atos nossos de cada dia, somos capazes de remover montanhas e mudar aquilo que aparentemente poderia parecer imutável.

– Sim, verdadeiramente, querido Palminha, os exemplos são essencialmente educativos na medida em que penetram na alma de quem os capta. No início como imitação, para depois se tornarem realização planejada, até o momento em que, verdadeiramente apropriados por nós, tornam-se atos reflexos, pois já serão de pleno domínio da alma.

– Sem dúvida, meu querido Gávio, a força dos exemplos é imbatível e provoca mudanças impensáveis.

Na medida em que avançavam, a paisagem foi mudando. Pouco a pouco, começavam a percorrer uma terra úmida, amena, com um ar mais leve, onde o verde dominava com abundância, substituindo a paisagem anterior.

Era hora de descansar. Os homens e as montarias precisavam refazer as forças e tomar mais cuidado para que as surpresas não quebrassem os planos nem desfizessem o moral de suas fileiras. Era o momento de colocá-las mais compactas e juntas, de conferir as armas e fazer os acertos finais. Tudo tinha de estar matematicamente em ordem. Ele sabia que a organização e a disciplina são sempre o ponto alto de qualquer realização e objetivo, sendo a garantia de todo e qualquer sucesso que se possa esperar.

– Gávio, nada se consegue sem que haja organização e disciplina, pois essas são as palavras de ordem para tudo que queira caminhar com segurança. Daqui de onde nos encontramos, valorizamos muito esses pilares e bem sabemos que, sem eles, não há como avançar de forma eficiente e equilibrada.

– Irmão Palminha, o senhor trabalha onde esses valores não se façam presentes?

– Ora, querido Gávio, trabalhar, sempre trabalhamos pelo imperativo das necessidades, mas são grupamentos onde não desenvolvemos trabalhos mais finos e de maiores responsabilidades. Consideramos como instituições temporariamente infantilizadas, e assim não há como exigir mais do que podem

doar.

– É uma pena, pois, provavelmente, comportando-se assim, sempre perdem grandes oportunidades, não?

– Claro que sim, Gávio, mas respeitosamente o tempo aguarda todos, não é mesmo?

– Grande Ciro, todo o contingente está contado, nenhuma baixa durante a marcha, temos três homens machucados. Feriram-se ao tombar de uma biga, foram escoriações. Um está esquentando. Isso é mau sinal, traz enfraquecimento e, às vezes, até a morte.

– Grande Tarhif, chame os nossos cuidadores. Algumas infusões, banhos, e isso passa. Quero que alerte todos que, daqui para a frente, estão proibidos de coletar água e de usá-la sem prévia autorização. Há de se tomar muito cuidado com os envenenamentos de nossas fileiras. Usem primeiro os animais mais velhos para testar qualquer água e esperem pelo menos cinco horas.

Diga a todos que existem águas envenenadas, pois assim eles se guardarão melhor.

– Já expedi os nossos batedores em todas as direções. Ao todo, trezentos homens foram, de dois em dois, com ordens expressas de sondar os caminhos milimetricamente, até as portas de Babili, e voltar todo dia com notícias e instruções sobre os melhores caminhos. Por precaução, mesclei os homens.

– Boa decisão, Tarhif, a prudência é uma arte que nos protege contra as surpresas desagradáveis, evitando improvisações desnecessárias, o que nos garantirá uma marcha tranquila. Sejam todos sempre prudentes!

– Grande rei, os lídios marcham cantando e em grande algazarra. Marchei com eles por várias horas e não achei que nos fossem prejudiciais. Cantam as suas glórias e seus feitos heroicos. Às vezes, falam de coisas muito divertidas, assim aprendi a cantar um pouco com eles e me despedi sem interferir nesse costume. A cantoria tem se espalhado pelas outras fileiras.

– Grande Tarhif, também não vejo nenhum problema nesse costume, tampouco de ele estar contagiando todo o grupamento. Ficaria preocupado se eles estivessem chorando ou brigando entre si. A música mostra o estado de alma

deles, e acho isso ótimo. Amanhã, se tiver tempo, irei cantar com eles.

A música é grande Tarhif. Contagia a alma com sentimentos maravilhosos. Vejo que é ótima principalmente nestas ocasiões. Interessante é que eu amo a música, meu fiel amigo. Os instrumentos musicais me invadem a alma e eu, então, ouço sons maravilhosos. Nestes momentos, parece que vou a algum lugar distante que não consigo achar nem pensar num igual por aqui, como se estivesse junto a muitas outras pessoas e onde todo o ambiente fosse somente música. São coisas que não conseguimos explicar, mas que acontecem, sim acontecem.

– Querido Rubens Gávio, entende então por que o coral por aqui é tão grande e disputado? Antes, cantavam sobre cabeças cortadas, braços decepados, cidades saqueadas, mulheres e crianças roubadas. Hoje, graças a Deus, cantam Jesus, cantam os feitos do Messias, o Meigo Nazareno de nossas vidas. acredite você, até eu fui homenageado com uma bela melodia!

– O senhor, irmão querido? Bem que merece! Deve ser uma melodia linda!

– Olha, confesso que me emociono até a alma quando a escuto. São ofertas graciosas desses corações amigos. Tenho certeza de que ofertam de coração.

– Tenho certeza que sim!

– Aliás, provavelmente já o homenagearam muito com vários outros feitos, não é mesmo, meu querido irmão?

– Querido Rubens Gávio, não desviemos o assunto, continuemos nossa história...

– Grande rei, amanhã, pela tarde, estaremos às portas de Babili. Acho melhor marcharmos forçados ainda hoje, de forma que cheguemos lá ainda cedo. Devemos evitar o anoitecer. Para nossa maior segurança, será melhor nos instalarmos com tranquilidade, evitando surpresas.

Nesse instante, dois batedores medos entram no recinto, ofegantes e felizes, trazendo consigo cinco homens que foram pegos quando tentavam fugir.

– Grande rei, estes homens foram apanhados por nós quando escapavam e, possivelmente, estavam nos espionando. Quer que eu lhes arranque a língua?

– Valoroso soldado, cumpriu bem o seu papel e será recompensado por seu valor, mas para que valerão mortos ou sem língua? Precisamos deles vivos e bem dispostos. Assim poderão nos ser úteis mais à frente.

Aqueles homens estavam apavorados. Os olhos eram somente de medo e mantinham-se trêmulos. Dois choravam e diziam palavras muito mal compreendidas, mas, pelos gestos, imploravam por piedade.

Ciro mandou levantá-los e ordenou que eles não fossem hostilizados. Ordenou que fossem levados para a intendência e alimentados. Após bem alimentados, fossem novamente levados a sua presença, pois precisava interrogá-los com atenção. E assim foi feito.

Quando estavam de volta, foi então chamado um soldado lídio, que falava com destreza um dialeto de origem caldeia pouco conhecido para os persas, iniciando o interrogatório.

Ciro fora apresentado a eles como o divino rei e senhor da Pérsia, o que lhes causou ainda maior apavoramento e medo. Foi perguntado sobre a situação interna de Babilí, de como estava sendo montada a resistência.

– Não, divindade, nosso povo se esconde e sentimos a derrota iminente. Existe, no interior de Babilí, um grande alvoroço e todos estão desesperados. Todos nós tememos por nossas próprias vidas. Senhor, tenha piedade, pois temos família e negócios e não somos pessoas de guerra.

– Mas vocês estavam espionando nossos exércitos?

– Não, divindade, não pense isso de nós. Eu e meus quatro amigos decidimos vir falar com o senhor. Por isso arriscamos a nossa vida. Sabíamos que, se fôssemos capturados, acabaríamos sendo trazidos à sua divina presença. Sabíamos ser arriscado, mas entendemos que isso era necessário!

– Pois retornem a Babilí e digam a todos que Ciro não veio para matar nem aprisionar ninguém! Digam, também, que tampouco vim saquear e roubar a cidade, muito menos fazer escravos! Diga, ainda, que eu não fiz isso com os medos nem com os lídios e não farei com os de Babilí. Digam a todo o povo que eu vim até aqui para construir uma grande nação e que garantirei os direitos de todos. Mas diga também que Ciro é invencível! E que não terei nenhuma complacência com aqueles que se colocarem no meu caminho. Eu saberei ser

generoso com todos e implacável com aqueles que quiserem combater comigo. Para estes, não haverá perdão. Todos aqueles que se renderem espontaneamente serão considerados filhos de uma nova nação. Agora vão e levem o meu recado. Alertem que amanhã, ainda muito cedo, Ciro, o Invencível, estará batendo às portas de Babilí.

Ciro chamou os seus batedores e ordenou que aqueles homens fossem escoltados até bem próximo de Babilí. Deu recomendações expressas para que se garantisse a segurança deles.

Ciro queria ter certeza de que eles entrariam vivos em Babilí.

– Preciso destes homens vivos, eles serão os meus primeiros embaixadores em Babilí!

Acompanhando-os com os olhos até que desaparecessem na linha do horizonte, deu uma volta sobre os calcanhares e começou uma longa caminhada pelos arredores. Ciro tinha essa mania, quando alguma coisa o preocupava. Ele não conseguia ficar parado, ao contrário, começava a caminhar como se fosse a algum lugar, ou como se procurasse alguma coisa. Se estivesse em seus aposentos, começava a caminhar ao redor de alguma mesa e, se estivesse livre, caminhava exaustivamente sem rumo.

Ele amava a solidão, sempre estava só e dizia que assim pensava melhor. Desaparecia aquele fanfarrão, festeiro, mulherengo, e surgia outro Ciro. Ensimismado, distante, era como se, naqueles momentos, vivesse uma discussão com seres extracorpóreos.

Nesses instantes, Ciro se sentia como se estivesse rodeado por uma cidadela espiritual. Na verdade, era verdadeiramente assessorado por seus três protetores, responsáveis por sua trajetória em experiências previamente planejadas, que possuía um cunho coletivo.

Essas três entidades não lhe davam tréguas, traziam-no naquilo a que chamamos hoje de rédeas curtas, pois bem sabiam das possibilidades e das dificuldades daquele homem e tudo faziam para que, dentro do que possuíam como expectativas, sua passagem pudesse ser exitosa.

– Querido irmão, ele então vivia rodeado por seus protetores?

– Sim, meu irmão Gávio. Em qualquer circunstância, a Misericórdia Divina jamais desampara quem quer que seja. Proteção e orientação nunca nos faltam. As quedas e os desmandos são sempre por nossa ordem e conta.

Mas, naquele dia, Ciro vivia ansiosamente os momentos que antecederiam sua chegada às portas de Babilí. Eles eram interessantes, pois jamais havia vivido aquelas inquietações. Era como se estivesse aproximando de um momento decisivo em sua vida. Isso o intrigava muito, pois ele não tinha dúvidas de que a vitória iria lhe sorrir, já que ele havia vivido instantes muito mais difíceis do que aquele e tinha vencido todos sem hesitações.

Ficava ensimesmado acerca do porquê daquele comportamento, já que hoje possuía uma tropa encorpada de medos e lídios, bem treinada e disciplinada. Na verdade, a Pérsia era muito maior do que nos primeiros momentos e, se ele não temera o princípio, por que temeria quando tudo parecia caminhar para um fim exitoso?

Havia alguma coisa de inexplicável no ar, que ele não conseguia compreender. Sentia um enorme fardo nas costas. Era como se estivesse diante da tomada de grandes decisões. O momento ficava ainda mais difícil, já que não era um homem religioso tampouco acreditava em adivinhos, magos ou coisas parecidas. Era o homem consigo mesmo.

Ciro era um incrédulo, que apenas manipulava as questões religiosas em interesse próprio, e quando lhe eram convenientes, mas era um homem sensível. Sabia perceber o mundo extracorpóreo e não o temia. Tinha por ele um profundo respeito.

– Mediunidade, querido irmão?

– Digamos que sim, Gávio, muita sensibilidade natural, necessária para o cumprimento dos planejamentos maiores. Nesses casos, querido amigo, a mesa mediúnica é a própria vida a ofertar oportunidades diárias de trabalho na direção do bem.

Grandes médiuns passam pela vida anonimamente. Servem a vida, ininterruptamente, valendo-se da sensibilidade em todos os momentos. Assim, são protagonistas de acontecimentos e de inúmeras decisões que, costumeiramente, são tomadas a muitas mãos, cabeças físicas e cabeças espirituais. Quanto mais bem preparados moralmente estiverem, melhor se

sairão em seus desafios.

– Meu grande Tarhif, o que seria de mim sem você nestas horas? Sinto-me angustiado, como se estivesse à beira de profundas decisões, instantes estes que me pesam na alma como se eu estivesse amarrado a tudo isso. É como se hoje houvesse por aqui uma multidão de gente invisível à minha espreita.

– Meu rei e meu senhor! Acho que o seu coração percebe bem a gravidade do momento, pois temos grandes problemas a resolver dentro de Babili. Lá existem muitas riquezas, e acho que o senhor não deve deixá-las lá.

A Pérsia precisa dessas riquezas para construir o futuro de Babili. A grande cidade agoniza aos poucos e acho que você deve revitalizá-la e fazer dela a rainha da mesopotâmia.

Não deve sair daqui sem escravos. Eles nos serão importantes como força de trabalho, e trabalho barato. Aliás, quem sou eu para dar-lhe conselhos, sou seu general, e não um mago a fazer previsões.

– Tarhif também tinha sua mediunidade, amigo Gávio, mas, naquele instante, ele servia ao lado contrário. Era, na verdade, um duelo mental de entidades interessadas em atrasar os planos maiores e já de sobreaviso quanto aos movimentos que conduziriam fatalmente ao aporte do Sublime Peregrino no seio terreno.

Vivemos assim, caro Gávio, sempre envoltos por uma multidão de mentes. Várias comprometidas com o andamento da lei de progresso, e trabalham em nós, incessantemente, o aprimoramento pessoal. Outras ainda fixadas em faixas inferiores e, inconscientemente, interferem em nossa faixa, muitas vezes nos aprisionando em seus interesses. Por isso, a cada momento, precisamos ter muito cuidado, vigiando sempre o nível de nossa sintonia, onde temos colocado as antenas de nossa rede mental.

Tudo o que Tarhif disse era frontalmente contrário aos seus pensamentos e à sua formação espiritual. Entretanto, fora facilmente enlaçado por companhias infelizes que, aproveitavam os momentos de brecha do inconsciente pelas

circunstâncias em que eram vivenciadas aquelas situações.

O passado está vivo em nós. Muitas vezes, instantes de invigilância poderão nos arrastar a situações impensáveis e desnecessárias. Por isso, meu caro Gávio, a vigilância e a oração tornam-se âncoras indispensáveis a quaisquer disposições mentais.

– Meu grande Tarhif, se não quisesse ouvi-lo, não haveria de chamá-lo. Acho que nas questões das riquezas você tem razão, eu pretendo levar tudo que achar. Babili sempre foi muito arrogante! Ela se proclamou a mais linda e a mais bela. Também não pretendo revitalizá-la, mas acabar com sua beleza pouco a pouco! Revitalizá-la seria a mesma coisa que curar cobra doente. Ela acabará nos matando. Quanto às questões dos escravos, realmente pretendo levá-los. Precisamos de braços para os projetos futuros, acho que disso não abrirei mão. Vou sangrar Babili lentamente, e, na posteridade, só restarão ruínas.

Estou decidindo se vou arrasar Babili, deixando-a logo em ruínas, ou se vou matá-la aos poucos, meu grande Tarhif. Em Babili sei que existe um povo que dizem ter sido buscado de muito longe como pagamento de certa dívida. Eles servem lá como escravos. Assim, os levarei como escravos também para a Pérsia. Ora, pensando bem, já são escravos mesmo e estão em terras inimigas. São propriedades do Estado e simplesmente mudarão de mãos. Deixarão de pertencer a Nabucodonosor e passarão a pertencer ao povo ário. Não é uma coisa mais do que justa?

Meu senhor e meu rei, acho que está pensando muito bem, vejo-o majestoso em seus pensamentos. Ademais, temos de recompensar nossos homens. São valentes e precisam ter o valor reconhecido. Eles adoram a generosidade de seu rei!

– Tarhif, não pretendo recompensá-los com riquezas, presenteá-los-ei com terras. Pretendo ocupar todo nosso imenso território. Assim, darei terras e títulos de terras. Ocuparemos cada centímetro de chão. Garantiremos a nossa soberania, pois teremos pessoas de confiança espalhadas por todo o chão, que serão os olhos e os ouvidos por estes lugares.

– Senhor, e Babili?

– Eu não quero Babili. Enquanto puder, vou explorá-la, principalmente tirando do seu solo o que puder produzir. Colocarei aqui medos e lídios, pois não quero o nosso povo por aqui. É uma região muito vulnerável, fácil de ser invadida e,

por sua localização torna-se cobiçada. Outros aventureiros ainda virão aqui, lutarão e combaterão por nada. Isso aqui ainda passará de mão em mão, e os daqui jamais terão sossego. Não quero isso para o meu povo!

– Caro Gávio, Ciro fora facilmente arrastado pela onda que aprisionou momentaneamente Tarhif. Cuidemos sempre de nossas interlocuções, de onde e em que nível seja colocado o nosso diálogo, para que não sejamos presas fáceis dos comensais da prepotência nem esmagados pelas ondas do pessimismo ou das destruições.

Vigiar, querido amigo, é sempre a palavra de ordem, sensibilidade é sensibilidade, se expressa em qualquer ambiente ou lugar.

O intercâmbio mental é livre e ocorre de forma ininterrupta, sendo vivenciado em amplas teias de sintonia, e delas ninguém sai ileso. Pequenos atos, curtos instantes de invigilância podem redundar em terríveis consequências para os caminhos do ser.

Assim se despediram, e Tarhif se foi, feliz por ter ouvido boas coisas de seu rei. Ele se preocupava com o seu povo e queria o melhor para ele. Era um guerreiro voraz, mas equivocou-se naqueles instantes, pois também sempre fora um diplomata honesto e leal para com o seu rei, sempre comprometido com a liberdade e preocupado com a segurança e o bem-estar dos homens, colocando a ética acima de todas as coisas. Nunca gritava, andava sempre sóbrio, inimigo das bebidas, das farras, das orgias. Naquele mundo, ele conseguia não se dar à bigamia, não possuía mulheres, harém. Tinha a voz sempre conciliadora, um bom conselheiro e ótimo articulador junto ao rei. Era inteligente e tinha uma percepção muito além dos acontecimentos de sua época. Por estas qualidades, era adorado por Ciro.

Fios sutis de invigilância, muitas vezes, põem a perder grandes pontos de maravilhosas estruturas psíquicas. Na verdade, não adianta somente ser, é necessário sempre estar. Estar senhor do equilíbrio pessoal!

1 Espíto diabólico.

Capítulo 7

A noite caía, o zimbório se iluminava com a presença de pequenas estrelas que mais pareciam um relicário de joias a desfilar no firmamento. A Lua, exuberante, abria-se por inteiro, derramando sua claridade por toda a região. Era uma noite digna de contemplação e plena em beleza. Momento em que a maravilha que desfila diante dos nossos olhos promove um intercâmbio perfeito entre nós e o Criador, momentos de luz!

O acampamento já dormia, mantendo somente o zanzar responsável das sentinelas e o trânsito contínuo dos batedores, que desafiavam o ermo. Numa vigília constante, quebravam a imensa solidão do lugar.

Depois de muito andar, perambulando por aqui e acolá, carpindo uma intensa insônia, Ciro, por fim, rendendo-se ao sono, buscou a sua coxilha, entrando para descansar em sua imponente barraca. As sentinelas tiraram-lhe a capa e as botas. Montaram guarda do lado de fora, velando pelo sono de seu soberano rei.

Ciro se encostou na cama e, logo de imediato, seu corpo mergulhou-se num sono profundo. Ele ainda ensejava os primeiros movimentos do sono, quando, em sua tenda, entraram três cidadãos. Um muito alto, forte, rosto jovial, demonstrando certa seriedade na aparência, cabelos muito negros, nariz um tanto quanto adunco, todo vestido com um manto branco, que fazia luzir os olhos. O outro era também alto, mas não tanto quanto o primeiro, vestia-se de forma rudimentar, com pele de animais e também demonstrava grande autoridade. E o terceiro era muito baixo, truncado, grave em seu olhar, cabelos negros, um pouco anelados, cujas mechas caíam-lhe levemente na testa.

A entrada desses três companheiros iluminou o recinto onde Ciro repousava, fazendo o ambiente ficar luzidio, modificando a psicofera do lugar. E Ciro, pouco a pouco, deslindou-se do corpo físico. Observou-se, verdadeiramente, certa dificuldade. Era como se tivéssemos a visão de uma cola quando adere às mãos. Foi vencendo as dificuldades até que, por fim, conseguiu desconectar-se totalmente do invólucro físico.

Ele andou pelo ambiente, mas via-se que não conseguia perceber as três

entidades. Desvestido das vestes físicas, debruçou por sobre os mapas que estavam ali bem próximos e recomeçou a estudar as estratégias a ser usadas no dia seguinte.

O primeiro companheiro espiritual que lhe visitava naquela noite se aproximou, impondo-lhe as mãos sobre a região frontal, iluminando-o profundamente. Rapidamente, sua cabeça respondeu ao influxo daquelas mãos e iluminou-se toda, num tom esverdeado e luzidio. Ele parecia tomar consciência do ambiente e se assustou com aquelas três entidades que ali estavam. Recuou e teve ímpetos de chamar os guardas, mas ele próprio percebeu que seria inútil, pois tinha a consciência de que estava numa situação extracorpórea.

– Ciro, que Deus seja convosco!

Ciro permaneceu mudo, e limitou-se somente a olhar friamente os três visitantes extracorpóreos, sem, no entanto, demonstrar nenhuma ligação afetiva eles.

– Ciro, amanhã iniciará um ciclo importantíssimo em seu processo evolutivo. O irmão querido poderá dar passos decisivos e definitivos em suas estruturas de progresso, bem como poderá amargar grandes lidas nas esferas correccionais. Entretanto, jamais se esqueça de que a situação estará em suas mãos e que tudo dependerá somente de você!

Ciro continuou olhando para aqueles três emissários divinos, sem, contudo, esboçar a mínima reação. Permaneceu impassível, nem um sorriso, nem uma expressão de concordância ou discordância. Mantinha-se intocável e impenetrável. Estagiava, naqueles instantes, numa enorme fenda de orgulho e de superioridade existente nas entranhas do inconsciente.

– Ciro, você bem sabe que, desde que aqui chegou, desde a sua entrada obtusa num cérebro semiparalítico e ainda em franco processo de aprimoramento até os dias de hoje, longos sete mil anos já se passaram, supervisionados pela misericórdia daquele que você ainda não conhece, mas que está prestes a aportar no orbe terreno, trazendo o seu verbo de amor.

Embora tenham sido experiências muito difíceis desde sua transmigração até os dias de hoje, temos visto que muito tem valido a pena. Entretanto, os desafios continuam e será bom que seja aprovado em suas provas, para que, nos milênios adiante, você possa ser chamado a outros testemunhos no carreiro das provas, até o instante em que se veja plenamente aprovado e possa, assim, celebrar sua

própria emancipação.

Bem sabe que o passado foi devorador em desordens, desmandos, prepotência, dominação, acreditando-se, até os últimos instantes, que estaria acima da lei. Acima, inclusive, de Deus!

O tempo tem lhe demonstrado que ninguém se encontra acima da lei, que é reta, plena e justa. A ela, todos nós estamos sujeitos. Por isso, meu irmão, busque não reciclar os mesmos erros e, em momento algum, brinque com as oportunidades que lhe são oferecidas.

Ciro continuou impassível, frio, olhando os emissários do mundo superior com respeito, mas sem esboçar o menor desejo de interatividade com eles. Sem dar a menor demonstração de que estava disposto a argumentar com eles. Limitou-se somente a ouvi-los e a observá-los.

– Ciro, lembre-se, meu irmão, que a sua primeira missão, para a qual foi investido de poder, exércitos e forças, deve ser a de libertar o povo judeu do cativeiro! Filho querido, não brinque com esta missão, pois é a sua primeira obrigação. Você está tendo a oportunidade de dar a sua parcela de contribuição a um planejamento muito amplo e que culminará com o advento do Messias entre nós! Meu irmão, esta é a sua modesta parcela! Meu irmão e amigo dileto, seus desmandos no ontem têm nos mantido distanciados, mas isso não faz com que me mantenha afastado. Em todo esse tempo, tenho velado detidamente por você. Ciro, os amigos são para sempre!

Você sabe que o amo, e bem sei que você também me ama. Então, em nome de nosso amor, da fraternidade que aconchega os nossos corações, tenho autoridade suficiente para lhe dizer:

– Não brinque com esta responsabilidade! Lembre-se que isso acontecerá com ou sem você. Mas isso pode acontecer com a sua colaboração. Não perca a oportunidade bendita de escrever seu nome na história do tempo, pois bem sabe que é um projeto inadiável e obedece a um cronograma macro. Até o último momento, estaremos esperando por você. Lembre-se de que a vida lhe oferece essa grande oportunidade.

– Querido irmão, que momento importante!

– Querido irmão Rubens Gávio, estes momentos permeiam a nossa vida. Em todos os momentos somos alertados pelos irmãos do mundo maior para as responsabilidades que nos cercam. São eles companheiros fraternos que nos envolvem a alma e nos auxiliam sem tréguas a buscar sempre os melhores caminhos. Por isso temos de nos preocupar sempre em estarmos bem sintonizados com o mundo invisível que nos cerca.

Amigo Gávio, a maioria dos irmãos não tem a mínima noção da misericórdia que a cerca, por isso vive de peditórios em peditórios e, com isso, não tem tempo para aquiescer aos ditames da luz nem tampouco para agradecer o muito que possui. Tornamo-nos, assim, eternos indigentes da misericórdia Divina!

– É, querido irmão, temos de refletir melhor sobre detalhes insignificantes de nossa jornada, porém decisivos para a nossa caminhada. Melhorar as nossas escolhas, não é mesmo?

Ciro andou pelo ambiente concentrado na fala de seu interlocutor, mas sem esboçar a mínima disposição em argumentar qualquer coisa. Na verdade, ele parecia discutir consigo em busca da melhor posição.

O segundo interlocutor presente aproximou-se dele e, de forma mais incisiva, começou a falar:

– Ciro, não será admitido que você faça escravos. Você não deve recalitrar em torno de velhos erros, pois isso seria uma contramarcha indesejável ao seu processo de recomposição pessoal. Tudo o que você pediu para essa empreitada lhe foi concedido. Ainda muito mais lhe foi confiado, sem reserva de recursos, para cumprir sua jornada no ápice de suas condições, dos recursos de sua inteligência e sem tolher suas conquistas anteriores.

Corações amigos, que velam por você de longe, destinaram várias somas de suas conquistas para afiançar-lhe tais oportunidades. É bom que o degredado de hoje não desdenhe a misericórdia que lhe recobre, tampouco não se desfaça dos valores preciosos colocados à sua disposição na esteira das oportunidades.

Ciro olhou-o nos olhos, profunda e friamente, como um lince a avaliar o próximo lance. Sem esboçar a menor linha de participação nas ideias ali colocadas, apenas ouviu o seu interlocutor que, contudo, parecia também não se incomodar com a postura, colocando-lhe as questões de forma clara e objetiva, não dando espaço para discussão.

– Ciro, não se iluda!

Você não é superior à Lei Divina ou Natural, que se manifesta independentemente da sua vontade e que, por certo, exigirá de você as contas de ponto por ponto. Você já tem essa experiência. Tudo foi feito para que você pudesse permanecer em suas origens, sem ter de recomeçar um árduo e longo ciclo de lutas.

Apesar dos conselhos, dos esforços, de tudo que foi vertido em seu benefício, você preferiu desafiar os códigos divinos, achando-se superior e intocável. Veja, querido irmão, sete mil anos seriam perfeitamente dispensáveis e não teriam feito parte de sua história se não tivesse recalcitrado contra os agulhões que buscaram, de todas as formas, reconduzi-lo ao amor, mas o que você fez?

Você fez as suas escolhas, optando pelas dores e pelos sofrimentos. O seu livre-arbítrio foi, assim, plenamente respeitado. O tempo mudou o curso dos rios, alterou as margens dos mares, realinhou as montanhas, mas não tocou em um til de seu livre-arbítrio. Você, pessoalmente, fez suas escolhas, e elas são de sua responsabilidade.

Ciro, não cometa o erro de destruir Babilí!

Ela tem um lugar no concerto da história, no processo de reunião dos povos, de concentração de esforços para o entendimento comum. É necessário que ela permaneça!

Ciro, lembre-se que a história não começou com você nem irá parar em si. Continuará célere, cumprindo os objetivos maiores para este orbe. Séculos e milênios transcorrerão até que todo o projeto de uma Terra fraterna seja atendido.

Ciro, com ou sem você, a Terra será ainda uma estação de vivência fraterna! Não se esqueça disso!

Muitas dores e sofrimentos ainda visitarão este grande hospital, até que as loucuras sejam plenamente inoculadas e a sanidade passe a reinar, abrindo portas amplas para que se estabeleça o mundo de amor e venturas.

Querido irmão, não destrua Babilí, direta ou indiretamente, porque, se fizer isso, se manterá ainda aferrado ao carreiro de dores, inscrevendo seu nome na lista

dos devedores. Tenha certeza que, mais dia, menos dia, você terá de retornar às procelas terrenas para construir uma nova Babili.

Acautele-se, porque aí terá de repor quadruplicadamente. Lembre-se, ainda, que os tempos serão outros, os momentos serão outros. Pode ser que isso venha a lhe custar caríssimos tributos por meio de intensas dificuldades e multiplicados dissabores.

Ciro, não deve tocar em um fio de cabelo de Babili. Veja bem como usará o seu arbítrio.

Ciro sentia a alma espumar de ódio, pois, fora do corpo, na plenitude de sua consciência, ele sabia que dentro de Babili estava um de seus arqui-inimigos. Ele não conseguia passar por cima de seu ódio.

Naquele instante, Tarhif surgiu no recinto incontrolável, a destilar ódio.

– Ciro, de modo algum permitirei que você poupe aquela serpente, porque ele não o pouparia nem uma só vez. Ademais, esses problemas de compromisso são lá desses ditos judeus. O problema de vocês é com Abraão, não conosco. Nós não somos obrigados a assumir compromissos que não possuímos. Se vocês quiserem tais prerrogativas, talvez seja melhor se submeterem à reencarnação para poder cumprir pessoalmente seus objetivos. Cada um cuida de sua parte, porque estamos cumprindo o nosso quinhão fielmente...

O nosso compromisso é de aprimorar as fronteiras, miscigenar melhor as raças e fazer com que todos tenham o maior contato possível com o progresso. Esse foi o compromisso que assumimos!

Nessa questão de Deus, nesse envolvimento divino, nós estamos fora desse planejamento da vinda do Messias. Estamos fora! Desde que universo é universo, existem escravos. Isto acontecerá aqui ou em qualquer parte. Precisamos deles para a execução de nossos planos. Sem eles, não teremos as mínimas condições de cumprir o planejado.

Tarhif, naquele instante, havia efetuado uma cisão profunda na área de seu inconsciente, abandonando os conceitos que ainda eram novos em sua estrutura consciencial e retomando conceitos milenares.

Ciro interveio:

– Bom, Tarhif, escutemos o que estes emissários da luz têm a nos dizer. Ouvir é bom. Nada temos a perder ouvindo e, quem sabe, poderemos até ganhar.

Querido amigo, você tem sido de uma lealdade ímpar. O local, a situação e tampouco as dificuldades têm conseguido nos separar. Jamais o deixarei. Onde estiverem os meus projetos, aí você estará. No dia em que os projetos forem de sua condução, eu não deixarei de também ser fiel e leal a você!

Temos aprendido, nas noites frias dos milênios, lições profundas de lealdade. Bem sabemos que esta é uma das vigas mais sólidas e importantes na construção do amor.

Não nos conhecemos nas cerimônias faustuosas dos templos, tampouco nos incensários ou nos ritos das oferendas dos mercadores dos interesses perante os altares de barro.

Tarhif, tornamo-nos amigos pelas lutas diárias, combatendo ombro a ombro, lutando palmo a palmo. Almas deportadas, sim, mas leais e amigas. Nunca permitimos nos separar pelos interesses macabros dos deuses, nem tampouco dos homens.

Amigo, saibamos ouvir e saberemos tomar o que acharmos as melhores decisões. Não nos quebrantemos por ameaças e muito menos por imposições. Ouçamos.

Ciro continuava impassível, alma dura, objetiva, determinada, despido de interesses pessoais, mas implacável em suas determinações. Olhava os emissários do mundo maior com respeito, porém, com altivez, sem a mínima demonstração de medo. Ele era como era e amava ser assim: lógico, frio, calculista, um anjo que perdera as asas, mas que não havia perdido a realeza, uma majestade imponente.

– Ciro, poupe Babili e também as vidas que lá existem, principalmente as daqueles que hoje reinam, porque toda vida, Ciro, merece respeito.

Filho, mais de doze mil anos já se passaram de terríveis procelas e lhe trouxeram até aqui. Então, faça desse momento a sua redenção. Desamarre-se dos laços de ódio. Não é bom recalitrar contra os agulhões. Dores e lágrimas já foram vertidas de ambas as partes. A prepotência daqueles que estão lá dentro e a dureza de seus corações serão revistas no tempo certo. Não seja você o

instrumento da justiça! A lei de causa e efeito se fará pelos mecanismos normais. Deixe a eles a responsabilidade pelo cativo do povo de Abraão e tenha a certeza de que isso será revisto no tempo certo!

Ciro, entregue ao tempo as mudanças destinadas ao tempo. Não seja quem vai acelerar a ampulheta da vida. Lembre-se que somente está rei, mas não é rei. Não há espaço para vingança e ódio. Limite-se a cumprir o papel a que foi chamado, nada mais que isso, e já terá sido um grande vitorioso.

Aquelas entidades se despediram carinhosamente de Ciro, após mais de três horas de exaustivas entrevistas e apontamentos preciosos. As primeiras luzes do alvorecer já começavam a despontar, quando os três o envolveram em grande luz, como a lhe dar um grande abraço. Naquele instante, ele se modificou totalmente. Transparecia mais harmonia em seu semblante e, junto a Tarhif, abraçaram-se. Uma cena inédita aconteceu: uma lágrima solitária rolou em suas faces.

Era uma cena a ser documentada para sempre, pois aquela alma se permitiu ser traspasada pelas lanças da emoção. Tempos haviam rolado na ampulheta dos milênios, passaram sem que ninguém houvesse testemunhado um instante como aquele. Ciro permitindo-se ir às lágrimas!

Os três emissários divinos, percebendo a magnitude e a maravilha daquele quadro, ajoelharam-se em silêncio e proferiram uma sentida prece.

– Senhor dos Universos Infinitos, Deus de Abraão, verta sobre estas duas almas as luzes de sua misericórdia e permita, Senhor, que por intermédio de sua bendita presença, o amor possa triunfar sobre este coração que hoje nos dá mostras de voltar aos tempos de criança.

Deus de amor, permita que os fatos que irão se desenrolar daqui por diante possam propiciar a Ciro e a Tarhif a retomada do crescimento. Que estes corações extremamente cultos, objetivos e lógicos permitam-se banhar nas águas de seu amor e, assim, despertar para a conquista evolutiva pelo exercício pleno da fraternidade.

Fraternidade, augusta fraternidade, clarão a iluminar os povos e a determinar novos instantes nos corações humanos!

Senhor, temos certeza de que os milênios ainda irão se arrastar, mas que, no

silêncio dos tempos, nós todos, os degredados de hoje, possamos verdadeiramente reconsiderar a nossa história. Assim, passo a passo, ainda que em meio aos tropeços e às quedas que porventura possam ocorrer pelo caminho, não nos afastemos nunca dos caminhos íngremes da reabilitação individualizada.

Messias Redentor, Estrela Guia! Conforme suas próprias promessas, nós o aguardamos neste cenário obscuro da Terra com a mesma ânsia dos viajores exaustos que deambulam inseguros pelas noites de intensas tempestades, sem o conforto das estrelas e sem a direção da luz. Permita-nos que, em algum tempo de nossa jornada por este orbe, ainda venhamos a nos banquetear nas messes de luz previstas com a Sua chegada.

Ciro, que o Senhor o abençoe!

Ciro continuava em seu canto, impassível, sem o mínimo gesto de agradecimento ou de proximidade com os visitantes.

Observava-os sem se permitir a mínima mistura de razão e sentimento. No outro canto, Tarhif mantinha-se também intocável. Ainda em grau superior ao de Giro, mantinha uma presença ignara, fria, não movimentando em seu campo mental a mínima linha de sentimento. Assim, os visitantes desapareceram como por encanto.

Como por encanto, Tarhif também sumiu do aposento. Pouco a pouco, Giro foi se adequando ao seu corpo físico, iniciando os primeiros movimentos para o despertar.

– Querido Gávio, nada se passa sem que esteja milimetricamente dentro do planejamento maior. Não somos uma ilha perdida no oceano de Deus. Tudo tem o seu encaminhamento lógico, atento aos imperativos da lei de progresso.

– É, meu querido irmão, por isso essa Babili ainda se mantém viva por aqui, não é mesmo?

– Sim, meu caríssimo Gávio, por isso hoje falamos tanto em fraternidade!

Capítulo 8

As trombetas soaram, e mais pareciam mugidos de uma nota só. Rapidamente, todo o acampamento foi criando vida, e as colunas já se preparavam para a marcha. Os comandantes, cada um no seu posto, ouviam Tarhif, que liderava garbosamente. Ele tinha a guerra no sangue, e o comando lhe era uma tarefa familiar. Ordenou as posições de marcha, alinhou toda aquela nuvem de homens. O cortejo iniciou sua caminhada lentamente.

Ciro amanheceu indisposto e com o humor comprometido. Era fácil perceber, pois ele estava distante e mantendo conversas monossilábicas, mesmo estando diante do melhor dos seus homens e melhor amigo.

Tarhif também não estava bem disposto. Embora cumprisse integralmente sua missão de campo, podia-se observar que ele também não era o mesmo dos outros dias. Na verdade, aquele encontro espiritual ainda repercutia nitidamente na cabeça de ambos, convidava-os a reflexões profundas e lhes amargava no coração indócil não acostumado a ouvir aconselhamentos e ordens. Ainda não estavam abertos às considerações sobre Deus.

– É sempre assim, querido Palminha?

– Gávio, a história se repete até os dias de hoje. Quantos de nossos irmãos, quando chamados por nós para alguns aconselhamentos ou alertas, vêm contrariados! Quando seus intentos mais íntimos e menos dignos são contrafeitos, voltam para a matéria densa levando consigo farto material que lhes propicia largas crises de mau humor.

– É, temos ainda muita dificuldade em lidar com as verdades e a transparência de nossas necessidades e fragilidades, não é mesmo?

– Isto é uma grande verdade!

Ciro não perdia tempo. Mantinha-se sempre em local mais elevado, onde, de longe, observava detidamente a disposição de seus homens. Estava ocupadíssimo. A todo o momento, por intermédio dos estafetas, mantinha comunicação direta com os seus comandantes, especialmente com seu general de campo. Eles se entendiam como que por música. A todo o momento recebia a presença de seus batedores, que o mantinham informado sobre os acontecimentos à frente.

Babili parecia não oferecer resistência ao avanço. Tudo até ali vinha transcorrendo maravilhosamente bem. Cada vez mais, foram se aproximando dos seus muros.

Tarhif dispôs o exército dos lídios na horizontal e ordenou-lhes que se alinhassem em toda a orla da pesada muralha. Pediu-lhes distância, pois não queria submeter seus homens à exposição das flechas envenenadas, tampouco arriscá-los aos banhos de água fervente.

Na verdade, eles não queriam atacar o inimigo, e sim apenas sitiá-lo e dar uma demonstração de força.

Em seguida, convocou os medos, dividiu os homens em colunas e lhes deu a atribuição de fechar todas as saídas de Babili. Ninguém entrava nem saía daquele lugar. Qualquer tentativa seria punida com a morte.

Assim, os persas mantiveram sob seu controle as principais entradas de água da cidade. Mantendo-as sempre sujas e, muitas vezes, jogando nelas aromáticos amargos que mantinham Babili assustada e tensa diante da possibilidade de estarem envenenadas.

Decorreram noventa longos dias. As tropas de Ciro mantiveram a cidade impiedosamente sitiada, agonizante, prestes a cair a qualquer momento de fome, sede e muito medo.

Babili reconhecia que não possuía exércitos capazes de enfrentar Ciro. Tampouco tinha disposição para enfrentá-lo. Ela estava cansada, desgastada com as batalhas vividas ao longo dos séculos. Batalhas que foram vitoriosas, mas que lhes custaram um altíssimo preço.

Viveram também algumas derrotas fragorosas, que lhes arrasaram os ânimos internos. Além do mais, era hoje uma cidade que vivia somente de fama.

Naqueles dias, ela amava apenas a riqueza e as facilidades. Perdeu, com o tempo, o elã guerreiro e não tinha certeza de sua capacidade. O seu povo, preso ao luxo, aos gozos e às licenciosidades pessoais e sociais, tornava-a enfraquecida, sem resistência psicológica para enfrentar os exércitos que batiam à sua porta.

Ela, outrora, já impusera pesados castigos aos inimigos que lhe bateram à porta, e até mesmo já havia avançado sobre muitos povos na tentativa de lhes impor o seu jugo. Fizera isso com o povo judeu, arrastando-o como cães vadios, impondo-lhe duras algemas.

Desde que sofrera pesados reveses junto dos gregos e dos jônios, jamais foi a mesma. Sentiu os desgastes causados pela prepotência e pela arrogância. Agora, jazia humilhada diante de um inimigo que aguardava o melhor momento para lhe fazer sangrar a jugular.

Aquelas pessoas não estavam ali pelas lições tomadas do passado. Não aprenderam a ética da humildade, pelo contrário, estavam estudando a melhor maneira de saírem ilesos e manterem consigo os cofres o mais cheios possível. Intentavam colocar os escravos judeus como moeda de troca e dar a Ciro várias mulheres, pois sabiam do gosto dele por mulheres bonitas.

– Babili já vivia, então, uma franca decadência, não, meu irmão?

– Irmão Rubens Gávio, vivia ou vive?

– Como assim?

– Ora, querido Gávio, estes grupamentos que temos visitado dia após dia são os grandes arquivos que nos permitem recompor essa história. Bem pode comprovar que pouca coisa mudou. Então, Babili ainda é uma realidade, não mais fisicamente, mas psiquicamente. Este o grande desafio!

– Querido Palminha, acha mesmo que essa gente é a mesma?

– Não acho, querido Gávio, tenho certeza! Observemos os comportamentos. Note a prepotência e a arrogância ainda existente nestes grupamentos, meu querido. Veja a licenciosidade tanto no exercício da vida social como pessoal.

Veja, caro Gávio, observe o volume de questões que encontramos por aqui relacionadas à sexualidade desregrada e ao uso ainda contumaz do álcool.

Onde você acha que estão estes registros, meu caro Gávio?

– Onde, meu irmão?

– Ora, são registros vivos, escaninhos da psique. Realizam, diariamente, profundas incursões aos substratos gerados no inconsciente e, muitas vezes, não sabemos onde se encontra o passado e onde termina o presente.

São os hábitos, caro Gávio!

– Hábitos, Palminha?

– Gávio, fala-se aqui em trabalho, campanha do quilo, evangelização, visita a leprosário, a hospital, e outras atividades que são propostas pelas Casas de Jesus que visitamos. Veja!

– Sim, sim, é verdade. Ontem, lá no, nosso irmão dirigente falava da escassez de trabalhadores, não é mesmo?

– Sim, é verdade. Agora, fale com eles em festinhas, comemorações. Fale em jantar e observe a tendência ao desregramento do álcool e do sexo. São os substratos ainda fortes nestas personalidades, querido irmão.

Por isso tanta depressão, tanto pânico, tantas crises de estresse, tantos transtornos e patologias estranhas e de difícil trato.

Doenças da alma, Gávio!

Por outro lado, Ciro continuou a comandar o deslocamento de suas terríveis catapultas. Os homens iniciaram, desde cedo, os trabalhos de aproximação. Começou-se a ouvir o barulho das rodas pesadas rangendo nas irregularidades do terreno, em ponto bastante íngreme, dificultando a tarefa dos invasores.

Os homens iniciaram uma cantoria rítmica, que ditava a força, o sentido e a direção dos movimentos. Mais de doze artefatos se moviam ao mesmo tempo

numa gritaria infernal. Os soldados o faziam com intenso prazer. Amavam as lutas e detestavam a ociosidade do aquartelamento.

Lídios, medos e persas disputavam o lugar de maior eficiência, enquanto seus comandantes disputavam os olhos de Ciro quanto à maior eficácia do trabalho.

O rei garboso acompanhava tudo pessoalmente, tomando extremo cuidado para que suas armas de guerras não ficassem ao alcance das temíveis flechas incendiárias, que poderiam partir dos muros de Babilí, além de zelar para que os seus homens não corressem risco.

Apesar de ser senhor, rei e uma divindade para todos, Ciro era extremamente próximo de seus homens. Ele amava a simplicidade. Adorava os seus súditos, ainda que brutos e rudes. Ele não hesitava em se aproximar deles no teatro das operações de guerra, assentando e realizando tarefas simples e mesmo dividindo com eles a água e o próprio farnel.

Nada lhe fazia infeliz, a não ser a perda de um homem, de um companheiro de lutas. Isto o abatia, e talvez fosse a única coisa capaz de arrancar-lhe lágrimas, levando-o a odiar de morte seus inimigos.

Por isso era adorado pelos seus homens e igualmente pelo seu povo. Ele não empreendia guerras de conquistas para o aumento de seus territórios. Ambicionava sempre melhor qualidade de vida para vencidos e vencedores. Tinha o hábito de transformar inimigos de ontem em amigos extremados de hoje, mas, infelizmente, quando odiava, tornava-se mais venenoso que uma serpente. Tornava-se o senhor da guerra!

Perceberam-se, então, as primeiras resistências ao redor de Babilí. Os homens se deslocavam apressadamente por entre as extensas muralhas, ainda que de forma acanhada, deixando evidente que haveria resistência.

Toda a movimentação era acompanhada detidamente pelos homens de campo. Isso fez o exército de Ciro ir à loucura. Já estavam pesarosos só de pensar que tudo poderia acabar sem que houvesse batalha. A guerra era instintual naqueles homens acostumados durante séculos ao peso das lutas fratricidas.

Tarhif comandou, então, a aproximação das bigas e sua colocação em posição de combate. Parecia uma corrida, todos indo para seus postos como se o combate já houvesse começado.

Ciro lhe pediu que mantivesse as bigas sempre em deslocamento, num esforço planejado para confundir o inimigo quanto ao local exato onde seria desferido o ataque inicial.

Babili se encheu de fumaça! Era sinal que águas e azeites ferventes eram preparados, pois se esperava, para qualquer momento, o desfecho dos ataques contra a cidade. Longas horas se sucederam sem que nada, além de manobras, fosse registrado.

Ciro ordenou a abertura das comportas! Que fossem abertas de forma que a cidade recebesse mais água do que realmente necessitava, o que, em pouco tempo, foi cumprido.

Ouviu-se um imenso alvoroço no interior de Babili. Os lagos adjacentes aos jardins começaram a minar água por todos os lados. Por entre as paredes, começaram a se observar vazamentos enormes. Instantaneamente, instalou-se um caos no interior de Babili. De longe se ouvia o desespero de seus moradores.

Ciro havia estudado detidamente aquele lugar.

Quando o rei ordenou que maior quantidade de água fosse liberada para o interior da cidade, queria que o caos se estabelecesse e, em pouco tempo, isso se fez realidade.

Seus exércitos começaram a se movimentar com maior velocidade e a se aproximar mais perigosamente dos canais que levavam à entrada da cidade. Havia uma grande tensão no ar. Até mesmo os comandantes olhavam para Ciro e Tarhif, esperando, a qualquer momento, a ordem de invasão.

As bigas e os flecheiros avançavam quase formando um extenso anel, abrangendo os pontos vulneráveis da cidade, quando Ciro convocou uma reunião.

– Meus amigos, companheiros de campanha, estamos a um passo da conquista de Babili. Poderíamos destruí-la agora, pois este seria o melhor momento. Encontraríamos apenas pessoas desesperadas e uma acanhada resistência no interior da cidade.

– Como sabe, grande rei?

– Flechas com plumas brancas têm sido disparadas a esmo do interior de Babilí. Elas partem do nosso serviço de inteligência, avisando-me que não há resistência significativa.

– Viva Ciro!

– Se vocês estiverem bem atentos, perceberão que duas lanças com plumas azuis foram fincadas em pontos diferentes da muralha, indicando que ali estão os pontos vulneráveis e fáceis de ser transpostos por nossos homens, e mostram também que o caminho estará limpo para o nosso avanço.

No caso de entrarmos em Babilí, sigam os caminhos indicados pelas flechas com plumas azuis, pois já estarão desobstruídos pelos homens infiltrados que lá estão com a missão de instalar o pânico e o medo no interior da cidade. Vocês o reconhecerão por portarem um tipo de bracelete de corda no alto do braço.

Se tiverem alguma dúvida diante de algum combatente, digam “Ciro é invencível”, e eles dirão “Viva Ciro”. Esses são dos nossos infiltrados no interior da cidade.

– Ciro, não esperemos mais, vamos atacar!

– Meu bom Asdrupal, não quero arriscar meus homens. Eu quero Babilí de joelhos aos meus pés pacificamente! Não posso nem devo arrasar Babilí, não seria de bons presságios esta ação.

Tarhif adiantou-se. Queria dizer alguma coisa a Ciro. Nesse instante, ambos se lembraram do sonho, mas não era o momento para discuti-lo, então limitou-se a fazer somente uma pergunta:

– Meu senhor e meu rei, o que o leva a pensar assim?

– Tarhif, dizem que Marduk é um deus muito vingativo e bastas vezes puniu com a morte homens que tentaram arrasar Babilí. Eu não quero ser o próximo. Queremos Babilí, mas não queremos atizar a ira de Marduk. Só em último caso, lutaremos contra Marduk!

Tarhif entendeu o recado que lhe foi dado nas entrelinhas e aquiesceu à ideia, mas, a bem da verdade, ambos sabiam que eles não acreditavam em Marduk nenhum, pelo contrário. Na realidade, eles não queriam mesmo era descumprir

as ordens dos emissários divinos. Ambos tinham certeza de que haviam vivido uma realidade durante o sono da noite anterior e não queriam atizar a ira dos céus.

Ao falar de Marduk, procuravam atizar o medo nos demais e mantê-los facilmente sob controle, pois assim passariam a dar integral razão a Ciro, que sabia perfeitamente trabalhar com a ideia de deus para conter o clamor das massas.

Aproveitando a situação, autorizou seus comandantes a passar as informações aos seus homens em cada um dos grupamentos. Ciro sabia que aquela observação se espalharia rapidamente por todo o palco de operações, sendo decisiva para controlar seus homens e bem justificaria o adiamento do ataque.

– Querido Gávio, essa história de os homens utilizarem a fé para o controle das massas já vem de muito longe. Percebe-se bem a herança, não é mesmo?

– Grande amigo, por isso assistimos a toda essa facilidade que possuem as massas para o endeusamento de pessoas e mesmo de nós, espíritos. Muitas vezes se transforma numa obediência cega, copiando o voo míope dos mochos!

– É, querido Gávio, a despeito de a Doutrina dos Espíritos ser um auto de bom senso, muitos, ainda invigilantes, preferem se manter distanciados da razão, aferrados aos cultos dogmáticos, buscam trazer isso de toda forma para dentro das casas de Jesus. Aliás, toda atenção é pouca nesse sentido, sob pena de perdermos as linhas que conduzem ao discernimento.

– Continue, meu caro irmão!

– Segundo minhas fontes, Nanphur, um sobrinho de Nabônido, vem, por todos estes anos, tentando se consolidar no poder. Tem lhe faltado a legitimidade, já que existem outros sobrinhos e herdeiros diretos que também pleiteiam o trono. Trata-se de uma pessoa astuta e malévola em seus atos. Politicamente, ele controla a maioria dos governadores e tem o apoio do conselho geral dos anciãos. Neste momento, estão discutindo a sua sagração de forma definitiva. Nanphur, provavelmente, adotará, para reinar, o nome de Nabucodonosor III.

– Ciro, você permitirá isso?

– Caro Tarhif, não permito nem deixo de permitir. Tudo depende do que seja melhor para a Pérsia. Você bem sabe que não negocio com os interesses de meu povo. Nisso sou intransigente. Não vim até aqui para voltar para casa sem honra.

Ciro dispensou o conselho de guerra e todos retomaram as atividades previstas.

– Que as movimentações sejam mais intensas no período da noite! Lançaremos cem flechas incendiárias, mas com bom intervalo entre uma e outra, para que dê tempo de ser apagadas. Lembrem-se que não quero incendiar Babili. Quero apenas conquistá-la.

O cair da tarde e toda a noite passaram sob intensas manobras. Flechas após flechas foram lançadas, mas nenhum incêndio foi registrado, nem tampouco um contra-ataque.

Babili já dava mostras de fadiga geral!

Tão logo amanheceu, Ciro, que havia dormido durante toda a noite, assumiu pessoalmente o comando das operações. Imediatamente ordenou nova inundação da cidade pelos desvios e aberturas de novas saídas de água.

Subitamente, o alvoroço foi ouvido, pois o volume de água ameaçava as construções antigas, que eram diretamente as mais afetadas.

Decorreram calmas duas horas, quando um carro de combate deixou a porta principal de Babili em direção ao acampamento persa.

Fez-se, então, profundo silêncio! Enquanto todos aguardavam o desfecho da cena, Ciro montou em seu cavalo. Juntamente com seus oito mais próximos comandantes, foi pessoalmente ao encontro de tão nobres visitantes e os escoltou até a tenda do grande rei.

Era Shalpur, o maior dos comandantes de Babili. Viera em paz. Ciro sabia que era momento de negociações. Cumprimentou Shalpur solenemente, com pompa e respeito. Ele não costumava tripudiar sobre os adversários. Tinha profundo respeito pelos mais corajosos ou mais astutos.

Assentaram-se todos a uma mesa, onde foram servidas deliciosas especiarias

próprias dos grandes reis. Sabia ser cavalheiro. Sempre foi hospitaleiro com as pessoas, mesmo aquelas que, em dado momento, eram suas adversárias. Ainda que estivessem em posição de inferioridade, sabia respeitar e fazer-se respeitado, sendo dono de uma ética impecável. Era mais provável morrer ou sofrer algum atentado do que permitir que isso acontecesse a um de seus visitantes!

Convidou a todos para se assentar à mesa, onde comeram e beberam à vontade. Apresentou ao visitante um a um de seus comandantes, e o fez com honra, enaltecendo o valor de cada um.

Seus comandantes medos, lídios e persas se ufanavam com seu rei. Ele os mantinha presentes nos momentos mais agudos, como prova de profunda confiança.

E, assim, ele convidou todos para caminhar, buscando um relaxamento, momento em que fez questão de manter uma conversa amena, amiga e cortês. Sabia como ninguém desarmar seus adversários, sem que para isso tivesse de usar a força. Calmamente, voltaram à mesa.

Ciro, de relance, inquiriu-o:

– Nobre Shalpur, que bons ventos trazem vocês até aqui?

– Grande rei, viemos aqui em missão de paz! Viemos lhe propor uma trégua para negociações. Nós não estamos em condições favoráveis para o combate, e seriam perdas desnecessárias para ambos os lados.

– O que tem a nos propor, nobre Shalpur? perguntou a ele sem titubear, olhando no fundo dos olhos de seu oponente. Reconheceu que Shalpur não queria dar sinal de fraqueza, mas o sinal maior já fora dado, ninguém abandona suas linhas e vai propor trégua sem que esteja em nítida desvantagem.

– Grande rei, decidimos, ainda hoje, que Nanphur reinará sobre Babilí e todo o seu povo. Ele precisa de paz para reorganizar o Estado e novamente nos levar rumo ao progresso. Estamos dispostos a pagar elevadas somas em tesouros valiosíssimos e entregar-lhe nossos escravos e o que escolher. Durante anos, ainda a definir, pagaremos a vocês impostos e uma boa parte de nossa produção anual de grãos.

Ciro sabia que Shalpur blefava! Queria ganhar tempo para reorganizar o Estado

e consolidar o poder, para, logo após, marchar como um felino de dentes afiados sobre a Pérsia. Ele percebia, no ar, que a víbora estava a destilar o veneno que lhes mataria com o correr do tempo.

– Nobre Shalpur, diga o seu rei que Ciro não veio até aqui para saquear Babilí. Viemos para tomar Babilí. Não viemos para procurar escravos, porque, se quiséssemos os lídios e os medos nos supririam magnificamente. No entanto, todos eles marcham conosco e estão assentados aqui como irmãos.

Diga o seu rei que Ciro não é um aventureiro. Nós queremos somente uma grande nação. Queremos uma rendição incondicional!

Num piscar de olhos, eu posso liberar tanta água para dentro de Babilí que estouraria as suas entranhas! Eu posso movimentar minhas catapultas dia e noite e transformar as resistências em penas ao vento. Tenho carros de combate velozes e homens treinados. Posso, rapidamente, e sem grandes perdas, até a tarde de amanhã, estar no ponto central de Babilí, arrastando-os a todos como escravos.

Preciso ouvir proposta melhor!

Shalpur corou. Temeu, ao ouvir a afirmação firme de Ciro, mas era astuto, uma serpente acostumada a estar entre as paredes e a espada. Espreitava sua presa até o último momento, a menos que lhe arrancassem a cabeça.

Nobre rei, às vezes, não é bom desdenhar a força do seu adversário, muito menos suas ofertas! Creia, nós estamos sendo generosos e amigos do povo persa. Seus soldados e seus comandantes serão recompensados e se fartarão em tesouros, escravos e mulheres!

Levantou-se, então Tarhif, como que ferido em seu orgulho. Curvando-se diante do seu rei, apresentou-se diante de Shalpur e disse-lhe asperamente:

– O que pensa? Com quem pensa, nobre Shalpur, que está lidando? Com um bando de mercenários ávidos por tesouros, escravos e mulheres?

Engana-se muito, pois que o sacrifício de nosso povo não se paga com moedas e arcas de tesouros. Nosso povo não se alimenta de moedas. Não queremos fantasias! Queremos uma gente soberana, que possa andar de cabeça erguida, vendo o seu sacrifício recompensado por viver numa grande nação. E a Pérsia

será uma grande nação!

Shalpur se viu perdido. Sabia que não tinha mais o que negociar e que precisava fugir de uma rendição incondicional. Tentou, então, a última cartada.

– Nobre Ciro, perdoe-me se não fui entendido, mas apenas tentei mostrar a nossa generosidade. Proponho que, dentro de dois dias, Nanphur, então, tome posse como rei legítimo do nosso trono.

Ele tomará posse, mas não reinará, pois, no dia seguinte, você assumirá o comando de todas as nossas forças e regerá, de fato, o trono, governando o povo até quando melhor convier, de forma que Babili seja poupada de tão desnecessária disputa, que só traria destruição para ambos os lados.

Ciro levantou-se calmamente. A conversação chegara ao ponto que ele desejava. Queria colocar seus exércitos para dentro das portas de Babili sem derramamento de sangue. Depois de colocados portas adentro, ele cuidaria de estabelecer o controle de toda a Babili, impondo sua autoridade e sua maneira de governar.

– Nobre Shalpur, aceito a sua proposta! Contudo, por enquanto, não entrarei em Babili! Tarhif assumirá, por mim, o comando e será o regente de Babili. Parte do nosso exército ficará dentro da cidade, enquanto Tarhif assim o desejar.

Shalpur estava feliz. Parecia ter atendido o seu intento e pensava que tudo agora era uma questão de tempo.

Ele achava que Ciro estava no controle e, não o tendo por perto, seria mais fácil reverter a situação vergonhosa em que se encontravam naquele momento.

Ciro era um homem bravo, mas um rei que sabia ser fino quando lhe convinha. Assim, convidou a todos para comemorar o tratado firmado. Seus comandantes estavam felizes, pois acreditavam que Ciro tinha suas razões para encaminhar as negociações daquela forma.

– Nobre Shalpur, fico feliz que tudo tenha terminado assim, sem derramamento desnecessário de sangue para ambos os lados. Pode ter certeza de que os anos dirão a você que este foi o melhor caminho. Saberei recompensar Babili com a minha proteção, e jamais alguém ousará tocar em suas muralhas, isso eu garanto!

Tarhif será o nosso comando em Babili, e Almuz, o meu comandante medo, será o seu auxiliar. De forma, grande Shalpur, que, a partir de agora, Almuz é o verdadeiro comandante de todo o exército de Babili e já seguirá com você, juntamente com alguns de meus homens, conforme a sua escolha, de forma que a transição se inicie.

Almuz não cabia em si de contentamento! Jamais imaginou que, de inimigo, passaria a homem de confiança de Ciro e trabalharia diretamente sob as ordens de Tarhif.

Todos se levantaram e propuseram um brinde ao rei.

Shalpur nunca bebeu um brinde tão amargo como naquele dia! Ele via que aquele soberano que estava à sua frente era dono de uma inteligência invejável. Não mandava para Babili os seus homens.

Mandava homens que, se morressem, não teriam a menor importância. Além disso, ele minava a importância da posse do novo rei.

Ainda assim, tentou a última cartada. Era necessário dar representatividade a si mesmo, ao novo rei que seria coroado em Babili e não deixar ao povo nenhuma mostra de submissão ou do seu fracasso nas negociações.

– Ciro, neste momento, eu faço o convite para que o senhor e seu comandante-geral estejam presentes na posse de Nanphur, quando será sagrado Nabucodonosor III. Será uma alegria enorme para todos nós ter conosco o grande rei. Melhor seria se participasse conosco das festas que estão programadas para a ocasião, como forma de selar definitivamente a nossa aliança.

Ciro analisou aquela artimanha, viu que ele insistia em descaracterizar a derrota, bem como a consequente rendição! Com aquela atitude, ele tentava de todas as maneiras amenizar a situação. Além do mais, não seria nada aconselhável se fazer presente em Babili, pois poderia ser presa fácil de seus inimigos. Ele percebia as coisas no ar, mas era dissimulado. Tinha na alma os rudimentos da escola cínica, e não seria tolo de aceitar tal convite, porém não poderia, nem deveria desapontar o seu interlocutor.

– Nobre Shalpur, que fique bem claro que existe somente um rei: o Ciro da Pérsia! E só existe um comandante-geral em Babili: Tarhif! E que somente existe

um comandante das tropas de Babili: Almuz!

Disso não poderemos nos esquecer. O que foi tratado deve ser acordado sem arranhões. Entendo a sua bondade e até mesmo a necessidade política, mas eu não irei, pois tenho afazeres que não me permitem tais perdas de tempo. Entretanto, serei representado por Tarhif, Almuz e Cristiofen, o comandante lídio. Eles participarão de todas as cerimônias, e a eles caberá falar em nome de Ciro no interior de Babili. Que todos partam amanhã pela manhã.

Shalpur engoliu em seco.

Entendera perfeitamente a mensagem de Ciro. Se alguma coisa sucedesse aos seus homens de confiança, ele estaria pessoalmente no comando das operações, e aí Babili se veria em maus lençóis.

Ciro, para quebrar o gelo provocado pelo mal-estar de seu hóspede, propôs a todos que houvesse música e mulheres até o raiar do dia; o que foi plenamente aceito pelos convidados, exceto por Tarhif, que, alegando uma indisposição, pediu permissão para se ausentar, no que foi atendido.

O rei o entendia perfeitamente e jamais o forçava a participar daquilo que não era totalmente de seu agrado.

– Tarhif, amanhã você terá missões nobres a desincumbir, e a sua presença será a minha presença. Você será o seu rei e isso muito me honra: tê-lo como o mais ilustre dos meus homens e o mais forte de meus comandantes. Se isso não bastar, alegre-me o coração por saber que você é o mais leal dos meus amigos. Amizade, Tarhif, não tem preço! Ela só traz honra!

Tarhif sentiu a garganta embargada diante do seu senhor e rei. Curvou-se respeitosamente diante de Ciro, pois o admirava como a um deus, oferecendo-lhe, assim, mais uma demonstração de submissão, admiração e lealdade! Na sua saída, foi saudado por todos e, em especial, por Shalpur.

Ciro não tinha dúvidas da lealdade de seu comandante, nem da sua coragem, mas sabia também que ele, muitas vezes, tornava-se incontrolável e que também era um homem como todos os mortais, ambicioso, sempre sedento de poder. No entanto, não existia, entre todos, ninguém mais ético do que ele, e isso mantinha a confiança incondicional do rei em seu comandante.

– Querido Gávio, a amizade é assim, sempre supera as diferenças pela força da lealdade! Este é um dos exercícios necessários a todos nós. Diariamente, devemos exercitar o aprendizado da lealdade. Sem isso, é impossível que a amizade triunfe. Como a amizade é necessária, meu querido irmão! Não somos seres para a solidão. Precisamos muito uns dos outros. O intercâmbio é uma das ferramentas mais importantes para o nosso crescimento. Somente por ele há trocas dirigidas ao bem comum. Assim poderemos lograr êxito em nossas experiências.

Precisamos fazer amigos, cultivá-los e nos dar o direito de nos entrelaçar com eles. Acreditamos nas trocas sucessivas de experiências, porque somente assim conseguiremos nos desentfeixar deste isolamento pernicioso a que temos nos submetido.

– É, querido irmão, as amizades são pérolas preciosas no tesouro do tempo!

– É, caro Gávio, pena que tão poucos percebam seu verdadeiro valor e insistam em exercer relações calcadas em dominações, exigências desmedidas e não se preocupem com o comportamento muitas vezes invasivo que assumem com frequência, e assim não conseguem se aproximar de tão valioso tesouro. Não percebem o quanto deixam de se beneficiar no intercâmbio das relações de amizade.

– É, meu querido irmão, a amizade requer o respeito à liberdade, considerando, dessa forma, o livre-arbítrio do nosso próximo!

A festa avançou, varrendo toda a noite, regada, como sempre, com muita bebida, música e muitas mulheres. Aliás, este sempre foi um triunvirato de peso na tortuosa caminhada daqueles homens.

Os primeiros raios da manhã surgiram, mas demorou até que percebessem que era hora de se prepararem para as tarefas que se faziam imperiosas no dia seguinte.

Ciro, exausto, despediu-se e buscou sua barraca para o descanso devido e merecido. O dia seria longo, e as novidades surgiriam a qualquer momento.

Tarhif, Almuz e Cristiofen, escoltados por uma imensa guarda, partiram com Shalpur. Em pouco tempo, já ultrapassavam os portões centrais, entrando garbosamente no coração de Babili.

Os soldados assistiam, atenciosos, a todas as cenas e aos mínimos acontecimentos!

Em poucos momentos, passava a circular intensa boataria em todo o acampamento sobre a rendição de Babilí.

Tarhif, o novo comandante, teve dificuldades para conter os ânimos de seus homens e colocá-los em ordem nas operações que ainda continuavam.

– Observe bem, meu caro Gávio, por que esses nossos companheiros gostam tanto de boatos e novidades! Veja que há um hábito arraigado nesse grupo que se mantém aceso no curso dos milênios...

– É, meu irmão, os hábitos são decisivos em nossa expressão existencial, requerendo de nós profunda atenção e aplicação mais definida na proposta de revisão nas linhas mais sutis do nosso comportamento. Isso também faz parte do processo de libertação das algemas que nos mantêm presos ao passado.

Capítulo 9

Ao entrarem no coração de Babili, os persas ficaram extasiados com as maravilhas expostas aos olhos e, ao mesmo tempo, surpresos com tanta desorganização. O povo já os via como os novos governantes da cidade.

A comitiva seguiu lenta e mansamente na direção do palácio, para que fossem relatados e apresentados os termos do acordo ou da rendição.

Tarhif se sentiu como se fosse o próprio Ciro. Imponente e firme em sua marcha, resoluto para estar no encontro mais importante daquele dia. Ele odiava tudo aquilo, detestava Babili, os seus reis e sua história. Na realidade, ele trazia na acústica da alma antigas questões ainda difíceis de ser resolvidas em tão poucas décadas.

Entraram, então, no suntuoso palácio! Os jardins se multiplicavam à sua vista, as galerias que se sobrepunham umas às outras impressionavam magnificamente os olhares mais distraídos. As obras de arte e as esculturas ali existentes eram de arrepiar qualquer um. Era um desfile de belezas indescritíveis. Por todo o lado, o luxo estava exposto flagrantemente. Podia se observar que a ociosidade era a tônica da vida de todos que deambulavam por aqueles jardins.

Eles também observavam detidamente os estragos feitos pelas manobras de Ciro ao abrir algumas comportas de água. Várias paredes ainda minavam água, que escorria até o chão barrento, indicando os estragos causados nos dias que se seguiram ao cerco. Certificaram-se de que Ciro estava certo, e que os informantes estavam mais certos ainda acerca dos pontos vulneráveis. Nada passava despercebido pelos olhos felinos daquela comitiva astuta que percorria triunfantemente os passadiços internos de Babili.

O povo olhava os acontecimentos com desconfiança. Alguns sem, verdadeiramente, entendê-los e um tanto desanimados e descrentes quanto ao futuro, pareciam andar sem rumo, atônitos e sem objetivos.

Os escravos judeus percorriam as ruas deixando transparecer um misto de esperança e desconfiança, pois há muito circulava a notícia que eles seriam

transferidos de donos, seriam dados em pagamento e recompensa a Ciro em troca da não sujeição de Babilí e para evitar que fossem saqueados os tesouros da cidade.

Tarhif não perdia tempo. Marchava imponente, deixava entender que Ciro, seu senhor e seu rei, tomava posse de seu novo império.

Estacaram a marcha, e as montarias, cansadas pelo forte calor, por instinto, insistiam em se afastar, à procura de sombra e gramíneas para saciar a sede e a fome.

Todos desceram!

Estavam próximos aos muros que se estendiam à frente, serpenteando, num desfile imponente aos olhos dos ilustres visitantes.

Shalpur levou todos à entrada do templo, onde seriam realizadas as festividades de saqueação do novo rei. Provavelmente, Nabucodonosor III, com o intuito maquiavélico de amedrontá-los, começou a lhes falar sobre aquele deus punitivo e vingativo. Toda a comitiva passou imediatamente a viajar nas suas explicações. Enquanto isso, Tarhif se manteve mais afastado do grupo a observar, admirado, a constituição daquelas muralhas. Mais adiante, encostou-se despreziosamente em algumas pedras do muro, como se quisesse observar tudo detidamente. Estava extasiado diante daquela verdadeira fortaleza, e assim se punha a verificar minuciosamente sua sólida estrutura.

De repente, ele sentiu como se seus pés lhe fugissem, como se as pernas passassem a voitar descontroladamente. Ele perdeu a visão do lugar e do momento e, descontroladamente, mergulhou em uma viagem assustadora, de séculos.

Ele se viu cativo dos assírios e, perto dele, o rei Assurbanipal, com os cabelos caindo por sobre os olhos, uma barbicha rala e nariz adunco, a gritar colérico, exigindo que os prisioneiros fossem esfolados vivos. Ele, ali, implorando misericórdia para seus homens, e o seu inimigo ordenando que lhes fosse retirada a pele e colada nos muros na sua presença.

Presenciou vários de seus homens sendo retalhados naquela viela. Ouviu os gritos enlouquecidos de dor daqueles que ali eram supliciados. Ele chorou, mas ninguém do seu grupo percebeu o drama que ele vivia naqueles instantes.

Ajoelhou-se em prantos exatamente no local onde estivera, há séculos, implorando por seus homens, que eram descarnados vivos, passando por sacrifícios atrozes pela sanha sanguinária daquele monstro que a história da vida manteria cativo nas prisões das consciências.

Num átimo de desespero, irrompeu contra o seu adversário, sendo imediatamente detido pela guarda, que o espancou até seu desfalecimento.

Assurbanipal determinou que ele fosse sacrificado naquele mesmo local, exatamente naquela imensa pedra! Imediatamente, foi manietado e amarrado e, assim, facilmente colocado de cócoras sob uma imensa pedra, sem a mínima condição de oferecer resistência. Uma espécie de catapulta, que fazia as vezes de uma mão mecânica, trouxe até ali outra imensa pedra que, lentamente, foi sendo depositada sobre ele, prensando-o contra as demais pedras. Em alguns instantes, somente um grosso caldo vermelho saiu pelos lados dos blocos.

Podia se ver o desapontamento daquele louco, totalmente decepcionado por não ter ouvido do supliciado nem um só grito e nem um gemido sequer, mas comemorou triunfantemente ao ver o sangue escorrer pelas laterais do muro.

Tarhif não sabia explicar a vivência daqueles instantes tão confusos. Ele, então, ficou perdido em meio àquela multidão de gemidos que chegavam impiedosamente a seus ouvidos e lhe pediam socorro. A sua cabeça parecia mergulhar num poço sem fundo, do qual ele tentava tresloucamente sair, mas não encontrava a saída.

Fechara-se ali um grande mistério. Na realidade, ele sonhava. Parte daquilo, desde criança, atormentava-lhe a lembrança, quando saía pela madrugada achando-se atormentado por maus espíritos. Quantas vezes vagou pelos campos, cavalgando, no intuito de chegar àquele lugar de onde as vozes lhe chamavam!

Interessante que, no momento em que ele retirou as mãos, as vozes e as cenas desapareceram. Sentindo-se enfraquecido, assentou-se ali próximo, sendo imediatamente socorrido por Cristiofen.

– Meu comandante passa mal?

– Jovem Cristiofen, por alguns momentos, inexplicavelmente, eu me vi morrendo horrivelmente. Uma coisa que não poderei lhe explicar! Leve-me daqui sem demora e não se desgarre do meu lado. Já viu um comandante falar de

medo? Pois eu hoje fiquei conhecendo o medo! Coisas estranhas acontecem por aqui.

– Meu comandante, desde que adentrei estes muros, senti meu coração oprimido, como se não quisesse entrar. Isto aqui parece um local de muitos sofrimentos. Tudo fiz para não encostar as mãos em nada. Tenho a impressão de que já estive aqui. Isto é um lugar asqueroso, apodrecido, meu comandante! Vamos dar pressa em sair logo daqui!

Shalpur está querendo nos intimidar com esse deus em quem nem ele mesmo acredita. Por algumas vezes, controlei a imensa vontade de lhe cortar a cabeça!

Meu comandante, uma voz estranha parecia me dizer, bem próximo ao ouvido, que não se pune ignorância com o ódio, e não há um ato neste mundo que fique sem resposta.

Nossa, deu-me até calafrios ao sentir isso! Era como se uma mão me tocasse os ombros e dissesse para eu evitar arrastar para mim o fardo de uma vingança! Olha, digo-lhe que procurei me controlar, meu comandante! Vamos ter pressa em sair daqui. Isto me parece mal-assombrado!

Ambos saíram dali a passos miúdos, sentindo seguidos calafrios, e foram se reunir aos outros.

As cenas e as conversas passaram despercebidas, entretanto, levavam-nas bem vivas ainda em suas mentes. Assim, continuaram a marcha até entrarem nos corredores do magnífico palácio.

Todos traziam o coração oprimido. Almuz propôs que, por segurança, ele ficasse do lado de fora, aguardando, junto à cavalaria, o desenrolar dos acontecimentos. Ideia que foi plenamente aceita. Guardaria a retaguarda, estaria atento para qualquer emergência e ainda tinha como objetivo percorrer o maior espaço possível para averiguações.

Na verdade, aqueles homens não conseguiam confiar em Babili. Aquilo ali cheirava a traições, mortes e muitos sofrimentos. Almuz, na realidade, não tinha pernas para avançar por aqueles corredores. Todos tinham muito medo!

O palácio estava finamente decorado, os preparativos estavam sendo feitos para a posse do futuro rei no dia seguinte! Os sacerdotes ocupavam lugar de destaque

no ambiente. Tanto eles quanto sua guarda pessoal olhavam com desprezo para Tarhif e Cristiofen.

Enquanto isso, Shalpur se aproximou do seu soberano e lhe disse coisas aos ouvidos. Nanphur, ou o futuro Nabucodonosor III, fez um sinal, autorizando os homens de Ciro a se aproximar. Assustadoramente, não foi atendido.

– Não tolero ser desobedecido em minhas ordens nem contrariado em meus chamados. Devo considerar isso uma ofensa?

Tarhif sentiu o ódio que viajava nas entranhas de sua alma, movimentando todo o seu psiquismo. Estava ali, bem na sua frente, a serpente que procurara durante toda a sua vida e que perseguia através dos sonhos... Ele não tinha a menor dúvida. Aquele homem era Assurbanipal. Sentiu um fogo de morte varrer-lhe a alma e, num reflexo, viu imediatamente sua mão colada ao sabre que trazia junto ao corpo. Teve ímpetos de matá-lo ali mesmo, mas sentiu que não deveria fazê-lo.

Sentiu a carne tremer internamente e, imediatamente, um sufocamento invadiu-lhe o peito, deixando-o quase sem ar. Teve as ânsias da morte, como se daquele momento não fosse passar. Tinha a impressão de que ia desfalecer. Apoiou-se em Cristiofen, que parecia perceber que algum acontecimento estranho estava no ar. Tarhif sentiu-se banhado em um misto de medo e ódio, pois bem sabia estar diante de um legítimo representante dos serpentários.

As vozes também se multiplicaram na acústica de sua alma. Tudo requeria muita calma.

– Tarhif muita calma, calma, calma!

– Querido Gávio, desde que o mundo é mundo, a “síndrome da ansiedade generalizada” existe. O pânico requer cuidados espirituais. É um indicativo de que setores do inconsciente estão sendo afetados, seja por estresse, desgaste, acessos de insegurança, de raiva ou de ódio. Tudo isso provoca uma pane nos sistemas de alerta, e imediatamente é somatizado de forma dolorosa.

É, meu irmão, o físico sofre muito todas as vezes que perdemos o controle dos registros do inconsciente e estes passam a singrar desgovernadamente na área do consciente. É, sem dúvida, adoecimento na certa!

Tenhamos extremos cuidados com as catarses do inconsciente, principalmente aquelas alimentadas pela insegurança, pelo medo, pela raiva e pelo ódio. Estes sentimentos não são bons companheiros.

Cristiofen, embora jovem, alto, musculoso, cabelos anelados e rebeldes, decompostos na cabeça, tinha olhos de mel, algo pouco comum entre seu povo. Um ar felino, arredo, como se espreitasse constantemente as situações e não vacilasse em cair, de súbito, sobre suas vítimas. Em combate, era muito destemido e, muitas vezes, tinha de ser contido em sua coragem e impetuosidade. Vendo as dificuldades de seu comandante, assumiu a conversaço:

– Nobre Nanphur, não viemos aqui para uma visita. Este é Tarhif, o comandante de campo de Ciro e, neste instante, embaixador do povo persa. Eu sou o seu comandante de ordens. Não viemos aqui para visitá-lo, até mesmo porque não temos motivo nenhum para conceder-lhe essa deferência. Viemos, sim, tomar posse de Babili.

Embora convenha que mantenhamos a fantasia de sua posse, trago ordens expressas do verdadeiro imperador de todo o império. Convém agora que nos reunamos para que possamos definir os termos do acordo. Gostaria que fosse sem demora.

Nanphur teve um ataque de ódio, ameaçando prendê-los. Shalpur interveio com uma segurança responsável:

– Alteza, acordos são acordos. Temos de discuti-los, e não ficaria bem iniciarmos nossas relações de cooperação dessa forma.

Assentemo-nos à mesa de negociações! Vejamos o que nossos hóspedes têm a nos oferecer e a negociar. Ademais, lembremo-nos da honra de termos a comitiva de Ciro presente em vossa coroaço, ó grande rei.

Muito a contragosto, Nanphur desceu de seu pedestal, como quem fosse intocável e imbatível, e convidou todos para se assentar a uma grande mesa, ao final do enorme salão iluminado por imensas tochas. Acomodaram-se todos para as discussões.

– Grande Tarhif, talvez fosse bom você deixar suas armas em outro canto do salão. Como bem disse, é embaixador de Ciro, e não ficaria bem aos

embaixadores as armas.

Tarhif respondeu, então, secamente:

– Antes de ser embaixador, sou soldado, e não fica bem ao combatente a ausência das suas armas. Ademais, consideremos que sou aqui um embaixador militar.

Isso causou um intenso mal-estar. Nanphur e Shalpur entenderam que os homens de Ciro tinham a sua índole e a sua valentia. Carregavam consigo a sua transparência, porque não a sua arrogância quando necessário?

– Estamos propondo a vocês não tocarem em Babili, provocando assim uma perda de vidas desnecessária. Oferecemos uma soma em torno de quatro mil escravos judeus, espólio adquirido por nossas conquistas na Palestina. São homens dóceis, trabalhadores, só que, se deixar, passam o dia inteiro em reverências ao seu deus, que, a meu ver, não vale nada, já que os deixou aqui sem recursos. No entanto, eles não perdem a confiança e estão, todos os dias, promovendo cantorias e assembleias. Quando necessário, é só esfolá-los que eles se movimentam rapidamente.

– Nanphur, não viemos até aqui para fazer escravos nem os judeus, nem os de Babili. Nascemos livres, vivemos livres e temos, por consciência, não subjugar ninguém. Queremos somente construir um grande império, uma nação que não se curve diante de ninguém. Isso é possível a um povo quando ele é livre, soberano, forte e preservado em sua liberdade.

Veja você que, há bem pouco, eu e Cristiofen duelávamos num campo de batalha, disputando palmo a palmo o terreno, até que seu povo se comprometeu com a rendição. Você, nem eu e muito menos ele nos tornamos escravos. Hoje somos um só povo. Os soldados dele são os meus soldados. Já cavalgamos juntos, lutamos lado a lado e hoje estamos aqui numa mesma mesa, ambos sob o comando do mesmo senhor e rei, a quem devemos lealdade, ainda que isso nos custe a própria vida.

Isso somente é possível por temos os mesmos ideais de liberdade e de uma grande nação. Colocamos o nosso povo acima de nós mesmos e por ele morreremos, se necessário for. Colocamos a liberdade acima de tudo.

– Mas tudo tem um preço!

– A honra para aqueles que aprenderam a ser homens não tem preço, Nanphur. Ela está sempre num lugar inacessível e intocável! Os ideais de liberdade também não têm preço e, na verdade, são impagáveis!

Talvez você não entenda isso, mas para nós a felicidade de nosso povo também não tem preço, ainda que déssemos por ela toda a nossa vida.

– Não se faça ridículo, nobre Tarhif. Posso enchê-los de joias caras, pedras maravilhosas, arcas valiosíssimas, e vocês podem sair por aquela porta, atalhar rumo ao sul, pegar o caminho do Egito, ou sei lá de onde... Esta história estará terminada. É pegar ou largar! Serão ricos comerciantes, poderão formar seus próprios exércitos, servindo aos poderosos. Quem sabe, posso até contratar os seus serviços!

– Isto, Nanphur, é muito fácil para você e para todas as pessoas sem honra!

Esconderíamos-nos de Ciro, sem dúvida, mas lhe pergunto onde nos esconderíamos de nossa consciência?

Biltre dos infernos! A nossa consciência também não tem preço!

Naquele instante, Nanphur deu um soco violento na mesa de negociações, enquanto que Shalpur se levantou com a mão na espada, arremetendo-se para trás em posição de combate.

Tarhif manteve-se impassível, como uma cobra consciente do veneno que possui. Manteve-se calmamente assentado à mesa de negociações, sem esboçar o mínimo ato de revide, de preocupação ou medo.

Enquanto isso, Cristiofen levantou-se, atento como uma naja encolerizada, e sacou de uma meia adaga de lâmina pontiaguda e fina, cujo punho era protegido por uma travessa também de ferro, sugerindo a forma de uma cruz, que tinha por objetivo proteger a mão, no caso de um combate com arma maior. Avançou lenta e hipnoticamente na direção de Shalpur. Na realidade, intentava arremessá-la ao seu peito, estraçalhando-lhe o coração. Sempre fora um exímio jogador de punhais. Encarou-o como um felino frio, gélido. Seus olhos não tinham brilho, guardavam consigo a opacidade da morte. Ordenou-lhe com a autoridade de um comandante:

– Deponha as armas!

Shalpurrt entendeu a gravidade daquele momento. Olhou silente para o seu rei, ou futuro rei, ou ainda postulante a rei. Sentiu o gosto de sangue na boca, jamais recuara diante de alguém.

Ainda jovem, matara o próprio pai e antigo comandante da cavalaria por uma pequena discussão. Era da cavalaria por ofício. Um homem bruto, rude, acostumado a submeter os animais a maus-tratos. Era temido pelos seus e amava profundamente o poder, suas benesses e a arte militar.

Nesse instante, ele foi sensato. Depôs suas armas, pediu desculpas, ignorando o jovem Cristiofen, como a humilhá-lo. E, assim, dirigiu-se diretamente a Tarhif.

– Grande Tarhif, perdoe-nos os excessos, da mesma forma que sua honra o conduz a defender Ciro, eu também tenho obrigação de defender o meu rei e meu senhor. Aceite as minhas desculpas.

Tarhif o encarou também friamente, sem um sorriso, sem um traço sequer de expressão fisionômica, enfeixado em sua morbidez, como se ali estivesse uma massa ignara sem relação com o ambiente, limitando-se a olhar na direção de Cristiofen.

Este continuava de pé, intocável, também em seu semblante não demonstrava raiva e muito menos medo. Não transparecia nenhum movimento interior de estresse para com a situação vivida. Com uma voz pausada e metódica, próprio das almas vincadas nas experiências dos tempos, tomou a palavra.

– Shalpurrt, doravante, você é prisioneiro do povo persa. Como concessão da bondade de Ciro, o seu rei e seu senhor será mantido em cárcere domiciliar aqui neste palácio. Está proibido de sair daqui por qualquer que seja o motivo. Se isso acontecer, saiba que será punido com a própria vida. Entenda, de uma vez por todas, que somente existe um rei, Ciro da Pérsia! Mais nenhum outro, porque qualquer outro que ousar cruzar em seu caminho será impiedosamente morto. Está dispensado e pode buscar os seus alojamentos.

Shalpurrt entendeu a gravidade daquele momento e se viu obrigado a se curvar diante daquele jovem. Pensava que devia de ganhar tempo e que, depois da posse, tudo se resolveria mais tranquilamente. Retirou-se garbosamente do ambiente.

Tarhif retomou a palavra.

– Nanphur, o termo da rendição é somente um e incondicional. Tomará posse amanhã, conforme o que está preparado, mas não se esqueça de que a posse é sua, mas o rei é Ciro da Pérsia.

Aquela víbora sentiu o ódio percorrer todo o seu corpo e inundar seus poros. Sabia que a noite seria longa e que nela achariam uma solução. Dariam um jeito naquela situação. Tudo acabaria bem e, se possível, com aquelas duas cabeças expostas num poste qualquer.

Tarhif e Cristiofen se despediram e seguiram para seus alojamentos, contudo, resolveram pousar em um quarto comum. Antes, mandaram recado para Almuz, para que mantivesse a guarda reunida em local seguro, velasse toda a noite e mandasse dois emissários a Ciro para lhe dizer que a situação estava extremamente melindrosa, para que ele mantivesse todo o contingente de prontidão, pois, a qualquer momento, poderia ser necessária uma invasão.

Os homens partiram e cavalgaram velozmente e sem paradas. Encontram Ciro de pé e passaram-lhe a mensagem. Ele ouviu atentamente. Ao final, soltou um grande urro, como se fosse um urso ferido. Ficou preocupado com seus homens e, imediatamente, convocou uma reunião com seus comandantes, encontrando-se com Tarix.

– Recebi um comunicado de que a situação é grave. Tarhif, Almuz e Cristiofen correm perigo, juntamente com os demais de nossa guarda. De fato, não sei bem a realidade dos acontecimentos.

Tarhif não me mandaria uma mensagem de alerta se não fosse por grande necessidade. O que os senhores acham?

Logo se levantou Tarix.

– Meu senhor e meu rei, se permitir, vamos iniciar, neste instante, as manobras de aproximação e manteremos nossos soldados durante toda a noite em posição de ataque, prontos para uma invasão. Não acho conveniente mandarmos mais ninguém lá para dentro, pois, caso aconteça alguma coisa, perderemos apenas sessenta e oito vidas. Acho que não devemos correr o risco de aumentar ainda mais este número. Além do mais, tenho certeza de que os nossos saberão se defender até que seja possível a nossa chegada.

– Tarix, mande três homens de sua confiança e faça com que eles se aproximem

dos nossos com ordens expressas de arremessar para fora dos muros flechas vermelhas que sinalizem o perigo iminente, pois entenderemos isso como uma ordem de invasão. Você comandará pessoalmente as operações. Que elas durem toda a noite e seja feito o maior barulho possível. Não percamos tempo!

Nem me fale mais sobre a possibilidade de perder nossos homens. Enlouqueço somente em pensar nas sessenta e sete vidas, pois, se tiver de contar sessenta e oito com a de Tarhif, que meus antepassados me perdoem, pois mesmo que meus inimigos se levantem dos infernos, isso terá um preço muito alto. Nunca quis isso em nenhuma das campanhas que realizei, mas acredite que não ficará pedra sobre pedra em Babili. Não descansarei até que o último dos babilônios seja vendido como escravo.

Tarix, esta será, então, uma terra fantasma, pois não restará ninguém por aqui. Quem passar por aqui saberá o que a ira de Ciro foi capaz de fazer!

Digo-lhe que nem mesmo os animais ficarão para testemunhas, pois reservarei todas estas terras para sepultura, onde, para sempre, será cultuada a memória do maior guerreiro que conheci e o melhor dos amigos que já pude ter.

Destruam a mim, aniquilem o meu exército, no entanto, jamais matem os meus amigos, pois isso não posso suportar. Prefiro que me arranquem o coração ainda vivo a retirar um amigo de dentro dele. Sei que, por maior que me seja a dor, a perda de um amigo me será insuportável. Eles, jovem Tarix, são o sol da manhã a aquecer a nossa vida. São como a chuva mansa a umedecer-nos o chão, abrindo caminho para a plantação. São como os campos verdejantes e benfazejos que, além de trazerem a beleza, também florescem, produzem grãos maravilhosos e matam a nossa fome. Quanto mais leais e sinceros, tornam-se mais belos e dignos. Eles são como os ventos que nos trazem novas sementes.

Os amigos são muito importantes, pois sempre nos trazem novos amigos. Sabe, Tarix, tenho verdadeiramente muito dó daqueles que vivem sozinhos, distantes das amizades!

Tenho compaixão daqueles que não aprenderam a fazer amigos, e lamento muito pelos que ainda não aprenderam o valor da amizade. Meu jovem comandante, esses sofrem muito, pois não sabem o que é lealdade, ainda não aprenderam a cultivar em si mesmos a virtude da sinceridade, e por isso não conseguem viver com dignidade.

Filho, jamais queira o lugar que não é seu! Nem tampouco o dote que não lhe pertence. Se em algum dia tiver de contender com um dos seus amigos por alguma parte, seja ela qual for, deixe de imediato a sua parte para ele, pois é preferível perder tudo o que nos pertence a ver esvair somente uma de nossas amizades.

A amizade não se divide nunca, doa sempre. Por isso, meu menino, jamais mande em homens, comande amigos. Se você assim o fizer, jamais estará sozinho, pois sempre haverá espadas unidas à sua, e que o farão um guerreiro imbatível.

Lembre-se sempre que o sol se levanta e se põe todos os dias. As batalhas, por mais encarniçadas que sejam, terminam. Todos os dias, as conquistas se renovam, e os impérios começam porque outros impérios terminaram. Lembre-se, contudo, desde os dias de sua mocidade, de que os amigos são para sempre!

Ciro abraçou seu jovem comandante, como a chamá-lo de amigo, e saiu a andar, como era de seu costume sempre que se via diante de grandes preocupações. Lembrava-se do sonho, da nitidez dos acontecimentos daquela noite e tentava entender por que lhe faziam tantas advertências e exigências. Ele não compreendia o porquê, porém detestava, de alma, Babilí. Não tinha por aquelas terras a mínima simpatia, mas interesses que estavam ligados a seu povo.

Ainda não estava certo quanto ao pedido que lhe fizeram para não destruir Babilí. Aquela lhe parecia ser uma chance de ouro para abater a vaidosa metrópole, sempre subjugadora e sedenta de poder. Seu povo e seus antepassados sofreram naquelas mãos, subjugados por pesados impostos, tributos escorchantes que, durante muito tempo, saquearam indiretamente toda a região.

Escravizando, impuseram regras injustas sem se importarem com os outros povos e dispostos a subjugar quem quer que fosse.

Ele ainda ia pensar muito sobre o futuro de Babilí, no entanto, uma coisa já estava perfeitamente decidida em sua cabeça: no momento certo, concederia a liberdade ao povo judeu. Isto fazia parte de sua índole, além do mais era um pedido que viera em sonho, que ele iria respeitar mesmo que não poupasse Babilí.

No interior de Babilí, durante toda a noite, sacerdotes iam e vinham do palácio.

Pessoas entravam e saíam. Nanphur reuniu o conselho por diversas vezes, discutindo as melhores estratégias a ser seguidas, e como eles iriam se livrar de Ciro e seus homens no interior de Babilí.

– Grande Sacerdote, o que diz Marduk?

– Meu senhor, Marduk está irado e não perdoará Ciro, contudo nos orienta para que sua posse seja realizada em discreta cerimônia no interior do templo, de forma a não chamar a atenção de Ciro para o poder. Após receber o cetro com as sete cabeças de leão, nós o conduziremos pelas ruas, onde será apresentado por todos os sacerdotes ao povo como sendo o próprio deus.

Majestade, a crença do povo, muitas vezes, produz efeitos embriagadores!

O povo percebê-lo-á como superior a Ciro. Então, enquanto exercer a diplomacia, chamando a atenção deles para as riquezas, os escravos e as nossas belezas, estaremos espalhados, reorganizando nossas defesas, refazendo o poderio militar e, em dois anos, daremos aos persas o golpe de misericórdia, arrastá-los-emos até aqui e mostraremos a eles quem é o escravo e quem é o senhor!

E aí, então, você fará as ofertas do seu coração magnânimo ao grandioso Marduk, que o protegerá e reerguerá em seu reinado uma nova potência.

– Assim é que se fala, grande homem de deus! Com Marduk, nada precisaremos temer. Bata à porta de todos os nossos antigos comandantes, nossos guerreiros, nossos espias, e diga a eles que Marduk manda que se levantem, pois em breves dias Babilí reinará novamente sobre todo o oriente.

– Assim será feito, alteza. Procure tratar os persas e sua gente com especial deferência, elogie-os, engrandeça-os e instigue a vaidade neles. Faça com que se sintam dominadores. Dê-lhes mulheres, bebidas, moedas, escravos, aromas, mas, vez por outra, dê-lhes também veneno. Vamos matando gradativamente os seus comandos.

Majestade, uma cobra, por mais venenosa que seja, estando sem cabeça, torna-se inofensiva e morre.

Enquanto isso, vamos também sair por aí à procura de mercenários para atacá-los com frequência. Enquanto estiverem preocupados com os outros, não se

ocuparão conosco. Assim, quando menos esperarem, cairemos sobre eles sem dó nem piedade. Aí saberão quem reina sobre quem por aqui.

Ninguém imaginava que, por entre as luzes bruxuleantes das tochas, os olhos persas acompanhavam cada passo daquela reunião macabra. Por entre a espessa tapeçaria, ouvidos de tigre vigiavam cada palavra proferida naquele ambiente. Tarhif e Cristiofen se esconderam por entre as sombras, testemunhando e documentando toda a trama ali desenvolvida.

Capítulo 10

O dia amanhece sem incidentes, a noite transcorreu bastante agitada e ninguém dormiu. Uns ficaram em tramas diabólicas, outros se entregaram de alma às tarefas da espionagem. Enquanto isso, do lado de fora dos muros, as forças de Ciro, sob o comando de Tarix, ameaçaram durante toda a noite atacar Babili, numa demonstração de poderio e força.

Pouco a pouco, emissários saíram levando e pedindo notícias. Parecia que aquele, provavelmente, seria o mais longo dos dias.

Tarhif, pelo jeito, adquiriu a mania de Ciro, pois ainda muito cedo já andava pelos jardins próximos ao palácio conversando consigo mesmo, à procura de uma solução que fosse mais urgente.

Pensava que Ciro tivesse razão. Talvez o melhor mesmo fosse arrasar Babili, porém, pessoalmente, tinha medo dos homens do sonho e achava que não seria bom descumprir suas ordens, fossem eles quem fossem. Lembrava-se do episódio vivido no dia anterior. As cenas que viveu junto ao muro assombrado, logo na entrada de Babili. Aquilo o intrigava e lhe causava repulsa, ao mesmo tempo em que sentia uma estranha sensação de medo. Medo de quê? Medo de sonho?

– Eu nunca tive nenhum tipo de medo!

Contudo, ainda sentia a sensação daquela pedra enorme a lhe esmagar lentamente, ouvindo o estalar dos próprios ossos e um imenso nada à sua volta, quando sua mente pareceu mergulhar no vazio.

De quem seriam aquelas vozes que ainda ouvia nitidamente a lhe pedir socorro e a implorar por misericórdia?

A raiva e o ódio por tudo aquilo ali lhe subia à cabeça. Tinha vontade de sacar da espada e sair guerreando com todos pelas vielas. Mas com quem?

Será que havia, verdadeiramente, enlouquecido? Será que havia morrido e estava

agora atravessando o grande vale, passando por um julgamento?

Sentia, assim, um intenso tremor, parecia que seu peito iria se abrir ao meio. Experimentou tamanha falta de ar que parecia lhe estourar o peito. Era como se estivesse morrendo, mas sabia que não podia morrer sem antes prevenir Ciro sobre os planos sórdidos de Nanphur. Sentiu as pernas falhar, a cabeça tontear e um imenso medo lhe invadiu a alma. Não viu outro recurso a não ser gritar.

– Querido Gávio, o passado é peça viva em nossa mente, podendo trazer, ocasionalmente, sérios desequilíbrios às nossas estruturas mentais. O quantum de produção mental, quando cinde entre as lembranças do inconsciente e os acontecimentos presentes por questão de sintonia, torna-se um verdadeiro flagelo para quem o experimenta, podendo provocar crises de largo curso e prejuízos irremissíveis em curto prazo.

– Meu irmão, todos estamos sujeitos a isso?

– Claro que sim, caro Rubens Gávio. Não se liberta do passado com relativa facilidade. As lembranças se tornam experiências circulares e, muitas vezes, de aprofundamento rápido. Não sabemos onde começa o hoje e onde termina o ontem. Perdemos toda a condição de contato com a realidade.

– Qual seria a terapêutica?

– Amigo Gávio, a ação profilática está naquele que tem sido o maior dos nossos esforços. A evangelização infantil, desde a mais tenra idade, o aprendizado contínuo para a positivação mental, ou seja, o cultivo de uma mente reta e otimista, plenificada em Jesus com a nova realidade para todos nós, mentes ainda em desalinho.

– E os adultos apanhados em desequilíbrio?

– Ora, Gávio, nada mais eficiente do que o Evangelho aliado ao trabalho. O Evangelho lança verdades novas aos corações, modificando o panorama mental e o trabalho em benefício dos semelhantes, construindo o dinamismo necessário para as mudanças objetivadas. É o Evangelho em ação!

– Cristiofen!

Em um segundo apenas, Cristiofen lhe surge à frente e vê seu comandante tomado de pavor, olhos arregalados, pasmos e mãos que lhe buscam com sofreguidão.

– Cristiofen, leve-me daqui, acho que estou morrendo!

O companheiro, sem entender direito o que estava acontecendo, de espada em punho, segura Tarhif pelas mãos e o leva até o interior do palácio, em direção às suas acomodações.

– Comandante, quer que mande dar o sinal de alerta. O que está acontecendo com o senhor? Está um tanto pálido, dando mostras de um adoecimento repentino! Há pouco, saiu daqui bem, brincava e, apesar de perceber sua preocupação, não notei que estava doente.

O senhor bem sabe, até muito melhor do que eu, que por aqui não se come nem se bebe nada. Será que não cometeu alguma imprudência?

– Não, Cristiofen! São as preocupações que me atormentam. Escutou os planos macabros de Nanphur? Temo que Ciro acredite nele, e aí será por demais perigoso. Ademais, tenho tido sonhos, visões e ouvido vozes atormentadas em torno de mim. Acho que este lugar não me faz bem, pois me leva a lembranças e a um ódio que não possuo. Isto me traz certo descontrole. Gostaria de resolver tudo de uma só vez, mas me sinto impotente neste instante, o que me desassossega a alma.

– Meu comandante, não consegui pregar os olhos nesta noite. Num raro instante em que passei por uma pequena madorna, vi o céu e, dentro dele, várias estrelas que pareciam marchar junto a uma estrela maior. Todas elas seguiam numa só direção.

Havia um homem que levava as estrelas para o sul, na direção de um grande cruzeiro feito de outras grandes estrelas. Estávamos lá, íamos felizes, pois dentro do cruzeiro existia uma pedra na forma de um naco de ponta de pão. Nela estava escrito “Terra da fraternidade”. Esse homem nos disse alguma coisa como “Eu sou o caminho!”.

Não consegui entender o resto. Aparentávamos estar sem roupas, cobertos de muitas penas e corríamos pelos campos. Apertávamos uma madeira, e dela escorria um líquido vermelho, com o qual nos pintávamos. Então acordei

trêmulo, pois nunca havia sonhado nada igual. Confesso que tive medo, meu comandante. Acho que isto aqui é uma terra assombrada, povoada de mortos que parecem vivos e presentes. Não os vejo, mas os pressinto na rua e em volta de mim. Eles lutam, caem, morrem, levantam-se, gritam e clamam vingança.

Verdadeiramente, achei que estava enlouquecendo. Não vejo a hora de ir embora.

Quer que eu lhe prepare alguma coisa, teremos um dia muito cansativo hoje.

– Grande Cristiofen, não nos afastemos um do outro nem por um momento sequer. Aqui, até as paredes parecem conspirar contra nós. Tenhamos a máxima cautela.

Mande um emissário a Ciro para dizer a ele que está tudo bem e sob controle. Hoje é a coroação de Nanphur. Que ele mande para cá, sem demora, mais cento e vinte homens entre os melhores que tiver.

– Sua ordem já foi exatamente cumprida!

– Mas como?

– Ouvi muito cedo, enquanto dormia, sua voz me dando esse comando. Era tão real que resolvi cumprir de imediato. Os homens já devem ter chegado a Ciro.

– Cristiofen, isto aqui é de enlouquecer!

– Querido irmão, que sonho, hein?

– Meu caro Gávio, as terras do Cruzeiro já faziam parte de um planejamento antiquíssimo. Muito em particular, meu querido irmão, Minas Gerais já existia no mundo espiritual para os nossos irmãos planejadores maiores, sendo preparada para dar o seu recado no momento em que fosse chamada. É como se lá nascesse aqui e, verdadeiramente, se tudo isso continuasse lá!

– Irmão, parece-me que tudo é meticulosamente preparado!

– Ora, Gávio, não existem improvisos para os nossos superiores. A vida se

expressa numa sequência lógica, onde somente os projetos de evolução individualizada e coletivos prevalecem. Somos as pessoas certas, nos lugares certos, debaixo das circunstâncias certas e vivendo aquilo que nos seja certo! Meu irmão, por tudo que estejamos vivendo e venhamos a viver, não nos esqueçamos de agradecer, pois está inserido na métrica exata das nossas necessidades.

– É da lei, não é mesmo?

– Sim, é da lei, caro Gávio!

Os dois amigos saíram em direção ao interior do palácio no intuito de sondar o andamento dos preparativos e averiguar se havia novidades dignas de maior atenção.

O salão principal estava todo enfeitado, decorado com lindas plumagens. Os escravos tomavam as últimas providências para o arranjo da mesa, dando mostras da fartura e de um número muito grande de convidados.

Logo à frente, num lugar de destaque, encontrava-se o trono em que iria reinar Nabucodonosor III, que já estava ali, soberbo, imponente, ricamente preparado para receber os cumprimentos após a cerimônia religiosa. Ali já havia se assentado toda uma geração de reis, uns inteligentes, outros combatentes, outros exploradores. Dali a algumas horas, outro homem iria continuar a história, assumindo o comando daquele povo, possivelmente por mais algumas décadas.

Os bailarinos ensaiavam para a grande festa. Os mágicos movimentavam-se pelo salão. A todo o momento pessoas entravam e saíam do grande salão, procurando torná-lo mais digno da grandiosidade da festa que aconteceria.

Muitas mulheres com escassas vestimentas ensaiavam suas danças, corriam e saltavam pelo salão, contorcendo-se, treinando olhares de sedução, seguidos de gestos carregados de sensualidade. Parecia mesmo que teríamos uma grande festa, digna realmente da coroação de um rei.

– Cristiofen, o que acha de tudo isso?

– Temo que este rei de mentira fique pouco no trono e desperdice tão linda festa. Acho que Ciro irá destroná-lo, contudo, tenho medo de que ele assente naquele trono!

Hoje, Babili é uma cobra venenosa, mas sem cabeça. Contudo eu temo que, quando for colocada sobre ela uma cabeça, comece a pensar e aí venha a nos picar mortalmente. Além disso, não se brinca com a peçonha dessa gente.

Por aqui se vive e se respira maldade e sofrimento. Isto parece uma terra fantasma, sempre aterrorizada por alguma coisa além de nós. Não me sinto sozinho desde que aqui chegamos. Estamos sempre rodeados por uma nuvem de pessoas, umas reclamando, outras gemendo, outras sofrendo, outras exigindo vingança e outras que parecem querer nos tocar daqui. Até mesmo há as que parecem voar em torno dos nossos pescoços, tentando nos estrangular.

Meu comandante, nunca desejei tanto sair de um lugar como desejo sair daqui, e receio que não consigamos fazer isso. O que acha, comandante?

– Você tem razão, Cristiofen. Tudo aqui é muito estranho e assustador. Isto me parece uma cidade repleta de fantasmas, os quais não consigo explicar. Se for o caso, rogarei a Ciro que não me deixe aqui, porque não conseguiria me manter. Acho que enlouqueceria rapidamente.

É verdade o que diz. Existe aqui uma grande serpente pronta a destilar o seu veneno. Preocupa-me que Ciro seja picado por ela. Se isso acontecer, eu não me perdoarei. Tenho vontade de colocar tudo abaixo e transformar este local em uma cidade somente para os fantasmas. Penso que não poderemos fazer isso também. Acredite você que já fui advertido em sonho para não fazê-lo.

Sinto que o tempo passa e precisamos resolver esta questão o quanto antes. As soluções são poucas. Damos ou não damos posse ao novo rei? Se dermos, não teremos como negar a sua autoridade. Isso passará a ser temeroso na medida em que ele começar a manejar a ignorância do povo. Por outro lado, poderemos não permitir a sua posse, mas isso iria sublevar o povo e jogá-lo contra nós. Não sabemos bem qual será o montante das repercussões e das consequências disso.

Neste instante, juntou-se ao grupo Almuz, que era agora o comandante de toda a guarda. Jovial e bem disposto, mas também transparecia suas preocupações.

– Comandante, as manifestações do povo são preocupantes. Assim que se espalhou a notícia da posse do novo rei, as coisas mudaram. Passaram a nos ver como impostores. A maioria diz abertamente que o novo rei saberá banir os persas daqui e tocá-los para suas casas. Outros dizem que, em pouco tempo, Babili voltará a ser a rainha de todo o vale do Eufrates e saberá colocar seus

inimigos no lugar que lhes é devido. Por todo canto, tenho observado, quando passamos, as manifestações de hostilidade a nós. A nosso favor, somente os escravos que possivelmente veem em nós a possibilidade de libertação. Portanto, tenhamos muito cuidado.

Os reforços enviados por Ciro, o nosso rei, já chegaram. Isso causou uma ira maior entre a população, como se fosse uma declaração de guerra e uma dominação ostensiva.

Nossos espiões estão muito preocupados. Eles têm registrado que todos esses boatos são lançados pelo pessoal mandado a serviço de Shalpur, que tem agido sornateiramente, de casa em casa, incitando o povo a uma hostilização aberta aos nossos homens.

Despeço-me de vocês. Tenho de ficar a postos e muito vigilante. Qualquer descuido significará problemas à frente. Encontrar-nos-emos nas cerimônias no templo de Marduk. E partiu a galope!

O povo todo saiu às ruas. O clima ficou quase incontrolável, numa manifestação social intensa. Os persas eram hostilizados e insultados abertamente nas ruas.

Almuz colocou toda a sua guarda na primeira coluna, ao lado da carruagem que conduziria Nanphur para a consagração no templo. Era, estrategicamente, uma maneira de se resguardar. O cortejo iniciou sua marcha na direção do portentoso templo, que se abria na direção das encostas do muro bem próximo à primeira entrada da cidade. À frente, uma liteira toda em madeira, lindamente entalhada, onde estavam esculpidas as imagens de vários leões como um símbolo de poder e de força. De cada uma das extremidades superiores, saíam do entalhe, como se estivessem prontos a avançar sobre quem se aproximasse. Quatro grandes cobras simbolizavam a entronação do divino em sua ligação com o humano, mostrando seu venenoso e mortal poder de sedução, exigindo distância daqueles que se colocassem à sua volta. Ia ela lentamente, toda recoberta por finos tecidos que caíam sobre outros tecidos, movimentados graciosamente aos arremessos do vento indócil, que se fazia presente naquela manhã. As cores eram pobres e sem brilho, carregadas de vermelho em tons e sobretons, que chamavam a atenção muito mais pela falta de novidade do que propriamente pela beleza.

Os escravos, todos muito fortes, seminus e descalços, caminhavam lentamente sobrecarregados pelo peso daquele baú ambulante. Tinham o rosto triste e

compenetrado nas tarefas daquele momento, sabedores de que qualquer descuido poderia lhes custar a vida ou causar a dor decorrente de muitas chibatadas inclementes. Muito maltratados e humilhados, movimentavam-se unicamente pela fé, inspirados ainda no profeta Jeriel, que havia lhes afiançado que todos retornariam à terra natal e se desfariam do jugo ignominioso da escravidão impiedosa.

Já viviam a expectativa da vinda de um provável Messias, que iria lhes entregar uma Israel forte, longe das dominações e também forte no concerto das nações, sem jamais se subjugar no futuro sob qualquer pressão. A todo o instante, alimentavam-se da fé e da esperança de que seriam libertados pelo senhor dos exércitos, que livraria Israel das mãos dos ímpios.

Numa imensa fileira, movimentava-se o garboso Almuz, guardando as laterais do cortejo para que pudesse fluir sem perigos nem imprevistos. Aquilo era tido pelos populares como uma humilhação.

Para os persas, era uma forma de demonstrar a subjugação de Babilônia ao poderio de Ciro. Os soldados, todos garbosos e conscientes de seus papéis como dominadores, não hesitavam em jogar suas montarias sobre o povo, aumentando a demonstração de força e de poder, embora, para todos eles, o rei fosse Ciro. Não viam ali a sagração de um novo rei, aliás, para eles, isso não era possível.

O povo, coitado, prensado entre a cavalaria e os estreitos corredores que conduziam ao templo de Ishtar, que representava uma dualidade reinando entre o amor e a guerra. Por isso era muito querida, na medida em que, no mesmo instante em que conseguia amar, ela punia severamente seus detratores. Por ser tão austera, exigia uma obediência cega e constantes demonstrações de respeito.

Tratava-se de um templo frequentado e abarrotado de oferendas, uma vez que, sendo amor, requisitava provas desse sentimento por parte dos simples mortais e, por reinar sobre a guerra, devia receber parte dos espólios de qualquer batalha, ainda que fosse a vida diária. Uma vez movimentando nos escaninhos das guerras, ela tinha o poder de retirar de qualquer um o amor e o fôlego da vida.

Na verdade, o povo se limitava a olhar os acontecimentos, saboreando cada mínimo movimento, pelo simples fato de quebrarem a monotonia de uma vida apertada e por demais sofrida, produto de massacrante dominação do Estado e de todos aqueles que, investidos de um poder temporal, julgavam-se no direito de

explorar a plebe.

Ali, somente a ambição importava. Construir tesouros, ajuntar valores, possuir tanto coisas quanto pessoas. Tudo era sinal de poder e nobreza. Os cofres internos do palácio eram abarrotados de tesouros e riquezas, patrimônios conquistados, usurpados do povo ou requisitados nos templos, pois era o rei um semideus e, como tal, tinha o poder de administrar as fortunas vertidas no interior dos templos. Viviam numa terrível disputa com os sacerdotes, que também se julgavam no direito de burlar a ordem instituída e surrupiar o máximo das ofertas depositadas nos templos.

– Fraterno Rubens Gávio, a esta época os templos em Babili eram corruptores do Estado. Manejavam os governadores conforme seus interesses, pois era um local que gerava uma altíssima receita sem maiores esforços. Na mesma proporção em que os governadores ficavam sequiosos por ser corrompidos, pois era uma fonte magnânima de riquezas fáceis.

Havia ali um conúbio silencioso entre corruptores e corrompidos, uma verdadeira entronização da desonestidade, um sangramento contínuo do Estado.

– É, querido irmão?

À frente, iam os convidados mais ilustres, bajuladores sempre de plantão, que não faziam nada além de acalantar a vaidade dos soberanos, desviar valores dos tesouros do Estado e sonegar os impostos que lhes eram devido em troca de apoios escusos e bajulações descabidas, formando o imenso cortejo das aparências. Na realidade, todos ali eram movimentados por interesses pessoais. Brigavam entre si por um lugar de destaque na comitiva e, a pé, colocavam as entranhas para fora, já que estavam acostumados ao sedentarismo e à inatividade que a nobreza lhes concedia.

Os pensamentos se fixavam no futuro soberano, arquitetando meios de mais se aproximarem e de conquistarem-lhe a confiança e as benemerências para que continuassem a usufruir das benesses do poder. Em tudo e por tudo, tinham um verdadeiro descompromisso com Babili e seu povo. Pensavam apenas em manter e aumentar suas riquezas pessoais e ficar perto do poder que lhes visitava com

frequência.

À parte, nesse grande cortejo, estavam Tarhif e Cristiofen, montados em lindos cavalos árabes de puro-sangue, armados de espadas, escudos e lanças, como convém aos guerreiros que se prezam. Iam seguindo o grande cortejo, amparados a distância por sete outros guerreiros.

As forças de Babili foram desarticuladas e desmontadas com a prisão domiciliar de Shalpur. O grupamento persa, embora pequeno em relação ao tamanho da conquista, reinava soberano. Aqueles dois companheiros marchavam lado a lado, distantes entre si e também distantes dos acontecimentos que os rodeavam.

Cristiofen mantinha seus pensamentos naquela horda de bajuladores, e pensava de si para consigo: “Como pode uma nação se erguer contaminada por tão grande quantidade de parasitas, que vivem minando-lhe as forças e saqueando suas riquezas?”

Ele se horrorizava ao olhar um a um, já que era bastante nítida neles a alma predadora e sem valores que ali vicejava. Pensava em todos eles indo a julgamento e sendo atirados às prisões como traidores da pátria. Rapidamente, passou-lhe pela cabeça a execução de alguns que ele teria prazer de passar pelo fio afiado de sua espada mortal.

Cristiofen passou as mãos por entre sua barba ainda rala e malformada, prendendo-a por entre os dedos, como se, ao agarrar os fios de cabelo, estivesse segurando aquelas pessoas que, para si, eram seres deploráveis.

Para ele, a lealdade ao Estado e às suas leis não comportava transigências.

Ele passou a mão na munhequeira da espada como se acariciasse uma pessoa muito querida. Verdadeiramente, acontecia uma conversa muda entre um valoroso combatente, inquebrantável em sua moral e destemido em sua coragem, desabafando com sua companheira mais imediata, aquela que se mantinha junto a ele tanto nos momentos do sono reparador como nos instantes de grandes calmarias, que estava presente também nos momentos em que os combates se desenrolavam e os perigos ameaçavam a ambos. Poderia chamá-la de amiga.

– Fraterno Rubens Gávio, os amigos são assim. Estão sempre juntos, aguerridos

nos momentos das grandes procelas e unidos nos instantes dos ventos mansos! A amizade requer a cumplicidade que encurta os espaços e leva os combatentes da vida a se sentir seguros diante da sanha feroz dos desafios que se sucedem no calor das lutas. Ter amigos e ser amigo nos faz mais aguerridos e confiantes pelo simples fato de não permitir que nos sintamos sozinhos nem enfraquecidos diante dos desafios.

Os amigos são os irmãos que a vida reúne, cujo sentimento de fraternidade ocorre de forma expressiva, que torna dispensável a força magnética vigente nos laços sanguíneos. Estes se tornam verdadeiramente dispensáveis, uma vez que as vinculações acontecem pelos laços construídos no tempo, por seguidos exercícios de coragem, sustentados pela honestidade e lealdade que vigoram acima de qualquer outro interesse.

Ser amigo não é um compromisso firmado nas linhas do afeto ou nos deveres de uma proximidade frequente. A amizade se insere em capítulos especiais, nas páginas finíssimas da ética, onde se usam as penas delicadas da cumplicidade e se escrevem com as tintas irremovíveis da parceria.

A palavra amigo, quando escrita nas entranhas do coração, não há borracha que apague, nem tempo que a faça ser esquecida. Os amigos são para sempre!

– Os amigos são para sempre, disso também eu não tenho dúvida!

– Caro Rubens, eles são os irmãos produzidos pela genética da alma. Na realidade, quando se fundem o espermatozoide da lealdade com o óvulo da cumplicidade, gera-se interiormente um ser maravilhoso chamado fraternidade. Fraternidade, eis aí a grande bandeira! Pelos seus laços criamos as almas afins, irmãs. Aliás, querido Gávio, por isso tanto alarde em torno das almas gêmeas. Tornamo-nos gêmeos pela fraternidade, quando esta se manifesta nos laços afetivos, não porque haja uma criação dupla por parte de Deus.

A amizade se inicia primeiro em nós, num doloroso e árduo processo de lealdade e cumplicidade interior. Em si, é quase sempre um processo de gestação lento, longo e demorado, por vezes até conturbado. É quando, muitas vezes, de forma sofrida, vamos pouco a pouco abrindo mão do ideal do ser. Debaixo de lutas e sacrifícios, movimentados por um amplo processo de construção da humildade, poderemos sair vitoriosos, atingindo, assim, o ser ideal.

Passamos, então, a ser fraternos conosco. Por um processo de expansão natural

que se espalhe em todas as direções, modificamos profundamente todo o processo de nossas relações intra e interpessoais. Este é o momento em que deixamos de ser pessoas convencionais, convenientes e das conveniências para experimentar os haustos maravilhosos da espontaneidade. O amigo é sempre espontâneo! A amizade é a essência geratriz da fraternidade.

Veja aquele nosso irmão ali!

– Sim, o que está conduzindo as atividades da noite e também é o dirigente máximo desta instituição?

– Observe-o bem, ele ainda guarda quais traços?

– Nossa! Aquele olhar, esta postura impositiva a falar da honestidade e da necessidade da reforma íntima diária... Será verdade, meu querido irmão?

– Sim, Gávio, Shalpur, sem mais nem menos, em nossa frente! Hoje, passa os dias a pregar a reforma íntima, a anunciar aos quatro cantos a honestidade, a falar do perdão e a pregar a paz. Na verdade, fala para si, fala das suas necessidades, das suas carências e, assim, como um emérito tribuno, ele vai dividindo com outros irmãos suas carências, aproveitando as oportunidades para a quitação coletiva.

– Que beleza, irmão Palminha! Isto aqui, então, é uma maravilha para ele!

– Para todos nós, querido Gávio! Bendita Casa Espírita, bendita Doutrina Espírita! Pavilhões de amor e luz sempre abertos a oportunizar o crescimento a todos aqueles que se valem de suas fontes maravilhosas.

Caríssimo Gávio, Babili ainda se mantém viva!

Marchava Tarhif de forma sisuda e arredia, totalmente alheio aos acontecimentos do momento. Tinha a mente prisioneira de um passado distante que lhe invadia a acústica da alma naqueles instantes. Os gritos se misturavam, ensurdecedores, em sua cabeça. Palavras ininteligíveis e desconexas que pareciam vir com o vento, trazendo-lhe sensação de intenso desconforto.

Queria se livrar daquele vozerio que invadia descontroladamente sua cabeça.

Contudo, quanto mais avançava em direção ao templo e por mais que se esforçasse para não ouvir, o intenso burburinho mental parecia adentrar em sua própria alma, como se ele tivesse enlouquecido. Vez por outra, tinha a sensação de estar inserido em uma grande procissão de mortos-vivos. Sentia-se como amarrado, sendo puxado impiedosamente por aquelas mesmas ruas onde alguns homens sovavam suas costas com finos chicotes, e as pessoas o apedrejavam, batiam-lhe no rosto e cuspiam-lhe no corpo. Ele sentia, naquele instante, um profundo ódio a varrer-lhe o mundo íntimo. Gostaria de avançar sobre tudo e sobre todos. Não queria viver aquilo, mas parecia ser uma força maior, e decididamente não sabia como evitar.

Olhou a liteira e viu Assurbanipal em pessoa, em carne e osso. Lá estava o algoz dos infernos que lhe impusera a pior das mortes que se pode desejar a um homem. Assurbanipal era um homem despótico, centrado em seus próprios interesses e não media a maldade se os objetivos fossem levar vantagem. Esmagava o povo, arruinava as cidades e, por onde passava, apoderava-se de tudo. Vivia cercado por uma corja de bajuladores que, de forma menor e às escondidas, alimentava também seus interesses escusos, pilhando e matando em nome de suas fortunas pessoais e, pior, digladiavam entre si por qualquer ínfima fatia. Viviam de delações, traições e injustiças. Para eles, o povo servia para procriar e gerar soldados para os combates de seus interesses, e filhas para os deleites escusos da sexualidade profana.

Tarhif não sabia ao certo o que acontecia. Não entendia a mecânica dos acontecimentos, mas passou a sentir um ódio mortal por Nanphur, Assurbanipal ou seja lá quem fosse ele. Decididamente, não poderia ajudar aquele homem a se assentar em nenhum trono, sob pena de estar coroando uma víbora. Iria matá-lo! Mas como?

– Cristiofen, Cristiofen!

– Sim, comandante! Sim, comandante, esta passando mal novamente? Está muito pálido, como se tivesse perdido todo o sangue!

– Cristiofen, sinto-me atormentado por vozes, visões. Coisas estranhas estão acontecendo comigo, meu amigo! Eu, sinceramente, não as entendo, só sei que elas não vão me vencer.

– Grande Tarhif, quer que eu o leve para o palácio? Poderemos ficar lá e não

assistirmos a essa encenação aqui. Acho até mais conveniente, senhor!

– Grande amigo, quero que, aconteça o que acontecer, você assuma o comando geral de nossas forças dentro de Babili e abra caminho para a entrada de Ciro. Lute até o último homem, se necessário for. Se estiver em batalha, lute por minha honra e em minha intenção. A cada homem que tombar por sua espada, que um seja seu, mas que o próximo seja sempre meu.

Conhecemo-nos há pouco e em lados adversos, no entanto, parece que já o conheço há muito. Tenho-o como um filho ou, sei lá, como um neto mesmo. Gosto dos homens leais que não se dobram diante das conveniências e tampouco sobre os interesses pessoais. Gosto daqueles que, ao levantarem a espada, nunca o fazem pela guerra ou pela morte, mas pela honra de seu rei e pelo seu povo.

Cristiofen, se alguma coisa acontecer, faça chegar a minha espada à Taiabatha, a minha mulher. Diga a ela que eu morri com honra e pelo meu rei, pelo meu Estado e pelo meu povo.

Diga, também, que sempre foi tudo que eu tive em minha vida, que lutei como cem leões na esperança de tornar a vê-la. Se a vida continuar além da vida, que eu ficarei esperando por ela e viverei para ela e por ela em toda a eternidade. Ah, leve, se possível, a minha capa e diga a ela que é para, nas noites de frio, se aquecer bem e se lembrar sempre de mim. Lembre-a de que não tivemos filhos, mas isso, provavelmente, foi vontade dos deuses, se é que eles existem. Se não existirem, isso não foi por culpa do amor, porque sempre nos amamos muito. Contudo, eu lhe envio um filho e um neto numa mesma pessoa. Cuide dela até o seu derradeiro dia! Faça isso em minha honra!

Eram almas soldadas entre si pela liga do amor comum. Embora Tarhif não tenha permanecido no orbe de origem pela escassez de méritos, Cristiofen, vencendo com distinção os desafios experimentados no curso dos séculos, ainda assim interpôs vários pedidos junto aos seus superiores requerendo autorização para acompanhar seu irmão fraterno nos campos de experiência que se seguiriam, mesmo sabendo do monturo de dificuldades que fatalmente estariam pela frente.

Assim, sabia que teria de trocar uma situação plenificada em progresso tecnológico e já bem avançada em moral e já se consolidando nas linhas de regeneração a passos largos. Estava consciente das lutas e dos sacrifícios que

teria de enfrentar, principalmente os desafios próprios de um plano recém-saído da primitividade, que ainda avançava acanhadamente no rumo das provas e expiações.

Contudo, ele não retrocedeu. Defendeu o seu pedido com flama e ardor, entendendo que aquele amigo dileto necessitava de seu concurso. Depois de várias reuniões com os emissários do mais alto, teve seu pedido deferido, percebendo as dificuldades existentes no caráter do companheiro nas linhas do gládio fratricida e das ambições sem medidas. Atender projetos mais imediatos era o único contraponto capaz de deter a fúria de um combatente voraz.

Cristiofen teve a sua transmigração autorizada com a missão de acompanhar o seu par até o momento da remissão final, zerando-se, assim, também, seus débitos com o sistema de harmonia universal.

Os verdadeiros amigos não se distanciam nunca, jamais se deixam e nunca se perdem. Anelam-se pela sintonia da fraternidade, mantendo-se soldados coletivamente no árduo processo da ascensão individualizada.

As amizades não se detêm diante das barreiras. Não se acovardam perante os desafios e tampouco fogem às lutas comuns. Pelo contrário, as lutas e os sacrifícios fazem com que elas se agreguem ainda mais e se multipliquem numa razão direta aos desafios a ser enfrentados.

O amor é indissolúvel, é incorruptível, jamais trinca, fende ou parte, muito menos se separa ou se afasta. O amor solda os ideais. Só o amor é eterno!

– Grande comandante, nada acontecerá, pois eu estou contigo. Terão de passar sobre mim. Serão dois cadáveres em vez de um. Fique tranquilo, sairemos daqui, custe o que custar! Isso eu lhe prometo!

– Em qualquer momento que pressentir o perigo, ordene que sejam disparadas, por sobre os muros, três flechas de plumas vermelhas. A partir daí, preocupe-se somente em abrir os portões principais. Daí, leve Ciro para o palácio e faça dele o rei dentro de Babili. No dia da sua coroação, dê-lhe um abraço por mim. Ciro é o rei e senhor de Babili! Nenhum outro usurpador vai lhe tirar o trono. Isto eu lhe garanto, ainda que todos estes fantasmas se levantem da morte, de espadas em punho e caiam sobre mim; ainda que todo o passado se torne presente, e que

eu novamente seja esmagado, prensado por entre estas pedras. Ciro será o rei!

Eu não entrei aqui para perder novamente!

– O que diz, senhor?

– Nada não! Nada, Cristiofen, são coisas da minha cabeça, que anda cada vez pior... Agora, cuide de assumir o seu posto de comandante-geral das tropas no interior de Babili e não se esqueça de minhas recomendações.

Capítulo 11

O cortejo estacionou diante do grande templo. Os convidados especiais começaram a entrar no recinto escuro, que transcendia um cheiro nauseabundo, difícil de ser respirado. Lá fora, o povo cercava o templo, saudando euforicamente o novo rei.

Nanphur desceu de sua liteira. Os escravos seguiam à sua frente, estendendo seguidos tapetes de pele, outros de tecido, todos maravilhosos. Ele, garboso, prepotente, encaminhava-se lentamente para o interior do templo com a imponência de quem já se sentia um deus. Não olhava para os lados nem para ninguém. Chamou austeramente seu homem de ordens e perguntou enfaticamente:

– Por que não estão se curvando diante da minha passagem? Diga a todos para se curvarem solenemente durante a minha passagem. Estão diante de Marduk na Terra! A minha divindade exige que assim seja feito, antes que minha ira desça de meu coração e se instale em minha cabeça, aí poderei não poupar ninguém!

O criado, atordoado e tomado de intenso pânico, imediatamente saiu espavorido, gritando para as pessoas que estavam à sua frente:

– Mortais, Marduk está passando e exige que todos se curvem diante dele! Não o olhem! Tenham cuidado com sua ira, tenham cuidado com sua ira!

Imediatamente, as pessoas começaram a se deitar, reverentemente, no chão, saudando sua passagem, sem se atreverem a olhar para sua figura.

Mais à frente, estava Tarhif, de pé, imponente, sem se curvar um milímetro sequer, acariciando acintosamente sua espada, quando Nanphur estacou à sua frente e lhe perguntou com provocação:

– Não se curva diante do rei?

Tarhif não se faz de rogado e respondeu em alto e bom som e mais prepotente ainda:

– Para mim, um persa, somente existe um rei, Ciro, o Grande! Este é o meu rei e o único para quem me curvo. Ciro, o Grande, este é o rei!

Nanphur sentiu-se apunhalado em sua vaidade e incendiado em sua ira. Teve ímpetos de avançar sobre Tarhif, arrancar-lhe as entranhas e tomar-lhe até a última gota de sangue, mas entendeu que aquela não era a hora. Ainda não era o momento para saltar sobre a presa. Além do mais, seus olhos cruzaram com os de Cristiofen, um pouco atrás de seu comandante, e bem sabia que era impossível atravessar dois duros combatentes com um golpe somente. Aproximou-se mais de Tarhif e lhe sussurrou nos ouvidos:

– Cão persa, você não perde por esperar, ainda o arrastarei pelas ruas de Babili sob minhas chibatadas pessoais, e o farei assistir à morte de seu reizinho. Pena que você não terá ninguém para assistir à sua morte. Enterra-lo-ei vivo, sob as pedras, mas antes tirarei a sua pele para que possa ouvir melhor seus gritos.

Cão, você não perde por esperar! Quando eu sair por aquela porta, retire seus homens imundos de Babili e suma, até que eu vá a Takht-e Jamshid¹buscá-lo e todos de sua casa!

Deu uma gargalhada sinistra e continuou sua caminhada à sacristia, um lugar todo entalhado com pedras, onde eram realizados os sacrifícios em situações especiais.

Tarhif ficara perplexo com aquela assertiva sinistra. Tudo o que lhe saíra da boca se encaixava perfeitamente com os delírios que julgava ter tido. Misturava-se, agora, em sua cabeça, os delírios, fantasias e realidades. Pior, ele não sabia o que era um e o que era outro. O certo era que não poderia se intimidar. Era um comandante que já havia tido muitas lutas. A sua vida não lhe pertencia, mas sim ao seu rei e ao seu Estado. Não havia nada a temer, mas a resolver. Sua cabeça disparou em pensamentos. O que fazer? Mandar parar toda aquela cerimônia e dizer que tudo aquilo era uma farsa, e que Ciro era o rei? Isso seria mexer num vespeiro, e poderia gerar consequências funestas e colocar em risco a vida de todos os seus homens.

Deixar as coisas acontecer e convencer Ciro a dizimar Babili, isso poderia, mas, quando isso se desse, poderia ser tarde demais. Encontrariam um exército mais organizado e incentivado por um novo rei, o que causaria perdas irreparáveis nas suas fileiras. Tinha de haver uma solução!

– Ainda hoje matarei Nanphur. O golpe será antes que saia daqui para fora!

Mata-lo-ei aqui, para que ele morra lá fora, ou durante a cerimônia no palácio.

Conferiu detidamente seus punhais e escolheu um que mais parecia uma agulha estreita, era a espessura de sua lâmina. Tirou um diminuto embrulho da aba de sua munhequeira, com se fosse um unguento pastoso, e passou abundantemente em todo o corpo da lâmina. Naquela terrível fórmula, havia um veneno poderoso, feito de cactos raros e leitosos, cuja seiva era mortal. Em no máximo cinco dias, indolor, anesthesiava o local em que penetrava. Era usado sempre no caso de serem presos, na possibilidade de envenenarem a si mesmos ou seus capturadores, ou na iminência de passarem por suplícios insuportáveis ou na necessidade de darem cabo à própria vida pela agonia de um ferimento incapacitante.

Tarhif se sentiu feliz. Havia encontrado a saída para tão terrível impasse. Agora era somente esperar o momento certo e dar o bote mortal. Isso seria durante os cumprimentos formais, após a sagração do novo imperador.

Observou Nanphur passo a passo. De repente, olhou para o lado e viu um homem que não estava com os pés firmes no chão, parecia estar suspenso no ar, olhando fixamente em sua direção, como se quisesse lhe falar algo.

Reconhece-o logo. Era inesquecível! Para seu espanto, era justamente um dos homens presentes em seu sonho, a mesma personagem que se encontrou com Ciro, quando ambos foram advertidos e aconselhados quanto aos passos futuros.

Estremeceu, pois, naquele instante tinha certeza de que não estava dormindo. Estava ali, consciente e bem acordado, vivendo todo aquele complicado momento. Olhou fixamente para o seu sinistro visitante, como que a desafiá-lo e a lhe dizer que ele não tinha medo. Para seu desespero, esbarrou no olhar benevolente de seu visitante que, pelo visto, vinha em missão de paz.

– Tarhif, que Deus seja conosco! Meu irmão, livre-se desse intento de matar o homem que hoje assume o poder em Babilí. Deixe que os projetos superiores se cumpram. Não se preocupe com os acontecimentos futuros.

Filho, o futuro pertence ao futuro. Ele é sempre incerto diante daquilo que você acha ou do que espera que seja.

Neste grande escoadouro do tempo, entregue à vida os encaminhamentos de seu destino e siga confiante. A misericórdia que o trouxe até aqui com imensa sabedoria é a mesma que o continuará conduzindo pelos tempos afora. Não seja você a apressar ou a interferir na normalidade dos acontecimentos! O tempo deságua célere no grande mar da vida, que oferece as condições necessárias para os retornos imprescindíveis e inadiáveis.

Filho, chega de derramamento de sangue, de vinganças doloridas e macabras entre vocês. Essa peleja remonta a épocas milenares. Já é hora de abraçarem a desvinculação necessária. Deixe que a harmonia universal cuide das diferenças entre vocês e não se permita causar ainda mais divergências.

Filho, quando aqui entrou, encostado aos muros dessa cidade, você pôde rememorar todo um passado de dores e sofrimentos que flagelam sua alma desde a mais tenra idade no corpo físico. Ainda hoje entrou em sintonia com sua flagelação nestas mesmas ruas. Agora tem a oportunidade bendita de passar por cima de tudo e seguir o seu caminho.

Veja, Tarhif, a vida lhe concede a oportunidade de perdoar, mas, misericordiosamente, não exige que fique aqui para sofrer o açoitado de seu inimigo, nem tampouco que abrace o seu algoz, porém lhe concede as chaves da sua prisão pessoal, para que conquiste a liberdade, ainda que tardia. Assim, voe livre, rumo aos processos da evolução e do progresso consciente.

Tarhif, embainhe o seu punhal! Lembre-se, meu amigo, que o poder não existe. Ele é apenas um delírio do presente que se evanesce e desaparece como a fumaça por entre as claridades do amanhecer.

Filho, o poder é uma ilusão. Deixe-o a quem dele ainda precisar ou quiser. Deixe-o aos sonâmbulos da vida, aqueles que ainda estão gravitando entre as ilusões e as fantasias. Retome o seu posto e seja um arauto da conciliação, da pacificação e do entendimento sem cicatrizes. Aproveite a oportunidade e lance-se fora desse processo tão encarniçado e mesquinho. Fuja da sedução do poder, contudo siga poderoso.

– O que me pede é demais! Não posso deixar Ciro nas mãos dessas víboras. Essa que aí está é a pior delas. Não posso deixar meu povo ser amanhã vencido, subjugado e oprimido, escravizado sem dó nem piedade. Você me pede muito!

– Tarhif, não se precipite! Toda história segue seu curso normal. Muitas vezes,

não dentro daquilo que achamos o ideal, mas lembre-se que, perante os desígnios de Deus, das estrelas que brilham à noite sobre a sua cabeça ao sol inclemente que o assola na travessia do deserto, ou ao oásis que se oferece anonimamente para matar-lhe a fome e a sede... Filho, tudo está no lugar e no momento certo, para que lhe propicie a experiência mais certa. Nada acontece sem que a vontade superior que exerce sobre nós, pobre indigentes do caminho, a lei de progresso.

Acalme seu coração, pois ainda é hora de Nanphur ou Assurbanipal. Esperemos no tempo e vejamos quais os encaminhamentos ofertados pelos planos mais altos. Vocês vieram até aqui somente para libertar o povo de Israel do jugo de Babilí. Limitem-se a conferir-lhes a tão sonhada liberdade e os escoltem até estarem em segurança para poderem voltar às terras da Palestina. Muitas coisas lindas estão programadas para aquela região, Tarhif. Não percam esta oportunidade!

– O que me pede é demais!

– Filho, não cometa este assassinato, pois a conta lhe será apresentada, mais dia, menos dia. Tenha a certeza de que será exatamente na mesma moeda, e você sofrerá muito, porque nenhum tribunal da misericórdia poderá, então, aceitar seu pedido de reconsideração. A condenação virá de sua própria consciência, por isso não lese as leis naturais, já que elas são imutáveis.

Nanphur Assurbanipal, ou somente Nanphur, ou que seja Assurbanipal, não o prive de governar e viver esta nova experiência. Jamais se arvore em julgador de quem quer que seja. Melhor será desfazer-se da ofensa do que remontar ofensa sobre ofensa.

Tarhif, desde a grande estrela que você contempla embevecido no céu, que guia os viajores ainda que sobre o acicate das tempestades, até os minúsculos grãos da areia fina que lhe entorpecem a respiração nos dias de vendaval, que nada fazem a não ser voar ao sabor dos ventos ou insistentemente se agarrar em suas perneiras, tudo e todos estamos inseridos nos projetos de Deus. Não seja você a querer quebrar essa lógica e essa ordem, sob pena de chamar espontaneamente a si dias de duras reparações.

– O que me pede é demais!

– Tarhif, por mais que o sentimento de ódio esteja presente ainda hoje em sua vida, por mais que as lembranças sovelem sua alma através de recordações

doloridas, lembre-se que o passado já se foi, e não terá utilidade alguma trazer ao presente o que não mais existe. Isso, meu irmão, será somente estender, desnecessariamente, os sofrimentos. Tudo passou, não existe mais. Pode ter a certeza de que cada um responderá por seus atos. Poderão até ficar esquecidos pela história, mas jamais passarão ilesos pelos códigos das leis universais... Não cometa mais erros. Basta! Cumpra o seu papel, exija imediatamente a libertação do povo judeu. Dê, assim, cumprimento ao que aqui veio fazer. Partam e assumam de alma o compromisso com o crescimento do povo persa, deixando ao tempo a reconstrução e o encaminhamento das coisas. Muitas vezes, meu irmão, o vento sopra inclemente pelo deserto, muda de lado e altera a direção, entretanto, o viajor destemido e prudente sabe ouvir a sua voz para decidir quando avançar e quando aguardar melhor tempo. Filho, saiba ouvir essa voz que, neste momento, o convida a recuar em seus intentos. Seja destemido, mas não permita que a intrepidez o leve a cometer atos insensatos, que poderão lhe custar uma reparação dolorosa a qualquer instante, mais dia, menos dia; mais século, menos século; mais milênio, menos milênio. Esteja certo, meu filho, de que nada passa despercebido perante a lei de Deus.

– Tirarei o povo de Israel daqui, isso eu lhe posso prometer. Quanto ao restante, o que me pede é demais!

– Meu filho, vocês assumiram o compromisso redentor de trabalhar pela liberdade durante dois mil e quinhentos anos, como forma de quitar pacificamente as faltas cometidas no ontem, mas se concentraram nas linhas da opressão e da dominação sem medida. Lutem por um grande futuro, quem sabe para terem a liberdade de retornar ou não para o plano de origem.

Lembre-se que vocês se encontram em processo de reclusão no orbe terrestre. Não é conveniente aumentar os compromissos, o que pode ser um complicador para a alforria de todos os onze comparsas. Vocês caíram juntos e terão de se reerguer em conjunto, por isso não convém se embrenharem em novos crimes. Pense muito bem nisso!

– Querido Gávio, estes são os instantes de decisão. Nunca estamos sós. Sempre estamos envoltos por uma nuvem de amigos e orientadores nos dois planos da vida. Pena que muitos não lhes dão a devida atenção. A misericórdia nos carrega nos braços em todos os instantes delicados de nossa vida. Na realidade, não

temos como pretextar ignorância ou reclamarmos de desvalimento.

Ali estava Tarhif em plena solenidade, dialogando com o invisível, como se estivessem numa operação mental normal. Ele entendia perfeitamente do que falava o emissário da luz, mas mantinha-se frio como uma serpente a se arrastar para sua presa, olhando-a com os olhos gélidos e indiferentes aos acontecimentos ao seu redor. Diante do altar, o sacerdote desdobrava-se para movimentar a admiração de todos e para transmitir o momento divino da sagração daquele que seria Nabucodonosor III.

O ambiente era bem escuro, privado de claridade e exercitava os olhos mais observadores, pois uma densa cortina de fumaça ia sendo dispersada pelos incensários, cujos aromas se misturavam e davam ao ambiente um cheiro embriagador.

Duas mulheres seminuas se agarravam agora à grande imagem da deusa Ishtar. Esfregavam-se a ela como uma dança muito sensual. Ao fundo, dois tambores pequenos marcavam o compasso daquele ato, acelerando ou retardando seu ritmo. Elas, de repente, desgarraram da imagem e começaram a se comportar como possuídas por alguma coisa que as fazia diferentes. Cabelos longos e negros eram atirados freneticamente para frente e para trás, no mesmo ritmo do corpo, que parecia se desconjuntar. As batidas foram aumentando consideravelmente, surgindo no cenário dois homens eunucos seminus, que passaram a efetuar o mesmo bailado junto à imagem da deusa. Desgarraram-se dela e se aproximaram das duas mulheres. Um assobio fino, de tempos em tempos, invadia o ambiente, até que alguns homens, puxando um enorme boi negro, adentraram, arrastando o animal já quase enfurecido. Os quatro dançarinos foram, então, fazendo coreografias à sua volta e soltando gritos estentóreos.

O sacerdote vestia uma grande capa que lhe cobria todo o corpo e outra menor que lhe caía sobre os ombros com desenhos rudimentares de aves e cobras. Possuía também um chapéu alto, quase triangular, onde se via desenhada a face de um felino com suas presas à mostra. Carregava consigo uma espécie de cetro que, costumeiramente, segurava com uma das mãos, batendo na outra, ou em alguma coisa ao seu lado.

O boi foi subjugado sob uma imensa pedra que ali havia e rapidamente manietado. O sacerdote recebeu de um de seus auxiliares uma grande adaga e

um punhal. Lentamente, foi enfiando na região peitoral do animal, que esperneou, rugiu, tentou reagir, mas o sangue começou a jorrar em abundância, trazendo o seu imediato enfraquecimento.

Aquele sangue foi recolhido em tigelas pelas pontas da grande pedra e imediatamente servido a todos os que oficiavam a cerimônia. As mulheres e os eunucos, numa agitação enlouquecida, recolhiam avidamente o sangue, tomavam-lhe, bem como lambiam toda a pedra, lambuzando-se naquele repasto sanguinolento.

O sacerdote, agora sob o som de cítaras, abriu o peito do pobre animal, retirou-lhe o coração e disse:

– Nabucodonosor, Ishtar o faz rei sobre todos desta terra e lhe confere, pelo seu coração, os poderes divinos! Confere-lhe a divindade e lhe dá o poder sobre tudo e sobre todos. Torna-o, a partir deste momento, imortal, atribuindo-lhe o poder sobre a vida e a morte. Diante, acima e abaixo de você não existe nenhum outro rei! Se alguém se interpuser em seu caminho, ela o abaterá e o fará senhor da paz. Também lhe confere os direitos de guerra. Que nenhum dos inimigos de Babili possa ficar de pé! Em nome de Ishtar eu o consagro rei!

Nanphur recebeu do sacerdote o coração e levantou-o num gesto de triunfo. Sacou de sua espada e, num golpe magistral, dividiu-o ao meio. Solenemente, colocou as duas metades aos pés da imagem de Ishtar.

No mesmo instante, o sacerdote jogou sobre a pira uma quantidade enorme de folhas umedecidas previamente com um líquido vaporoso especial. Imediatamente, o ambiente se contaminou com uma fumaça branca que foi subindo até o teto e saindo por uma grande quantidade de frestas superiores. Isso era o aviso que a grande massa esperava. Lá fora, então, ouviu-se um grande burburinho, e a multidão que lá se aglomerava explodiu numa imensa algazarra, dando vivas de todas as formas.

Naquele instante, toda Babili passava a saber que um novo rei fora sagrado, e que o trono não estava mais vazio. A euforia ganhou as ruas e os becos. Imediatamente, uma bebida feita de trigo de largo teor alcoólico passou a ser consumida abundantemente.

No interior do templo, os sacerdotes agora formaram a fila dos cumprimentos ao grande rei. Os selecionadíssimos convidados foram, um a um, aproximando-se e

recebendo um aceno de seu novo rei para, em seguida, curvarem-se até o chão e, após, retirarem-se.

Tarhif se aproximou, orgulhoso como sempre, em sua vestimenta guerreira, cujos adereços davam a entender sua posição elevada. Atrás, Cristiofen, que fazia questão de demonstrar que seu comandante não estava sozinho.

Tarhif, então, quebrou o protocolo, estendendo os braços sinalizando a disposição de abraçar o novo rei. Este, muito a contragosto, estendeu-lhe acanhadamente seus braços, demonstrando total má vontade em retribuir o cumprimento recebido, mas ainda assim o respondeu.

Nesse instante, o general persa, com a mesma sutileza de um gato que esconde as unhas, deu mostras de suas garras afiadas. Com a ponta de dois dedos, retirou da punhaleira uma lâmina finíssima, que mais parecia um chuço e, num golpe cruzado, enfiou-a por inteiro na região do baixo ventre de Nanphur, que sentiu somente como se fosse uma agulhada ou a picada de um inseto qualquer. Com a mesma habilidade com que enfiou, ele também retirou sua arma. Numa fração de segundo, novamente a recolheu por entre a punhaleira, guardando-a silenciosamente de forma que nem mesmo Nanphur, que estava preocupado em olhar mais para o ambiente do que para o comandante de Ciro, percebeu a audaciosa manobra, uma conduta típica dos mais habilidosos felinos. Nem uma gota de sangue. Quase indolor, mas uma estocada voraz e mortal. Assim, o intestino daquele pobre mortal estava irreversivelmente comprometido. Teve início, então, um severo comprometimento interno, começando uma terrível e galopante infecção.

Tarhif disse aos ouvidos de Nanphur:

– Ciro é o rei!

– Nanphur é o rei!

– É bom que fique bem claro. Não existe outro, somente Ciro é o rei!

– Não seja tão prepotente, pois precisará ser humilde no dia de sua morte. Busca-lo-ei onde você estiver e o trarei para Babili. Você se curvará diante de mim e saberá que eu sou o rei!

– Nanphur, você já é defunto! Em pouco tempo, estarei escoltando seu corpo

para a realização de suas exéquias, aliás, que nem serão muito concorridas. Serás um rei que nunca foi rei. Nanphur, você já é um morto-vivo! Você jamais reinará sobre Babili, nem sobre ninguém!

Terminou aquela conversa ao pé do ouvido com um amplo sorriso, de forma que todos os que ali estavam tivessem a certeza de que a paz reinava entre o novo rei e Ciro, já que seu emissário estava tão cortês e solícito naquela ocasião.

Ninguém percebeu nada, tampouco fora ouvida a conversa macabra entre aqueles dois corações. Entretanto, o tempo anotaria aqueles acontecimentos e exigiria reparações em momento oportuno.

– Rubens Gávio, Tarhif colocara sobre seus ombros um pesado fardo, passando o dever de um rei para Babili! Passou a ser devedor de um trono para Nanphur. Ninguém burla as oportunidades concedidas pelos planejamentos superiores sem que se lhe exija reparação. Mais do que isso, tornou-se devedor diante da própria consciência, pois, em nome da liberdade, julgou-se no direito de tolher a liberdade da própria liberdade.

Além disso, caro Gávio, perdeu também as prerrogativas quanto à presença instrutiva dos amigos superiores nas horas dos testemunhos futuros.

É, querido irmão, estes são os cálices amargos que buscamos com as próprias mãos!

Cristiofen se aproximou do novo rei e lhe transmitiu de longe os cumprimentos. Ele não conseguia entender como Tarhif pôde ter abraçado um ser tão asqueroso e nojento como aquele. Não o olhou sequer nos olhos, não o tocou e tampouco lhe dirigiu a palavra. Mudo chegou e mudo passou, não lhe oferecendo nem mesmo uma leve reverência, ao que o novo rei lhe respondeu com uma gargalhada de zombaria.

– Cristiofen, mande disparar as flechas na direção de nosso acampamento e providencie para que os portões sejam abertos para Ciro. Em pouco tempo, teremos o domínio total de Babili em toda a sua extensão.

– Como ordena será feito, meu comandante!

Aquele jovem saiu apressado e feliz. Era tudo o que queria e desejava. Esperava, em poucas horas, estar combatendo dentro de Babilí e sujigando aquele porco imundo, impondo a ele a força de sua mão. Ele queria ser o primeiro a lhe atravessar o peito com sua própria espada, para que ele engolisse aquela afronta da última hora. Não sabia ele que os desdobramentos futuros não iriam requerer o uso da força, pois tudo seria uma questão de tempo.

Passado um pouco mais de um quarto de hora, a cerimônia se encerrava. Todos tinham os pensamentos fixos na grande festa palaciana, onde o rei iria assentar oficialmente em seu trono. De repente, o rei se sentiu mal. Começou a suar frio e sentir as pernas se enfraquecendo momento a momento. Fez o possível para disfarçar, tentou de todas as formas se manter de pé, até o instante em que, não aquecendo mais, chamou seu ajudante de cerimônia e, este, o sacerdote. Foi colocado em sua liteira com ordens de ser conduzido imediatamente para o palácio.

Tarhif acompanhava tudo de perto. Retirou sua guarda e a fez carregar a liteira do moribundo com a maior rapidez.

Nenhum dos presentes entendia nada do que estava acontecendo. Pelas ruas, o povo, desapontado, passava da euforia ao estado de consternação geral, incrédulos diante dos acontecimentos. Buscavam saber ao certo a verdade que, na realidade, era dissimulada. Pensavam ser uma indisposição súbita, dada ao abafamento no interior do templo.

1 Cidade dos persas, originário do grego parseh + polis. O nome original, aparentemente, era apenas Parseh, mas atualmente o local é mais conhecido como Takht-e Jamshid, que significa “Trono de Jamshid”.1 Cidade dos Pérsas, originário do grego parseh + polis. O nome original, aparentemente, era apenas Parseh, mas atualmente o local é mais conhecido como Takht-e Jamshid, que significa TronodeJamshid.

Capítulo 12

Chegando ao palácio, Nanphur queria de todas as maneiras se colocar de pé, ainda que cambaleante e fraco. Queria que a festa fosse dada, queria acenar ao povo, dizer que tudo estava bem e que era uma simples indisposição. Enquanto isso, a infecção consumia-lhe as últimas forças, fazendo-o suar às bicas, dada à febre inclemente que teimava em lhe arrasar a resistência.

Os esculápios foram chamados imediatamente. Iniciaram-se as longas sessões de pajelança, uma vez que os conhecimentos ainda eram bastante acanhados. Despiram o rei desacordado. Qual não foi o susto! Um pequeno olhinho de sangue na região do intestino que, explorado, mostrava-se como uma perfuração recente.

Um esculápio passou o dedo no local e cheirou.

– Veneno com anestésico! Isto é mortal! O rei foi assassinado! O rei foi assassinado! O rei foi assassinado!

Nanphur mantinha-se em febre altíssima. Inconsciente, fora rodeado por alguns pares mais próximos.

Os companheiros das festas já haviam se retirado, temerosos por acontecimentos que ainda estavam por vir. Qualquer um poderia ser incriminado pelo assassinato do rei. Movidos pelo medo, pela covardia e pela falta de interesse, todos preferiram sair, permanecendo ali apenas os empregados e escravos palacianos. Até o sacerdote não se preocupou em recorrer aos deuses naquela hora e, movido pelo medo, também dera pressa em se retirar, com receio de que fosse colocado sob suspeita por ter oficiado a cerimônia.

Nanphur vivia, naqueles momentos, a falta dos amigos. Materializava-se ali a realidade de todos os que passam pela vida sempre preocupados com as posses, fazendo-se cativos das ambições que constroem. Preocupando-se com as fortunas, mergulhavam em poderes temporais e passageiros. Comumente, vivem a solidão avassaladora sem a cumplicidade dos amigos. Têm mais e muito mais, mas não percebem o real valor da amizade sincera.

Nanphur não tinha amigos. Tinha companheiros do poder, colegas das ambições, aliados das falcatruas contumazes. Esses são fugidios e passageiros. São como as canas do deserto ao sabor do vento. Balançam sempre para a direção do vento que lhes recolhe, atendendo somente aos imperativos das conveniências. Não se dão, porque somente pedem; não se oferecem, porque somente querem; e não compartilham porque só veem à sua frente os próprios interesses e necessidades. São pálidos na lealdade, econômicos no gostar e precários diante da ética da convivência. São como as sementes estéreis que, uma vez plantadas em campo bom, não conseguem germinar, tampouco dar flores e muito menos ofertar frutos, pois não saem de dentro de si mesmos.

As pessoas desapareceram das ruas. Aquilo não lhes dizia respeito, pois Nanphur nunca gostara de povo. Ele sempre gostou unicamente de poder e riquezas. Esses, em geral, não possuem amigos.

– Ora, Gávio, como é triste a solidão daqueles que não possuem amigos!

O amigo não foge, não abandona nem tampouco se distancia. Por não reconhecer horas difíceis, simplesmente vê horas de compartilhar experiências. A amizade traz o entendimento e movimenta a paciência. Quanto mais difíceis forem as lutas, mais ela se faz intensa, porque está inserida na proposta do compartilhar sem limites. O ser amigo movimenta em si o ser fraterno, na medida em que abre mão de si mesmo em razão do outro.

Rubens Gávio, a fraternidade é o sentimento das quatro operações. Soma em função do bem comum; subtrai as diferenças, zerando os restos; multiplica esforços no sentido da realização recíproca e divide entre todos as alegrias. A amizade fraterna é simbolizada pelo triângulo, por ter lados iguais: trabalho, lealdade e união. Unidas por ângulos simetricamente iguais, a fé, a esperança e a caridade tornam-se imbatíveis, soldam corações para funcionar como uma grande incubadora, numa perfeita geratriz do amor. A amizade, quando presente nas relações humanas, gera forças imponderáveis, por isso imensuráveis, capazes de movimentar montanhas. Fraternidade, bendita flâmula a triunfar sobre os corações humanos no grande despertar das consciências rumo aos páramos da evolução infinita.

Se o amor é o sol das almas, a amizade é a fonte emanadora, e a fraternidade são

os raios que fazem espargir sua luz transformadora!

– Sim, querido irmão, bem vejo que a conquista da amizade deve ser o nosso esforço diário. A amizade deve iniciar em nós mesmos, tendo como ponto de partida o comprometimento de sermos nossos próprios parceiros, aumentando em nós os níveis de participação afetiva, deflagrando, com isso, um amplo processo de admiração e camaradagem pessoal. Assim, na medida em que vamos nos elegendo como os nossos maiores amigos, passamos imediatamente a ter um comportamento ético pessoal, que privilegia em tudo o intrarrespeito, pois só assim chegaremos ao ápice de nossas inter-relações.

– Caro Gávio, estas reflexões nos fazem muito bem. As vibrações da amizade nascem em nós mesmos, porque somente assim poderemos nos plenificar no processo da fraternidade. A amizade, como força dinâmica, movimenta-se em várias direções e, muitas vezes, de forma independente.

Fraternidade é amizade. Quando ser amigo deixa de ser um esforço para se tornar um comportamento natural, é a amizade que se universaliza como um intrassentimento normalmente emanado que, de tão forte e seguro, amplia sua área de ação, atingindo indistintamente, por antecipação, sem interesse de retribuição e reconhecimento, todos os envolvidos.

O ser amigo é amigo de um ou de alguns. Entretanto, Rubens Gávio, o ser fraterno é o “ser amigo” que deixa de ser uma entidade receptora, tornando-se uma individualidade emanadora de amizade, irradiando sua luz em todas as direções, independentemente das possibilidades, pessoas, coisas ou circunstâncias.

O ser fraterno não contabiliza reciprocidade, na medida em que simplesmente fraterniza.

Por isso a fraternidade é a incubadora mais próxima do amor! O “ser fraterno” confraterniza num entrelaçamento profundo, ao passo que, na conquista do amor, ele simplesmente ama independentemente de qualquer situação.

O amor exclusivamente ama, independe dos sentimentos que se encontram ou se manifestam à sua volta. Por isso, os acontecimentos das grandes lutas do ser, deflagradas por si mesmo nos árduos embates dos processos das conquistas interiores, os leva a avançar, mesmo diante dos conflitos sacrificiais. Este será o único meio de atingirmos o universal e, assim, nos reintegrarmos ao todo divino.

Até que no amanhã, por meio das conquistas empreendidas nos milênios, a vida nos enseje o tempo e o momento certos para parafrasearmos o Divino Mestre Jesus em sua frase maior, aquela que marca o instante de sua conquista, o momento da glória universal: “Eu e o Pai somos um”.¹

Segundo a nossa visão, no acanhado campo evolutivo em que humildemente nos encontramos, enfeixados ainda em nossas percepções bastante simplórias, permitimo-nos entender que este seja o marco maior da glória universal. Da mesma forma entendemos que o caminho mais curto para este ápice do ser como criatura universal é pelos atalhos permitidos em torno do trabalho diuturno e incansável.

Num determinado momento, trabalhamos movimentados unicamente pela euforia despertadora. Atingimos o trabalho-responsabilidade, avançamos para o trabalho-amizade. Assim, em outro instante, trabalhamos potencializados pela fraternidade até atingirmos de todo a mecânica redentora do trabalho-amor.

Aí, sim, meu caro Gávio, entenderemos a profundidade das reflexões do amável Mestre Jesus em um dos seus momentos mais profundos, a nos transmitir suas mensagens de luzes renovadoras: “O meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também”.²

A amizade é a afetividade quando esta consegue se desfazer do egoísmo. A fraternidade é a amizade quando conseguimos aprofundar os laços éticos emanados da solidariedade. O amor é a fraternidade espargida em feixes luminosos. Deus, Cristo e Caridade, quando passamos a operar sem barreiras, fraternizando indistintamente, simplesmente amando.

– Bendita fraternidade, querido Palminha!

Enquanto no do castelo principal de Babilí o novo rei, ou aquele que queria ser coroado, agoniza, misturando momentos de consciência e de inconsciência, do lado de fora, Ciro recebe a mensagem das flechas vermelhas como um sinal de guerra e de perigo iminente. De imediato, sem desespero, com a calma que lhe era peculiar e com o mesmo sorriso dos momentos de folguedo, ele ordena que novamente sejam abertos os canais de água que serviam a cidade, com a franca intenção de exterminá-la, jogando-a ao chão.

Essa ação foi sentida em Babilí. Das paredes e do solo, imediatamente, passou a minar água. Era tanta que o desespero tomou conta dos moradores, que saíram às ruas atônitos, medrosos, clamando pelo deus que conheciam, enquanto os escravos judeus se reuniam a cada esquina para louvar o castigo dos céus. Era o retorno do senhor dos exércitos que, provavelmente, iria a qualquer momento entrar no interior de Babilí para libertar o povo de Deus.

Os jardins suspensos do palácio central eram, naquele momento, dignos de dó, pois babavam água. Duas colunas já ameaçavam ruir, enquanto uma grande rachadura em uma das pontas marcava definitivamente a decadência daquela cidade que outrora fora a grande capital da Mesopotâmia. O interior do castelo minava água a ponto de o moribundo ter de ser removido de cômodo, gerando intenso pânico entre todos no interior do palácio.

Tarhif sabia que Ciro estava em ação. As estratégias de seu rei não eram para ser discutidas, mas vistas como as melhores para o momento. Impassível, ele acompanhava a agonia do enfermo, olhando-o detidamente sobre a cama, como a fera que espreita a presa, temendo que ela possa esboçar alguma reação no caso de melhora. Ouviu-lhe os lamentos soturnos.

– Tenho de tomar posse. Levem-me ao salão de festas, pois meus convidados estão chegando. Será uma noite especial!

Ai, ai, ai! Tirem estes monstros daqui, eles querem me matar!

Monstros dos infernos, vocês estão mortos. Eu, pessoalmente, sepultei-os por entre as pedras dos muros de Babilí. Vocês ainda teimam em voltar à vida? Eu os arrastarei novamente pelas ruas da cidade e outra vez vou sepultá-los, seus miseráveis!

Água, água! Deem-me água! Eu quero água!

Eu sou rei. Reinarei sobre Babilí e sobre todo o povo! Tirem estas águias negras daqui de dentro!

Tarhif mantinha-se frio, observando a cena, impassível, a esperar apenas o momento de sua morte para mandar o aviso a Ciro. Aquilo era uma questão de tempo.

Os esculápios se revezavam à beira do leito, tentando com banhos de imersão,

unguentos e sangue de animais reverter o quadro que se delineava avançando momento a momento.

Cristiofen mantinha a tropa coesa, patrulhando incessantemente a cidade e reprimindo, com violência, qualquer tipo de manifestação oportunista, ou que pudesse levar perigo à sua tropa. Enquanto Almuz, em meio a um imenso lamaçal, montava severa guarda ao redor do palácio principal, impedindo a entrada de quem quer que fosse que não tivesse a ordem de Tarhif.

Ciro saiu a cavalgar solitariamente, como gostava de fazer. Sabia que os portões de Babili estavam abertos, mas hesitava em colocar seus homens lá dentro, como se, no fundo mesmo, quisesse destruir a cidade. De repente, viu a seu lado outro cavaleiro, cujo cavalo não fazia barulho nem pisava o chão.

– Ciro, não continue a destruir Babili, pois ela ainda tem um papel muito importante a cumprir no grande concerto das comunidades. Foi programada como um profícuo reformatório de almas e ainda tem uma importante missão a realizar até que o tempo naturalmente se extinga. Por isso, pare imediatamente com essa inundação desnecessária. A cidade não tem como lhe oferecer resistência. Chega de desmandos. O rei, catalogado na ordem dos planejamentos maiores, foi abortado por ordem e conta de seu comandante e já é somente um farrapo agonizante. As portas estão abertas para a sua entrada e a de seus homens. O que tem feito, infelizmente, já comprometeu toda a estrutura, acelerando sua decadência e ruína. Ciro, antes do previsto, ela será somente rastros apagados de uma lembrança.

Na verdade, você já se comprometeu desnecessariamente executando ações que não estavam nas programações meticulosamente acordadas. Lembre-se que você não construiu nada. As mãos que edificaram Babili o fizeram com muito amor, cumprindo fielmente os códigos divinos, atendendo a objetivos futuros. Você não tinha o menor direito de destruir nada.

Ciro, não piore ainda mais sua situação! Dias virão em que lhe será exigida a construção de uma nova Babili. Maior, mais linda e fielmente dentro dos planos do Senhor do Mundo, pois muito bem sabe que ninguém destrói nada sem que a lei lhe exija a devida reparação.

Assim, meu irmão, o Cordeiro de Deus chamá-lo-á a novas responsabilidades. Antes que a ampulheta do tempo marque dois mil e quinhentos anos, caberá a

você devolver ao mundo o que hoje está lhe privando. Aí os tempos poderão ser bem mais difíceis, com questões ainda mais severas, pois poderão ser tempos de grandes colheitas.

Ciro, a partir de hoje você leva consigo essa nódoa de ter matado o sonho de alguém que verdadeiramente criou as estruturas de uma cidade que ainda estava muito viva.

Ciro, tenha a certeza de que a vida lhe exigirá a devida reparação: uma nova Babili! Limite-se aos objetivos a que foi chamado. Entre em Babili e use a autoridade que o Senhor lhe concedeu, e cumpra o seu papel. Da mesma forma que Ele concedeu, também pode retirá-la num instante.

O poder, meu irmão, é uma emanção de propriedade do Senhor do Mundo, que você poderá apenas interpretar, mas em você ele não existe, sendo apenas um sonho passageiro. Por isso, cumpra imediatamente o seu dever. Entre lá e confira liberdade ao povo judeu. Faça sua escolta até que eles estejam plenamente a salvo. Despeça-se deles, retorne à Pérsia e embainhe definitivamente sua espada, pois ela já terá cumprido os objetivos a que foi chamado. Pena que tenha sido com extravagâncias e exageros totalmente desnecessários. Entretanto, também estamos felizes com sua determinação em torno de seu plantio, lançando sementes imorredouras em torno dos primeiros rudimentos da democracia. Estamos alegres por ver sua vocação confirmada em torno dos ideais de liberdade.

Dê sequência aos objetivos que ainda tem a cumprir e não se esqueça de não tocar em um só dedal dos tesouros de Babili. Ciro, não coloque sobre seus ombros mais este pesadelo!

Meu irmão, a vida é uma experiência passageira, onde temos o nosso papel a desempenhar com vistas ao processo natural da evolução coletiva, bem como nos embates pessoais, nas lutas redentoras diante dos compromissos assumidos perante os desvios cometidos ontem.

O excelso Senhor do Mundo nos concede as experiências e nos aninha em sua misericórdia. Cabe-nos, portanto, cumprir a nossa parte, desincumbindo-nos, assim, de compromissos. Precisamos ter muito cuidado com nossas decisões e ações, evitando que, sob a desculpa de estarmos cumprindo o nosso papel, julguemo-nos no direito de avançar sobre linhas importantíssimas da vida, nas

quais não nos cabe intrometer nem interromper, assim como levantar novas e desnecessárias responsabilidades.

Meu irmão muito querido, a vida é uma experiência bendita, concedida pelo Meigo Senhor com o objetivo de nos ensinar o almejado reposicionamento perante a lei de progresso. Ela é formada por um rio imenso de corredeiras, que são oportunidades, e cuja travessia exige de todos muita responsabilidade. Ciro, a vida é um ato responsável!

Nesse instante, o cavaleiro foi pouco a pouco se desfazendo, deixando a cabeça de Ciro em redemoinho total. O que pensar? O que dizer? Qual o melhor caminho a tomar?

De repente, aquele cavaleiro de fumaça começou a se formar novamente à sua frente, o que o apavorou ainda mais. Ele tentou forçar sua montaria a um novo galope, mas ela lhe fugiu ao comando. Colocou a mão a bainha mas não conseguiu tocá-la, pois estava com as mãos enrijecidas. Só lhe restou, então, aguardar o visitante para possivelmente uma nova conversa.

– Ciro, ainda oportunamente, não se esqueça que, ao entrar em Babilí, deve lembrar-se de que seu único compromisso será o de libertar o povo judeu. Não toque em nada, pois nada lá lhe pertence. São tesouros acumulados em séculos e séculos de exacerbada ganância, impregnados de dor, de muito sofrimento e carregando muita maldade.

Lembre-se que já tivemos desastros demais e desnecessários. O seu amigo matou o rei, e você matou a cidade. Ambos já agonizam. O primeiro, por mais alguns dias, e a segunda tornar-se-á apenas ruínas no curso dos séculos. Assim, não seria conveniente que você contaminasse toda a Mesopotâmia nem levasse para a Pérsia esses arcabouços de peste e destruição.

Lembre-se, ainda, que não deve tocar em uma mulher sequer, seja ela filha de Babilí ou do povo judeu, nem tampouco faça escravos, muito menos submeta qualquer mulher aos seus caprichos. Não permita que os seus também cometam tais desvios.

Bem sabemos que isso será muito difícil, já que nesses itens se concentra o cerne de suas pavorosas quedas. Amigo, já complicou demais as coisas simples e já se desviou bastante dos objetivos iniciais, por isso faça tudo para passar imune diante dessas questões.

Vamos, então, recapitular os itens importantíssimos nos aspectos da evolução individualizada!

Meu amigo, tenha sempre muita atenção todas as vezes que a vida colocar em seu caminho as riquezas, o poder e a beleza, para que as primeiras não se transformem em instrumento de usura e dominação; o poder em instrumento de subjugação, de apropriação da liberdade do próximo; e a beleza não o submeta ao altar da vaidade e do desejo desregrado, que matam a afetividade, submetendo-a ao envenenamento lento dos gozos passageiros.

Esses pontos, Ciro, devem sempre merecer de você e de todos nós atenção redobrada, sob a pena de continuarmos reciclando indefinidamente pesadelos atrozes!

Ciro, tenha muito cuidado, pois essas questões são responsáveis por sua e uma multidão de terríveis quedas!

Pouco a pouco, novamente, o ilustre visitante foi desaparecendo aos olhos de Ciro que, impassível, assistia a tudo sem esboçar a mínima reação. Não fazia parte daquela alma medos nem sustos. Sabia manter a frieza em qualquer situação. Emoções, somente diante dos melhores amigos de folgedos e de suas importantes conquistas. Ele tinha agora outras obrigações.

Imediatamente, decidiu entrar em Babilí pelo outro lado. Queria demonstrar sua força, além de demonstrar a benignidade para com os vencidos. Reuniu seu exército e foi, pouco a pouco, percorrendo pequenos povoados, numa ação estratégica, sendo ovacionado durante sua passagem.

Em poucas horas, o avanço de Ciro já era amplamente comentado nas ruas principais de Babilí. O povo, de memória curta, que há três dias ovacionava o futuro rei, atribuindo-lhe poderes divinos, rapidamente o esquecera. Agora, atribuíam a outro o lugar de grande rei dos babilônios. Somente os escravos judeus o olhavam com alguma desconfiança. Tinham medo de que a situação de cativo pudesse ser agravada, ou que eles pudessem ser levados para mais distante, como despojos de guerra, ou ainda que pudessem ser vendidos a mercadores implacáveis e sedentos de novas mercadorias. Momento de medo e muita insegurança para todos.

As jovens eram escondidas em local seguro, pois sempre eram as mercadorias mais disputadas por ali. Os homens eram sedentos de novas escravas, e os reis e

sultões viviam espalhados naquelas vastas regiões. Pagavam elevadíssimas somas por essas mercadorias. Sempre havia uma grande disputa sobre os despojos de guerra e eles se apresentavam dispostos a pagar bom preço pelas mulheres mais jovens e atraentes.

A importância social dos haréns era medida pelo número de mulheres, pela quantidade de jovens e virgens e pela beleza delas. Elas eram submetidas a todo tipo de exploração e violadas em seu sagrado direito de criaturas humanas. Vivenciavam todos os tipos de tortura, sob a ganga dos desejos torpes. Muitas eram feridas mortalmente em sua honra, sendo-lhes negado o direito de escolha e de felicidade.

Víboras peçonhentas, foram subjugados ao degredo em razão do mau uso do quantum afetivo, por menoscabar os sentimentos alheios, interferindo nos processos da felicidade individual. Mantinham-se no novo cenário das experiências a levar consigo a mesma ganga de torpezas e leviandades. A essa época, tudo indicava que ainda caminhariam na mesma direção durante muitos séculos à frente, até que os mecanismos da lei de justiça pudessem alcançá-los com severidade, exigindo-lhes doridas reparações.

Muitos viveram terríveis experiências expiatórias nos processos árduos das vidas sucessivas sem apresentarem nenhuma disposição de recompor a caminhada, até serem alcançados pela escravidão e subjugação do branco sobre índio nas terras das Américas, em sublimes oportunidades vertidas no novo mundo.

Foram experiências terríveis, em que os sentimentos e todo o contexto afetivo sofreriam, por séculos a fio, os processos da necessária maceração, de forma inadiável e implacável, reciclando experiências nas linhas das vidas sucessivas. Inicialmente, foram povos subjugados a viver no seio das dinastias maias, astecas e incas, continuando o processo reeducativo junto às tribos norte-americanas e sul-americanas. Viveram sob o pesado agulhão dos dominadores implacáveis até adentrarem os árduos mecanismos da escravidão negra, como passageiros eméritos das tumuleiras, dia após dia, sob o açoite dos chicotes indomáveis a lhes tanger impiedosamente os mais nobres sentimentos e a lhes impor as maiores humilhações.

Dessa forma, companheiros rebeldes e contumazes em agredir sem pudor os sentimentos de quem quer que lhes cruzasse o caminho puderam rever seus posicionamentos de antanho, aprimorar seus sentimentos e reeducar suas

posturas.

Muitos foram mantidos sucessivamente sob o aguilhão inclemente dos ferros em brasa a lhes vazar a alma, para que houvesse o desarquivamento de pesados materiais escondidos sob a fuga dos recalques, aliviando-os de graves débitos que insistiam em lhes tisanar os íntimos refolhos dos processos conscienciais, gênese indomável dos refinados mecanismos de loucura que, ainda hoje, desafiam os dignos trabalhadores de todas as áreas da psicologia, a lhes mostrar que era inadiável a busca da liberdade ainda que tardia, mas que lhes ensejasse, sem demora, a recomposição verdadeira e inadiável com o grande concerto da harmonia universal.

– Querido irmão, você disse que Babili ainda permanece viva até os dias de hoje, inserida nessas casas de Jesus onde temos a alegria de estar laborando noite após noite. Será por isso que temos visto tantos desencontros afetivos nessas comunidades?

– Ora, meu irmão Gávio, disso não tenha a menor dúvida. Os descontroles nas áreas da afetividade são marcas registradas em nossos grupamentos. As amizades frágeis, apesar de todos os esforços para a espiritualização do ser, ainda permanecem uma grande obsessão pelas posses. Em geral, nesses setores, os desencontros se multiplicam, exigindo-nos dia a dia, redobrados esforços no sentido do reequilíbrio e do reconforto

– Sem falar desse flagelo quase diário da bebidinha, cuja volatilidade alcoólica vai lenta e mansamente invadindo os tecidos sutis das engrenagens espirituais, gerando complicações de larga monta.

– Sim, sim, esses são verdadeiramente os flagelos da alma, hábitos arraigados desde os tempos primevos, meu caro Gávio.

– Lembro-me do Rubião, grande trabalhador, mérito colaborador das causas maiores, um companheiro de primeira hora. Poderia ter desencarnado maravilhosamente tranquilo e, no entanto, que trabalhão para que as coisas corressem mais ou menos em ordem! Tudo devido à cervejinha de cada dia. É uma pena, não é mesmo?

– Sim, ainda bem que conseguimos a autorização para mantê-lo preso ao leito

por mais duzentos e trinta e cinco dias, até que pudéssemos operar o esvaziamento de energias negativas na área perispiritual, senão estaria aí, até os dias de hoje, agregado aos despojos físicos. Tanto sofrimento desnecessário, não é mesmo?

– Sim, querido Palminha, invigilâncias pequenas que produzem graves consequências!

– É verdade!

Cinco dias após terríveis sofrimentos, Nanphur deu seu último gemido, como se fosse uma víbora vigiada de perto por Tarhif. Em suas exéquias, o povo lhe fora totalmente indiferente, pois nesses dias eles já possuíam um novo rei. Mais poderoso, generoso e muito mais condescendente. De forma solitária e indiferente, foi enterrado para que nem mesmo a história lhe guardasse registro.

Para esse irmão, os séculos velejariam nos mares procelosos dos sofrimentos sem grandes ganhos. Uma alma rebelde e perversa, sempre disposta a reiniciar a marcha nos caminhos da maldade sem conta, até que se viu falido em derradeira oportunidade, perdendo todas suas prerrogativas diante dos instrumentos da misericórdia infinita.

Sob a identidade de Domingos Jorge Velho, protagonizou momentos de terror por meio de infelizes perseguições e sofrimentos perpetrados na escravização do índio brasileiro.

Não parando aí, destilou finalmente sua sanha maquiavélica e odienta na perseguição dos negros, até extinguir os últimos quilombos, quando esses foram alvos de seguidos espetáculos de crueldade, marchetados em requintes de barbárie inenarráveis.

Juntamente com a coluna de Bernardo Vieira de Melo, antigo comparsa desde o velho Egito, sadicamente foram, pouco a pouco, empurrando crianças, mulheres e velhos, esmagando-os sob as patas inclementes da cavalaria, mesmo diante dos gritos de pavor, de desespero e de pedidos intermináveis de clemência. Os que sobraram foram impiedosamente levados na direção de um precipício onde, acoados pelo pavor e pela violência sem limites, mais de duzentos e trinta negros, no estertor do medo, jogaram-se desesperadamente daquelas alturas,

inevitavelmente em direção à morte.

Esses fatos acumularam sobre o Brasil severas responsabilidades futuras para com o continente africano e as etnias que, com o tempo, procurariam seu amparo, tendo de ser amoravelmente albergadas em seu solo, atendo, assim, ao regime de intensa compensação. No futuro, poderá vir a ser chamado para as tarefas fraternas com vistas a inadiáveis e doloridos processos de resgate pelo viés das sofridas e extenuantes lutas sociais, até que venha, finalmente, a se consolidar como a “pátria do evangelho, coração do mundo” e celeiro bendito da humanidade.

Até aí, várias lutas acontecerão e haverá muitas lágrimas irrigando mansamente as terras do coração para facilitar o trabalho bendito do Senhor da vinha, em atendimento a um projeto de reconstrução das almas que, mais dia, menos dia, vai nos fazer alcançar, por méritos, a cidadania universal.

Perdidas as prerrogativas da misericórdia, Nanphur se viu, então, face a face com a lei de justiça, sendo inicialmente internado nos quartos frios de “Pirapitingui”³, onde, sob o véu do anonimato, pôde testemunhar a desconstrução lenta do próprio corpo, varrendo-lhe por inteiro qualquer aspiração ao poder, ao luxo e à beleza, solapando-lhes os mínimos tentames nas linhas da vaidade. É da lei!

Ainda hoje o tratamento continua. Nosso irmão muito querido vagueia seminu e solitário pelas quadras desertas ou abandonadas da urbanidade, como componente anônimo da população de rua, em desatino de irrefreável hebefrenia. Experimenta diariamente o açoite fino e inclemente da insanidade, numa mente onde o passado, o presente e as fantasias vinculadas aos anseios pessoais se misturam incessantemente, experimentando um abençoado e inadiável processo de plena desconstrução psíquica. Para que, num futuro ainda distante, possa, então, novamente regressar das bênçãos do esquecimento profundo e misericordioso, albergado em novas oportunidades, para o recomeço de nova fase nas linhas das vidas sucessivas.

Bendita reengenharia do ser! Ninguém e nada passa despercebido ou incólume diante dos códigos sutis das Leis Divinas sem que haja uma profunda movimentação consciencial. Tolos são os que, acreditando que a vida tem seu fim na sepultura, julgam-se impunes ou superiores ao tempo. Infelizes são os que acreditam que os pomposos cortejos fúnebres, ornamentados de ricas corbeilles,

e os maravilhosos mausoléus lhes servirão de passaporte para as regiões de ventura. Pobres coitados, são dignos de dó, pois, ao terminarmos a experiência física, retiramo-nos do cenário passageiro vivido em realidades transitórias e imaginárias e adentramos inapelavelmente o mundo das verdades reais, onde passa a prevalecer apenas a individualidade em sua nudez consciencial, o ser em si.

Nanphur, num determinado momento, perdeu a cidadania capelina, apesar de todos os esforços e incontáveis oportunidades que foram envidadas em seu favor, tendo recebido novamente todas as oportunidades imagináveis para que pudesse construir uma nova cidadania, a terrena, por meio do amor e do trabalho. Entretanto, ele, deliberadamente, optou por desafiar novamente as abençoadas oportunidades de recomeço, tornando-se, assim, um trãnsfuga nos territórios do amor, pelo desprezo aos princípios que lhe foram propostos como básicos para a construção inadiável do ethos⁴terreno, como um caminho sequencial a ser seguido para sua inserção definitiva nos processos da cidadania universal.

– É, meu caro Gávio, a vida é um exercício contínuo de responsabilidade!

– Sim, meu querido irmão, as vidas se sucedem umas após as outras. Mudamos de corpo, alteramos nossos nichos sociais e efetivamos intercâmbios pelos laços benditos do parentesco, que nos reaproximam. Viajamos lépidos como o próprio vento assoprando de quando em quando nas variadas direções, entretanto, por mais que se multipliquem as viagens, não temos como deixar para trás as bagagens que constituímos no decurso do tempo e permanecem guardadas reservadamente nos maleiros da consciência.

Cada instante de nossa experiência terrena se reveste de intensa dinâmica a açular as linhas de nossas responsabilidades. Tornamo-nos prisioneiros de nossa liberdade pela relação com nossa própria história.

Somos livros abertos de verdades vivas a reverberar fugidios raios de luz. Onde quer que nos disponhamos a ir, estejamos sós ou acompanhados, fatalmente aí teremos de efetuar nosso inadiável reencontro pessoal, dando cumprimento à árdua tarefa de desconstrução de um passado culposo. A reconstrução do presente ensejará a efetivação das grandes reformas com vista às possibilidades futuras.

– Sim, meu fraterno Gávio, bem o disse agora! São tarefas sacrificiais que

impõem a cada um a reinvenção de si mesmo, exatamente conforme a imagem e a semelhança de nosso Criador:

“Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro, ó casa de Israel? – diz o Senhor.– Eis que, como o barro na mão do oleiro, assim sois vós na minha mão, ó casa de Israel.”⁵

Cada um, ao seu tempo e à sua maneira, terá de dar conta em si, recompondo a sua própria deformação.

A vida, por si só e em si, já se consubstancia uma experiência extremamente responsável, ainda mais quando falamos do outro focado no concerto das experiências, como objeto interativo nas intrarrelações, partícipes que somos dos maravilhosos processos vividos no contexto da reconstrução coletiva sob o agulhão das inter-relações que nos chama diariamente ao exercício sublime das reconciliações. Perdão! Bendito perdão!

1 João 10:30

2 João 5:17

3 Antiga colônia de hansenianos de Pirapitingui.

4 Palavra retirada do grego, pelo autor, para que desse um sentido pleno de ética no que tange a maneiras de pensar, sentir e agir, definindo a ação da individualidade em relação ao todo.

5 3 Jeremias 18,6.

Capítulo 13

Ciro assumiu o governo de Babilônia e, imediatamente, marcou uma reunião com os maiores chefes de clãs importantes, autoridades da guarda e funcionários estratégicos do palácio. Convocou, também, os sacerdotes, pois ele sabia que, para aquele povo, a religião tinha muita importância. Chamou, ainda, representantes do povo judeu, cativos em Babilônia, mas isso foi visto como uma provocação e um grave insulto.

Ele sabia receber e se relacionar. Tinha o dom de influenciar pessoas e fazer de ardorosos inimigos seus sinceros aliados. Assim, trazia sempre consigo seus homens mais influentes nas linhas de comando, não importando se eram persas, medos ou lídios. Ali, todos eram persas, homens de Ciro, e isso era o que importava. Oferecia-lhes assento ao seu lado. Na verdade, ele não sabia carregar mágoas.

Para aquele coração, o passado ficava no passado. Ele seguia em frente. O importante era buscar novos objetivos e pensar na felicidade de seu povo, que, para ele, eram todos aqueles que lhe devotassem respeito, lealdade e amizade sem limites.

Possuía um temperamento férreo. Era um tigre em qualquer ataque. Bem sabia espreitar suas presas para dar o golpe fatal, estraçalhando-lhes as entranhas, ao mesmo tempo que sabia falar a linguagem das borboletas, voando e deixando voar, sendo livre e conferindo a liberdade a todos aqueles que se propusessem a voar também.

– Senhores de Babilônia, eu saúdo a todos!

Todos se curvaram em sua direção, respeitosamente. Na verdade, cada um que ali estava se preocupava profundamente com seus interesses pessoais.

– Em primeiro lugar, quero lhes informar que não pretendo reinar em Babilônia, agora anexada à Pérsia, passa a ser mais uma peça em nosso Estado. Somos um

só povo. Almuz será o governador, será a presença de Ciro em Babilí e a autoridade máxima neste Estado. Contudo, ele tem minhas instruções pessoais para que Babilí continue a caminhar plena em sua liberdade institucional e religiosa.

Os seus impostos, dois sextos de tudo o que aqui for produzido, vendido ou comprado, devem ser recolhidos continuamente. Que se fique bem claro que o império Persa é proprietário da metade de tudo. Quem paga fica com o dobro, quatro sextos, e o Estado fica somente com a metade do dobro dois sextos. Esta é a marca de nossa benevolência.

Fica, então, o Estado com o dever de dar proteção a todos contra possíveis inimigos externos e prováveis inimigos internos. Uma parte de meu exercito ficará servindo em Babilí, agora também formado por soldados locais, afinal de contas, somos uma só pátria. Para tal, Ecomonus ficará aqui junto de Almuz e será o comandante-geral de todas as tropas. Aqui também ficará Delquíz no comando da arrecadação e das finanças do Estado, cabendo a ele também todo o trabalho de ouvidoria e justiça.

Que fique bem claro que eu consigo perdoar a tudo, menos a sonegação de impostos. Isto caracteriza crime contra o Estado persa e passível de pena de morte, podendo acarretar a perda de liberdade de qualquer cidadão, que passará imediatamente a pertencer ao Estado em regime de escravidão. Sua família terá todos seus bens confiscados, embora não se torne escrava, podendo comprar o condenado pagando por sua liberdade, desde que pague o preço justo.

Na verdade, os persas nunca se preocuparam em fazer escravos físicos, mas sempre possuíram escravos atados às formas subliminares de dominação, modelos sutis, operavam a escravidão mediante rígidos impostos. Enquanto perduraram como Estado independente, eles mantiveram as práticas inclementes da cobrança de impostos, sempre foram loucos por essa prática.

A maioria dos presentes ficou boquiaberta e pálida com as palavras de Ciro. Jamais viram um homem mais direto e objetivo e tão frio. Estavam ali pessoas que nunca se preocuparam em pagar nada, mas apenas espoliar o Estado e tudo que estivesse à sua frente. Tinham somente como objetivo manter o luxo e suas facilidades. Nunca se permitiram pensar em bem-estar coletivo e muito menos

em ver o Estado como um condomínio social em função desse bem-estar.

Pessoas que levavam a vida pensando somente em si mesmas, em corromper e ávidas por ser corrompidas, propiciando, assim, verdadeiros espetáculos de desonestidade, sempre tirando o máximo proveito de tudo, principalmente de suas posições sociais.

A mudez tomara conta do recinto. A maioria dos presentes não acreditava no que estava acontecendo. Isso, para eles, era muito pior que a morte ou a própria dominação persa. Não poder ser desonestos era, naqueles instantes, algo pavoroso, já que a desonestidade não se encontrava na prática cotidiana esporádica, mas estava verdadeiramente enraizada na alma.

Ciro sabia disso e os percebia perfeitamente, o que lhe provocava náuseas. Ele colocava o Estado acima de tudo, inclusive de si mesmo. Somente não conseguia colocá-lo, ainda, acima das mulheres, das festas e das noitadas, mas, pelo menos no quesito honestidade, já estava muito além de seu tempo.

Como um bom anfitrião, convidou a todos para regressarem dali a três dias, quando seria dada uma grande festa de conagração, quando teria o prazer de recepcionar os novos companheiros. Nisso, ele foi ovacionado, pois, quem sabe, não estaria ali uma grande oportunidade de subornos, de se traficar influências ou de começar a se estabelecer uma oportunidade de expandir os tentáculos na direção do novo reinado que ora se iniciava?

– Quem está aqui representando os interesses do povo judeu?

Nesse instante, apresentou-se um jovem de aproximadamente vinte e sete anos, claro, cabelos extremamente pretos. Apesar de novo, trazia consigo as marcas de muito trabalho e também de uma pessoa diferenciada, daquelas que se impõem pela simples presença. Bem alto e muito forte, trajava-se diferentemente dos demais pela simplicidade das vestes, já bem gastas e surradas, e pelas sandálias improvisadas que calçava.

Levantou-se e, passando garbosamente pelos presentes, caminhou diretamente até Ciro. Elegantemente, curvou-se diante dele e lhe disse:

– Que o Senhor Deus seja louvado!

Aquele jovem possuía uma inflexão de voz incomum. Carregava consigo autoridade, embora mansa. Seu olhar era calmo e benevolente e, ao mesmo tempo, profundo, parecendo penetrar na alma de seu interlocutor.

– Grande rei, quais são suas ordens, senhor?

– Como se chama, jovem?

– Meu nome, meu senhor, é Zorobabel. Sou judeu, filho de Salatiel, venho da casa de Davi, senhor!

– E aqui é escravo!

– Sim, senhor, assim quis o Senhor Deus para que se quebrasse a dureza de nossos corações, e permanecemos até o dia de hoje. Ainda agora, o Senhor já acha graça em nossos corações e nos mandou dizer, por seus anjos, que estão próximos os dias finais do nosso cativeiro.

Ciro observou-lhe a altivez e também a maneira desembaraçada como Zorobabel tratava com ele, um soberano poderoso.

Seria comum que quem estivesse ali ficasse apavorado, chorando ou mesmo implorando por misericórdia, mas aquele jovem era diferente e não se comportava assim, mantinha-se calmo e soberbo em sua postura.

– Com a minha chegada a Babilí, sendo agora uma cidade parte do Estado persa, o que pretendem vocês?

– Pretendemos continuar amando e louvando ao Senhor nosso Deus, assim como sempre fizemos através das gerações. Senhor, este não é o primeiro cativeiro do meu povo e provavelmente não será o último, até que chegue o grande dia, o dia do Senhor para cada um de nós!

– Fala-me de um deus amado, venerado, provavelmente muito poderoso, mas um deus que deixa o seu povo escravo?

– Senhor rei da Pérsia e da Babilônia, ninguém escraviza ninguém, se a consciência é livre. Servimos, é verdade, mas o que é o trabalho senão uma dádiva bendita que também nos é concedida por Deus?

Grande rei, o senhor tem um cavalo e, quando chega, ata-o a uma estaca, que o mantém preso. Grande rei, é o senhor ou a rédea que o retém na estaca?

– Claro, Zorobabel, é a rédea presa à estaca!

– E depois volta e assume novamente sua montaria. Com o senhor, seu cavalo não volta a ser livre? Livre, embora galopando sob a sua vontade, obediente e serviçal!

– Sim, claro, Zorobabel!

– E porque a rédea manteve seu cavalo preso, após retornar a ele, grande rei, porque seu cavalo ficou cativo da estaca em que você mesmo o colocou, o grande rei deixaria de gostar dele como antes?

– Claro que não, Zorobabel, sempre amo meu cavalo!

– Senhor grande rei, permite-me uma última pergunta?

– Claro, Zorobabel!

– Enquanto seu cavalo cavalga tranquilo e obediente, mantendo-se por perto, permanecendo obediente e a postos, acaso o senhor permite que alguém o prenda a alguma estaca?

Zorobabel, meu cavalo é obediente e está sempre próximo de mim, e de mim não se aparta, assim, não permito que ninguém o prenda em estaca alguma.

– Grande senhor, rei dos persas, se o senhor tem essa sabedoria, quanto mais o Senhor Deus com relação a nós! Quem prende os cavalos não são os alheios, nem tampouco as estacas, nem mesmo sua própria rédea atada a algum tronco do caminho. O único que tem autoridade suficiente para prender o cavalo é o próprio dono, não porque ele não o ama, mas o faz todas as vezes que ele se torna desobediente ou rebelde. Isso só acontece quando o seu senhor perde a confiança nele. Porém, mesmo quando isso ocorre, o cavalo continua confiando que o seu dono, num momento qualquer, irá desatá-lo. Senhor dos Persas, as

rédeas e as montarias jamais são para sempre.

O bom cavalo é sempre serviçal e obediente ao seu senhor. O verdadeiro senhor ama o seu cavalo e o conduz com muito amor. Um dá a sua vida pelo outro se necessário for!

Ciro ficou maravilhado com aquele jovem. E, em seu íntimo, queria saber mais sobre o seu Deus, porque um homem de tanta sabedoria, por certo, traria consigo também um deus de muita ciência.

– Amigo Palminha, realmente, muitas vezes passamos pela vida atados às estacas que nos mantêm presos a determinados ciclos de provas e de expiações, isso é uma verdade!

– Fraternal Gávio, todos nós temos as nossas estacas pessoais, reclamando reflexões e muitos esforços para a libertação. São as estacas disciplinadoras e harmonizadoras do ser, que operam em nós, no curso do tempo, o trabalho do adestramento. Podemos dizer benditas estacas e abençoadas rédeas em nossos caminhos!

Ciro, então, lembrou-se dos acontecimentos passados, quando aquelas três criaturas vindas de não sei onde abordaram-no e, numa longa conversa, fizeram-lhe algumas advertências e determinaram que ele libertasse aquele povo e ainda os conduzisse em segurança. Naquele momento, uma voz penetrou na acústica de sua alma com tanta perfeição que o fez lívido e, num momento raro, ele sentiu medo.

– Este é o meu povo, e pela sua liberdade eu o trouxe até aqui. Cumpra a sua missão e faça com que partam daqui, pois o Senhor Deus assim o determina!

Naquele instante, um dos principais de Babilônia, chamado de Arteni, levantou-se indignado.

– Grande rei, vejo que está dando muita asa a esse cativo, escutando suas lorotas que desonram o grande rei. Essa gente é perigosa, traiçoeira, feiticeiros. Possuem muitos adivinhos que, possessos, fazem emergir os espíritos dos mortos

em suas reuniões macabras, vestem-se de cordeiros quando, na realidade, são tigres perversos a espalhar pragas por onde passam. Tenho desses mais de trezentos, e os conheço bem. Haja chicote para fazê-los trabalhar. Mas, se for do seu agrado, ofereço-lhe como presente a metade deles e mais cinquenta mulheres. Todos à sua real escolha, basta escolhê-los, grande rei, e serão seus!

Ciro não perdeu sua serenidade. Olhou aquele homem com intensa frieza, reconhecendo-lhe de imediato como um grande bajulador e um desonesto confesso. Primeiro, ele desvalorizou o que possuía e, depois, ofereceu-lhe o produto desvalorizado, acreditando, então, que ele o recusaria e imporá sobre ele o peso de suas mãos, garantindo a continuidade da escravidão insidiosa.

– Grande homem, a ti, o rei da Pérsia, não se dá nada!

Aquele homem sorriu maldosamente, como se tivesse alcançado seu objetivo. Entendeu que Ciró estava recusando sua oferta e que provavelmente ainda pesaria as mãos sobre aqueles pobres escravos.

– Tudo aqui me pertence, não posso ganhar coisas que são minhas. Ademais, não vim aqui fazer escravos e muito menos escravizar ninguém, tampouco manter escravos!

Não existe coisa mais importante que a liberdade e a soberania dos povos. Aquele que faz escravos é quem se torna escravo, na medida em que se mantém subjugado pelas rédeas da dependência, e irremediavelmente preso às estacas da exploração improdutiva.

Você não possui mais escravos!

Zorobabel, vá reunindo o seu povo, suas mulheres, seus velhos e suas crianças! Preparem-se adequadamente, porque mais alguns meses e estarão de partida. Serão escoltados, pessoalmente, por minha guarda até que entrem em sua terra em segurança.

Qualquer um que desconhecer ou desobedecer às minhas ordens quanto a esses homens livres tornam-se inimigos do império persa. Ciró não será condescendente com ninguém! Você, Zorobabel, todo dia, pela manhã, venha ter comigo. Quero acompanhar de perto os preparativos do seu povo.

Naquele instante, a estátua de um enorme tigre com feições humanas,

maravilhosamente esculpidas numa espécie de pedra mármore, que estava ali bem próxima da sala de reuniões, começou a provocar enormes estalidos. Todos se voltaram em sua direção. Não houve ninguém naquele ambiente que não se arrepiou e temeu aquele momento.

Ciro e Tarhif, destemidamente, caminharam em sua direção, seguidos por outros comandantes. Ficaram estupefatos e imóveis vendo-a trincar e rachar toda, despedaçando-se no chão. Todos ficaram boquiabertos quando viram de seu interior cair várias joias maravilhosas e valiosíssimas, que provavelmente foram guardadas ali por séculos. Ninguém, entretanto, arriscou-se a recolhê-las. Assim, da maneira que caíram, ficaram no chão.

Ciro e seus homens retornaram ao centro da imensa sala, entreolharam-se ainda sob o efeito da cena a que assistiram, enquanto os demais, se não fosse a presença real de Ciro, já teriam saído correndo dali há muito tempo, tamanho o pavor que tomou conta de todos naquele local.

Aquele acontecimento foi de impressionar qualquer um. Causou mudez em todos e um gelo estranho percorreu o ambiente. Ninguém, naquele instante, atreveu-se a fazer o menor comentário. Sem exceção, entenderam que aquilo ali talvez fosse uma mensagem de desagrado do deus de Zorobabel quanto ao cativo.

Disse, então, Ciro:

– Zorobabel, diga ao senhor seu deus que eu já entendi a mensagem: “Ciro, parto os tigres humanos e a ti os entrego, para que tu possas dar liberdade ao meu povo, pois as joias que se encontram no interior de Babilônia são minhas”.

Diga a ele, Zorobabel, que eu entendi a mensagem. Assim como quer e determina esse senhor seu deus, assim será feito e, a partir de agora, vocês são homens livres.

Eu, Ciro, não quero nenhum tipo de problema com seu deus nem com deus nenhum. Aliás, se encontrar com ele, diga isso. Diga que, definitivamente, eu não quero nenhum tipo de problema com ele. O que eu prometi, isto estou cumprindo e cumprirei integralmente!

Aliás, aquelas joias todas também lhe pertencem. Leve-as para que, ao chegar à sua terra, possa construir um templo para esse senhor seu deus. Assim, desde já,

ficará encarregado de lhe construir um novo templo e selar com ele uma nova aliança, para que não mais sejam cativos.

Ciro tinha uma capacidade crítica invejável. Sabia ler nas entrelinhas dos acontecimentos e por isso mantinha-se sempre adiante de seu tempo. Em momento algum zombou de Zorobabel ou desfez de seu deus. Não havia nele a mínima intenção religiosa. Sabia lidar com os dois planos da vida sem atropelos e sem constrangimentos. Fazia-se valer unicamente do respeito.

Usando de sua maneira lépida de desembaraçar-se das situações complicadas, mudando totalmente o caminho da conversa, virou para os presentes e disse:

Muitas coisas aconteceram aqui hoje, mas nenhuma capaz de afetar nossas estruturas domésticas e nossa alegria, de forma a não permitir que eu lhes ofereça uma grande festa daqui a três dias! Preparemo-nos então, quero recebê-los e espero por todos!

Assim se despediram!

Reinava um clima de desconfiança e desilusão entre todos ali. Não podiam demonstrar sua revolta, nem tampouco podiam se opor a Ciro. Ele agora reinava sobre Babilí e era a autoridade máxima. Ninguém, provavelmente, se animaria a discutir sobre o que seria mais ou menos interessante para a estabilidade da cidade.

Havia uma contristação geral. Além do mais, estavam impressionados e temerosos quanto ao deus de Zorobabel e não se arriscariam também a desafiá-lo. Viviam instantes de intenso desânimo, pois viam poucas perspectivas de futuro para Babilí, em linhas gerais.

Entretanto, do lado de fora, quando Zorobabel levou a boa nova ao seu povo, houve uma verdadeira explosão de alegria. Afinal de contas, estavam livres e poderiam finalmente pensar em retornar à terra natal. Ninguém mais fazia nada, a não ser cuidar dos preparativos para o grande dia. Todos os judeus passaram a fazer planos de regresso e a se preocupar com as providências da retirada.

Aqui e ali aconteciam alguns incidentes facilmente contornáveis. Eram pessoas que possuíam escravos judeus e que insistiam em lhes exigir o trabalho escravo. Diante das negativas, arvoravam-se a castigá-los. Daí aconteciam reações, gerando vários focos de confusão de forma localizada e sem grandes

consequências.

Os judeus cantavam interminavelmente hinos sacros em louvor a Deus e rendiam graças a Zorobabel, a quem creditavam o milagre da libertação, e agradeciam em altas vozes; e também a Ciro, em quem reconheciam a magnanimidade.

O dia amanheceu! Babili se mostrava bucólica e sonolenta, como se tudo ali tivesse parado. As liteiras haviam sumido, o comércio não havia se formado, homens e mulheres não carregavam água nos grandes cântaros, cavalos e outros animais não eram puxados pelas ruas. As poucas pessoas andavam lentamente, como que desoladas, parecendo não saber o que fazer. Tudo dava mostras de que o mundo tinha irremediavelmente parado.

No castelo, as coisas também pararam. Nada se movimentava e nada era feito. Já eram altas horas, e a refeição não havia sido posta. Ninguém apareceu para apagar as tochas que iluminavam os extensos e frios corredores de onde ainda minava água insistentemente.

Ninguém havia movimentado nada para iniciar os preparativos para a festa. Tudo parou. Somente o silêncio havia comparecido para mais aquele dia. Ciro logo percebera o que estava acontecendo. Não havia mais mão-de-obra em Babili, não havia mais escravos e por isso tudo estava parado.

– Tarhif, precisamos resolver esta questão!

– Revogar sua palavra, senhor meu rei?

Ciro deu uma gargalhada gostosa e mirou o amigo com um olhar juvenil.

– Palavra de Ciro não volta atrás, e muito menos se for para contrariar o deus de Zorobabel!

– Grande Ciro, ainda bem que tomou aquelas decisões ontem. Não podíamos desafiar esse deus e os espíritos que andam com ele. Veja que eles já vêm há muito nos tirando o sossego. Estão por todos os lugares e assombam a qualquer hora. Aparecem-nos em pleno sono, invadindo nossos aposentos, surgem nos sonhos, visitam-nos durante a noite. Surgem e desaparecem do nada. Eu sei de mim, que não quero problemas com eles, mas estamos com problemas, pois Babili parou completamente!

– Tem de haver alguma solução! Eu somente preciso dar a festa para essas cobras malignas para aplacar-lhes a peçonha. Quanto à Babili, o seu povo que a faça andar, ou, se preferir, que morra com ela, para mim tanto faz.

Aliás, Tarhif, ela já está morta mesmo! Com o passar dos anos e com a ação do sol sobre estas paredes minadas, tudo isso irá abaixo. Ou eles constroem outra cidade, ou viverão numa cidade para fantasmas.

– Se dependesse de mim, não deixava aqui pedra sobre pedra. Acho que tenho por este local um desejo de vingança que jamais tive. Imagine que, ao chegar aqui, estando nos primeiros dias, vi-me sendo arrastado no meio da rua, junto a homens que eram meus. Estávamos sendo surrados, e uma grande multidão nos agredia... Fui sepultado vivo em meio às pedras destes muros.

– Tarhif, não me fale dessas coisas. Elas me trazem tristes recordações. Interessante, lembro-me do que não me lembro. Não gosto disso, pois tenho vontade de incendiar tudo aqui. Na verdade, inundei Babili por querer, porque sei que ela agonizará pelo tempo e nada será capaz de salvá-la. Não vejo a hora de ir embora.

Aliás, somente nesse ponto eu contrariei o Deus de Zorobabel. Eles me pediram que a poupasse, mas eu juro que não dei conta. O meu ódio foi maior do que eu mesmo!

– Grande Ciro, eu o entendo perfeitamente! Precisamos resolver esta situação! Talvez fosse melhor falarmos com Zorobabel, poderíamos pagá-los pelos serviços!

– Grande ideia, Tarhif! Grande ideia. Traga-me, sem demora, Zorobabel!

Que eles façam o que quiserem, mas não deixem de recolher os impostos, pois festas custam dinheiro e teremos muitas despesas com a comemoração.

Tarhif saiu apressadamente à procura de Zorobabel.

Nas ruas, a paisagem era desoladora, como se o mundo tivesse parado por alguns instantes ou, quem sabe, tivesse se esquecido de acordar naquele dia. Algumas caravanas que estavam no interior da cidade se amotinavam aqui e ali, já que,

por confusão, os escravos que traziam e os que foram adquiridos também se julgavam livres. Além do mais, em todos os portões da cidade já se encontravam instaladas várias coletorias. Ninguém entrava nem saía com nada sem recolher devidamente os tributos que agora eram impostos. Todas as cargas, fossem de quem fossem, eram devidamente revistadas pela guarda persa.

Reinava por todo lado uma imensa confusão. As pessoas, desacostumadas a essas práticas, de início revoltavam-se, mas o medo do açoite, da prisão ou do confisco das mercadorias fazia com que, muito a contragosto, tudo fosse devidamente resolvido, ainda que, na dúvida sobre alguma questão, a guarda persa priorizasse os interesses de seu rei.

Somente com os recolhimentos efetuados naquela manhã, a festa prevista por Ciro já estava devidamente custeada até com sobra. Os persas eram exímios cobradores.

Depois de intensa procura, Tarhif voltou à presença de Ciro com aquele jovem. Retorno este que fora seguido de perto por muitos judeus e vários curiosos, que ainda acreditavam que Zorobabel iria sair dali preso a ferros e os escravos novamente reconduzidos aos seus postos de trabalho. Entretanto, aquele jovem caminhava muito tranquilo e, seguro em sua fé e confiante, tinha certeza absoluta das decisões tomadas por seu deus.

– Querido Palminha, que coisa maravilhosa é a fé!

– Sim, a fé é a força dinâmica que move a alma e, por si só, é capaz de vencer qualquer situação, por mais adversa que seja. Caro Gávio, os recursos da fé são infinitos.

Zorobabel trazia consigo a marca característica dos espíritos superiores, daqueles já amadurecidos na forja da evolução, a fé. Quando lhe for possível, fraterno Gávio, reestude a postura de Estêvão, o mártir do cristianismo nascente, nos apontamentos de luz do amorável Emmanuel!

Somente a fé é capaz de produzir tantas maravilhas!

Ele, verdadeiramente, sabia que tudo segue um curso natural dentro de princípios milimetricamente previstos. Sabia que nada se faz sem que, em primeiro lugar, cumpram-se os planos de Deus para a vida de qualquer um. Estes, na realidade, atendem somente aos imperativos intocáveis da lei de progresso.

Zorobabel sabia que a liberdade de seu povo, naquele momento, estava inserida nos planos de Deus, e que ela se daria pela vontade de Ciro. Sem a aquiescência de Ciro, ou mesmo apesar de uma possível má vontade por parte dele, o que acontecesse seria o melhor para o seu povo, não havendo nenhuma necessidade de revolta ou lutas fratricidas.

Sabia que todos os que ali estavam simplesmente contracenavam entre si um ato já previamente escrito e definido. Ali, todos eram meros instrumentos da vontade superior. Zorobabel, como todo judeu, conhecia com detalhes, já àquela época, os meandros sutis do mecanismo da reencarnação e percebia em Ciro uma alma boa, embora transviada do redil do Senhor.

Desde o primeiro encontro, identificara nele alguém muito querido, cuja relação de amor e compromisso fora edificada no ontem. Por isso mesmo, não tinha dúvida de que os imperativos da lei de causa e efeito, no âmbito coletivo para aquela geração, estavam vivendo seus últimos dias, e que Ciro era um elo no mecanismo da justiça divina.

– Meu fraterno Gávio, as comunidades se subdividem pelo hálito espiritual que possuem. Semelhantes atraem semelhantes e formam verdadeiros bolsões de individualidades comuns. Pessoas atraem pessoas e formam famílias. Famílias atraem famílias e formam as teias sociais e estas, por sua vez, formam as cidades, constroem os Estados e os países e preenchem os continentes de massas afins, até que, juntos, formam a população planetária, que se aglutina também pela lei de atração.

Meu querido irmão, os dirigentes, por sua vez, sucedem-se de acordo com o hausto psíquico de cada povo. Altera-se o perfil de tempos em tempos, conforme as mudanças que pouco a pouco vão ocorrendo no seio das comunidades, mudando na medida em que as necessidades pessoais vão determinando novas necessidades coletivas.

Tudo o que acontece no microcosmo social também se manifesta no macrocosmo estrutural das comunidades, por isso, as mudanças estruturais jamais são operadas diretamente pela mão do homem, mas sim e tão-somente pela mudança do psiquismo social. Para que se plasmem acontecimentos mais e menos relevantes, torna-se necessário que se obedeça fielmente ao tempo exato das coisas.

– Então a responsabilidade de um dirigente é enorme, não é mesmo, meu querido irmão?

– Olha, fraterno Gávio, todas as vezes que lidamos com qualquer coletividade, devemos ter responsabilidade, porque as lidas coletivas tanto podem produzir saltos inimagináveis nas linhas da evolução como podem propiciar quedas abissais nas derrocadas, por produzirem débitos para o coletivo.

O poder, fraterno Gávio, em qualquer circunstância, é sempre um desafio dos mais difíceis. Se associado à riqueza, torna-se ainda mais desafiador. Se sobre tudo isso o excelso Senhor da vida colocar a beleza, é porque Ele confia muito na responsabilidade de quem o recebeu, por isso dificilmente vemos esse triunvirato de desafios em ação!

Beleza, poder e riqueza formam um triunvirato extremamente avaliador para quem o recebe!

– Irmão Palminha, entre eles, eu tenho mais medo é da beleza!

– Em geral, nossos medos se localizam onde estão as nossas fragilidades! Por isso mesmo existe tempo para tudo!

Zorobabel caminhava tranquilo, justo na fé e pleno de si mesmo, pois só a harmonia pessoal constrói a estabilidade que, por si só, produz a confiança, garantindo o ápice de fluência psicossomática. Ele tinha consciência de sua liderança e importância para seu povo. Sabia, também, que desmandos poderiam levá-lo a falhas lamentáveis. Tinha consciência de que não devia falhar como líder de seu povo. Tinha um dever para consigo mesmo, um compromisso de profunda ressonância espiritual para com sua comunidade e uma responsabilidade direta para com o Senhor seu Deus, já que este lhe confiava tão importante missão. Era ciente de que o poder não existe, e que se enganavam

profundamente aqueles que se julgavam poderosos. Assim, Zorobabel tinha consciência de que apenas possuía responsabilidades. Consciência plena da situação volatilizada de todas as coisas e do estado passageiro das oportunidades de comando e liderança.

Certo de que tudo passa, tudo se alterna e altera, renascendo em novas oportunidades na grande feira das vidas sucessivas, era humilde sem ser submisso, era bom sem ser fraco e era líder sem carrear consigo a arrogância do poder.

– Fraternal Palminha, eu me arrepio ao ouvir falar nesses deveres coletivos!

– Sim, caro Gávio, aqueles que assumem obrigações com o povo e com as coletividades, assumem compromissos diretos para com Deus e carregam para si largas responsabilidades.

Lembra-se do nosso irmão Freitas? Que chegada mais linda, que acolhimento resplandecente! Estivemos lá para saudá-lo pessoalmente, entre muitos outros amigos.

Conduta ética e compromissos levados a sério! Talvez por essas mesmas lavras maravilhosas, Ciro admirasse tanto Zorobabel em tão pouco tempo de proximidade.

Isso é a autoridade da fé raciocinada, lúcida, forjada nas lutas do aprimoramento pessoal, ainda que junto de dores, dificuldades e muitas lágrimas. A fé é qualidade fundamental para a construção de uma personalidade imbatível e vitoriosa, capaz de avançar além do tempo e muito acima dos momentos, por mais adversos que sejam.

A fé, quando vivida em instantes decisivos, é a certeza plena da sobrevivência para todos os que buscam atravessar as fortes correntezas dos rios das incertezas. Ela é a força que faz pulsar o coração dos fortes e permite aos valentes avançar sobre os desafios, tornando as muitas impossibilidades objetivas totalmente possíveis.

A fé é a chuva mansa e benfazeja que irriga a capacidade realizadora do ser, de todas as consciências que acreditam num amanhã melhor, ainda que o hoje seja

ou esteja deformado por grandes cataclismos. Ela é a força capaz de remover montanhas, de tirar os Lázarus dos sepulcros e de guiar a mulher em desalinho a uma nova vida. Só por ela se é capaz de amar o traidor, de entender a covardia do pusilânime e de, em momentos extremos, ofertar ao órfão a mãe para não deixar um amigo em desolação e a maternidade em desconsolo.

Somente a fé é capaz de oferecer ao coração da mãe, já macerado pelas muitas lutas do carreiro, outro filho, transformando-o, gradativamente, em um amigo de lutas, em verdadeiro irmão nas trilhas da redenção. É a nossa inseparável companheira de todas as horas!

Ciro recebeu Zorobabel como um velho conhecido. Gostara daquele rapaz desde a primeira vista. Os arquivos mentais jamais se perdem, ainda que as lembranças registradas sejam lavradas na poeira do cosmos. O amor é para sempre.

Assim, sem delongas, foi logo lhe falando de sua penúria quanto a criados para a sua festa.

– Libertei o seu povo e fiquei sem escravos para trabalhar no palácio, bem como para trabalhar na festa que darei. Nem mesmo para os preparativos tenho pessoas disponíveis.

– Grande Ciro, teremos o maior prazer em servi-lo. Temos grandes cozinheiras e arrumadeiras maravilhosas. Nossos homens poderão preparar a recepção de forma que tudo saia maravilhosamente bem. Uma festa digna de um grande rei!

– Preciso de dançarinas, de pessoas para os gracejos costumeiros e mulheres para alegrar o ambiente.

– Grande rei, estamos todos prontos para servi-lo, mas naquilo que nos é permitido pelo Senhor nosso Deus. Esses outros pedidos não nos são permitidos, mas procure Maruh, que ele lhe trará as melhores dançarinas de Babilí. Procure Selpheta, ela é a condutora das mulheres mundanas que por aqui habitam. Ela é a víbora que se encarrega de perverter as muitas crianças e uma imensidão de jovens em Babilí e arrastá-las ao deserto do mundo. Tenho certeza de que ambos terão muito prazer em servi-lo.

– Fala da cantora?

– Sim, dela mesma. A beleza de uma deusa pagã com a voz de uma sereia é a perversão da infância e da juventude!

– Não quero crianças nos espetáculos de minha festa! Não gosto dessas coisas. Dois editos publicarei ainda antes de partir. O da liberdade de seu povo e o da proibição do uso de crianças nos espetáculos circenses, principalmente naquilo que se diz respeito ao sexo.

Ciro, repentinamente, teve um acesso de cólera ao ouvir as considerações de Zorobabel. Ele era um amante das crianças, com quem sempre se dava muito bem. Em sua terra, ele as protegia, dizendo sempre que seriam o futuro da Pérsia.

Seus soldados eram rigidamente instruídos para que, nas batalhas, poupassem velhos, mulheres e crianças. Quanto às crianças, ele era inflexível, não permitia nenhum tipo de abuso.

Babili, por essa época, era extremamente devassa. O sexo tinha proporções animalescas. Ninguém era poupado dessas práticas. As coisas eram muito claras, explícitas e raiavam ao absurdo e ao inimaginável. Crianças eram utilizadas nos shows de devassidão, em espetáculos estarrecedores. Até nos dias de hoje, não foram esquecidos por muitos, nem mesmo pelas mentes devassas e agressoras e menos ainda por muitas daquelas pessoas agredidas impiedosamente.

O tempo, frequentemente, não é capaz de, por si só, operar o desmanche desses arquivos. Muitos ainda hoje se autopunem, num martírio que avança através das vidas sucessivas, na tentativa de acalmar os gritos implacáveis da própria consciência. Outros, seguidamente, candidatam-se a tarefas as mais variadas no campo das obras sociais.

Vários se voltam exclusivamente às crianças, numa tentativa tenaz de reverter os arquivos pessoais, substituindo os velhos clichês que, por várias experiências, lhes arrasaram a estabilidade emocional, conduzindo-os à loucura plena, por vezes, localizando-os na indignância total, depositando-os sobre estes pobres rebotalhos o acicate penoso da inversão sexual.

Não fosse a intensidade da misericórdia divina, a presença amorável de Maria no árduo processo da reengenharia das almas e um contexto de múltiplas

oportunidades, todo o conjunto de manicômios hoje existentes, aliados aos maravilhosos progressos verificados na área da saúde mental, acrescidos da abnegação santificadora de seus lidadores, seriam muito difíceis e totalmente infrutíferos os esforços para albergar essa imensa legião que construiu os vales profundos. Tantos terrenos alagadiços, movediços nos tristes capítulos das torpezas sexuais!

O passado retorna em nós presentificado no hoje, convidando-nos para os processos emergenciais de revisão acelerada da consciência. Movimenta-se nas lembranças situadas nas entrelinhas de nossas mais íntimas tendências recalçadas misericordiosamente nos recantos profundos do inconsciente e, ainda assim, vez por outra, teima em emergir perigosamente, buscando gratificações no plano consciente.

A vida nos requer respeito quanto às tendências e opções daqueles que nos cercam, entendendo que a misericórdia infinita localiza cada um no exato ponto de suas necessidades. Por essas intrincadas questões vivas ainda no plano mental é que viajaremos por séculos a fio na nau do radicalismo religioso. Somos almas que ainda necessitam de uma crença que as mantenham tolhidas diante da liberdade ou cerceadas no tocante às tendências mais íntimas, em razão do pavor que muitos sentem diante da mínima possibilidade de retornar às quedas vividas.

A manifestação da vida não deixa espaços para críticas. Tudo existe e ocorre em perfeita sintonia com os mecanismos da harmonia universal, girando em torno do buril das ações e das inevitáveis reações, sobretudo de causa e efeito, expressão plena da justiça divina pura e simples.

– Alegro-me muito em ver seu coração disposto a proteger as crianças de Babili, pois até agora só viveram a vergonha e o opróbrio, exploradas e traficadas por esses vândalos da imoralidade. Ciro, saiba que o Senhor Deus, o Deus de Elias, de Abraão, o Deus de Moisés, acha graça em você e se regozija em seu nome!

Ciro parou, olhou fixamente Zorobabel e admirou-lhe a convicção e sua fé neste tal deus. Sentiu que gostaria muito de ouvir falar mais sobre Ele, provavelmente, deveria ser um deus de valor, pois só um ser valoroso poderia suscitar tanta fé. Lembrou-se, rapidamente, de alguns acontecimentos, de visitas recebidas sem que pudesse explicar e gostaria de discutir essas questões, mas isso seria para

outro tempo. Agora, ele tinha uma festa a realizar.

– Pode levar meus homens até lá?

– De forma alguma me convém ir a esses covis. São lugares do maligno, onde o Senhor Deus não mostra sua face, grande rei. Pergunte a qualquer um pelos dois, e não será difícil encontrá-los.

O meu povo cuidará da comida. O serviço pessoal de lhe servir será feito pela minha irmã Miriam, de forma que tudo o que lhe vier, ela provará em sua presença. Os outros servirão seus convidados. Eu estarei aqui. A um leve comando seu, providenciarei o que pedir, aquilo que sua vontade quiser.

– Zorobabel, você é meu convidado e deve assentar-se próximo a mim, para que todos vejam que você e todo o seu povo são livres e também para que o seu deus veja que Ciro é amigo!

– Senhor, agradeço-lhe a honra, mas prefiro estar descomprometido para que possamos servi-lo melhor e para que sua festa seja digna de um grande rei.

Ciro envaideceu-se e, por isso, amou mais ainda aquele rapaz. Despediu-o dando a ele todos os poderes para preparar a festa conforme fosse do seu agrado.

Capítulo 14

Babili vivia um novo momento. Suas altas muralhas, construídas em pedra sobre pedra, exibiam a fina flor da engenharia da época, e graças ao sacrifício e à vida de muitos foi possível construí-las. Erguiam-se majestosas e imponentes e, sobre o passadiço superior, dava folgadoamente para transitar um carro de combate ou dois soldados devidamente montados. Era, realmente, uma obra belíssima. Lá de cima, poderia se vigiar, a olho nu, uma área aproximada de oito quilômetros de extensão para todos os lados. Todo este anel ainda era agraciado por oito maravilhosas portas, ricamente confeccionadas. Todas muito fortes e majestosas, de onde tudo podia ser rigidamente controlado. Saídas e entradas eram acompanhadas para maior segurança.

Agora, numa nova época, já no tempo de Ciro, nada entrava nem saía sem o devido pagamento de impostos. As caravanas de mercadores que ali afluíam das mais variadas procedências, carreando consigo desde interesses comerciais até os de espionagem, também eram obrigadas a pagar impostos por peças, por cabeça de pessoa e por cabeça de animal. Considerava-se, ainda, o valor dos objetos transportados.

Isso alterou imediatamente a rotina. Muitas caravanas passaram a acampar nas cercanias de Babili, discutindo entre si se entravam ou não. Faziam de tudo para vender aos babilônios do lado de fora, mas, na realidade, ninguém queria lhes comprar por lá, pois sabiam que, ao entrar, teriam de recolher os impostos devidos a Ciro e, se comprassem internamente, os impostos já estariam recolhidos.

Uma imensa algazarra, seguida de estrondosa gritaria, aconteceu em um dos portões. A guarda foi chamada para conter a sublevação. Pessoas assustadas corriam atônitas de um lado para outro. Aquele portão estava sob o comando dos soldados lídios, homens altos e parecidos entre si. Muito rigorosos nas inspeções, viviam para Ciro como se esse fosse um deus.

Um velho e astuto mercador que se aproximara, depois de muito tempo de conversa, tentou suborná-los para entrar com sua caravana, pagando somente uma parte muito pequena dos impostos devidos.

Almuz, o comandante, fora imediatamente chamado. Desceu lentamente de seu cavalo e, atento aos mínimos acontecimentos que o rodeavam, colocou-se a escutar de seus soldados o relato acerca do episódio.

Estava ali um dos homens de confiança de Ciro e, naqueles dias, o encarregado das finanças dentro de Babilí.

Alto, moreno bem escuro, queimado de sol, barbicha rala e esticada sobre o queixo, nariz adunco que contrastava, desalinhando um rosto fino. Tinha a postura de cordeiro. Mantinha a voz baixa e mansa, como se quisesse entender bem a situação. Impondo suavidade à sua presença de aparência conciliatória, chamou todos os envolvidos, para que a outra parte também tivesse o direito de defesa, conforme o regimento persa.

Com o olhar de um tigre e os ouvidos de um lince acuado, mansa e calmamente assentou-se e ouviu diligentemente ambas as partes e todos os envolvidos. De um lado, mercadores astutos, acostumados a driblar os mais atentos ouvidos e a ludibriar qualquer um em suas negociatas, misturavam dialetos egípcios com hebraico e alguns dialetos persas comumente usados, buscando de todas as formas confundir seu interlocutor.

Almuz, sem negar o sangue de guerreiro, sendo um homem de pouca diplomacia, pegou o velho pela garganta e o trouxe a seu peito. Arrancando o seu punhal, disse em hebraico:

– É desnecessário julgamento. É impossível querer solucionar alguma coisa aqui, onde ninguém fala uma língua comum!

Repetiu a mesma frase em grego, em egípcio e fez um gesto dando a entender que mataria aquele velho mercador que, imediatamente e irônico, disse:

– Senhor, podemos nos entender em grego!

– Ah, isso é muito bom. O que tem a dizer em sua defesa?

– Meu Senhor, Mochan é muito pobre e não tem recurso nenhum. O meu senhor entende. Por isso viajou muitos dias para trazer algumas coisas para vender ao grande Ciro e ao seu povo, mas não tinha moedas para pagar impostos na

entrada, por isso pediu ao guarda para deixar Mochan entrar sem o pagamento de impostos. Mochan, senhor, é muito pobre!

– Sim, bem vejo que é muito pobre. Mas com o que quer entrar em Babilí, meu velho pobre?

– Coisa pequena, grande senhor! Trago somente trinta camelos, todos de linhagem especial, acostumados às durezas do deserto e treinados, ótimos, novos e resistentes!

Trago ânforas de perfumes, tecidos, senhor, todos ótimos, feitos nos teares jônios. Uma maravilha! Trago facas, punhais, espadas! Trouxe uma espada usada pelo Ustrix na batalha contra os egípcios. Quem usá-la torna-se imediatamente um grande guerreiro, senhor.

Trago ainda duzentos e vinte escravos. Destes, cento e trinta são mulheres, meu grande senhor! Todas lindas, escolhidas a dedo, ninfas ainda virgens, maravilhosas. O senhor, grande comandante, vai adorar! Mochan faz questão de presentear-lo com a melhor, aquela que for de sua escolha. Isso muito honrará Mochan!

Se quiser, grande senhor, posso trazer alguns exemplares, para que o senhor dê uma olhadinha pessoalmente. Irá ficar encantado! Se quiser, pode levá-las para experimentar. Olha, grande comandante, são obedientes, já subjugadas, todas servas e prontas para servi-lo em qualquer desejo! Eu lhe garanto que terá noites e noites inesquecíveis, todas da mais pura alegria. O seu coração amante se entornará sequioso de amor ao vê-las perfiladas ao redor de seu leito.

São mulheres, senhor! Mulheres, mulheres... Mulheres encantadoras, meu grande comandante!

Ah, senhor, ia me esquecendo! Tenho também bebidas dos mais finos cereais para conduzi-lo ao reino dos deuses!

Tenho unguentos e, se precisar, também venenos dos mais eficazes...

Tudo, senhor, ao seu alcance!

Senhor, Mochan já está velho, doente e, infelizmente, muito pobre, por isso traz de longe sua mercadoria para vender! Mochan, este velho, em momento algum

quis burlar as leis do grande Ciro. Somente quis agradar à sua nobre guarda com alguns presentinhos, mas ia pagar todos os impostos cobrados, excelência!

Almuz observou o teatro, a peçonha daquela víbora e bem sabia que a aparência momentânea de impotência se transformaria em força animalesca, se tivesse a menor chance.

Estava certo que ali estava um grande ladrão, salteador de estradas que, diante da menor oportunidade, roubava e matava e, sem piedade, fazia homens, mulheres e crianças escravos. Conhecia bem aquela raça de mercadores.

– Guardas! Guardas! Acompanhem este velho asqueroso até seu acampamento imediatamente e confisquem dele sete a cada dez partes de mercadorias em nome de Ciro, o imperador da Mesopotâmia.

Quanto aos escravos, que sejam confiscados todos, sem que fique nenhum para trás. Deem-lhe trinta chibatadas em nome do grande rei e mais uma, a última, em meu próprio nome. Esperem-no arrumar o que restar de sua tropa e digam-lhe que têm doze noites para sair das terras de Ciro, porque, a partir daí, serão considerados inimigos do império.

– Grande comandante, grande comandante, tenha piedade de Mochan, já velho e doente! Tenha piedade desse velho!

Almuz não tomou conhecimento daquelas rogativas, virando-lhe as costas, indo em direção a outras tarefas tão ou mais importantes que lhe aguardavam, deixando para trás um bando de viajantes perplexos e desanimados em qualquer tentativa de burlar as leis estabelecidas.

A notícia se espalhou com a velocidade de um raio. Uns, comemorando a autoridade de Ciro; outros, medrosos, pois os mal-intencionados achavam, de antemão, que burlariam as novas regras. Ainda outros se retirando, apavorados, receosos de ser os próximos a passar por exemplar castigo. Certo é que, por todos os acampamentos, os acontecimentos daquela tarde provocaram intenso burburinho e um nervosismo generalizado.

Os persas eram fervorosos cobradores de impostos e implacáveis com todos os que tentavam extorquir o Estado! Eles não consideravam o peso das tarifas por

uma covardia ou pelo simples prazer de cobrá-las, era uma característica do povo. Todos entendiam, desde muito antes do terrível Cambises I, que os impostos moviam o Estado, e para eles era inaceitável qualquer tentativa de burla destas normas.

Para Ciro e seus comandados, homens de confiança, a cobrança regular era a única maneira de fazer da Pérsia e de seu povo uma grande nação. Tudo entrava para a Pérsia e tudo saía pela Pérsia, em torno das reformas, do seu crescimento e do contínuo aparelhamento do império. Por isso ela sobreviveu pujante até os dias de Alexandre. Somente caiu porque Dario se tornou um rei pusilânime, corrupto explorador do seu próprio Estado, esqueceu as lições de seus antecessores e preocupou-se não com seu povo, mas apenas consigo mesmo, a ponto de ser traído por seus próprios súditos na campanha empreendida por Alexandre, o Grande.

Quando os homens se colocam acima do Estado, este entra em pleno processo de enfraquecimento e passa a caminhar celeremente para um eventual colapso. Os Estados que viveram épocas de grande apogeu somente o conseguiram por estarem acima dos interesses de seus homens.

Para Ciro, o Estado estava em primeiro lugar e, em segundo e relevante lugar, estava a cidadania de seu povo, em que cada cidadão ocupava um lugar de importância e era respeitado pelo Estado.

O Estado tinha consciência de que seus homens eram seus braços, e estes precisavam ser cada vez mais fortes. Para que essa relação de cidadania fosse vitoriosa, e assim fosse respeitada no dual estado-cidadão e vice-versa, a alegria de Ciro se concentrava na alegria de seu povo, a quem concedia audiências todos os dias, agindo e interagindo com as mais variadas situações sociais. Misturava-se aos seres comuns de seu império, inimigos de hoje, amigos de amanhã! Era um grande construtor de pontes no terreno das relações sociais. Trabalhava e comia com eles. Lutava lado a lado com seus homens. Era comum vê-lo ensinar a uma turma de criança e jovens o manuseio da espada. Isso, para todos, era uma honra. Podiam dizer-se, com orgulho, alunos de Ciro. Ele cheirava a povo e se ufanava disso, por isso era amado, a bem da verdade, venerado.

Ciro e todos os homens, sem exceção, que lhe foram próximos na grande jornada da construção do Estado persa, escolhidos a dedo pelos arquitetos sociais da Terra, tendo em vista os auspiciosos planejamentos para o futuro, foram grandes

precursores da democracia.

A democracia, em Ciro, não estava ainda no ponto de oferecer a liberdade de escolha dos governantes, mas, primariamente, concentrava-se no sagrado direito à autonomia de ir de vir e, principalmente, de ser feliz. Ele sabia que somente a liberdade, verdadeiramente constituída, permite ao indivíduo o direito de reger seus governantes, na medida em que esses líderes passam a expressar a vontade emanada da alma do povo.

Ciro sabia, como ninguém, ouvir a alma dos seus dirigidos e fazer dos inimigos o seu próprio povo, reunindo todos sob uma bandeira única, a da liberdade. Nele, a alma da democracia não estava ainda na escolha livre, mas se concentrava na sua sensibilidade de governante. Seguia rigidamente a direção escolhida por seu povo.

Ciro e seus homens seguiam implacáveis os anseios de seu povo. Sabiam que, sem progresso não haveria ordem, por isso jamais paravam. Formavam, assim, um grupo de pequenos estagiários, aprendizes nos projetos da liberdade. Tornaram as primeiras cabeças a idealizar e a sonhar com o Estado-cidadão, legado que deixariam e que muito influenciaria os conquistadores do futuro.

Nesse processo de transição humana, o tempo iria aguardá-los para o aprendizado indispensável quanto ao desarmamento pessoal. Chegaria, ainda, o momento em que esse grupamento embainharia as espadas. Alguns movidos pelos sofrimentos, outros pelo cansaço e alguns outros pela descoberta do amor. Marchariam até que, no amanhã, aprendessem definitivamente que somente pela consciência desarmada e pelo diálogo é possível articular definitivamente a paz sobre a Terra. Muitos séculos ainda transcorreriam até que o verbo doce e meigo do Divino Governador do orbe ecoasse nos corações humanos! Ainda haveria a sua semente nos mais diversos rincões do planeta e o acontecimento da germinação, até chegar o ponto de amadurecimento, marcando o início da grande colheita. Seus grãos seriam, então, guardados nos celeiros de nobres corações humanos até serem transformados em alimentação restauradora. Raiaria, então, o grande dia! O dia da vitória do homem sobre si mesmo. Ainda assim, não seria o fim! Apenas o começo de um grande dia! O verdadeiro dia do Senhor!

– Fraternal irmão, a preparação das almas percorre vários caminhos. Caminhos difíceis, visando ao crescimento inadiável, não é mesmo?

– Claro que sim, meu caro Rubens Gávio! Por isso, seja qual for o campo de lutas em que o Senhor nos colocar, aí devemos sempre nos preocupar em efetivar o nosso aprendizado, não desperdiçando as oportunidades, sob pena de amargar no amanhã por novas chances e ter de reciclar o aprendizado em situações de extrema penúria.

– É, querido Palminha, desperdiçar nunca é bom! As oportunidades são diamantes preciosos que devemos lapidá-los bem em função das riquezas pessoais.

Algumas horas depois, a guarda de Ciro retornou com inúmeros pertences dos mais variados. Vasos de porcelana maravilhosos, ânforas de perfumes caríssimos, moedas cunhadas de todo o tipo e procedência, tapeçarias finas, peças de ouro, pedras maravilhosas... Vinham também vários tipos de animal. Em meio a toda aquela confusão, lá estavam eles, os escravos, que, em sua grande maioria, eram homens fracos, mulheres e crianças. Muitas jovens ainda no verdor da idade. Todos, sem exceção, carregando consigo o semblante abatido e triste, cujos olhos destilavam piedade e imensa agonia. Homens e mulheres que ontem eram livres, num descuido qualquer, foram maldosa e sorratamente capturados nos arredores de seus próprios lares e levados a ferro, sem que lhes fosse permitida a mínima defesa, sem que houvesse a menor consideração pelo sentimento humano.

Aqueles abutres viviam de vender quinquilharias. Para eles, o sofrimento também não passava de mera quinquilharia, aliás, importavam-se apenas com os lucros que seriam auferidos em seu comércio despótico.

– Caro Gávio, muitos experimentaram esses momentos. Devido ao sofrimento vivido, endureceram seus sentimentos, tornando-se, por séculos a fio, irmãos frios, bafejados pela constante revolta interior e descrentes do amor e da capacidade positiva do coração humano. Assim, viajaram aos mares da insensibilidade para consigo e para com os outros, vivendo totalmente à margem de qualquer possibilidade de reaquecimento interior, sem chance de se abrir e crer no amor. Muitos foram tomados pela revolta, urdindo planos maquiavélicos de vingança que carregaram consigo pelos séculos, chegando a varar milênios.

Muitas vezes, mantiveram em monoideísmo toda a carga psíquica em torno de vinganças terríveis, que brandiram por anos impermeáveis a qualquer chamamento do campo do perdão. Viveram, assim, sufocados pela sanha das reparações atrozes, vitimando a si mesmos e fazendo também muitas vítimas ao redor de si.

Vários outros souberam, nos caminhos intocáveis do tempo, permear a jornada na direção do oásis da humildade, embalados pelo perdão, e aproveitaram as provas duríssimas para operar o crescimento pessoal tão almejado, constituindo pegadas firmes e decididas no processo auspicioso da evolução. Souberam manejar, de forma esclarecida, os próprios sentimentos, encorpando as asas que lhes permitiriam voos mais altos, possibilitando a muitos o retorno ao plano de origem.

Encontramos aí, até os dias atuais, as raízes etiológicas de males relativos aos transtornos esquizoafetivos e a base de muitas crises esquizofrênicas que desafiam os largos avanços da área psi e dos modernos recursos da psicofarmacologia que, por certo, ainda transcorrerão longos períodos, até que o entendimento, a humildade, a brandura e o perdão venham visitar esses corações.

– Poderíamos dizer que essas são questões que, nos dias de hoje, ainda visitam muitos lares?

– Sem dúvida, aqui neste grupamento em que ora nos encontramos, muitos, graças aos códigos da Misericórdia Divina, receberam o carisma da mediunidade como fonte redentora de reparação por meio do trabalho diuturno nas lides do amor ao próximo.

Outros estão aí na atividade do passe, transferindo as energias que ontem saquearam de corações anônimos, roubando-lhes a esperança, a liberdade, os sonhos, matando-os de inanição quanto ao amor.

Vários, querido Gávio, estão aqui pela evangelização infantil, cobrindo de ensinamento as mentes que ontem saquearam, endurecendo-lhes o coração. Como seria impossível darem à luz tantas crianças saqueadas e agredidas em seus sonhos, hoje estão aqui possibilitando-lhes os sonhos com uma nova era, retrabalhando corações e reeducando a si mesmos.

Trabalham, mas vivem a carência do dia a dia. Amargam a incompreensão no interior do próprio lar, o abandono de seus pares. O distanciamento dos filhos

enche, diariamente, os guias com infindáveis peditórios na esperança de que esses possam lhes aliviar a alma, mas se esquecem de que a vida é ação e reação, que nós não podemos operar milagres. Reconstrução é reconstrução, meu caro Gávio.

Bendita Casa Espírita, reformatório de almas por meio de múltiplas oportunidades de trabalho e reaprendizado, propiciando-nos o reencontro tão almejado com Jesus.

– Sim, fraterno Palminha, Babili ainda está viva!

– Sim, ela ainda constitui situações que visitam, na atualidade, muitos lares a reclamar soluções na apresentação das contas que muitos achavam esquecidas nas cadernetas do tempo. São homens despóticos ainda se julgando no direito de mercadejar com o sentimento de sua prole. Mulheres que, muitas vezes, como que de forma instintiva, refugam o contato com seus maridos, por mais que esses se apresentem como homens renovados, e não conseguem superar o hausto de desconfiança e, muitas vezes, de asco no convívio marital.

São filhas que detestam seus pais. Pais que se julgam proprietários dos filhos e se veem no direito de mercadejar com suas vidas. Famílias inteiras que ainda não conseguiram se desvincular das trilhas escuras de Babili e de muitas outras que ligavam os núcleos macabros do ocidente, cujas marcas persistem até os dias de hoje.

– Senhor, Senhor!

– Diga, Thrix!

– Senhor, aquela ali é minha irmã!

– Sua irmã?

– Guarda, alto!

– Thrix, veja lá o que fala. Vamos lá, veja se é mesmo sua irmã, homem! Se for, diga-me já!

– Astrid, Astrid, Astrid!

– Thrix, Thrix, Thrix!

– Minha irmã! Minha irmã!

– Meu irmãooooo! Ah, meu irmão!

– O que faz entre esses escravos, Astrid?

– Astrid chorava copiosamente, convulsa, como se estivesse tendo uma crise de nervos irrefreável, tendo sido necessário que se passassem horas naquele local até que a mocinha conseguisse se refazer.

– Meu irmão, uma tragédia se abateu sobre nossa casa!

– Como assim, minha deusa?

– Estes homens acabaram com nossa família!

– Fale, Fale, Astrid!

– Estávamos pastoreando ovelhas, como de costume, protegendo-as de perto por causa dos predadores que vinham matando-as, quando, de repente, apareceram esses homens. Como tivessem saído dos infernos, passaram a golpear nosso pobre pai impietosamente. Eu bem que tentei apartá-los, meu irmão! Acredite, eu lutei bravamente, mas não consegui. Vi nosso pai caído ao chão e todo ensanguentado, acho que já morto. Amarraram a mim e a nossa mãe e nos levaram presas e humilhadas. A maioria dessas ovelhas, meu irmão, era de nosso pobre pai!

A jovem chorava compulsivamente, em crises seguidas e, vez por outra, era acometida de desmaios.

– Astrid, e nossa mãe?

– Thrix, logo no dia seguinte, aquele velho submeteu a mim e a nossa mãe e nos fez deitar com ele, expondo-nos à maior vergonha, sob o deleite de seus homens, que o aplaudiam. Nossa mãe, meu irmão, não suportando a vergonha, suicidou-se no dia seguinte com um pequeno punhal que trazia consigo escondido em

suas vestes esfarrapadas. Eu estou aqui implorando que alguém me mate, pois também não desejo viver mais, meu irmão!

– Astrid, acalme-se! Nós ainda seremos muito felizes!

– Não, meu irmão, o meu tempo de felicidade passou, hoje é tempo de ódio!

– Acalme-se, minha irmã! Vamos reconstruir nossa casa e lá seremos felizes! Você terá os seus filhos, e eu os protegerei dia e noite, como um cão de guarda. Essas coisas não mais acontecerão!

Os olhos de Astrid esgazeavam nas órbitas, palavras desconexas vinham aos seus lábios. Ela agora corria para todas as direções. Ora como uma menina feliz, ora como uma fera em luta, rolava pelas pedras, afastava de si o irmão e machucava-se toda!

Aquela jovem, ainda no amanhecer da vida, estava irremediavelmente louca!

Os homens da cavalaria, estancados, viam aquelas cenas boquiabertos e colhidos de íntima compaixão! Almuz era um comandante frio, acostumado aos desafios das batalhas, a sentir o ferro a roçar ferros no calor das lutas, a ver a morte cavalgar em sua cela. Ele não conseguia esconder seu choro. Era um choro de dó, que se misturava com a revolta regrada de ódio.

Thrix e Astrid eram medos e muito jovens para viver todo aquele sofrimento.

Em poucos instantes, um homem diferenciado estava a distância observando a cena. Mandou chamar seu comandante para ouvir-lhe pessoalmente o relato dos acontecimentos.

Era Ciro, sempre presente nos momentos mais agudos de qualquer um dos seus homens. Ouviu Almuz, atentamente, e perguntou:

– Meu general, qual é a sua decisão?

– Meu rei, já havia confiscado a maior parte das mercadorias de Mochan por tentativa de burla aos nossos homens, não queria pagar os impostos, agora vou lhes confiscar como prisioneiros.

– Desculpe-me, Almuz, pois este seu rei jamais contradisse uma ordem sua,

cavalgamos lado a lado durante muito tempo. Tem me dado provas e mais provas de sua capacidade e lealdade. Tem recebido de mim não as ordens de um rei, mas a amizade de um pai, mas me permita dessa vez contrariá-lo.

Thrix, reúna todos os homens aqui disponíveis. Sob seu comando, marche sobre o acampamento de Mochan e destrua-o todo. Que não fique uma alma vivente. Faça isso pela memória de seu pai e de sua mãe, mas, principalmente, pela Pérsia.

Que fique bem claro que ninguém toca num fio de cabelo de um cidadão persa, ninguém faz escravo um cidadão persa sem que pague com a própria vida!

Dê a todos os escravos confiscados a imediata liberdade, não importando a procedência que eles digam ter!

Vá e leve os homens sob seu comando e não retorne aqui antes que a lição seja dada!

Em poucos instantes, homens sequiosos de vingança e aturdidos pelo comando direto de Ciro, que era para todos uma lei, partiram dali em desabalada carreira. Em poucas horas de carnificina, nada mais restava do acampamento de Mochan. Ali somente existiam desolação, silêncio e corpos pendurados, reclamando pelo serviço oficioso dos corvos. Momentos que aparentemente se perderam no tempo, mas que movimentaram refregas e mais refregas no curso das vidas sucessivas, numa luta fratricida entre mais de duzentos e cinquenta homens, para que tivesse como cenário final a maravilhosa paisagem da Serra do Espinhaço, no Arraial do Tejuco.

– Querido Gávio, assim, nas refregas promovidas pelas vidas sucessivas para o aplainamento do ser, nesse caso em memoráveis lances vividos no período do ouro e das minerações, foi permitido a muitos promover a devida quitação para com os códigos da harmonia universal.

Bendita Minas Gerais! As almas que por aqui passaram não se esquecerão jamais, e rendem todos os dias um preito de carinho e eterna gratidão. Todos nós, Minas querida, nos mantemos sempre candidatos a trabalhar abnegadamente por você!

Bendito ciclo da escravidão, lábaro de muitas dores, grande oficina modeladora e transformadora, no trabalho silencioso do tempo, a operar a divina e inadiável reforma das almas, luzeiro do amor transformador, oportunizando ao tempo suas filigranas de luz num berço de incontáveis oportunidades. As Minas de si! Na mineração do em si!

Valores que muitas vezes jazem esquecidos no seio do homem velho e que, por meio da “mineração” diuturna, são resgatados. Assim, trabalhados à luz do Evangelho, passam a servir de base na edificação de um novo homem, o homem com Jesus!

Capítulo 15

A noite se fazia maravilhosa, as estrelas salpicavam os céus de Babilí como se estivessem a coroar os dias de Ciro por aquelas terras.

Não se ouvia mais o estalar dos chicotes, não se via mais o trabalho forçado. As pessoas agora andavam pelas ruas mais alegres e felizes. Não se observava o trânsito intenso das liteiras; não que as pessoas tivessem deixado de gostar das mordomias, mas porque não mais havia para as carregar. Todos se sentiam livres na expressão mais profunda de si mesmos. Até os antigos senhores, rígidos escravocratas, pareciam já se acostumar à nova rotina.

Até o vento parecia diferente. Soprava com maior liberdade, já que os portões de Babilí agora não se fechavam mais.

As pessoas usavam de sua liberdade de ir e vir. A liberdade, quando bafeja as consciências, torna-nos mais felizes e leves, aptos a exercermos as nuances do progresso, uma vez que somente a felicidade é capaz de promover mudanças profundas no estado de alma.

Em Ciro, a liberdade era o perfeito entrosamento entre o cidadão e o Estado na observância mais direta do direito de ambos.

A libertinagem era coibida vigorosamente pelo Estado e, ao mesmo tempo, repudiada pelos cidadãos. Babilí aprendeu rapidamente esses novos conceitos, pena que já era um estado de vida agonizante. A psicofera advinda do seu passado não lhe permitia vislumbrar um futuro mais auspicioso. O carma que fluía sobre Babilí era muito pesado para que ela lograsse maior sobrevivência. As estratégias utilizadas por Ciro vieram a apressar ainda mais seu inevitável fim.

Os corredores do palácio estavam deslumbrantemente iluminados, as tochas se multiplicavam, todas elas acesas marcando bem o caminho. A guarda palaciana, finamente vestida, agora composta de babilônios e persas, dava um toque todo especial à decoração da noite.

Os convidados pediam passagem pelos corredores que, àquela altura, era disputadíssima. Pessoas se acotovelavam, buscando sobressair e ser notadas, numa afirmação de importância e notoriedade. As vestes eram as mais elegantes para a época, afinal de contas, havia muito tempo Babili não vivia uma noite tão importante e nobre.

Os serviçais, agora livres, desdobravam-se em fazer as honras da casa. Todos sob o comando direto de Zorobabel.

Todos, ao chegarem, eram guiados ao grande salão, onde os aloés maravilhosos se debruçavam por entre as pedras das paredes, oferecendo um verdadeiro espetáculo de beleza.

No grande salão, os tocadores de cítara começavam a entoar as primeiras notas roucas, e os tocadores de uma espécie de banjo também já tomavam assento.

Enquanto isso, tambores dos mais variados tamanhos, pouco a pouco, iam se incorporando à nobre orquestra. O que mais chamava a atenção de Ciro era uma espécie de viola, com poucos recursos de sonoridade e afinação, que possuía somente quatro cordas feitas artesanalmente de tripas de aves.

Em pouco tempo, os sons já se faziam afinados, apresentando as primeiras melodias e alegrando o ambiente, para o deleite de todos.

Os bailarinos já se faziam notar, oferecendo ao público as primeiras coreografias e distrações, arrancando vivas de quem os observava entusiasticamente.

Eram, verdadeiramente, muitos convidados. Pelo número se media a importância da festa, e pela gala se percebia o nível dos frequentadores.

Uma mesa especial, na posição central, estava vazia. Embora tudo por ali já acontecesse e levasse a horda de convidados a um verdadeiro frenesi, a personagem principal, para a decepção de todos, ainda não havia aparecido. Era frustrante, pois ninguém tinha a quem bajular.

Era grande a expectativa no salão sobre a maneira como Ciro e seus comandados iriam se apresentar, pois eram soldados, e isso deixava uma interrogação no ar. Estariam eles acostumados a ocasiões mais finas? Ou simplesmente continuariam soldados em campanha?

Quem seria a primeira mulher a receber os cortejos do grande Ciro? Para isso, todas se preparavam e disputavam os melhores espaços. Elas eram ajudadas, inclusive, por seus próprios maridos.

Esta era a grande interrogação da maioria das pessoas ali presentes, que, a bem da verdade, não possuíam maiores preocupações, a não ser pensar e discutir coisas fúteis e seus pormenores.

Em instantes, Ciro foi solenemente anunciado por Zorobabel! A sua entrada e a de seus comandados nas dependências festivas provocou o mais profundo silêncio.

Homens disputavam os lugares de maior destaque e mais obsequiosos, prontos para, na menor oportunidade, desmancharem-se em rasgados elogios à presença de sua majestade.

As mulheres, por sua vez, disputavam com seus homens espaços privilegiados para que pudessem vê-lo e ser vistas e, quem sabe, ser também alvo de algum galanteio especial, ao qual saberiam, sem dúvida, retribuir sem rodeios.

A espera se fez indefinida. A música estava parada e as atividades de divertimento também se detiveram. A expectativa se redobrava segundo a segundo, incendiando os níveis de adrenalina. Todos queriam ver como estaria o grande Ciro e como comportaria aquele homem aparentemente bárbaro cuja simples presença já fazia impor um profundo respeito e até crises de medo, mas um homem que todos diziam ser extremamente humano, bom e amado por sua gente.

Ciro entrou maravilhoso, vestido com uma imensa túnica vermelha que o acompanhou em toda sua jornada, cabelos lisos e muito pretos, com as pontas aneladas, bem arrumado na cabeça, sobrancelhas arqueadas e inconfundíveis que modelavam o rosto, dando-lhe uma aparência jovial e alegre. Os lábios finos, bem delineados, modelavam um sorriso inconfundível. Sem arrogância, sem ser prepotente, curvou-se na direção de todos e, por várias vezes, agradeceu pela honra da presença. Dirigiu-se à mesa central que o companheiro Zorobabel já havia lhe reservado.

Juntos, como sempre, os amigos inseparáveis que com ele dividiam os bons e os maus momentos, ao todo dezoito. Entre eles, seus cinco generais diretos, exceto Cristiofen, que, por ser o mais novo, era o encarregado da segurança naquela

noite, e o fazia como um verdadeiro cão de guarda. Ele era dono de uma impressionante responsabilidade.

Seus homens acompanhavam-no na beleza e na elegância. Muito simples, sem nenhum laivo de arrogância ou de domínio, limitaram-se também a cumprimentar de forma cavalheiresca a todos, assentando-se ao lado do grande imperador. Imediatamente, Ciro fez sinal para que ficassem à vontade e para que a festa tivesse continuidade.

Os serviçais começaram a entrar em cena, servindo iguarias jamais vistas por ali. O pessoal de Zorobabel havia caprichado na cerimônia de Ciro.

A música recomeçou e os dançarinos entraram em ação, chamando a atenção de todos pelo forte apelo sexual de suas danças. Foram convidando os presentes para também participar da coreografia. Estes, por sua vez, não se fazendo de rogados, encheram o salão em franca algazarra.

Homens e mulheres se engalinhavam em um movimento animalizado, que consistia em dar três passos para a frente, obedecendo às batidas rítmicas, enquanto as mulheres davam três passos para trás, como que a fugir dos homens que lhes vinham no encalço. Imediatamente, mudava-se a direção, os homens recuavam e as mulheres avançavam. Repetidas três vezes, homens e mulheres se abraçavam. Parecia que se enroscavam, permeando-se toques cada vez mais ousados e sensuais. Os beijos se multiplicavam até que a música parava, fazia-se uma quietude e outro toque grave se ouvia. Os homens davam um passo para a direita, e estava feita a troca de pares. Isso não tinha fim.

Hitrix parecia se deleitar com o acontecimento, gastando ali todo seu poder de sedução. Pereia, uma babilônia da casta, não se fazia de rogada. Já quase toda desvestida, fazia questão de passar diante da mesa de Ciro e, acintosamente, lado a lado com seu companheiro, transbordava-se em trejeitos sensuais, como a convidar o imperador para estar consigo.

Personta, uma babilônia de sangue grego, bela como uma deusa, jogava insistentemente suas vestes em todas as direções, num franco intuito de se desnudar e se deixar à mostra, principalmente para a mesa onde estavam os companheiros de Ciro. Ao passar por lá, movimentava os lábios e movia sensualmente o corpo de forma atrevida, como uma serpente a destilar seu veneno de sedução jogando seu magnetismo sobre os pássaros incautos.

Olha, lá estava ela, Pereia, a dançarina principal, aquela que, no dizer de Zorobabel, era uma cobra peçonhenta, aliciadora de crianças e iniciadora de jovens nas lides da sexualidade desregrada, promotora de grandes orgias. Hoje, ricamente vestida, a desfilar como uma verdadeira dama pelos salões suntuosos, onde pisaram os pés de Nabucodonosor, percorria todos os cantos e exibia seus encantos no intuito de seduzir quem estivesse à sua frente e pudesse lhe atender aos interesses imediatos na ordem da luxúria e do poder.

Lucoa mostrava-se irreverente pelo salão, disputando os olhares lascivos. Tinha no alto da cabeça uma tiara valiosíssima de ouro e pedras maravilhosas, que roubara, certa noite, de um velho mercador que lhe alugou as carícias, pagando, assim, um preço muito alto. Parecia mesmo uma salamandra, esguia e fina, a mostrar todas as linhas do corpo. Já com uma taça de bebida nas mãos, mostrava-se ávida por empreender logo suas conquistas arrebatadoras, sempre interesseira em escolher bons partidos, onde o saque afetivo seria fatal.

Além dessas figuras eminentes de Babili, umas cem outras se misturavam no salão e nos corredores, a borboletear como gazelas no cio. Jovens muito novas e já seduzidas pelas riquezas falaciosas, pelas facilidades produzidas e pelo poder. Sedutoras e convencidas de sua beleza, estorcegavam o corpo no sentido de produzir força de sedução e encanto, para que assim suas conquistas fossem facilitadas. Olhos lépidos buscavam todos os cantos no sentido de aprisionar alguma presa que lhes pudesse produzir algum ganho efetivo no sentido das ambições humanizadas.

De outro lado, percorrendo os mesmos caminhos, vamos encontrar Amoni, um velho mercador, uma raposa daqueles desertos, vendendo sonhos e comprando ilusões, ludibriando um aqui e outro ali, roubando e pilhando onde qualquer distração lhe permitisse e, sempre que possível, trapaceando com os sentimentos de muitas jovens as quais seduzia com a promessa de vida fácil, fama e poder. Estava ele com aquela carantonha desdentada, que o poder e o dinheiro encobriam, propiciando-lhe a consecução de delitos e mais delitos.

Lá estava também Xantrix, um velho lobo acostumado a roubar jovens na calada da noite para levá-las até regiões próximas, onde as negociava com alguns mercadores de mulheres que por ali frequentemente passavam.

Uma cobra de olhar frio sempre disposta a dar seu bote fatal. Não sabia o que era dó, consideração e sentimento. Agia somente guiado por seus instintos

selvagens, animais e que atendiam aos seus próprios interesses. Isso era o que lhe interessava. Muitas vezes, causou sérios prejuízos aos judeus, saqueando-lhes filhos, filhas e infelicitando pessoalmente muitas crianças e jovens, numa ausência total de pudor.

Sim, bem no centro de todas as atenções estava Poldro, velho conhecido da sociedade babilônia. Dizia-se sacerdote e oficiava no templo suas prédicas. Era uma naja venenosa sempre pronta a inocular seu veneno em quem quer que lhe cruzasse o caminho. Corrupto obstinado e de profundos conhecimentos, vivia exigindo e ameaçando as pessoas que não contribuía com doações para o templo, que ele pessoalmente cuidava do uso. Um contraventor da fé, que utilizava, sem o menor constrangimento, o templo para profanar crianças e moças. Tudo fazia em nome do deus, contudo somente agia em função de seus interesses escusos e maquiavélicos, dilapidando as esperanças de quem quer que lhe opusesse os caminhos.

Dontriz, um saqueador de estradas, ele e seu bando eram especialistas em roubar os viajantes que se arriscassem, solitários, por aquelas bandas. Honra lhes seja feita! Eles não gostavam de matar, mas roubavam tudo e ainda vendiam os assaltados para as caravanas que abundavam naquelas paragens.

Eram os mercadores de homens, sempre ávidos por comprar algum escravo que lhes valesse pesadas somas mais à frente. Assim, de um momento para o outro, um homem nascido livre tornava-se irremediavelmente escravo, não interessando sua nacionalidade. Roubavam aqui e vendiam lá, ao mesmo tempo em que saqueavam lá para venderem aqui. Todos eram salteadores de sonhos e assassinos das ilusões.

Estavam ali os legítimos representantes da sociedade babilônia em sua mais profunda decadência. Uma cidade promíscua em suas relações sociais e devassa no tocante ao mundo afetivo, desconhecendo totalmente as regras morais de respeito ao semelhante e, principalmente, de amor-próprio. Nem de longe era a sombra do império legado por Nabucodonosor. Estava ela totalmente corrompida, vivendo o próprio velório, aguardando apenas o momento em que o tempo a enterraria para sempre. Enterraria suas construções, seus costumes, sua arrogância, a insensatez e a devassidão de suas práticas, mas seriam gastos séculos e séculos, milênios...

Até não mais restar uma pedra psíquica de suas construções sombrias,

certamente muitas lágrimas e dores ainda permeariam a vida daqueles homens, agindo para que a paz e a harmonia universal fossem reconstruídas.

Esse cenário foi campo de duríssimas provas para o povo judeu, que aí sorveu cálices amaríssimos, subjugado a duros resgates expiatórios e submetido a duras provas. Choraram tanto pelos covardes sofrimentos físicos a que foram submetidos como pelas duras humilhações pelas quais passaram seus filhos. Viveram provações e dificuldades na área da sustentação da fé, para a manutenção de uma célula social definida e imune aos chamamentos infelizes, em face das oportunidades que lhes foram ofertadas no campo da lascívia humana.

Um sem-número de companheiros aproveitou bem esses momentos, e a grande maioria recebeu a outorga para o devido retorno ao plano de origem.

Muitos tiveram, ainda, severas expiações diante da subjugação macedônica, sob o gládio de Alexandre, o Grande. Outros permaneceram por lá até os dias do império romano, onde, por meio dos seguidos testemunhos de fé, aferiram a si mesmos o auto de libertação. Entretanto, muitos continuam presos a laços pessoais até os dias atuais.

– Querido Gávio, as oportunidades são assim, multiplicam-se em nossa vida. Aquilo que não for devidamente realizado nos dias de hoje, certamente voltará no amanhã sob novo aspecto. Entretanto, as leis universais não se extinguem por decurso de prazo nem por cansaço. Elas se fazem cumprir até que a consciência se liberte e assine a própria carta de alforria, o que somente acontece no instante em que passa a se harmonizar novamente com o código do amor.

Entretanto, em toda essa jornada, a misericórdia é a atenuante mais bela, imantando corações e libertando-os do jugo pesadíssimo dos sofrimentos.

As dores e os sofrimentos são os acicates impiedosos que movimentam os processos de evolução nos corações tempestuosos e rebeldes. Lembremo-nos sempre de que não é imperativo, obrigatório, nem mesmo necessário que efetuemos nosso processo de crescimento e reconciliação com o universo por meio desses mecanismos. Tenhamos consciência de que eles são totalmente desnecessários.

Assim, alma querida, não se esqueça de que o amor é o caminho suave e mais próximo para se efetivar definitivamente a ligação com Deus.

Sofrer e chorar, revolver-se em pesadelos, chafurdar-se em nuvens de infelicidade é opção pertinente apenas aos campos da ignorância humana, vinculando-se meramente aos lances das opções pessoais. A escolha é livre e o caminho a seguir é individual!

– Amigo Palminha, momento a momento, conscientizamo-nos de que a vida é um exercício ininterrupto de responsabilidade, uma plenificação de bom senso, e de que a felicidade é somente uma consequência.

– Não tenhamos dúvidas, meu caro Gávio! Viver é um ato integralmente responsável, pena que muitos não o percebam assim.

Ciro e seus homens mantinham-se solícitos, atenciosos, presentes em todos os lances e acontecimentos da festa, mas sem se deixarem levar pelos sorrisos fartos, pelas insinuações maliciosas e nem sequer se permitiram contaminar com os cantos sinistros das sereias.

Seus homens movimentavam-se por todo o ambiente. Giro mantinha-se soldado no seu lugar inicial. Dali não arredou o pé. Isso tinha um motivo! Sempre fora um homem mulherengo e dado à farra, ainda mais em locais onde tinha música e mulheres. Algo acontecia para que ele comportasse dessa maneira!

Sim, era Miriam, a irmã de Zorobabel! Estava ali a dona de todos os seus olhares e de toda sua admiração. Inebriara-se com a moçoila por sua beleza! Uma judia nata, de cabelos negros e compridos até a cintura, olhos e sobrancelhas bem definidas e espessas, ligeiramente amorenada, tinha os lábios de um escarlate maravilhoso, capaz de movimentar todas as atenções a sua volta. Vestia-se de forma simples e discreta, envolta em um manto branco, muito alvo, que contrastava maravilhosamente com o negro do cabelo. Centrada em suas funções e atenciosa com todos, demonstrava, nos menores lances, ter tido uma educação refinada.

Todas as mulheres notavam ali o deleite acintoso de Giro na direção de Miriam, que mantinha sua postura e continuava seu papel de servir o imperador, conforme recomendado por seu irmão.

Todos os presentes perceberam que Miriam correspondia, ainda que sutilmente,

aos galanteios do imperador. Diríamos que houve uma empatia recíproca. Havia no ar um enamoramento, um flerte. Na verdade, todas as mulheres presentes dariam a vida para ocupar o lugar da escolhida de Ciro.

Miriam passou a ser o alvo das atenções da festa, e até os generais de Ciro se perguntavam insistentemente quem era aquela por quem o grande imperador havia se dobrado tão humildemente?

Ciro, erguendo-se, propôs um brinde a todas as mulheres bonitas ali presentes. A bebida, muito forte, já fazia os primeiros efeitos nos convidados, transformando o evento em uma verdadeira algazarra.

Os dançarinos, cada vez mais ousados, davam agora um verdadeiro espetáculo de desvarios audaciosos, o que era seguido pelos convidados.

Neste ínterim, Ciro, ao ver Miriam passar ao seu lado, apanhou-a pela cintura e pretensiosamente levou a mão à altura de seu busto. Neste instante, a festa parou. Todos observavam Ciro, ávidos em ver o imperador nos deleites.

Miriam, elegantemente, segurou suas mãos e beijou carinhosamente uma e outra. Em seguida, dobrou-se numa atenciosa reverência e lhe disse mansamente:

– Senhor, não é bom que cuide assim de sua serva no instante em que ela tem outros deveres quanto à sua segurança. A sua guarda é o meu dever nesta noite.

Tornou a beijar-lhe as mãos e o deixou totalmente imóvel, estático, como que hipnotizado no mesmo lugar. Assim, de forma natural, Miriam retomou seus afazeres.

Nisso, uma das mulheres que estavam próximas ao acontecimento, movida pela inveja que lhe ardia na alma, já com a consciência alterada pelas fortíssimas bebidas que eram fartamente servidas, disse em tom jocoso:

– Não deve ter se agradado do senhor seu rei! Ou deve ter tido medo do seu rei!

Ciro reconheceu-lhe o perigo da peçonha e o veneno. Evitou que seu bote lhe atingisse os sentimentos. Assumiu imediatamente uma postura soberana, sacou de si a lógica. No uso, fruto apenas do ser racional, respondeu-lhe:

– Uma questão de envergadura pessoal!

Aquela mulher entendeu muito bem a resposta seca e, tentando consertar a situação, não se deu por vencida. Desfilando na frente de Ciro de forma acintosa e provocante, disse:

– Chantia coloca toda sua envergadura à disposição de Ciro, o nosso majestoso imperador, para fazê-lo por muitas noites o homem mais feliz deste mundo.

Ciro, então, vingou-se:

– Tens uma linda envergadura de corpo, mas falta-lhe a envergadura de alma! Que pena, mulher!

Chantia se afastou humilhada, odiando Ciro e odiando a si mesma por não ser Miriam.

A noite foi transcorrendo sem que Ciro arredasse pé de seu local, fazendo o que jamais fizera, permanecendo distante do burburinho e da festa, absorvido pela beleza de uma mulher que tivera a coragem de afastar suas mãos de seu corpo.

– Que situação, hein, querido Palminha? Que coragem!

– A isso chamamos de força moral, a capacidade que possuem algumas pessoas de se sobreporem em diversas situações, por mais difíceis que se apresentem. Sem poder, sem títulos, unicamente pelas correntes das forças interiores que emanam de seu ser e fazem com que as coisas aconteçam somente dentro daquilo que lhe seja permitido de forma consciencial.

Fraterno Gávio, a força moral reside na alma! Ela é construída pelo tempo aplicado às lides do bem. É inquebrantável e indivisível, ao mesmo tempo que não teme nada. Simplesmente se manifesta e se impõe, não se curvando diante de nada, mas tudo respeitando e amando. Por isso mesmo impõe-se apenas pelo respeito que inspira.

Miriam, meu querido Gávio, era uma mulher possuidora de força moral, criada junto aos sofrimentos desde a mais tenra idade. Perdeu a mãe ainda muito cedo. Criada pelo irmão, uma alma de escol, que lhe devotava grande afeto e muito carinho, além de lhe ser o cão de guarda de todas as horas, com ele aprendeu a se aproximar de Deus, mantendo-se sempre fiel à sua fé e às suas crenças. Ela

aprendera com Zorobabel a movimentar em si mesma as forças do bem, tornando-se uma devotada servidora de todos, o que a fizera granjear o respeito, inclusive, de seus velhos senhores.

Tornou-se uma cuidadora espontânea da saúde. Jamais estudara os menores rudimentos da medicina, que eram extremamente pobres àquela época e principalmente naquela região, prevalecendo ainda as iniciativas das pajelanças. Nunca havia se aproximado de pessoas que tivessem tais conhecimentos, mas ela ainda os trazia vivos no bojo da alma. Sabia como ninguém o valor das ervas, das flores, de simples madeiras e até mesmo do pelo de alguns animais.

Cuidava dos enfermos, dos desvalidos e de tantos quantos lhe procurassem os serviços. Como uma mãe desvelada, varava as noites ao lado de enfermos e tinha as mãos abençoadas, pois seu toque possuía o poder de curar.

Adorava atender os paralíticos que sobejavam por aquelas regiões, como mutilados de guerra e todos os que traziam em seu corpo as marcas inclementes dos combates ou de quedas de montaria.

Miriam trazia consigo o dom de curar pelo poder das mãos, por isso mesmo era respeitada por todos de sua raça e muito mais pelos babilônios, que atribuíam a ela poderes mágicos e até divinos.

A sua postura não permitia dúvidas, ninguém ousava desafiar o seu Deus!

– Trazia esses conhecimentos enfeixados em si, não é mesmo, querido irmão?

– Fraternal Gávio, não adianta os conhecimentos sobejarem se não forem sustentados pela força moral. Miriam já realizava procedimentos pertinentes à medicina moderna, mas a cura, na maioria dos casos, advinha da força interior transferida aos pacientes.

Sem força moral, querido Gávio, os demais atributos se tornam ineficazes ou inócuos.

Durante toda a noite, Ciro não arredou pé de sua posição, desfazendo-se em galanteios, o que ficou notório perante todos os convidados.

O dia já ia alto quando os festejos acabaram, não pela ausência de iguarias e atrações, mas porque somente restavam bêbados escornados pelo chão, homens e

mulheres derrotados pelas bebidas fortes, totalmente abatidos pelo esvaimento das forças.

Era um quadro desolador! Tantas pessoas sucumbidas pelas orgias a se arrastar inconscientes pelo chão, num espetáculo macabro de amor-próprio combalido. Eram adeptos das noitadas e das orgias, que se arrastariam pelo curso dos séculos, tanto no ambiente físico como no espiritual. Ainda viriam exigir de seus partícipes dores e muitos sacrifícios até que pudessem resgatar em si o amor-próprio, sem contar o sem-número de profundos gravames perpetrados contra as engrenagens perispirituais, que viriam a varar os milênios, provocando desajustes profundos no quadro da sanidade mental.

Daí para a frente, nos dias que se passavam, somente se falava da festança dada por Ciro, de sua magnanimidade e, principalmente, da felicidade de Miriam, a escolhida por ele. A presença de Ciro em Babili fez renascer o comércio local. As caravanas voltaram a sentir segurança e passaram a incluir Babili novamente em sua rota. Eles passavam dias e mais dias acampados por lá, esperando ansiosamente o momento em que Ciro sairia em seu passeio pela grande praça. Isso interessava a todos, pois era o instante das grandes compras. O imperador e seus comandados diretos eram ávidos por elas. Adoravam comprar, e isso movimentava o comércio local. Vender alguma coisa para o imperador ou para alguém de sua comitiva era motivo de honra.

Em pouco tempo, ele e seus homens já eram amados por todos. Conquistaram a confiança e a admiração. Eram reverenciados como deuses, mas somente uma pessoa agora caminhava com desenvoltura ao lado de Ciro. Era Miriam, sua pajem pessoal, ajudante de ordens e a pessoa que maior influência tinha sobre ele naqueles dias.

– Miriam, eu a desejo mais que tudo em minha vida. Você me recusa, apesar de todo o meu desvelo!

– Meu senhor, jamais o recusaria em situação alguma. Você é o rei e pode dispor de tudo que queira, inclusive da vida de sua serva. Nunca poderia passar por minha cabeça recusá-lo, senhor!

– Mas, Miriam, eu tento tocá-la e você se afasta, tento beijá-la e você se vira, tento fazê-la minha e você foge de mim!

– O que verdadeiramente quer, senhor? Ter uma mulher livre ou possuir uma escrava?

– Miriam, você bem sabe que não sou afeito a essa questão de escravidão. Quero uma mulher livre.

Você, Miriam, é a mulher dos meus desejos, a mulher que povoa meus sonhos. Peça-me alguma coisa e eu irei onde tiver e a trarei para você. Mas eu a quero! Quero-a, Miriam, como jamais quis alguém!

S– enhor, se quer uma mulher livre, esta mulher livre também o quer com toda a sua alma. Nestes dias tem colocado em você o seu coração, mas, ainda que eu o queira mais que a mim mesma, ainda que eu o tenha amado mais do que a meu irmão, em momento algum, senhor, posso virar minha alma e proceder de forma a entristecer os olhos do Senhor meu Deus!

– Mas por quê? O seu deus não ama?

– Ele ama a mim e ao senhor. Tanto que nos aproximou, permitiu que meus olhos vissem a sua beleza e que meu corpo o sentisse, ainda que a distância. Ele materializou os meus sonhos!

Ainda assim, Deus observa o comportamento da sua serva, e espera de mim respeito para comigo e para com o senhor.

– Mas Miriam...

– Senhor, amá-lo não é jogar-me sobre uma cama para saciar os meus desejos nem atirar-me nos seus braços para atender aos seus caprichos! Amar, senhor, está muito além de tudo isso. Amá-lo é senti-lo em mim e fazer-me em você sem, contudo, perder o controle do santuário bendito que é o nosso corpo. Amar, senhor, não é nos entregar irresponsavelmente aos deleites passageiros da vida.

– Mas, Miriam, que deus é esse que proíbe o amor?! Que deus é esse?

– Meu senhor, esse é o Deus verdadeiro! Ele é o próprio amor, por isso jamais proíbe o amor, nem tampouco que eu o tenha e que você me tenha, mas, nele, em tudo e sobretudo, o amor implica responsabilidades.

Disse, certa vez, o profeta Daniel ao nosso povo: “(...) a responsabilidade é

peçoal, jamais se diga outra vez oh, Israel! Que os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos nasceram embotados, pois tanto são meus os pais quanto os filhos, e aqueles que cometerem seus erros, esses se responsabilizarão”¹.

Senhor, a responsabilidade é peçoal, e o amor não nos exime dela!

– Miriam!

– Senhor, se eu apanhar um filho seu, ele será seu? Ele reinará? E você montará com ele e viverá para ele?

Ciro abaixou a cabeça, contemplou com admiração os pés, já que não conseguia mirar-lhe os olhos, faltava-lhe autoridade para se impor naquele momento.

– Miriam!

– Senhor, se é que sou livre e dona de meu arbítrio, isso não seria amor. Pensaríamos em nós, mas não estaríamos pensando em nosso filho, que sofreria pela sua ausência, sentiria uma solidão profunda, pois não poderia cavalgar com seu pai, nem poderia segurá-lo e passear com ele.

Este filho, meu senhor, sofreria muito ao sentir o sofrimento de sua própria mãe. Quando ele quisesse falar papai, seria uma palavra muda, pois não encontraria eco no próprio coração.

Ciro, ele não seria uma criança feliz, porque não se sentiria fruto do amor, e sim de conveniências, das paixões inflamadas e passageiras. Por não ser filho do amor, não seria também filho da responsabilidade. Isso, senhor, entristeceria os olhos do Senhor meu Deus!

– Miriam, seu deus é maravilhoso, é diferente de todos os outros deuses que pude conhecer, e a sua fé é maravilhosa. Mas ainda assim continuo a desejá-la.

Contudo, enquanto eu estiver de pé e minha espada brandir, ninguém tocará em um fio do seu cabelo.

Miriam você e o seu deus são livres! Isso eu lhe garanto!

– Fraternal Gávio, o presente e o passado se entrecortam numa mesma experiência, como os rios que se confundem quando se encontram, misturam suas águas e estabelecem um curso novo. São as novas experiências. A cada acontecimento, vão se tornando mais caudalosos, cercados de acontecimentos e circunstâncias diversificadas. Aí se torna impossível afirmarmos quando é um e quando é outro, mas continuam simplesmente rios.

O passado são muitas vivências! Somos muitos! Embora percorrendo o mesmo leito, a procedência é a mesma, o espírito imortal transcendente em experiências e imanente em individualidade.

Nossas vidas são várias e, nessa multiplicidade que nos oferece a palingenesia, vamos observando as tendências psicológicas do ser, formadas em sua base pela aluvião do tempo nas marchas e nas contramarchas na construção das experiências imprescindíveis para o amadurecimento do ser imortal.

A vida é um acontecimento lindo, maravilhoso, na medida em que a subjetividade, limitando às identidades que se moldam e conforme o instante, modificam-se de momento a momento. Somente se consolidam com o tempo, que a tudo assiste, que em tudo interage e tudo altera, provocando o fenômeno da evolução, cumprindo inexoravelmente a lei de progresso, a grande lei, arrastando consigo desejos, vontades e tendências na grande nau da reconstrução humana, fazendo emergir das entificações que se arrastam, se misturam e se confundem no apogeu do “ser” este “eu divino”, o grande êxtase da glória, a vitória do ser sobre si mesmo.

O passado é caminho tortuoso e escuro, cheio de desfiladeiros, onde rolaram no silêncio dos séculos as pedras das inconseqüências, ecoando profundamente nos degraus dos milênios, cujo despencar silente provocou em seus dias o brotar das lágrimas incandescentes, queimando nas faces pelo pranto incontido.

O passado continua se movimentando seguidamente pelas por meio das lancinantes que devoram o peito, fazem o coração ranger pelos gritos peremptórios do desespero, das múltiplas angústias que jazem incontidas, como se quisessem nos arrancar as entranhas, calcinando-nos a alma e deixando os sentimentos em chaga viva.

Fraternal Rubens Gávio, hoje, pelos corredores dos hospitais, pelos nosocômios, arrasta-se um sem-número de autovítimas, reclamando atenção e muito carinho,

desafiando dia a dia os avanços da bioquímica e deixando médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais e demais membros encarregados dos desvelos clínicos boquiabertos diante da pertinácia dos males que as acometem.

São patologias de diagnose complicadíssima, já que os sintomas se misturam a tal ponto que até mesmo as prescrições ficam comprometidas. Entretanto, observamos a normalidade desses acontecimentos, já que o “sujeito” imortal é único, mas os “objetos” palingenéticos são muitos, o que confere ao “sujeito” imortal uma gama enorme de entificações a desafiar os esforçados e dedicados estudiosos da ciência psi.

São os desmandos, a prepotência, os arroubos enlouquecedores do “ser” que, transtornados, mergulharam nas lutas fratricidas, nos crimes hediondos, nas perseguições pertinazes, vivendo o sonho fugidio do poder, das benesses, das fantasias e dos desregramentos sem conta, desavisados e descompromissados perante as responsabilidades assumidas que, mais dia, menos dia, exigirão reparação na exata conta, sem que um til ou uma vírgula se percam.

O presente aponta as lutas que se perfilam pelo carreiro, numa continuidade sem conta, trazendo os antigos estroinas da felicidade alheia aos campos de luta para as devidas retratações, reunindo-os em vários grupamentos. Alguns no seio dos lares cuja proximidade e dependência lhes agridem a alma, promovendo as dores e a reparação. Outros, convivendo em família por laços mais tênues, imunes às linhas biológicas, mas prisioneiros das grades psicológicas. São os genros, as noras, os cunhados e, inclusive, os tios considerados tortos.

Outros mais se encontram cativos nos laços das profissões na família empresa, amargando muitas vezes a experiência da subalternidade dolorosa. Outros, jungidos às linhas de comando, lembrando que os mais compromissados se arrastam pelos corredores dos hospitais a reclamar da falta de condições de trabalho, das dificuldades de bem officiar a profissão. Vários outros amargam solitariamente nos consultórios, reencontrando diariamente os problemas que eles próprios ajudaram a construir.

São professores, engenheiros, pedagogas, farmacêuticos, motoristas, cozinheiras, faxineiras... Benditas profissões que conferem ao ser, no dia a dia, amplas oportunidades de recompor o passado, até que as duras provas possam exaurir-lhes os débitos e, assim, pela desvinculação, possam almejar a voos mais altos.

Gávio, querido irmão, tão logo possa, procure reestudar duas aulas maravilhosas do nosso querido instrutor Emmanuel, intituladas “Vinculações” e “Desvinculações”. São duas pérolas que reclamam estudo constante por muito tempo. Não perca essas pérolas!

Vários vivem as algemas sociais, impostas por cidades, bairros e modernos condomínios. A vizinhança se une por laços da proximidade e necessidades, formando, assim, verdadeiros bolsões de libertação.

Encontramos, também, nos grupos sociais, o acicate do medo, as incertezas vividas nas extensas favelas, nos clubes, nos albergues, nos asilos.

Outro bolsão para importantíssimos reencontros são os núcleos da fé, as igrejas, os templos evangélicos, as casas espíritas, todos a reunir em seu bojo antigos comparsas, grandes inimigos e arquirrivais, estroinas de ontem, em maravilhosas oportunidades no gigantesco processo da reconstrução pessoal e coletiva.

Assim promove a vida, onde quer que ela se manifeste, encontros, reencontros, desencontros, milimetricamente previstos nesse laboratório da experiência humana, produzindo lentamente a alquimia da alma, estreitando laços, desamarrando nós, aproximando corações e escrevendo capítulos imortais no livro das vinculações e das desvinculações imprescindíveis ao projeto de aprimoramento do orbe terreno.

Nessa grande forja, encontramos-nos todos. Alguns mais à retaguarda, outros mais à frente e vários outros, como verdadeiros guias, seguem conduzindo misericordiosamente a caravana rumo aos campos de luz.

Uns ainda sobre os braseiros vivos das expiações dolorosas, outros oscilando entre os campos das provas, submetidos que se encontram aos testes ininterruptos.

Muitos outros transitam nos terrenos das duras provas e as areias dulcificantes das missões, colaborando, ainda que de forma modesta, no laboratório das experiências terrenas. Há os que, movidos pelas conquistas já efetuadas, jornadeiam totalmente livres pelos verdes campos das missões, já libertos das máculas que as lutas e os esforços pessoais lhes infligiram.

Outros vários, tratamo-los por seres angélicos que, em razão dos méritos, das conquistas pessoais, já fazem parte da imensa plêiade de espíritos que laboram

junto aos planos de Jesus com o único objetivo de promover diuturnamente a ascensão humana, compromissados com a caravana de luz para a misericórdia.

Encontramo-nos envolvidos nesta teia da evolução humana, encarnados e desencarnados, por isso, onde quer que a vida se expresse, entoemos cânticos de louvor ao Senhor Jesus, o Mestre por excelência, o excelso Pastor das almas a conduzir seu imenso rebanho aos apriscos de seu coração.

– Sim, querido Palminha, quero rever Emmanuel!

– Sim, meu querido Gávio, ali está um vertedouro de pérolas imortais.

Babili está viva até os dias de hoje! Trocamos de vestimenta, alteramos muitas vezes a morfologia, mas não conseguimos eliminar de improviso as impressões psicomoforológicas atreladas a nós. Muitas lutas teremos nas planícies íntimas, e outras ainda nos aguardam no silêncio dos tempos! Por isso mãos à obra, e sigamos em frente!

[1 Livro de Ezequiel, cap. XVIII.](#)

Capítulo 16

A velha Pérsia se mantém preservada ainda nos dias de hoje, como um ícone de peso a povoar as áreas profundas do inconsciente de muitos companheiros que ali viveram tempos de glórias efêmeras sem se preocuparem com o amanhã.

Companheiros que acreditaram que nada teria continuidade, vivendo como se o futuro não existisse e como se os delitos cometidos em nome do poder e albergados nas suntuosidades palacianas jamais retornassem a lhes exigir reparação. Assim, se autoenganam desde essa época, pois nenhuma região teve tantos ensinamentos! Creram profundamente na imortalidade da alma e no retorno às novas experiências, mas, desde então, fazem ouvidos moucos às verdades imorredouras, preferindo viver a fugacidade das conveniências pessoais.

Lá está ela, vista pelos seus como se eterna fosse, em seu apogeu de glórias, guardada com extrema segurança, parecendo imbatível no presente e no futuro.

Respirava-se um ar ressequido e quente sob um sol escaldante e assustador naquela época do ano, seguido de temperatura baixa no transcurso da noite. O ar parecia parado, imóvel. Era como se nada se mexesse. A linha do horizonte estática, a transparecer como se algumas ondas invisíveis saíssem do chão, confundindo os olhares mais atentos.

Alguns poucos arvoredos. Raramente, algumas aves de rapina pareciam desafiar a quietude dos arredores, deslizando elegantemente pelo ar com a envergadura majestosa de suas asas. Vez por outra, o silêncio era entrecortado por seus piados, que mais pareciam lamentações reclamando da intensa aridez dos arredores.

Pessoas iam e vinham apressadamente. Os mais ricos agora alugavam pomposas liteiras, já que escravos judeus não existiam mais. Era pouquíssimo o número de outros escravos existentes, gerando, inclusive, o câmbio negro no comércio de cativos.

Os menos favorecidos caminhavam a pé, garantindo, assim, o burburinho ensurdecido das ruas de Babilí.

Os turbantes dos mais variados modelos se misturavam aos sem turbantes. As aparências físicas perdiam ao infinito, já que para ali, em dias de estabilidade, convergiam-se pessoas de variadas procedências.

Os idiomas e dialetos se misturavam num grande desentendimento, somente compreendido quando se tratava de levar alguma vantagem pessoal. Geralmente, grande aglomeração se dava principalmente diante do templo de Marduk, com suas elevadas torres, conhecidas até a época de hoje sob a denominação de torre de Babel, ou torre de Babilí.

A língua mais falada era sempre aquela que gerasse lucros. Lucrar e levar vantagem eram as palavras de ordem. Todos eram hábeis negociadores, mas, a partir de Ciro, havia ordem, as leis eram austeras e muito severas, principalmente as que diziam respeito ao Estado e ao seu imperador, tido por todos como um deus. Assim, os tribunais já funcionavam a todo o vapor e os juizes, indicados por Ciro, eram muito rigorosos.

Ciro nunca se preocupou em fazer leis. Dizia que os acontecimentos do dia a dia se incumbiam por si mesmos de construí-las. Contudo, era firme em fazê-las se cumprir, não interessando sobre quem quer que fosse. Sempre soube que leis fortes produziam um Estado forte, e o cumprimento pleno delas formatava uma cidadania de juízo, produzindo o respeito e a paz entre o Estado e o cidadão. Nesses dois itens repousava a garantia do sagrado direito à liberdade.

Ele tinha por hábito nomear pessoas de sua confiança, que passavam a trabalhar para o Estado, funcionando como uma espécie de juiz. Geralmente eram homens de sua estrita confiança e de vivência ética, sem reproches. Desenvolviam um papel social de relevância, dada à importância que tinham diante do povo. Ninguém poderia ser condenado pela primeira vez, ainda que fosse escravo. Todo mundo merecia uma segunda chance, menos os juizes que, se pegos em atos dolosos, eram punidos exemplarmente. Eram mortos de forma cruel, tiravam-lhes lentamente a pele e, com ela, forravam-se os bancos onde se assentariam outros juizes, para que a lembrança do delito cometido permanecesse sempre acesa.

Os babilônios logo aprenderam as leis persas e passaram imediatamente a

respeitá-las.

Caravanas e mais caravanas cortavam aqueles desertos estéreis com seus altos camelos, fortes, aparentemente pacatos, mas destemidos e valentes diante de quaisquer adversidades que as viagens pudessem lhes reservar. Com suas corcundas proeminentes, davam um toque especial ao ambiente. Havia, também, um enorme número de cavalos maravilhosos, indóceis, como se quisessem competir com o ambiente e com os próprios camelos em força e habilidade. Especialistas em distâncias menores, faziam da rapidez e agilidade seus grandes trunfos. As montarias, além da inigualável beleza, valiam o peso de ouro.

Vários eram os grupos que se mantinham acampados por ali, e diversos os idiomas e dialetos. Em algumas coisas aqueles homens se igualavam: na coragem, na astúcia, na rudeza de costumes e alguns na selvageria.

Ficavam dias e dias acampados, sorrateiros como ratos, esperando o melhor momento para adentrar o mercado dentro dos muros de Babilí. Apesar de todo o rigor da época de Ciro, eles mantinham lá dentro vários olheiros, vigias, espias que, de antemão, sabiam o dia em que o rei e seus homens visitariam o mercado. Sabiam também dos mínimos acontecimentos internos ligados ao soberano e a seus homens. Possuíam uma rede de informação quase perfeita, aliás, isso lhes ajudava a garantir a sobrevivência. Dessa forma, as notícias corriam entre eles a todo o momento, causando um grande frenesi. Mudanças e resoluções eram imediatamente tomadas e, assim, num curto espaço de tempo, inundavam as feiras com seus produtos.

Levavam consigo vasos valiosíssimos, maravilhosos, trabalhados no mais fino porcelanato, ânforas de caros perfumes que viajavam meses e meses dada a distância em que eram buscados. Eram verdadeiras preciosidades para os nobres.

Ciro adorava perfumes, pelos quais não se importava de pagar elevadas somas. Além do mais, gostava de presentear seus mais próximos.

As caravanas levavam belos tapetes, com bordados inimagináveis, que brindavam com beleza os gostos mais exigentes. Comercializavam, ainda, lanças, espadas, escudos, cutelos, punhais, chuços, redes, braçadeiras, perneiras, enfim, tudo o que colocasse em condições de luta um bom combatente.

Em ampla gritaria, eram anunciadas as peças novas e exibido seu poder letal. No caso das peças mais velhas, estas eram ligadas aos seus prováveis antigos donos,

eminentes figuras que povoavam as lendas e o folclore, o que passava a credenciá-las como importantíssimas. Era como se o comprador levasse para si também os dotes do seu ex-proprietário. Todas elas eram finamente limpas, polidas e guardadas como reais preciosidades.

Em meio àquela imensa algazarra, havia também os espécimes da flora e da fauna dos mais remotos quadrantes, raízes poderosíssimas para pomadas, unguentos, sementes, folhas mortais, ervas curativas e aromáticas para chás e muitas iguarias para temperos, corantes sempre disputadíssimos.

Os pássaros exuberantes, faisões, pavões, pombos, falcões... Alguns ainda xucros, outros já domesticados, encontravam-se tigres e crocodilos mantidos em mantas de água, que eram disputadíssimos e vendidos por elevadas somas.

Ali estavam homens que não temiam o tempo nem a distância, e muito menos as adversidades surgidas pelas intempéries do caminho.

Em local de destaque ficava a mercadoria mais disputada. Os escravos, pobres seres totalmente subjugados, desprotegidos, desamparados, vivendo a desdita da própria sorte. A maioria, sem saber os dialetos falados à sua volta, vivia um misto de tristeza e revolta. Não entendiam o que e muito menos o porquê dos acontecimentos que os cercavam. Maltratados ao extremo sob o acicate de tapas e chicotes de tiras especiais, molhados para que não portassem marcas do espancamento nem da desobediência, sovelados ao extremo e obrigados a se alimentar de uma lavagem gordurosa que lhes dava uma aparência de saúde e força.

As grandes peças em exibição eram mesmo as mulheres. Dispostas seminuas, quanto mais novas, mais valiosas. Algumas trajando roupas especiais para que pudessem excitar ainda mais as paixões inferiores, tornando para muitas verdadeira forja de dor e sofrimento. Eram seres honrados, nascidos e criados livres. Alguns capturados em seus campos, trabalhando em busca do sustento diário. Outros figuras honestas e honradas, presos por pequenas arengas políticas ou por desordens sociais até normais, negociados pelos mercadores em troca de quinquilharias.

Mulheres capturadas próximas de suas aldeias, vilas e, muitas vezes, no interior de suas próprias casas, não raro, maquiavelicamente trocadas ou vendidas por seus próprios maridos. Jovens vendidas pelos pais depois de lhes atingir a honra,

em verdadeiros espetáculos de frieza e desamor, trocando filhos como se fossem animais.

Por isso, já naquele momento, ainda muito antes que se cumprisse o projeto “Alexandre, o Grande”, Roma já era meticulosamente planejada para que o conceito de família terrena pudesse, então, ganhar novos contornos. Os planejadores do mundo maior já trabalhavam com afinco no sentido de atender aos imperativos da lei de progresso.

Esses mercadores tinham faro felino e espreitavam suas presas por dias e dias até atingir seus intentos. Áreas de escassos sentimentos, companheiros cujos valores individuais haviam recrudescido aos últimos níveis, somente lhes interessando a busca dos interesses pessoais, ganância, sede de trapaças. Homens frios, calculistas, perversos, que desconheciam os sentimentos alheios e viviam em torno dos valores amoadados. Estavam ali almas em franco desalinho, para as quais a vida alheia valia pouco ou, na realidade, nada, proporcionando diariamente verdadeiros espetáculos de barbárie animalizada. Mentos ainda infantilizadas que não davam conta de que a contabilidade da vida se mantinha atualizada, registrando segundo a segundo os lançamentos conscienciais de crédito e débito, gerando pesados saldos na negatividade, que ainda reclamariam ressarcimentos aos bancos da própria consciência, ceítil por ceítil, não importando quando e onde, simplesmente atendendo à lei de progresso no inadiável processo da reconstrução da harmonia universal.

Enquanto aguardavam o momento exato de entrar no interior da cidade, ficavam por ali nas proximidades. Todos em condições subumanas, em áreas fétidas, enfeixados em verdadeiras redes de promiscuidade social, sem as mínimas condições de higiene e vida.

Morria-se todos os dias de febres misteriosas, causadas pela podridão física e mental que prevalecia nesses acampamentos. Muitas mortes por várias doenças, outras por envenenamento em razão do tráfico de interesses, em que vigorava somente a lei da astúcia, que se sobrepunha às leis dos mais fortes. Uma pequena dose de veneno letal valia verdadeira fortuna e era adquirido a peso de ouro. Os poderosos e ricos não comiam nem bebiam nada sem que seus escravos experimentassem.

Imperava entre todos um clima de desconfiança generalizada. O medo era o parceiro mais próximo, enquanto a morte espreitava todos a cada passo. Na

realidade, por ali eram todos escravos do poder, das posses e, sobretudo, do medo interminável.

Existiam medos tão enraizados que foram, no tempo, corroendo as estruturas perispirituais de muitos. Muitas vezes, no mundo moderno, são os responsáveis etiológicos pela síndrome de pânico, da ansiedade generalizada, que atuam de forma aguda e pertinaz e desafiam os modernos avanços da psicofarmacologia e os eminentes lidadores da área psi. Ainda se arrastarão por longos tempos, até que essas mazelas sejam dissolvidas na área do inconsciente.

Embora fossem inimigos ferozes, eram obrigados a acampar em grupos. A vida, através do tempo, os ia impregnando, lenta e gradativamente, dos rudimentos da solidariedade. Sem dúvida, flores maravilhosas brotavam na aspereza do deserto, alentando uma paisagem assaz agressiva.

Também perambulavam tribos de justiceiros, que atacavam e dizimavam tudo o que encontravam pela frente. Violentos, sanguinários, alguns levando consigo apenas o objetivo do saque. Eram os piratas das areias! Outros soltavam os escravos, esmagavam e matavam os vencidos com a ferocidade digna dos grandes felinos.

Dois bandos eram bastante temidos, o de Hur Abbin e o de Atarix. Apareciam e desapareciam como por encanto. Ninguém os via surgir e ninguém restava para vê-los partir. Movimentavam-se pelas fendas das areias. Cobriam extensa região com facilidade incomum, além de possuírem grande rede de espionagem em todos os lugares. Eram nômades, não faziam parada. Justamente por isso eram extremamente perigosos e temidos, além de sempre contarem com a complacência do – Estado ou por medo ou por conveniência em – troca de presentes raríssimos e escravos.

No mais, a vida daqueles homens transcorria de forma pacata e sem grandes novidade ou alterações. A espera, a falta do que fazer e o constante temor do desconhecido produziam homens ansiosos, como se quisessem viver a antecipação de um fato. Isso os deixava com os nervos à flor da pele, como um tanque incendiário pronto a incandescer a qualquer momento.

Os homens passavam o dia em incansáveis jogatinas de azar. Era o “Ven”, que consistia em uma sacola cheia de pedras de várias cores. Pedras verdes eram da sorte e faziam os ganhadores, uma pedra negra marcava o perdedor. Apostava-se

a vida, a própria liberdade, altas somas e mesmo as mulheres.

Existiam também animais de briga. Nada que os levasse a pensar ou que os fizesse levar à mente uma ação mais delicada, pois isso, para a grande maioria, seria muito sacrificial.

Enquanto se entregavam à jogatina, a um canto outro grupo se exercitava nas artes das lutas. Eram a espada, as lanças, as redes e os punhais. A multidão se inflamava. As bolsas de apostas iam também ao infinito. Cada caravana possuía seus hábeis lutadores. Alguns iam até a morte, outros até o pedido de clemência, outros até o simples desarmamento. Tudo isso acompanhado por muitas crianças e jovens, que tinham ali as primeiras aulas de defesa e ataque.

Um grupo seletivo vivia de seus arcos. Eram flecheiros de nascença, disputando entre si alvos incríveis.

Esses exercícios eram vividos cotidianamente com grande alegria e muito entusiasmo, tanto por parte dos contendores como dos apostadores e também do público assistente. Tudo era transformado em uma rendosa bolsa de apostas, nada deixava de ser apostado. Havia uma gritaria infernal.

As mulheres viviam dos serviços domésticos, transmitindo a cultura pessoal e milenar de fazer partos e lidar com a gravidez. As mais famosas eram as curandeiras, aquelas que possuíam conhecimentos rudimentares de cura. Grande parte cuidava das crianças e dos mais jovens, da alimentação, do vestuário, além de executar o trabalho de reprodutoras, sendo que as que pariavam mais homens eram as de maior valor, pois eles representavam força de trabalho pesado. Trabalhavam ainda como zeladoras de animais, ordenavam as escravas e ainda determinavam qual ou quais passariam a noite com seu senhor. Viviam, assim, num papel de submissão total. As mulheres eram superiores unicamente aos animais e aos escravos homens, já que muitas escravas tinham influência maior sobre seus senhores do que as mulheres verdadeiras. Excetuando as mais novas, todas elas valiam menos que algumas moedas, alguns odres de bebidas ou alguns frascos de perfumes.

No mais, vivia-se uma paisagem social bastante bucólica e sem novidades ou acontecimentos dignos de movimentar a atenção. Até os imprevistos eram rotineiros. Um escravo que escapava, uma briga entre mulheres, um animal fugitivo, uma pessoa envenenada por entre os acampamentos eram cenas de

deleite para o cotidiano.

Era muito comum assistir a cenas de pessoas que enlouqueciam repentinamente, rendendo-se, subitamente, à franca loucura. Muitas vezes perdendo, irremediavelmente, a razão. Ficavam simplesmente possessas.

O clima espiritual era pesadíssimo e as influências eram às claras, havendo desconhecimento quase total. A mesma turba que delirava enfeixada na matéria existia em proporções muito maiores desvestida do invólucro material. Assim, formavam uma só população de amotinados e desvairados, o que aumentava o teor da confusão. Encarnados e desencarnados se acotovelavam em torno dos acontecimentos, servindo uns aos outros em verdadeiros conúbios macabros, que comumente davam gênese a fatos inexplicáveis.

Todos gostavam muito das noites, quando, sob as luzes bruxuleantes dos candeeiros, o sexo libertino tornava-se a grande diversão. Utilizado em grande escala, garantia os prazeres que algemariam corações por milênios a fio, já que o curso dos séculos se tornaria ineficaz para as soluções necessárias. Depois de extenuados pelos prazeres inferiores, bebidas, paixões delirantes aferidas nas fontes das fantasias inconsequentes, entregavam-se ao sono, dando vazão aos sonhos. Eram transportados às faixas do inconsciente profundo. Iam reviver os tempos de glória, quando puderam provar do progresso cultural e científico, mas foram alijados pelas quedas pessoais.

Viam-se novamente em Capela, nas experiências do poder devastador, da riqueza devoradora e do culto diário às formas. Na verdade, faziam, quase todas as noites, uma viagem anímica. Iam em direção ao ontem de apogeu e beleza, que contrastava frontalmente com o ambiente em que por ora viviam, onde somente havia pobreza, desolação, dificuldades, desafios e sofrimentos. Assim, relutavam todos os dias na tentativa de não acordarem.

Essas viagens anímicas, seguidas e aceleradas, eram, em muitos dos casos, a fonte dos enlouquecimentos diários. Não davam conta de retornar às áreas do consciente, preferindo sustentar os delírios intermináveis.

A essa altura, Capela ainda estava muito viva no inconsciente deles, sobrecarregando as pressões de um inconsciente coletivo. Estava ali viva em seu esplendor. Aqueles pobres árias viviam diariamente a dor do exílio em ondas intermináveis de saudade. Por isso, acordar todas as manhãs era para eles

desesperador. Preferiam ficar sonhando com tesouros valiosíssimos, que por certo estavam enterrados em algum lugar e que lhes cabia conquistar.

Muitos acordavam tão enlouquecidos e transtornados pelas vivências anímicas que levantavam suas tendas e decidiam partir repentinamente para algum lugar. Eles não tinham certeza de onde era e nem tampouco para onde iam, mas saíam procurando desesperadamente os paraísos, as arcas de tesouros e velocinos de ouro.

Procuravam e passavam a vida em aventuras, mas, na verdade, procuravam a si mesmos na ânsia para a retomada da consciência de espíritos imortais.

– Querido Gávio, a mente é assim, muitas vezes, misturamos o tempo, perdemos a noção do presente e pretérito e passamos a viver irresponsavelmente, sem saber onde começa a fantasia e termina a realidade.

– Sim, querido Palminha, vivemos sem nos dar conta de que o passado se foi, sendo uma fumaça tênue na linha do horizonte. Sentimos o passado presentificado, e sofremos porque não podemos mais vivê-lo, mas somente nos lembrar dele. Tudo isso se materializa em ondas de delírios que assombram os mais eminentes lidadores das ciências psi quando se defrontam com as crises rudes das psicoses e entrecortes do humor provocados pelas neuroses que assaltam companheiros nobres, ainda no verdor da idade, em crises insensíveis aos modernos avanços da bioquímica psiquiátrica.

– Sim, fraterno Gávio, descortina-se aí a maravilha da Doutrina Espírita, desvendando o véu enegrecido do desconhecimento, lançando luzes novas ao saber, ao mesmo tempo em que emerge com a grande força profilática do novo milênio, propondo a reengenharia do ser através do seu inevitável encontro com Jesus, pois somente assim, através do tempo, ele poderá se reencontrar como ser imortal e se recolocar como cidadão do universo, plenamente quite com as leis da harmonia universal. Pensamos, com as limitações de nosso acanhamento espiritual, que este é o único e o inadiável caminho, a rota mais segura para a felicidade tão almejada por todos nós: Jesus!

Capítulo 17

Babili estava em festa. Ciro sairia às compras! Em poucos instantes, os muros se convulsionaram. As caravanas, em desabalada carreira, buscavam o seu interior. Tudo muito confuso, pois as portarias agora eram alfândegas, e os impostos eram pagos na entrada, e não mais na saída. Mudanças impostas por Ciro.

Todos querendo arrumar para si o melhor lugar na grande praça. Animais sendo limpos, escravos arrumados, presentes os mais variados eram meticulosamente expostos. Ciro ia às compras e o povo de Babili também. Era como se uma febre de consumo se abatesse sobre a cidade. O que se pudesse imaginar para comprar ali existia e poderia ser comprado.

– Senhor, Senhor, olhe este galo pronto para ser sacrificado, todas as penas intactas e bico perfeito. O seu deus ficará muito feliz com você ao recebê-lo como sacrifício, e assim mudará sua sorte!

Senhor, nenhum deus irá gostar de você se não lhe agradar. Veja só este galo, senhora. As riquezas vão entrar em sua casa imediatamente e a sua sorte mudará por completo!

O velho Rafir e seus homens, especialistas em animais, traziam-nos de longe para ser imolados nos altares dos templos. Eram negócios certos. Eles sabiam convencer os compradores das necessidades dos deuses. Vendiam toda a mercadoria.

Vejam, vejam só! Uma relíquia! Esta espada pertenceu a Teorax, um dos maiores guerreiros gregos. Com ela, ele cortou mais de quinhentas cabeças numa só batalha. Levem essa peça, que lhes será fundamental nas lutas e também o espírito guerreiro de Teorax.

Vejam, sintam! Peguem! A força de Teorax está aqui, viva nesta poderosa arma de guerra. Com ela, não haverá inimigo que não tombe aos seus pés. Uma relíquia, uma oportunidade única!

– Quanto está pedindo pela espada?

– É de quem der mais. Quem dá mais, quem dá mais a Poruxe? Quero ver as ofertas, pois essa preciosidade não sairá barata. Trata-se de uma arma valiosíssima e só sairá pela melhor oferta.

Vários reis dessa terra, com medo da maldição desta espada, já me procuraram para comprá-la, mas não ofereceram o que Poruxe quer por ela, por isso poderá ser sua!

Estava ali um homem astuto, uma raposa nos negócios, disposto a rapinar a quem quer que fosse. Poruxe peregrinava, comprando e vendendo desde Babilí até os confins de Atenas. Hábil negociante, falava vários dialetos, e seu grupo não se caracterizava como mercador, mas insistia em dizer que era caravaneiro, levando e trazendo pessoas por aqueles caminhos perigosíssimos, e com isso julgava ludibriar os piratas das areias e os saqueadores do caminho. Ele dava notícia de toda a região. Tinha espias em vários lugares e mantinha uma perfeita rede de informação, para que sempre se encontrasse onde estivessem as melhores oportunidades.

Seu bando não tinha mulheres, apenas esporadicamente as comprava e imediatamente as vendia. Era só mesmo para negociações, não era uma mercadoria que admirava.

– Poruxe, quanto oferece por esta linda mulher? Ela já dormiu com os mais finos nobres aqui da corte, apreciadíssima por todos! Olhe que beleza!

Anda, mulher, roda mais para ele ver, mostre os dentes. Anda, praga dos infernos, mostre os dentes!

– Mulher sempre é uma mercadoria muito perigosa. Chama contratempos, produz paixões e discórdias, e sua mulher é muito pequena, senhor, os homens não gostam desse tipo.

– Poruxe, veja bem, olhe que beleza! Ciro, quando a vir, ficará apaixonado e pagará elevada soma por ela. Olhe bem os pés, as pernas. É uma mulher ainda nova, saudável. Posso trocá-la em sua espada...

– O quê? Uma mulher dessa por uma espada valiosíssima como esta? O amigo está ficando doido! Nem vinte mulheres eu trocaria por uma espada tão importante!

Aquela pobre mulher, baixa, esguia, magra de maus-tratos e de fome, olhos fundos a viajar nas próprias órbitas, num misto de medo e desesperança, obedecia maquinalmente às ordens de seu dono. Entregue à sorte, não possuía nenhuma fagulha de alegria. Olhava para todos com olhos de piedade, como se a dizer “o que vocês estão fazendo comigo? Por que fazem isso comigo e por que comigo?” Interrogações infinitas pululavam naquela mente ávida pela própria morte, mas tão subjugada e tão explorada em seu ser, em sua individualidade, que parecia impotente até mesmo para morrer. Estava coberta por alguns tecidos rudes, que disfarçavam sua nudez, o que também não a preocupava, aliás, nada mais a preocupava. Havia perdido tudo! A sua liberdade era apenas o pensamento, assim mesmo em lembrar os tempos em que fora livre, que correria pelos campos, que brincara com os irmãos. Tempos idos em que conhecera de forma passageira a felicidade. Agora lhe restava a vergonha, o sentimento de derrota e o sofrimento diário do nada ser. Mas era livre para odiar o pai, a quem devotava o mais profundo rancor e o mais renitente dos ódios. Passava seus dias lembrando, ruminando o momento em que fora vendida por ele, ainda muito jovem, a alguns mercadores que por lá passaram.

– Onde? Quanto?

Eram respostas que ela não saberia dar. São respostas que se perderam no tempo, na mente juvenil construída numa infância rude, mas suficientemente forte para odiar por milênios a fio, sem dó nem piedade.

Tomara ódio de homens! Foram tantos os absurdos cometidos contra ela, tantas agressões contra seu corpo, que ela não perdoava nenhum daqueles que passaram por sua vida. Nutria por todos eles a mais profunda mágoa. Nas noites maldormidas, passava seu tempo a matá-los mentalmente nas situações mais atrozes que se poderia imaginar.

São questões que saturam o inconsciente por muito tempo, desaguando nas desordens patológicas de etiologias difusas e de difícil tratamento. Ódios embutidos em ódios, crimes embutidos em crimes, esperando pelo contorno eficiente do Evangelho dinâmico nas operações do perdão auferidas no trabalho incansável em benefício dos semelhantes.

Viajamos no tempo. Vemos nossa irmã Roxana, na oportunidade de redenção, no

período da escravidão no Brasil, na Fazenda da Água Boa, no ciclo da cana, recebendo seus antigos algozes e vários outros comparsas atrelados aos momentos da escravidão, devido aos desmandos perpetrados no passado.

Vemos, então, nossa irmã, agora como Maria Eduarda, uma descendente de lusitanos, com largos recursos econômicos, perder valiosíssimas oportunidades. Juntamente com o comparsa Ludovico e o padre Emerêncio, sovela os negros, calcinando ainda mais o ódio, adiando sine die a reconstrução da caminhada libertadora.

– Lembra-se, Gávio, de nossa irmã Helena, no Grupo..., debruçada sobre aquele caldeirão de comida, cozinhando para os pobres irmãos atendidos naquele grupamento espírita?

– Querido Palminha, essa companheira me chamou muito a atenção pela humildade e dedicação ao trabalho assistencial tão louvável. Confesso, meu irmão, que fui às lágrimas com a alegria daquelas crianças. Que coisa maravilhosa esse trabalho!

– Querido Rubens Gávio, bendita Doutrina Espírita, bendito Evangelho, redenção das almas, bendito trabalho de amor! É Roxana, a mesma Maria Eduarda, atendendo seus infelicitadores de ontem e dando os primeiros passos nas estações do amor! Doutrina Espírita, lábaro bendito na transformação das almas!

Babili! Ainda custará a muitos e em várias épocas! Anos se passarão, anos se multiplicarão em séculos e os milênios escorrerão na ampulheta do tempo até que essas questões estejam plenamente resolvidas.

– Senhor, tenho os melhores camelos e cavalos da região! Veja só! Examine as montarias!

– Groa, seus animais são velhos!

– Velhos? Não achará mais eficientes em toda a região! São montarias experientes, que já cortaram o oriente e o ocidente. Sabem atravessar tempestades, são seguros na condução de qualquer carga. Isso é ser velho?

– Groa, quero uma mercadoria boa! Boa, entendeu?

– Sim, eu tenho, mas isso não é barato. Pretende pagar com quê?

– Tenho esses oito homens aqui. Todos muito bons e novos. Experientes em viagens e em transporte, valiosíssimos e prontos para o trabalho.

Groa se aproximou, conferiu-lhes detalhadamente os pés e as pernas, apalpou-lhes a barriga e imediatamente recusou um.

– Esse está com um caroço bem aqui!

Continuou a observá-los, mandou que abrissem a boca e lhes enfiou um pedaço de pau, abrindo-lhes ainda mais a cavidade bucal. Olhou detalhadamente cada dente e refugou mais dois, dizendo que estavam com a boca muito ruim.

Mandou-os abaixar, levantar, abaixar e levantar e dispensou mais um, dizendo que aquele ali já estava meio torto. Assim, aprovou quatro e continuou, então, a negociação que trocava homens por animais.

Ao final, recebeu-os em pagamento e, imediatamente, começou a esbravejar com eles, a lhes bater no rosto e a lhes dar impiedosas chicotadas, como se estivesse comprando cavalos xucros, que ainda carecessem de ser amansados.

– Praga dos infernos, obedeçam-me!

Aqueles homens, sem poderem olhar entre si, jaziam amarrados, ajoelhados e expostos a enorme humilhação, totalmente subjugados. Com o corpo nu, somente amparados por uma pequena manta que lhes cobria a região dos testículos, curvavam agora a cabeça até quase o chão, e assim teriam de ficar até que o dia terminasse ou que Groa os revendesse a outros.

Aquelas cabeças não conseguiam entender por que tanto ódio, tanta covardia se abatiam sobre eles. Para alguns, era muito difícil viver aqueles instantes sem que o coração não irrompesse em fúria. Outros iriam se anestésiar no curso dos milênios, vivendo sem a menor sensação de sentimento, imunes à dor, ao dó, sem sofrer por si mesmos e muito menos pelos outros, frios, calculistas, despidos de qualquer laivo emocional.

Nos refolhos da mente, muitas vezes, esses quadros estão argamassados pela

misericórdia, sofrendo o trabalho bendito do tempo. Quando colhidos pela rebeldia ou pelo ódio, vão, então, dar gênese a quadros doloridos dentro dos estatutos das psicoses, construindo comportamentos esquizos e renitentes aos mais modernos recursos e tratamentos, e os lidadores das ciências psi e médicas se veem às voltas com situações insolúveis. Somente o tempo, o Evangelho do Cristo e a disposição ao perdão poderão um dia lograr êxito.

São almas que hoje sacodem violentamente suas famílias, formadas, por sua vez, de antigos comparsas que se enovelaram na intimidade dos lares, constrangidos às lutas de cada dia, sem entenderem o porquê de tantas lutas e dores.

Pais que por inúmeras vezes são obrigados a levar seus rebentos, na calada da noite, para os hospitais, à procura de internamentos de urgência, assistindo-os sacrificialmente nos ápices delirantes que lhes dilaceram o coração.

Lágrimas doloridas correm-lhes pelas faces em sofrimentos pertinazes. Olham para os médicos, psicólogos, enfermeiros como a lhes implorar pelo socorro misericordioso como a última instância de esperança em momentos intensamente aflitivos. Sem entenderem a situação, ficam perplexos, sem assimilar como que filhos queridos, que há dias eram a grande esperança no contexto das realizações pessoais e profissionais, hoje se veem atados a um estado de sofrimento infundo.

Quando não, vamos encontrar essas desditas nos ciclos da mediunidade expiatória, em que consciente e inconsciente se misturam, gerando os fios condutores para o surgimento dos eventos anímicos, agravados pela presença pertinaz dos inimigos de antanho na figura de perseguidores implacáveis, quando, na verdade, todo o clã se mistura ali para os misteres da mediunidade, encarnados e desencarnados, todos parceiros de quedas abissais no ontem.

Esses eventos se desenrolam dentro de uma Casa Espírita no curso de décadas, noite a noite, reunião a reunião, estudo a estudo, seminário a seminário, esforço a esforço, até que todo o cálice seja esgotado e inimigos ferrenhos do passado possam, então, se dar as mãos, marcando a hora do devido retorno ao plano espiritual para renovar os compromissos e se preparar para nova fase de futuros embates.

– Fraternal Palminha, vemos que a descida é longa, sendo o caminho efetuado

por escolha pessoal. Entretanto, a ascensão possui a mesma distância da descida. Com uma condição: ninguém retorna sozinho. O processo é sempre coletivo. Não é permitido deixar corações aflitos na retaguarda.

Assim, de momento a momento, estamos inseridos em uma nova coletividade, novos desafios, realidades, oportunidades que se renovam ininterruptamente, refazendo as esperanças.

– Sim, caro Rubens Gávio, uns retomam o processo de ascensão pelo caminho do amor, outros são movimentados pela exaustão. O sofrimento é totalmente dispensável, tratando-se apenas de uma livre escolha, tomando o espaço em que a rebeldia, o rancor e a ociosidade se façam presentes.

Concede-nos, entretanto, a misericórdia infinita retomar a caminhada por meio do exercício maravilhoso da felicidade e da harmonia plena. Nesses casos, o determinante insere-se nos dispositivos imprescindíveis do trabalho sem fronteiras em benefício dos semelhantes.

– Tens razão, meu dileto Palminha, Babili ainda se encontra viva nos dias de hoje, plenificada no inconsciente coletivo de extensas comunidades, exigindo diariamente esforços redobrados para que as teias macabras das dores possam cessar, e os períodos das reparações possam, enfim, ser extinguidos, para que, juntos, possamos trilhar os caminhos que nos conduzam à direção de uma nova era.

– Sim, Gávio, bem no meio daquela confusão, algumas mulheres livres transitavam em grande fanfarronice, levadas pela semiembriaguez e a libertinagem que as acometiam naqueles momentos.

Uma grande multidão se aproximava e, em êxtase, assistia a um processo de abortamento em plena praça pública. Enquanto uma gritava, sofrendo as dores daquele momento, naquele lugar fétido e sem nenhuma higiene, outras quatro a incentivavam para que fosse corajosa naquele instante.

– Cora, não foi você que quis? Para que se lamentar agora? É bom que fique livre dessa coisa o mais rápido possível. Isso só atrapalha os nossos negócios! Clientes não gostam de mulheres prenhas!

– Handuxa, eu não lhe falei que essas ervas eram boas mesmo? Eu sabia que ia ser rápido. Você é que não acreditou. Isso passa rápido! Segura ela aqui!

Aquilo era uma diversão para os presentes, que, aguçando a curiosidade, não arredavam o pé do local.

De repente, surgiu a cavaliariça de Cristiofen abrindo caminho pelo local, temendo que fosse uma confusão, briga ou coisa parecida. E depararam com aquelas mulheres, uma em pleno trabalho de parto.

– O que está acontecendo aqui?

– Ora, guerreiro, nunca viu uma mulher abortar? Ela está somente se livrando dessa coisa e logo, logo estará boazinha, seu moço!

– Ela está abortando?

As mulheres deram uma profunda gargalhada ao observarem a incredulidade da guarda. Debocharam deles, vendo-os como pessoas infantis e sem noção de acontecimentos totalmente corriqueiros.

– Sim, guerreiros, vocês não gostam de mulheres bonitas? Não querem mulheres bonitas? Então temos de nos livrar dessas coisas, não é? Demos a ela uma poção. Daqui a pouco tudo estará resolvido!

– Então vocês estão presas em nome de Ciro, o imperador da Pérsia e Babilí!

– Presas?

– Sim, presas! Não permitimos abortos. Ciro detesta abortos! Nossas leis não os permitem! Vocês estão presas e devem imediatamente ser levadas ao tribunal.

Em pouco instantes, aquelas mulheres estavam sendo levadas dali, para espanto de todos. As leis, com Ciro, mudaram profundamente Babilí. Não era mais permitido o aborto, não era permitido nenhum abuso em relação às crianças, e os anciãos gozavam agora de proteção especial do Estado.

Mais quatro dias, e aquelas mulheres passavam a ser propriedade do Estado, condenadas pela prática do aborto criminoso. Eram agora escravas e o Estado poderia dispor de suas vidas.

Babilí passava, assim, a viver uma nova ordem de conduta social. Ciro era extremamente humano quanto à proteção de seu povo, mas profundamente

rígido no que dizia respeito às leis. Acabava ali o tempo de abusos sexuais contra crianças e jovens, ainda que escravos. Qualquer um poderia reclamar seus direitos perante os tribunais.

A proteção do Estado para os seus cidadãos marcava, com Ciro, uma nova era na evolução humana e seria lentamente levada como desafio para os tempos futuros como uma contribuição importante de sua época.

– Que maravilha, não é mesmo? O direito à vida tem de ser preservado acima de qualquer questão ou interesse!

– Ora, Gávio, entretanto os contraventores da vida continuam firmes até os dias de hoje. Conservam as condutas pertinazes a sustentar suas intenções macabras e insistem em desafiar os estatutos da lei, burlando temporariamente os códigos da própria consciência. Mentes malignas que muitas vezes promovem passeatas e tentam legitimar movimentos espúrios no intuito de legalizar assassinatos e outros vários desmandos, e assim legitimarem suas torpezas, para se sentirem livres para a prática de suas loucuras.

Vivem vicejados por posturas anímicas, buscando as gratificações no inconsciente, para poderem assegurar a continuidade das insanidades de ontem, no intuito de fazê-las prevalecer até os dias atuais. Ainda se acham superiores às leis de Ciro e insistem em fingir desconhecer as leis de Deus.

Caro Gávio, Ciro passou e continua ainda hoje a sua marcha evolutiva vitoriosa!

As leis de Deus jamais passam, são naturais, sólidas, imutáveis e intocáveis nos arquivos da consciência!

– É, fraterno Palminha, pobres almas que, sem se aperceberem das reais responsabilidades, simplesmente se conduzem aos cadafalsos para se imolarem no amanhã em dores atrozes.

Infelizmente, preocupamo-nos daqui com o incontável número de almas que, invigilantemente, se deixam levar pelos modismos e se tornam parceiras das inconseqüências em voga, degradando-se sem apelação.

– Fraterno Gávio, não nos esqueçamos de que a vida sempre responde!

Capítulo 18

Ciro e sua comitiva passaram a ser o alvo de todas as atenções! Onde o rei andava, a multidão se aglutinava. O povo de Babili havia descoberto que ele gostava de música. Onde quer que fosse, havia sempre os bajuladores do caminho tocando algum instrumento e cantando alguma canção. Canções essas que falavam dos heróis, dos guerreiros, dos atos de sua bravura, mas canções que falavam também de terras distantes, que ninguém, na realidade, conhecia, porém seguramente estavam cheias de delícias, farturas e venturas.

– Uma canção para Ciro!

– Uma cançãozinha para Ciro!

Os instrumentos começavam a tocar, ainda que de forma desorganizada, e Ciro, calmamente, parava e fazia questão de cumprimentar e sorrir para cada um. Ouvia atentamente e não deixava de agradecer ao partir. Era um guerreiro bruto e bravo, mas tinha educação refinada. Amava gente e era amado por todos, por isso, até mesmo seus inimigos o temiam, não tanto pela força de sua espada, mas por seu poder de convencimento e pelo tanto que era querido pelas pessoas simples e humildes.

– Senhor, senhor, não pode deixar de conhecer as maravilhas que Ramhist trouxe do oriente distante! São perfumes finos, senhor! Ramhist selecionou os melhores para o imperador!

Na mesma hora, uma quantidade imensa de serviçais despontava perto de Ciro, trazendo-lhe perfumes caríssimos. Realmente haviam viajado por muito tempo em busca de um melhor mercado. Babili, ao tempo de Ciro, era o grande mercado.

Ciro olhou à sua volta procurando os olhos que haviam tocado profundamente o seu coração!

Procurou até que seus olhos se encontraram com os de Miriam. Todas as vezes que isso acontecia, visivelmente seu coração se iluminava.

– Miriam! Quero presenteá-la! Escolha as iguarias que melhor lhe convierem. Veja para você os melhores perfumes!

Os olhos de Miriam buscaram o interior dos olhos de Ciro, como que a lhe vasculharem a alma, no intuito de descobrir a profundidade de seus desejos. Queria agradecer-lhe também.

– Mas, senhor, como poderei eu saber de seu gosto?

– Miriam, quero que escolha para você. Quero presenteá-la!

– Mas, senhor, que bom se o meu gosto fosse o seu gosto, e se o meu perfume fosse o melhor para o seu coração!

Ciro ficou radiante de alegria. Até ali, nunca houvera uma demonstração tão evidente da doçura de Miriam em relação a ele. Por isso, ele viveu, naquele instante, um momento diferenciado em seu coração.

– Mas, provavelmente, Miriam, não conseguirei aqui uma fragrância que seja compatível com sua beleza, e aí não saberia o que verdadeiramente lhe dar!

– Senhor, prefiro que me dê aquilo que for do agrado do seu coração, porque, se for do seu agrado, será belo para mim. Gostaria que a escolha fosse sua!

Ciro não se fez de rogado e começou a escolher avidamente tudo o que pudesse ser do agrado do coração do seu amor!

Miriam, ao seu lado, acompanhava e recebia com um sorriso tudo que lhe chegava às mãos. Na realidade, pouco a pouco, aquelas almas iam se reaproximando, e ela cumprindo o seu intento com louvor.

Ciro tomou um odre de barro finamente confeccionado e perguntou:

– O que é isso?

– Pode tirar a tampa, senhor!

Ciro observou, tornou a observar e não viu a menor possibilidade de aquilo ser destampado, e devolveu às mãos do comerciante.

Este pegou um punhalzinho fino e pequeno e, lenta e levemente, começou a passar em sua ponta, até que essa se rompeu, inundando o local com uma fragrância de inigualável perfume, que imediatamente contagiou todo o ambiente, a ponto de as pessoas ao redor imediatamente se sentirem visitadas por tão agradável aroma.

– Senhor, gosta?

– Rhuanar, que maravilha de perfume!

– Senhor, é um perfume raríssimo, feito de flores de alfazema, que Rhuanar foi buscar exclusivamente para que seja o presente de seu coração ao coração que já é seu!

Ciro maravilhou-se com a percepção de Rhuanar!

Rhuanar era um comerciante astuto, atento às mínimas coisas, sempre disposto a tirar proveito das menores oportunidades. Viajara até os confins da Ásia, quando esta se encontra com a Europa nos tempos modernos. Velhaco e destemido, não gostava de traficar escravos, tinha orgulho de traficar quinquilharias e preciosidades que buscava nos confins do mundo conhecido.

Ele, de posse do mesmo punhal, cortou a pontinha de uma fina corda e a embebeu na fragrância. Passou, carinhosamente, abaixo das orelhas de Miriam e, pedindo licença a Ciro, passou-lhe também, e pediu a Miriam para cheirá-lo. Logo após, pediu ao imperador para cheirá-la, e eles simplesmente obedeceram ao ritual do astuto vendedor.

– Gostou, senhora?

Miriam aquiesceu com um aceno de cabeça. Seus olhos brilhavam no interior de uma feição intensamente feliz! Irradiava alegria, vivia os maiores momentos de sua mocidade, de seus sonhos embalados pelas ilusões que voejam nos corações ainda plenificados pela juventude. Aquilo representava para ela a felicidade. Não porque aquele homem que se curvava insistentemente à sua frente fosse um rei, um grande imperador, não porque aquele coração somente reconhecia a um só Senhor, mas porque ali estava alguém que movimentava até a última das fibras de seu coração, fazendo-o pulsar diferente. Aquela era o homem que seu coração aprendeu a amar.

– Gostou, Senhor?

Ciro estava pleno de alegria. Sentira que, pela vez primeira, conseguira atingir o coração de sua governanta, da sua aia pessoal, e se alegrava, vendo a alegria juvenil transbordar daquela alma tão nobre e pura.

Os companheiros de comitiva jamais tinham visto Ciro daquela forma. Parecia ser uma criança movimentada pela alegria de ganhar um lindo presente, daqueles que mexem com o imaginário e levam as pessoas aos mais lindos sonhos.

– Querido Gávio, na verdade, a afetividade é assim. Alegramo-nos com a alegria do outro e ficamos felizes com a felicidade do outro. Sustentamo-nos e sustentamos reciprocamente um ao outro pelo abençoado comportamento da afetividade que singra no interior dos nossos corações, até o momento em que o ser feliz passa a se encontrar intimamente ligado à felicidade do outro. Isso provoca reações estranhas na medida em que perdemos as reservas com a pessoa de nossa afetividade e passamos a lidar com ela como se fosse conosco.

A afetividade é o embrião do amor, que tem endereço certo e possui face. Quando começamos a amar, perdemos a objetividade. O amor atua de forma múltipla e ampla, e não sobre elementos isolados.

É um sentimento que nunca é individualista e, por isso, jamais se fecha e se espalha com abrangência incontrolável.

Amar a Deus, amando o ser divino, é converter essa sinergia que nos faz divinizar toda a Sua criação.

O amor não é estático, mas se realiza através da dinâmica dos sentimentos. Por isso, é realmente o sol das almas, gerando fecundidade indistinta onde quer que se faça presente.

A afetividade engravida um, vinculando-se aos campos do material biológico, por isso produz maravilhosamente corpos. O amor engravida vários e de uma só vez, pois opera de forma dinâmica, de espírito para espírito. Ele não produz corpos, produz sempre mais e mais amor! O amor produz amor!

A afetividade, quando não plenificada no amor, é gostar. Quando ajustada ao

amor, torna-se união, gera reciprocidade, produzindo felicidade recíproca.

O amor é o amor em tudo e sobre tudo, a mecânica mais eficiente a vigorar na vida no sentido de nos agregar às dinâmicas universais.

Sem ele, nada somos, nada seremos e em nada estaremos, pois somente ele é a bússola confiável que nos conduz com segurança pelos intrincados caminhos que nos permitem apropriar da evolução consciente. Somente ele tem a propriedade de nos fazer mergulhar nas ondas abençoadas da misericórdia infinita.

– Sim, fraterno Palminha, sem o amor, nada somos e nada verdadeiramente seremos!

– Miriam, em você tudo é bonito, tudo se perfuma! Você é a própria alfazema, a luz do dia e a alegria que me encanta!

Miriam sentiu-se deslocada e corada. Sua alma simples não estava acostumada a galanteios, tampouco a sentir o coração descompassado por alguém. Ela mal conseguia esconder sua vergonha, mas deixou, ainda assim, transparecer toda sua alegria.

– Meu senhor, que o Senhor abençoe a sua magnanimidade, o que faz de sua alma a mais bonita entre todas as que eu conheço...

– Miriam, se seu senhor fosse realmente bom, ele daria você para mim e consentiria que você fosse minha!

– Vejam, vejam! Dahargon tem as mais formosas mulheres de toda a região, tenho egípcias, fenícias, gregas e até indianas!

Venham, venham conhecer as mais belas mulheres de toda a Mesopotâmia. Só Dahargon tem para os senhores!

Venham, venham, eu tenho mulheres belas e bonitas, para fazer qualquer homem feliz!

Venham viver o seu sonho! Mulheres novas, todas muito conservadas, todas bem educadas e tratadas com todo o cuidado.

Venham, venham!

A voz daquele homem chamou imediatamente a atenção de Ciro. Adorava ver e comprar mulheres bonitas. Esse era verdadeiramente o calcanhar-de-aquiles do grande imperador.

Chegou e começou a olhar atentamente uma a uma. Seus olhos tornavam-se, de um momento para outro, os de um falcão espreitando a caça num voo fatal. Assim, aproximou-se mais e passou a abrir a boca de uma a uma, avaliando-lhes detidamente a dentição, observou a formação dos seios e passou a cheirá-las.

– Tarhif, o que achou?

– Senhor, parece que todas cheiram bem! Têm dentição boa, pés bem apanhados e parecem que não foram castigadas.

– Gostei de todas!

– Trata-se de uma mercadoria de boa qualidade, e parecem ser bastante dóceis...

– Acho que vou comprá-las!

Nesse instante, Ciro olhou a sua volta e não viu sua estrela-guia. Olhou até que, mais distante, observou os olhinhos aflitos que pareciam sofrer naquele momento.

Ele, deixando seus oficiais tratando de melhor observar a mercadoria, afastou-se um pouco, indo na direção de Miriam.

– Menina, parece triste!

– Sim, meu senhor! Sei que não tenho esse direito, mas não consigo segurar meu coração quando o vejo junto de outras mulheres.

Ciro não se conteve de contentamento ao ver aquele coração falar de ciúmes, dar mostras de que ele era querido.

– Mas, Miriam, são somente escravas! Nada mais que simples escravas para o serviço!

– Senhor, são mulheres, pessoas que, como eu, que há bem pouco, até sua chegada, era também escrava. Somente não sou uma pela bondade do seu coração.

– Você jamais foi escrava!

– Diz a verdade, a liberdade mora na alma! Eu sempre fui livre, por isso jamais fui escravizada como estas que aí estão...

– Devo comprá-las?

– Para quê, senhor? Para dormir com todas elas e fazê-las sofrer a cada noite a dor e a vergonha de terem de se deitar com um homem cuja afetividade não possuem, e que provavelmente somente fará aumentar o ódio em seus corações?

– Miriam!

– As pessoas que lhe servem hoje, meu senhor e meu rei, são todas livres. Por isso o amam, por isso o idolatram, e tudo fazem para vê-lo feliz! O que pensa em ganhar escravizando pessoas, meu senhor?

– Miriam! Miriam!

– Senhor, quanto a mim, acha que ficaria satisfeita vendo o homem a quem aprendi amar povoar seu leito de mulheres e mais mulheres, dividindo-se todas as noites em função simplesmente dos prazeres da carne, dos prazeres efêmeros e passageiros, que nada mais trarão do que a satisfação pessoal, qual o tigre quando abate sua presa e se repasta com suas entranhas?

– Miriam, eu não a trocaria por todas as mulheres do mundo! Então, fique comigo, mulher!

– Meu senhor e meu rei, eu o amo mais do que tudo que há na Terra, mas amo o meu Deus e Senhor mais que tudo o que existe na Terra e acima no Céu. Meu Deus não quer que eu fique, mas quer que eu sempre seja. Ele dá um homem para cada mulher, e uma mulher para cada homem, para que, juntos, eles sejam uma só carne e um só espírito, para que, através dos filhos e das realizações superiores, possam construir a felicidade.

O meu Deus e meu Senhor não quer que eu fique, mas que eu seja, e que esse

alguém também seja em mim e para mim e, juntos, possamos glorificá-Lo pelo resto dos nossos dias!

Para o Senhor meu Deus, ser é muito mais importante do que ficar e do que possuir!

Miriam estava nimbada de safirina luz, que irradiava de todo o seu ser. Mostrava o rosto das almas angélicas que, abrindo mãos de seus desejos e suas paixões, curvam-se reverentes aos ditames de Deus. Era como se os céus se abrissem e tudo se calasse para que, através da boca de um de seus anjos, Ele pudesse conversar ao pé do ouvido de Ciro.

– Fraternal Palminha, é sempre assim! Deus se aproxima de nós de vários modos e nos conduz por caminhos insondáveis, fala-nos por várias bocas, buscando-nos o coração para reflexões urgentes e inadiáveis. Pena que vislumbramos um Deus muito longínquo, distante e inacessível às nossas necessidades mais prementes, quando, na realidade, Deus está sempre pertinho de nós.

– Sim, querido Rubens Gávio, temos Deus no zimbório celeste salpicado de estrelas reverenciando o homem e a natureza no encantador desfile dos astros coloridos.

Ouvimos Deus no silêncio das amplidões, nas grandes comunidades estelares, convidando-nos a pensar sobre a grandiosidade de nossa pequenez.

Vemos Deus na galáxia silenciosa que, arrastando sua nebulosa, atravessa os universos, colocando os mundos em ação.

Temos Deus no azul-celeste de uma tarde de folguedos, quando a natureza transpira harmonia, convidando-nos a crescer, amar e progredir.

Ouvimos Deus no sibilar mansinho dos ventos que, cariciosamente, tocam-nos os ouvidos, numa passagem reverente, indo e vindo, sem jamais parar.

Vemos Deus no vagido agudo de uma criança chegando e dando um novo tom ao mundo, salpicando corajosamente os corações de esperanças e pontilhando a

vida de alegria.

Temos Deus, ouvimos Deus e vemos Deus todas as vezes que disponibilizamos a nossa alma para estar além dos sentidos grosseiros que entorpecem o espírito.

Deus está onde o sentimento do crente se encontra!

– Fraterno Palminha, Deus está em nós na mesma proporção em que, por nossa fé, nos encontramos Nele.

– Miriam, não consigo entender o coração de seu Deus, mas percebo que Ele é forte! Miriam, o que quer que eu faça?

– Senhor?

– Sim, diga o que quer que eu faça e eu farei!

– Como assim, meu senhor e meu rei?

– Diga se compro as escravas, se as deixo aí, por favor! Diga-me e eu farei!

Ciro esperava mais uma demonstração de ciúme daquela jovem, para que todo o seu ser novamente se exultasse de alegria. Ele esperava que Miriam lhe dissesse algo, que falasse outra vez do seu amor.

– Senhor, posso realmente lhe pedir?

– Peça, Miriam, e eu farei!

Ciro, o Grande, estava abatido, dobrado diante daquela jovem hebreia, vergado de amor, de desejo, encantado com a beleza primeira que povoava seu coração.

– Senhor, compre todas aquelas pobres mulheres!

– Então posso comprá-las? Não vai se opor a isso?

– Senhor, compre todas elas e desamarre-as em praça pública, faça delas mulheres livres, levando-as para trabalhar em seu castelo!

Ciro olhou profundamente para Miriam, admirava-lhe ainda mais. Jamais vira um coração tão maravilhoso quanto aquele. Aquela mulher, ainda muito jovem,

tinha o poder de surpreendê-lo a cada momento, e por isso o fascinava.

– Miriam, é um pedido seu ou é do seu Deus?

– Senhor, é o meu humilde pedido ao seu coração!

Ciro sentiu as lágrimas virem aos olhos. Nunca havia vivido um momento tão grandioso quanto aquele. Já havia vivido muitas batalhas, lutas, dificuldades e grandes alegrias pelas vitórias, mas jamais vivera um momento como aquele, em que alguém lhe pedia para abrir mão do que mais gostava sem que houvesse nenhuma imposição ou ameaça. Era a vontade de uma mulher, um ser pequeno, frágil, delicado, mas que sentia ter a maior das forças, a força moral.

– Miriam, como deseja, assim será feito!

Ciro reaproximou do vendedor Darhgon. Olhou novamente todas as mulheres com os mesmos olhos de falcão. Agora um falcão abatido que acabara de perder suas presas.

– Tarhif, quero todas!

– Senhor, mas tem três que me parecem não estar em bom estado!

– Tarhif, todas! Mande desamarrá-las e faça com que entendam que irão trabalhar no palácio, não como escravas, mas sim como mulheres livres!

– Meu senhor!

– São ordens, Tarhif!

Naquele momento em que Tarhif ultimava a compra daquelas mulheres e passava a informação de que todas seriam livres, o povo simples e humilde que cercava a realeza ficou extático, boquiaberto, admirado quanto ao acontecimento e explodiu em delírio.

O povo entendeu que Ciro simplesmente fazia todos os escravos da praça se tornar livres. E imediatamente houve uma explosão de alegria e comemorações esfuziantes que tomou conta do local, não sendo possível contê-la.

À medida que Tarhif ia desamarrando e desatrelando uma a uma, o povo já

abraçava as mulheres, dando-as como libertas. Uma grande multidão passou a desfilar pelas ruas em comemoração. Uma gritaria ensurdecadora se fez. Homens e mulheres, de imediato, passaram a ir a outras barracas, soltando, por conta própria, os demais escravos, hostilizando quem contrariasse o entendimento popular.

Homens dançavam, brincavam, gritavam, pulavam e se reuniam ao redor de Ciro, estendendo sua liteira ao alto e carregando-o de homenagens, como se transportassem um Deus.

Ciro, a princípio, não entendeu os acontecimentos, mas logo sentiu que o povo lhe prestava uma homenagem. Sua guarda, no momento, era insuficiente para conter a manifestação popular que, naquele instante, transbordava de alegria para com o seu imperador.

Eram homens livres que comemoravam a liberdade de outros homens, que se sentiam seguros com seu imperador, pois, na medida em que ele não aprisionava os estranhos, na certa não aprisionaria os legítimos. Era a confiança que invadia aqueles corações e os fazia sentir segurança.

O direito à liberdade é assim. Ele constrói a segurança, amplia a confiança e produz uma sociedade feliz. Somente o ser livre se sente parte integrante do progresso e responsável pelos ditames da ordem. Liberdade, flama bendita a ser incentivada entre os homens em todos os rincões, assegurando-lhes o sagrado direito de gozar de todos os mecanismos que possam lhes possibilitar o exercício pleno da felicidade.

Enquanto houver um homem vilipendiado em seu sagrado direito de ser feliz, ainda teremos muito que fazer no sentido de aprimorar e assegurar o exercício da liberdade.

Enquanto houver um choro incontido, uma lágrima dorida, alguém implorando por um naco de pão, escondendo-se, ocioso, improdutivo ou impedido de exercer a cidadania do trabalho; enquanto a miséria e a fome estiverem ainda entre nós, teremos, por certo, muito por fazer, pois é sinal de que a igualdade anda claudicante e que, em nosso coração, a sagrada flâmula da liberdade ainda carece de muitos esforços.

Enquanto a liberdade não prevalecer, é sinal de que muito ainda temos de nos evangelizar e nos aprofundar no verbo dulcificante de Jesus, o terapeuta de

almas, que ampara, conduz e liberta para sempre!

– Ciro, o nosso imperador! Viva Ciro! Viva Ciro!

– Salve Ciro, o nosso rei!

– Ciro não quer escravos! Ciro não quer escravos!

– Ciro é a nossa liberdade!

Ciro rapidamente entendeu os acontecimentos e, sem se preocupar com eles, simplesmente se entregou às manifestações do povo simples. Ele gostava daquilo, ufanava-se por seu reinado ser popular e ainda mais por ser carregado pelos que ainda ontem eram seus inimigos, movidos pela desconfiança.

Tarhif também se viu envolvido, carregado e ovacionado pelo povo, que não se cansava de louvá-lo em seus gritos. A guarda acompanhava de perto, mas sem intervir em nada, simplesmente dando garantias para que aquela manifestação popular pudesse realmente acontecer. Assim, o povo cantou, dançou e reverenciou a Ciro desde o portão leste até a praça principal, defronte ao templo, e dali até o castelo. Fizeram isso em duas idas e voltas. Era uma distância considerável para a época. A via principal tinha um raio de treze quilômetros e meio, e até o portão oeste mais outro tanto. O povo passou quase quatro horas em homenagens singelas, mas sinceras, de grande devotamento ao seu imperador.

Ciro, então, foi colocado sobre a primeira coluna do palácio. No entanto, o povo não arredava pé! De longe, os olhos de Miriam e de Zorobabel também se movimentavam agradecidos por sua importante contribuição na liberdade de seu povo.

Zorobabel orava a Deus, pedindo por aquele homem, para que as vaidades humanas não dominassem o seu coração e que ele pudesse ser abençoado em suas fraquezas e jamais lhe faltasse proteção.

De outro lado, Deus também recebia as orações de Miriam. Admirada por aquele homem, ela entendia que ele libertara espontaneamente não só aquelas mulheres, mas todos os escravos que estavam à venda no grande mercado.

Pedia a Deus por ele, o homem que entrara definitivamente em seu coração e de

quem ela gostaria de estar sempre próxima. Prometia ao Senhor seu Deus, naquele instante, amá-lo ainda que ele amasse outras mulheres e estar sempre a seu lado como a representante do Deus único em sua vida.

Miriam, naquele instante, não estava condicionando seu amor, sua forma de amar. Não estava exigindo nada nem impondo condições. Estava se propondo a amar aquele homem independentemente de tudo o que pudesse vir pela frente, independente mesmo de ter o seu amor correspondido. Miriam, naquele momento, amava!

O amor, onde quer que se manifeste, jamais impõe condições, ele simplesmente ama.

Miriam entendia que Ciro não estava preparado para amar. Ainda tinha muito a aprender. Um dia, talvez longínquo, estivesse em condições de se desligar dos prazeres do mundo, das alegrias efêmeras e passageiras e então pudesse verdadeiramente compreender a essência do amor. Ela entendia que somente o tempo e as lutas poderiam operar tais mudanças e fazer cumprir tais maravilhas, fazendo despontar no cerne daquela alma o amor que jazia acrisolado em razão das severas quedas do caminho. Em tudo, nada melhor que o tempo!

Capítulo 19

– Cidadãos de Babili, longe se vão os dias em que esta terra vivia sob o acicate dos ferros e das prisões, em que a escravidão tangia os seus filhos e condenava os estranhos a dores ferozes. Ciro chegou aqui para implantar um novo momento, o da liberdade! Numa convivência perfeita entre povo, Estado e cidadania! Somos livres!

Prosseguir foi impossível, pois o mesmo povo que colocou Ciro sobre aquela coluna retirou-o reiniciando uma nova passeata. Agora, todos os seus comandantes presentes também eram ovacionados. Aqueles homens estavam havia séculos engasgados quanto ao perfume suave que traz a liberdade. Eram almas soveladas no curso dos anos, que simplesmente viviam ali os processos eminentes da lei de retorno.

Enganam-se os que acreditam e pregam a lei de retorno somente como um agente que traz de volta os fatos negativos, as cobranças e as lágrimas doridas. Ela frequentemente nos traz também os louros de ontem como forma de refrigério para a nossa alma.

– Fraterno Palminha, que maravilha quando aprendemos que a colheita ocorre também sob o plantio positivo. Aqueles que semeiam sorrisos colhem alegrias; os que plantam a mansuetude colhem paz. Daquilo que plantamos, disso nós colheremos!

– Sim, Rubens Gávio, no mar da lei de retorno, as marés provocam as ondas e estas ditam o curso a seguir. Todavia, as ondas sempre trazem de volta aquilo que lhe atiramos e, por mais que o tempo passe, o bem praticado também opera o seu retorno e jamais fica perdido no oceano do tempo. Causa e efeito pura e simplesmente!

– Que maravilha, não é mesmo, Palminha? A Doutrina Espírita é maravilhosa na medida em que amplia o nosso entendimento e nos auxilia na busca dos caminhos da felicidade.

– Sim, Doutrina Espírita, este é o grande relâmpago que avança do oriente para

ocidente levando verdades imorredouras e acendendo luzes novas nos corações humanos.

Há exatos noventa e oito anos, eles estavam ali no mesmo lugar, sendo arrastados por aquelas mesmas ruas, punidos por estarem lutando pela liberdade. Num curtíssimo espaço de tempo, lá estavam todos vivendo o momento maravilhoso propiciado pela lei de retorno. Eles próprios sendo ovacionados pelas ruas em exaltação à liberdade.

Enganam-se os que acreditam que a lei de retorno necessita de muito tempo para se fazer cumprir, os que pensam que ela pode ser derogada em razão do tempo ou alguns coitados que acham que ela nunca se cumprirá. Ora, as leis que regem a harmonia universal são imperecíveis e se fazem cumprir em muito menos tempo do que se imagina. Muitas vezes, elas operam no automatismo reflexos e de forma instantânea!

O tempo é a fidalguia a serviço do progresso. O progresso jamais estanca a marcha para esperar quem quer que seja. Ele simplesmente se cumpre!

Ainda se podia ouvir a gritaria enlouquecida de Assurbanipal por aquelas ruas. O sangue dos justos ainda cheirava fresco pelos caminhos. Podia se ouvir o choro dos muitos cativos judeus presos a ferros e subjugados impiedosamente. Ouvia-se, ainda, o lamento das mulheres egípcias, chorando por seus filhos.

Era fácil perceber o grande ajuntamento de espíritos atônitos, que também formavam uma verdadeira passeata espiritual. Aquela turba percebia que os tempos eram outros, que existiam novas realidades e que agora, verdadeiramente, a liberdade começava a tomar lugar. Eram companheiros estancados no tempo vivendo exclusivamente seus anseios pessoais de vingança.

– Fraternal Gávio, infelizmente, muitos se encontram totalmente despreparados para empreender a viagem entre a dimensão física e a espiritual, principalmente se levarmos em consideração o grande desafio de integração psíquica entre os dois planos da vida.

Por isso, vários continuam suas antigas querelas, movimentando-se avidamente nas esteiras das lutas pessoais e dando asas aos desvarios de toda monta. Impulsionados, muitas vezes, pela insanidade do ódio devastador minando-lhes a crítica, despindo-lhes totalmente de bom senso e razão, o que, seguramente, vem a aniquilar o que lhes resta de consciência.

Assistíamos, naquele momento, a duas passeatas. A dos encarnados, que, esfaimados pelo desejo de liberdade, viviam instantes de importantíssimas retratações pessoais. Era uma ocasião profunda e renovadora, pois muitos abriam mão de velhos conceitos escravagistas que há muito traziam arraigados em si, peçonha que lhes enodoava o coração. Por isso davam um importante passo na escala do avanço evolutivo. A outra era formada por grande cortejo de desencarnados que ainda se movimentavam nas faixas das lutas pela liberdade, mas, infelizmente, sintonizados com as ondas do ódio, dos desejos incontidos de vingança, que lhes escorriam pela alma, minando-lhes, dia a dia, as oportunidades de crescimento na linha das vidas sucessivas.

Não se falava em Babili de outra coisa que não fosse o ato de coragem de Ciro. Alguns diziam que era influência do seu amor por Miriam. Outros falavam que ele estava sendo dominado pelo Deus dos judeus, e outros mais diziam que ele era assim mesmo. Ciro colhera dividendos daquele momento ocasional, mas acabou tomando para si e aderindo verdadeiramente à ideia da liberdade.

Por entre as classes mais destacadas, ruminava-se certo rancor. Ninguém entendia como Babili poderia sobreviver sem a escravização, que garantia a mão-de-obra. Todos já contabilizavam imensos prejuízos, mas ninguém tinha sequer coragem de proferir um comentário, por menor que fosse, que pudesse ser entendido como contrário às atitudes de Ciro.

– Fraternal Gávio, a liberdade requer regimes fortes, em que a ordem seja a prioridade. Nisso Ciro era exímio. Governou durante anos amando o seu povo com todas as forças de seu coração, mas conduzindo o Estado e o cidadão dentro do mais estrito respeito às leis.

– É, querido irmão, não se produz liberdade sem ordem, e o progresso se instala como consequência.

A ordem a prevalecer entre o Estado e o cidadão é a base de tudo. No universo tudo ocorre pela organização, por isso o avanço é ininterrupto.

– Sim, a ordem é uma lei inderrogável no universo!

Por entre as caravanas, o susto era muito maior, pois libertaram-se os escravos e ninguém pagou a conta. Todos se recolheram, apressando a partida, receosos que o Estado lhes confiscasse mais alguma coisa. Havia um abatimento geral por aquilo que eles julgavam ser um grande prejuízo. Ninguém ousava criticar nem

falar abertamente sobre a questão, muito menos fazer a menor referência negativa a Ciro. Todos temiam o peso de suas leis, e por isso mesmo preferiam partir.

Alguns cavaleiros medos chegam aos acampamentos procurando por seus comandantes. Foram recebidos com intenso receio. Os estafetas transmitiram-lhes a ordem de que Ciro os aguardava no castelo na manhã seguinte.

Foi uma noite insone de tanta preocupação. Desobedecer seria uma afronta. Ninguém poderia prever as consequências. Ir poderia significar o fim de tudo, e lutar seria o suicídio fatal. Passaram, então, a noite juntos. Muitos chefes arqui-inimigos agora estavam reunidos em torno da preocupação comum.

– Tirésias, bem sabemos que é experiente e já passou por situações conflituosas, esperamos de sua boca uma palavra de sabedoria!

– Bom, meus amigos, acho que Ciro irá sobretaxar as mercadorias que nos restaram e que partirão conosco, mas, menos mal, tiraremos a diferença adiante.

– Sábio Tirésias, bem sei de sua sensatez, mas acho que Ciro nos prenderá e confiscará tudo que é nosso, sob a alegação de tráfico de escravos, ou nos matará como fez com Mochan.

– Andrôncio, Ciro é um imperador justo. Mochan fazia contravenção em seu território, aprisionando homens de seu império, e homens que eram livres. Ele não é um imperadorzinho qualquer, querendo roubar o que nos pertence, disso pode ter certeza.

– Grande Xiortis, o que pensa de tudo isso?

– Ciro vai nos exigir uma retirada rápida de suas terras e nos impor que nunca mais voltemos aqui ou que nunca mais voltemos aqui trazendo escravos!

– Bravo Xiortis, que os deuses estejam em sua boca! De partida já estamos. Nunca mais voltar, isso eu realmente não pretendo mesmo. Não mais voltarei com escravos aqui novamente.

– Acha que ele não nos matará?

– Ciro é um guerreiro, Andrôncio, que carrega consigo a honra de guerrear.

Jamais mataria um homem que não tivesse uma espada na mão. Não mataria homens indefesos, disso tenho certeza.

Assim, entre uma talagada de uma bebida forte e um gole de chá amargo, sem mulheres, sem música e sem as badernas naturais, aqueles vinte e três homens, acostumados aos mais difíceis desafios, passaram a noite sofrendo em acaloradas discussões quanto ao destino deles na manhã seguinte.

Começaram a surgir as primeiras neugas de claridade, fazendo maravilhosas listras no céu. Logo, o calor começava também a despontar de forma insuportável. Quanto mais passava o tempo, mais se afirmava os primeiros movimentos daquela manhã. Aumentava o medo, aproximando-se a hora em que teriam de enfrentar frente a frente o temível Ciro II, “o Grande”. Isso era o bastante para lhes causar um intenso frio por dentro.

Saíram todos juntos. Velhos inimigos, aqui-rivais agora se uniam no objetivo comum de se manter vivos. Marchavam num silêncio sepulcral, como se fossem para um matadouro qualquer ou como se estivessem prestes a se capitular como escravos.

Na verdade, tornou-se um momento de exame de consciência, já que vários quadros relativos aos abusos passados voltaram a lhes povoar a mente. Eram mães chorando, jovens mulheres implorando-lhes por clemência, homens bons e honrados indo ao suicídio para que não lhes fosse imputada a escravidão. Contudo, não havia arrependimento nem busca a Deus, simplesmente a lembrança pela similitude da experiência do medo que ora sentiam.

Apresentaram-se no palácio. Todos tendo necessidade de se recomendar às sentinelas como homens honrados e dispostos a partir quando lhes fosse ordenado, sem criar o mínimo embargo para Ciro e seus comandantes.

– Eu, Andrônio, sou um homem muito honrado e grande admirador de Ciro. Ande vou, sempre levo para todos as glórias do imperador, de quem sou grande admirador.

– Ora, pois eu, Xiortis, estou sempre falando das glórias do grande Ciro, a quem devoto todo o meu respeito e o meu amor. Embora me custe muito, mas, se for da vontade dele, estou disposto a nunca mais voltar por estas bandas!

– Ora, ora, não sei por que chamar a mim, Sharrif, para vir ao palácio. Eu estou

disposto a dar tudo o que trouxe ao grande Ciro. Mercadorias, animais, pedras, valores. Eu estou disposto a presentear Ciro e partir daqui, deixando tudo para trás em louvor a ele!

Olhavam entre si para o caminho, como se, a qualquer momento, estivessem prestes a serem devorados por alguma fera, ou cravados com alguma flecha, ou esmagados por algum dardo. Tremiam dos pés à cabeça.

Durante todo o transcurso em direção ao encontro, mantinham-se téticos perante a expectativa de lidar com acontecimentos piores. Viviam momentos de intensa covardia e suas consciências lhes acusavam pelo ontem de barbaridades. Hoje se davam como irremediavelmente perdidos, como se fosse uma vingança dos deuses ou algo parecido.

Logo foram recebidos por Tarhif e encaminhados à presença de Ciro. Apresentavam semblantes cansados, exauridos pelas preocupações, olhos e cabeças baixas, e não ousavam sequer conversar com o comandante de Ciro. Foram inseridos num imenso salão e logo convidados a se assentar.

Não tardou, uma figura imponente e temida lhes surgiu à frente, causando-lhes ondas de calafrios.

Todos, sem exceção, curvaram-se quase que até o chão, entretanto silentes, pois, na verdade, a pressão ansiosa era tamanha que não davam conta de pronunciar uma só palavra.

– Sejam bem-vindos!

Todos permaneceram em silêncio por vários minutos. Ciro, então, ordenou que fosse servido um tipo de chá verde muito forte, acompanhado de alguns nacos de caça, que ele próprio começou a comer.

– Comam todos, está muito bom!

Entreolhavam-se medrosos, temendo que aquilo estivesse envenenado, mas não aceitar poderia ser um risco maior, devido à desfeita que estariam fazendo ao imperador. Muito acanhadamente começaram a comer das iguarias servidas à mesa. Nem sabiam o que mastigavam e muito menos o gosto do que comiam. Estavam paralisados, ainda não tinham assimilado o momento que viviam, quando Ciro retomou a palavra.

– O que acharam dos últimos acontecimentos?

Nada, nem uma palavra saiu da boca daqueles homens. Ciro e Tarhif se entreolharam, estranhando aquelas reações. Olharam um a um, mas todos estavam de cabeça baixa, não ousando encarar o imperador, quando este continuou.

– Xiortis, o que achou dos últimos acontecimentos?

A pele morena de Xiortis, queimada de sol, estava descorada, amarelecida. Seus olhos eram de pavor total diante da figura de Ciro. Sentiu-se, naquele momento, como se fosse o alvo de uma possível fúria e, medrosamente, recuou e se ajoelhou aos pés do imperador, dobrando-se até o chão. Em lágrimas, balbuciou algumas palavras.

– Tenha piedade de mim, senhor, vê que ainda sou jovem. Se cometi algum erro, não foi intencionalmente, porém muito mais por minha inexperiência. Tenha piedade de mim, senhor!

Ciro assistiu àquela cena atônito. Não entendia por que aquilo estava acontecendo. Tratava seus convidados muito bem. Não havia feito nada que desse a entender que iria hostilizá-los ou que agiria de forma negativa.

– Xiortis, o que está acontecendo?

– Nada, senhor! Nada fizemos para desagradar-lhe. Simplesmente fomos apanhados de surpresa. Nós, verdadeiramente, não sabíamos que não queria o comércio de escravos. Senhor, não fomos avisados de nada. Se soubéssemos, não teríamos levado nenhum para o interior de Babilí, e teríamos libertado todos. Ora o que isso nos custaria diante da sua vontade?

Ciro, então, entendeu o temor daqueles homens. Os demais se prostravam de cabeça baixa e simplesmente respondiam a uma só voz:

– Verdadeiramente, não sabíamos, senhor, de sua vontade contrária!

Ciro se levantou e, de forma elegante, dirigiu-se energicamente àqueles homens.

– Acaso acham que eu os trouxe aqui para julgá-los? Ora, para isso existem tribunais junto ao povo! Porventura, acham que Ciro iria trazê-los aqui para

hostilizá-los? Achem que vocês estão lidando com um tirano ou um salteador de estradas? Ou acham que sou apenas um tirano déspota impondo suas vontades infantis sobre o povo de Babilí?

Andrônio, tomando pé e coragem diante da situação, tomou a palavra, tentando salvar a si mesmo e ao grupo.

– Grande imperador, somos homens rudes e acostumados a lidar com reis que não chegam a se aproximar de sua grandeza. Lidamos, senhor, com a tempestade, com as feras, com salteadores. Por isso, senhor, peço humildemente que entenda o nosso constante temor. Perdoe-nos, senhor!

– Homens, vocês estão na Pérsia! Babilí é da Pérsia e hoje está sob as leis persas. Nossas leis não permitem a ninguém a prática de condutas bárbaras. A espada de Ciro jamais saiu da cintura para combater homens sem defesa. Não somos assassinos! Somos guerreiros! Combatemos, sim, desde que o combate seja justo.

Aqueles homens engoliram em seco. Estavam diante de homens diferenciados. Tarhif e outros assessores de Ciro mantinham-se calmamente assentados. Faziam de tudo para que os visitantes ficassem calmos e se sentissem tranquilos.

Ciro jamais deixou de ser um grande anfitrião, ainda que recebesse a visita de inimigos pesados e duros. Sempre primou por receber bem. Procurava evitar constrangimentos e constranger seus visitantes. Os inimigos, quando de passagem por suas terras, eram tratados com todo o esmero e requinte.

Ele novamente se levantou.

– Houve uma libertação de escravos na feira. Vários dos senhores perderam cativos que hoje, entre os trabalhadores de Babilí, tornaram-se homens livres. A partir daquele momento, passaram a ser cidadãos protegidos pelo Estado da Pérsia. Pergunto-os quantos escravos cada um perdeu e qual o preço deles, para que eu os indenize. Ciro faz homens livres, mas jamais rouba escravos!

Aqueles mercadores ficaram ainda mais confusos, não entendiam as palavras de Ciro.

– Fraterno Rubens Gávio, é muito difícil ao desonesto entender a honestidade. Alguns julgam o honesto um bobo. Outros o acham um fraco ou idiota. Alguns passam a admirar os honestos como uma divindade, como se a honestidade quebrasse os padrões de normalidade e desafiasse o incomum.

Ser honesto é estar pari passu com o sentido das relações da ética universal. O Sol é honesto em seu sistema e rege estritamente aquilo que está sob sua regência. As árvores produzem e oferecem o que possuem, nada a mais, nem a menos. Jamais a rosa lança mão do perfume que não lhe pertence, nem as estrelas utilizam de brilhos que não possuem. Esses são simplesmente fatores corriqueiros dentro da ética universal.

– Sim, fraterno Palminha, Deus, em sua ética divina, “dá a cada um segundo as suas obras”, nem um til a mais, nem uma vírgula a menos.

Aqueles homens torpes de índole viviam uma desonestidade de alma. Entreolhavam-se admirados, mas, vendo Ciro como a um Deus, jamais pensaram que aquelas cenas ou aqueles acontecimentos fossem possíveis.

– Quanto o Estado da Pérsia deve a cada um dos senhores?

– Senhor, perdemos cento e quarenta e dois homens, mas não nos deve nada, este é um presente nosso para Ciro!

– Agradeço-lhes muito e ficarei para sempre grato a todos os senhores!

Tarhif, dê ordens para que os valores correspondentes aos impostos de entrada desses cento e quarenta e dois homens sejam restituídos a esses mercadores, pois não seria justo pagarem impostos sobre presentes oferecidos ao imperador. Aliás, restitua-os em dobro!

As faces daqueles homens agora tinham restabelecido a verdadeira cor. Ciro os convidou para um brinde e para passear nos jardins do palácio. Aquilo era uma honra que jamais acharam que fosse possível.

Ciro não perdia tempo. Estava sempre trabalhando e aproveitando as

oportunidades. Assim, passou a sondar aqueles homens sobre o que eles pensavam acerca do que seria melhor para o reino persa, pois eles eram mercadores e conheciam como ninguém as adversidades dos caminhos e as necessidades dos mais diferentes pontos do seu reino.

– Se vocês fossem Ciro, o que fariam para que a Pérsia pudesse crescer e ser a maior entre todas as nações?

– Senhor, construiríamos boas estradas que mantivessem ligados os pontos mais longínquos do seu reino, para que, através delas, o comércio e a integração fossem feitos. Veja que, com boas estradas, os exércitos poderiam se deslocar mais rápido, combater com maior eficiência, além de fortalecer o comércio, tornando as coisas mais próximas e fáceis para todos. Além do mais, com estradas bem definidas, o senhor poderia ter maior controle sobre os viajantes e as mercadorias, e assim criar alfândegas com total controle sobre o que se transporta. Teria uma visão exata daquilo que entra e sai do seu reino. O senhor veria quem sai, para onde e para quem sai, e a entrada teria no mesmo ritmo.

Ciro já estava satisfeito e gratificado com aquela visita, que só viera realmente corroborar com seu próprio pensamento. Ficou grato àqueles homens, pois, pelo menos naquele momento foram sinceros, passando-lhe o preciosismo de suas vivências e experiências.

– Fraterno Palminha, a vida, em todas as suas circunstâncias, é sempre assim. As pessoas têm algo de bom, possuem algo de útil a oferecer, têm seu campo fértil e sua mina pessoal, de onde se podem extrair verdadeiras riquezas. Não existem pessoas que não possuem preciosidades a oferecer. Basta se possuir tato e paciência para ter êxito nas escavações, as minas são gerais. Todos nós, sem exceção, temos coisas boas e disponibilidade para doar, entretanto, isso requer sabedoria para atingir o lado positivo das pessoas, promovendo-as a companheiros produtíveis nos níveis em que a experiência nos convida para a vivência em conjunto.

– Sim, meu fraterno Gávio, há de se ter sempre bastante paciência para batear o ouro que às vezes se esconde sob um monturo ignaro da aluvião.

O Senhor da vida não lança os olhos sobre nós focando em nossas carências e deficiências. A providência Divina nos avalia com vista ao futuro em torno

daquilo que podemos ser. Somos um vir a ser! Como tal, devemos ver nossos irmãos de caminhada através da lupa das relações misericordiosas e pacientes, sem exigências, sem arroubo de presença e sem a prepotência que nos inibe e nos impede de ser simplesmente cristãos em nossas relações.

Ciro era assim. Nunca perdia a paciência. Sabia conviver com as diferenças e relacionar-se com amigos e inimigos, com afetos e desafetos. Vivia sempre a explorar o lado bom daqueles que a vida colocava em seu caminho.

Em combate, lutava e tinha várias oportunidades de dar o golpe fatal, mas perdia tempo admirando a destreza de seu contendor e aproveitava os momentos do gládio para aprender com seus inimigos. Muitas vezes, por admiração, dava um golpe para tirá-lo do combate, mas não dava um golpe mortal. Ele não se permitia tripudiar sobre os inimigos nem tampouco passar por cima dos vencidos. Sabia, como ninguém, reconhecer-lhes o valor. Por isso, em determinados instantes, era odiado, mas sempre muito respeitado por todos.

– Fraternal Palminha, o respeito sempre produz respeito!

Ciro, então, os acompanhou pelos extensos jardins. Atenciosamente, mostrou-lhes as belezas do lugar, as palmeiras, as flores, os jardins aquáticos, verdadeiros espelhos de água e convidou-os, então, a se assentar.

O grupo já estava descontraído, sem o menor sinal de tensão. Todos se desmanchavam na frente de Ciro na tentativa de agradar-lhe. Eram homens rudes e ignorantes, mas agora pareciam pequenas crianças no afã de obsequiar o responsável por tantas diversões e momentos tão agradáveis.

Pequenos instantes de concórdia e harmonia podem representar grandes momentos de profundos aprendizados. Para aqueles homens duros, brancos, acostumados à esterilidade dos sentimentos, aqueles instantes de consideração e respeito demonstrados por Ciro mudariam profundamente o curso de suas vidas. A partir dali, certamente seriam homens melhores, mais responsáveis e devotados a Ciro, pelo fato simples mas de repercussão psíquica grandiosa de lhes ter dispensado, de forma tão solícita, algumas filigranas de atenção e amizade.

– Fraterno Gávio, pequenos gestos, quando sinceros e movimentados por corações respeitosos, transformam situações e mudam vidas. O simples acreditar em alguém faz da pessoa cúmplice do crédito e, muitas vezes, eternamente responsável pela oportunidade concedida. Atos simples mudam a complexidade existencial de muitos e marcam verdadeiras transformações no âmago do ser.

Ainda assim, Ciro voltou à pergunta inicial:

– Os senhores ainda não me disseram o preço dos cativos, para que a Pérsia possa indenizá-los!

– Grande Ciro, de minha parte não houve prejuízo, de forma alguma queremos receber algo. Ficamos honrados em poder participar da festa.

– Xiortis, e você?

– Grande Imperador, quero que raios caiam sobre mim se, em algum momento, pensei em cobrar alguma coisa. Posso falar por todos. Verdadeiramente, ficamos muito felizes em participar da festa. Aliás, nós estávamos precisando.

Levantou-se, então, Andrônio.

– Senhor, vi seus olhos cruzar frequentemente com os daquela mulher que o acompanhava de perto. Permita-me dizer que é muito linda, fez uma boa escolha, senhor!

– É Miriam, minha aia pessoal!

– Mas o olhar do homem que gosta é diferente, meu grande imperador. O olhar de quem gosta vai além daquilo que gosta, entra em seu interior e fica aprisionado ali. Olha!

O olhar daquela mulher também vive aprisionado em seu interior e parece ser daqueles que não se soltam nunca.

Ciro ficou pensativo, olhando para o seu interlocutor e refletindo sobre a

profundidade daquelas palavras. Admirou a visão profunda de Andrônio e trouxe à sua tela mental a figura daquela mulher que, apesar de tão jovem e aparentemente indefesa, mostrava-se marcante em seu coração.

Ciro era o Grande, o imperador de todo o império persa e terras anexas, mas Miriam já era a alma simples a reinar sobre seu coração.

– Fraterno Palminha, fico pensativo em torno da vida. A existência é uma experiência maravilhosa em sua sutileza. Uns dominam pela força bruta. Outros dominam pela excelência da alma. Os primeiros são meros dominadores e nunca passam disso. Os segundos operam a efetiva e verdadeira conquista, aquela que atravessa os tempos e avança em direção à imortalidade.

– Sim, fraterno Gávio, a vida nos merece as mais profundas reflexões para a construção de nosso aprendizado sistêmico.

– Ainda hoje receberás um emissário meu. Receba-o, pois ele trará o mais fino dos perfumes, essência rara, mas só deve abri-lo em sua primeira noite com a jovem, pois, acredite, ele lhe trará sorte!

Riram todos e se despediram!

Um homem permaneceu quase todo o tempo somente ouvindo as considerações de Giro. Tirésias, bastante sensibilizado que ficou por todas as considerações efetuadas no decorrer das conversas do imperador da Pérsia acerca da liberdade. Ele jamais havia pensado sobre o direito soberano da liberdade. Aqueles instantes breves iriam marcar positivamente toda a sua caminhada a partir dali, pois ele nunca mais seria o mesmo. Por meio de lutas e inenarráveis esforços, ele iria mudar radicalmente a sua vida, parando imediatamente de traficar escravos, e tornar-se-ia um dos defensores mais ferrenhos da liberdade.

– Fraterno Rubens Gávio, como o bem nos faz bem! Pequenos grandes instantes mudam para sempre a direção das pessoas e provocam mudanças impensáveis.

– Fraterno Palminha, que não nos esqueçamos nunca da boa palavra, a conversação objetiva, eficiente e sadia, as palavras cuja autoridade toca os

corações e penetram nos recônditos mais íntimos da alma.

– Sim, Gávio, as palavras são capazes de recuperar instantaneamente arquivos há muito perdidos nas regiões do inconsciente e fazer com que haja uma verdadeira revolução de conceitos e comportamentos positivos. Elas também têm o poder de remover montanhas!

Ainda na presente existência, aquele homem taciturno, pensador, por vezes irascível e déspota, passou a gastar todos seus recursos na compra de homens cativos, pela simples alegria de devolvê-los à liberdade, e o fazia com o máximo empenho. Ele tomou consciência e gosto pela liberdade e libertou-se interiormente. Com isso, foi gastando toda sua considerável fortuna de comerciante abastado e logo passou a ser execrado, abandonado pelos seus. Como louco, terminou a vida assassinado pelos próprios filhos, que não comungavam com seus pensamentos e muito menos com os ideais de liberdade, não permitindo que ele lhes dilapidasse o patrimônio com suas ideias loucas.

Os séculos passaram. As mudanças pessoais não isentaram Tirésias dos crimes perpetrados no ontem, mas a misericórdia Divina foi concedendo a ele pequenas experiências no império romano, ora como escravo, ora como senhor, até que fosse atingida a sua maioridade psíquica. O momento em que ele deveria se aproximar do cristianismo, conhecendo a mensagem de Jesus de Nazaré.

Na pessoa de um humilde escravo, Onésimo passou quase dois longos anos ao lado de Paulo de Tarso. Uma oportunidade bendita que lhe foi concedida para que pudesse beber dos ensinamentos na florescente igreja cristã, candidatando-se a alçar voos mais altos nos processos maravilhosos da evolução. Depois de lutas, amadurecimento e preparações diuturnas, tendo oportunidade de, por várias vezes, dar o testemunho de sua fé, ele conquistou credibilidade nos reais testemunhos na pauta da evolução humana, dando sua notável contribuição nas terras de Santa Cruz. Nasceu em família humílima, sobressaiu como farmacêutico e jornalista. José Carlos do Patrocínio, notabilizando-se como um dos mais ferrenhos lutadores das causas abolicionistas, sofrendo as durezas e as perversidades de um exílio.

Toda essa jornada ofereceu ao nosso Tirésias a oportunidade de se apresentar quite perante a harmonia universal, desfazendo-se de todos os nódulos

traumáticos construídos aproximadamente quatorze mil e setecentos anos atrás no seio de seu plano de origem. A partir dali, ele estava apto a continuar sua jornada, pleno com a própria consciência, desobrigado com as leis naturais às quais todos nós estamos sujeitos.

A vida é uma experiência extremamente responsável, requerendo de nós intenso desvelo e ininterrupto bom senso. O tempo não existe. Embora os milênios se multipliquem na ampulheta do tempo, ainda assim ele é sempre hoje.

Passado e futuro não existem, a não ser nas abstrações das lembranças e no futurismo dos sonhos. Tudo é hoje. Hoje é o maior dia de nossa vida. Se bem vivido, trará consigo outros “hojes” de venturas e alegrias; mas se mal vivido, certamente proporcionará consequências funestas nos próximos.

A vida requer que exerçamos um presente plenificado nos processos da consciência cristã, ofertando à experiência diária aquilo que de melhor possuímos em nós mesmos sem, contudo, esperarmos nada em troca, caminhando, seguindo, avançando e louvando a Deus em nossos mínimos atos. A isso denominamos de consciência cristã!

Capítulo 20

Os dias se passaram e Ciro implementou um amplo programa para o seu reino. O povo trabalhava. Aqui e ali começaram a surgir as novas estradas. Havia no ar uma explosão de progresso. As pessoas estavam ocupadas e alegres. Seus melhores homens agora iniciavam os primeiros rudimentos científicos de “engenharia de estradas”. Pontes foram construídas, desvios foram efetivados e esboçavam-se as primeiras cartas geográficas da Pérsia. Seus dias eram gastos em reuniões e viagens de supervisão. As espadas, por aqueles tempos, passaram a ser meros ornamentos. Agora, os campos de batalha eram os das obras intermináveis. A luta era sempre pelo melhor caminho e pela melhor solução.

Apesar de tudo, Ciro era visto numa impaciência como nunca tivera antes. Caminhava de um lado para outro, como se dentro de si tivesse um enigma de difícil solução, mas que tentava a todo custo resolvê-lo. Por mais que as boas notícias se multiplicassem e os avanços se consolidassem, mais ele se entristecia.

Ciro estava saudoso de sua terra natal, de seu povo de origem, dos passeios com os amigos que o viram crescer. Queria respirar os ares de sua infância, de suas lembranças. Sentia que era o momento de retornar. A tomada e a administração de Babilí estavam consolidadas. Os projetos em torno de progresso e da consolidação de seu império estavam caminhando a passos largos, sem contratemplos. Tudo conspirava para que pudessem levantar a morada e retornar aos seus, entretanto, algumas situações o inquietavam.

Preocupava-se com Babilí. Ele já via os sinais minúsculos das primeiras rachaduras estruturais da cidade, frutos das inundações de combate. Sabia que o tempo levaria a cidade à ruína.

Sabia também que ele era a alma da cidade e que, com a sua saída, ela entraria fatalmente em decadência lenta, até chegar à falência total.

Sentia-se arrependido de ter colaborado, pessoalmente, para aquele final. Poderia ter evitado tais alagamentos desnecessários, pois ela iria se render mais dia, menos dia.

Era o momento de, definitivamente, chamar Zorobabel para dar-lhe a carta de libertação de seu povo. Entendia que, com a saída dos judeus, Babili iria aprofundar ainda mais a sua decadência, pois com eles iria também a mão-de-obra necessária para sua sobrevivência, uma vez que eram hábeis tecelões, agricultores e pastores. Com eles também partiria uma parte importante da alma da cidade àquela época.

Não podia voltar atrás. Prometera aos espíritos, ou aos deuses, sabia-se lá, e também a Zorobabel, que até ali tinha lhe sido um aliado fiel nos menores atos e importantíssimo com suas informações para o domínio social da cidade. Sentia que também não teria como não libertá-los.

Havia o problema maior, pois os dois primeiros diziam respeito à alma de Babili, mas o segundo falava profundamente à sua própria alma, Miriam. O povo judeu partiria para sua terra como um povo livre e soberano. Era a sua promessa. Ele não voltaria atrás. Assim, partiria o coração de seu coração. Ele não suportava a possibilidade de perder Miriam. Tinha certeza de que não sobreviveria sem aqueles olhos, sem aquela presença diária em sua vida. Ele mudara muito. Hoje, fazia grande esforço para consagrar-se somente ao amor de sua vida e, salvo algumas recaídas esporádicas, o seu harém já não era mais nem uma imagem tênue do que fora em outras épocas, pois já não via encantos em outras mulheres. Temia pela possibilidade de ter de se afastar da luz de seus dias e que a alegria não mais fizesse morada em seu coração, por isso passava agora os dias lutando consigo mesmo na tentativa de encontrar o melhor caminho.

Não podia obrigar Miriam a ir consigo. Entendia que ela era liberta e livre para seguir o seu povo. Na verdade, ele não tinha o direito de aprisioná-la no usufruto do seu poder de soberano. Não seria ético querer encarcerar um ser livre. Ele bem sabia que esse seria um preço que teria inevitavelmente de pagar.

Ciro se consumiu por dias e noites, envolto nessa névoa de pensamentos, sem saber como equacionar essa questão.

A derrocada de Babili seria inevitável. Isso ocorreria no tempo, e ele não teria mais como impedir nem a decadência física e muito menos a decadência social.

A libertação do povo judeu era uma coisa resolvida em sua cabeça, uma promessa de que ele jamais declinaria. Pelo Deus de Miriam, que ele não cria, nem tampouco descreia, mas que não queria ter como inimigo. Também por

Zorobabel que, desde o primeiro momento, fora-lhe um auxiliar magnífico em todas as suas necessidades. Muito em especial por Miriam, que era a alegria maior de seus dias. A única coisa que não desejaria era contrapor à sua vontade e lhe causar-lhe qualquer tipo de embaraço.

Ciro nutria por Miriam um amor daqueles que secavam a garganta sempre quando a via. Faltava-lhe o ar, deixando a respiração ofegante, o que lhe embaraçava costumeiramente as palavras, sendo comum ele dizer:

– Minha pequena Miriam, você me rouba constantemente os meus pensamentos!

Ao ver Miriam, sentia o coração marchar em desabalada carreira dentro do peito, muitas vezes ameaçando sair pela boca, sempre acompanhado de intensa sudorese.

– Minha Miriam, quando estou com você sinto que tenho coração, sinto você cavalgar dentro mim num ritmo que eu gostaria que nunca mais parasse!

Quantas vezes sentiu as pernas um tanto quanto fracas pelo simples fato de perceber que sua amada vinha caminhando em sua direção e por ficar embaraçado em seguidas indecisões sobre a maneira pela qual deveria recepcioná-la.

– Miriam você me rouba a normalidade, enfraquece o meu ser. Perto de você, sinto-me fraco, cambaleante e perco a mim mesmo todas as vezes que eu a encontro!

Miriam sempre lhe devolvia um sorriso de criança, desprovido de interesses, mas sempre carregado de harmonia, admiração e muita felicidade, e dizia:

– Meu senhor e meu rei, acaso o que acha que me proporciona?

Ciro mantinha-se em silêncio a admirá-la, dando-se conta da pureza daquele ser onde somente encontrava bondade e por quem nutria um afeto incomum.

– Meu senhor e meu rei, tenho-o como o sol dos meus dias. Peço ao Senhor meu Deus que nunca permita que você se apague em minha vida, pois tenho certeza de que o meu coração mergulharia em trevas densas. Meu senhor, você é a luz dos meus olhos, a estrela primeira das minhas noites, pela qual aguardo todos os dias para que embale os meus sonhos!

Ciro ouvia suas palavras e não cabia em si de contentamento. Sentia toda sua alma invadida por venturas que nunca sonhara, para logo em seguida entristecer-se profundamente, pois sabia que esses momentos de sonhos e venturas estavam terminando e nunca mais veria a luz dos seus dias.

– Fraterno Gávio, nós somos assim. Quando verdadeiramente estamos diante do ser amado, seja ele quem for, personalizando o que seja, filhos, filhas, pais, mães, esposas, esposos, amigos, o verdadeiro amor nunca ocupa um lugar comum dentro de qualquer relação interpessoal.

– Sim, fraterno Palminha, eu bem o sei. Esse gostar primeiramente ocupa todos os espaços intrapessoais, torna-se uma fixação, até que se faz transbordar, não sendo possível omiti-lo nem escondê-lo em nenhuma circunstância. Ao contrário, ele se torna presente, fazendo com que o ser amante se sinta constante e intensamente tocado pela simples perspectiva da presença do ser amado. É como se fosse um sentimento antecipatório. Assim, o ser amante, por mais que busque disfarçar ou tente esconder, jamais consegue dissimular o seu sentimento, pois o amor é o mais transparente dos sentimentos. Brilha onde quer que se manifeste. Ninguém consegue esconder sua luz.

– Meu fraterno Gávio, quem já não viveu as suas questões com o coração, quem não terá vivido as dores desse parto?

Já corria a terceira parte do ano 538 a.C. Ciro sentiu saudades e foi invadido por preocupações com o seu povo. Precisava retornar, reassumir seu reino e dar continuidade às mudanças. Sentia seus soldados já pesarosos e estafados com a longa ausência do lar. Ele os amava também e não queria sacrificá-los mais.

Era necessário resolver a questão. Teria de sofrer, mas era um bravo, um bravo frio e com grande controle sobre suas emoções. Ele sabia que o sofrimento sempre andava de mãos dadas com as grandes alegrias. Aquele seria seu grande tributo. Sabia que estava em uma batalha, vendo a impossibilidade de vencê-la. Era necessário recuar e decidir por uma retirada honrosa.

– Tarhif, chama-me Zorobabel e Almuz!

Sim, meu senhor, daqui a pouco estarão aqui!

Ciro colocou os cotovelos sobre a mesa e as mãos comprimindo o rosto. Passou a esperar. Tinha o coração apertado, pois sabia que aquele momento marcaria o que ele mais temia, a separação de Miriam definitivamente de sua vida. Somente por isso não era para ele um momento feliz.

– Meu rei, seus convidados já estão aí.

– Faça-os entrar, chama-me o escriba e permaneça ao meu lado, para que eu não fraqueje.

– Fraquejar, senhor?

– Sim, meu grande amigo! Tarhif, estou no pior momento de toda a minha vida.

– Senhor, fala dos judeus?

– Falo da libertação dos judeus!

– Então não os liberte e pronto. Você é o rei e, se não for de sua vontade, que não seja feito!

– Não, Tarhif, não é a questão dos judeus, isso tirará Miriam de mim e meu coração sofre por isso.

– Senhor, liberte todos, menos ela! Ela lhe pertence!

– Nobre Tarhif, se libertamos os estranhos, como não dar liberdade aos que amamos, meu irmão? Isso não seria justo e muito menos digno de Ciro.

– Tens razão, meu senhor. Bem sabe que eu sei o que é o amor. Também não vejo a hora de retornar e rever Trisch. Só assim a alegria voltará a mim. Bem o entendo, senhor!

– Tarhif, eu gostaria de jamais ter amado alguém. O amor é fonte de sofrimentos. Ganhei Babili e todas as batalhas que lutei, mas perdi a mais importante, a minha batalha pessoal. Faça-os entrar!

Os convidados adentraram o grande salão, mas não havia quem não percebesse o

sofrimento e o abatimento de Ciro. Ambos se curvaram respeitosamente. Almuz se assentou, enquanto Zorobabel continuou de pé.

– Zorobabel, assente-se.

– Obrigado, senhor!

Mais um pouco chegou, com uma cara apavorada, Omar, o escriba. Cabelo esgarçado, mais parecendo uma peça de antiquário recém-saída de um antigo museu. Curvou-se até os pés e assim se manteve.

– Tome assento, Omar!

– Sim, grande general!

– Meu senhor, posso narrar-lhe uma coisa?

– Sim, Zorobabel, esteja à vontade!

– Existe aqui entre nós um homem vestido de longa túnica que lhe cobre o corpo por inteiro, alto e muito magro, aparentando meia-idade, tem uma cicatriz grande com um pequeno afundamento da testa e outra entre a narina e a face. Ele me mostra agora um lenho de orelha cortada, e sorri e abraça a todos. Ele se diz muito feliz em relação a você, meu senhor, pois que o ato que daqui a pouco tomará é somente o cumprimento de antigo planejamento, que para isso você veio rei, e para isso veio até Babili, meu senhor! Ele diz para não se preocupar, pois as outras coisas que teme trata-se de um temor desnecessário, pois elas darão certo, meu senhor!

Ciro ficou pálido, lívido, totalmente assustado com a exatidão daquelas descrições efetuadas por Zorobabel, gerando um profundo silêncio em todo o salão. Tarhif sentiu-se incomodado, como quem não estivesse satisfeito com a descrição.

Almuz sentiu medo e ficou olhando para os lados e para os cantos, como se estivesse procurando algo ou alguém, enquanto Omar tapara os olhos, como se não quisesse ver nada e ninguém.

– O que mais ele diz, Zorobabel?

– Grande senhor, ele diz que seu avô estava certo quando sonhou com uma grande videira que nascia nas costas de sua mãe, Mandima, e que crescia mandando seus brotos em todas as direções e envolvendo toda a Ásia. Ele manda dizer que deve agora cuidar da Pérsia e embainhar sua espada, pois ela já cumpriu o seu desígnio.

– Ciro ficou de pé, não estava acreditando no que ouvia dos lábios de Zorobabel. E este, calmo e firme fazia suas narrativas sem prepotência e sem nenhum arroubo de querer convencer quem quer que fosse.

Diante das últimas palavras, passou a entender as narrativas de Zorobabel. Ele não sabia como, mas estava quase acreditando que Cambises I, seu pai, seu senhor e seu rei, estava por ali e era visto por aquele judeu.

– Ele lhe diz mais alguma coisa, Zorobabel?

– Diz sim, meu senhor e meu rei, que a vida continua além da morte física e que a distância é muito pequena entre um lado e outro, mas que do lado em que se encontra não existem reis, nem vassalos e muito menos escravos. Existe somente os méritos a sustentar os que foram bons e os deméritos a enlouquecer todos aqueles que foram maus.

Manda dizer-lhe, ainda, grande rei, que a vida continua não somente do lado em que ele se encontra, mas que trocamos de corpo e voltamos quantas vezes forem necessárias, que os sonhos que por muito tempo lhe tiraram o sossego, simplesmente são experiências do seu passado que voltam às suas lembranças.

Olha, ele já se despede, dizendo que você por ora não é capaz de entender a dimensão e a importância desse momento. Viemos da eternidade e avançamos no tempo para novas experiências, e lhe diz:

– Ciro, meu filho, sempre lhe ensinei a arte da guerra, mas é certo que também sempre lhe ensinei a amar o seu povo e a perdoar sempre.

Nesses últimos instantes era como se fosse uma fala direta. A voz de Zorobabel se modificou e, em segundos, tornou-se a voz de Cambises I, como se esse conversasse diretamente com Ciro.

Tarhif e Almuz emudeceram ao notarem a palidez de seu rei, enquanto que Omar, se possível, se esconderia no primeiro buraco que encontrasse, tamanho o

pavor de que foi tomado.

Fez-se por muitos instantes um silêncio tumular no ambiente, até que os presentes recobrassem o sangue nas veias e começassem a sentir novamente o pulsar dos próprios corações.

– Zorobabel, acredita que viu e ouviu alguém?

– Sem dúvida, meu senhor. Enganam-se aqueles que acham que os mortos morreram. Eles são tão vivos quanto a nós!

– Quem acha que esteve aqui, Zorobabel?

– Cambises, o seu pai, meu senhor!

– Por qual motivo?

– Provavelmente porque sentiu o seu coração dolorido e sofrendo ou por ter observado em você sérias dúvidas quanto ao caminho a seguir. Por certo, meu senhor, ele quis trazer alívio ao seu coração.

– Você acredita em outras vidas?

– Ora, meu senhor e meu rei, nosso povo, desde Abraão! Todos nós acreditamos nesta verdade. Nascemos e renascemos. Se assim não fosse, como iríamos entender tantos mistérios que nos rodeiam.

Todos nós trazemos responsabilidades e temos de nos desincumbir delas. Meu senhor, quanto a isso, dizemos entre nós: “O vento assopra onde quer, se ouve a sua voz e não sabe de onde ele vem nem para onde ele vai”, desde os nossos antepassados.

Senhor, essa frase é sempre pronunciada. É que nós comparamos o espírito imortal em suas idas e vindas à voz dos ventos que assopram nos desertos.

Ciro estava maravilhado com a precisão e a firmeza de Zorobabel. Vivia ali um momento de que jamais se esqueceria e que o marcaria para sempre. Nunca fora homem de fé nem de crenças, mas era coerente com sua lógica. As coisas ouvidas dos lábios de Zorobabel eram para ele irrefutáveis.

– Zorobabel, recomende-me sempre ao seu deus, diga a ele que gosto muito do seu povo.

– Sim, meu senhor e meu rei. Meu Deus o ama também, tanto que tem feito um de seus tesouros se aproximar bastante, e provavelmente ele jamais se afastará de você.

Ciro ouviu Zorobabel e pensou consigo mesmo sobre os tesouros de Babilí. Mais dia, menos dia, ele teria de decidir sobre seu futuro e sua destinação, mas provavelmente não aceitaria o presente do deus de Zorobabel.

A essa altura, todos os presentes já tinham recobrado o fôlego.

– Zorobabel, sabe para que eu o mandei chamar?

– Não, meu senhor, mas este seu servo se encontra sempre a seu serviço! Permita-me lhe dizer, meu senhor, que, por vezes, até acho que esta não é a primeira vez em que nos encontramos.

– Zorobabel, tenho pensado a mesma coisa!

– É, meu senhor, os caminhos do Senhor Deus são insondáveis. Ele aproxima e separa pessoas; e as reaproxima novamente quando se faz necessário. Talvez por isso, desde o primeiro instante em que o vi, eu o amei tanto.

– Omar, faça as anotações!

– Sim, sim, imediatamente, meu senhor!

– Eu, Ciro, imperador da Pérsia, senhor dos Medos, da Lídia, de Babilí e de todos os reinos do leste, declaro, a partir de hoje, libertos todos os judeus que estejam nestas terras e doravante não poderão mais ser feitos escravos. Que a partir deste dia, por ordem de Ciro, todos estejam livres para retornar à terra de seu deus, que também é um deus amigo de Ciro. Declaro, ainda, que as terras dos judeus também ficam totalmente livres, podendo os persas utilizar suas passagens como povos amigos e aliados. Que Ciro, a partir de hoje, garante-lhes a soberania. Que Ciro garantirá a retirada, que se dará pela garantia das tropas persas, sob o comando do general de campo Almuz, que deverá guardá-los até que todos estejam a salvo e tenham chegado a sua terra natal. Que a vontade de Ciro, como lei, seja cumprida em todo o seu reino.

Ciro enrolou carinhosamente o pergaminho de pele de ovelha e o entregou solenemente a Zorobabel, beijando-lhe a face. Era o final do ano 538 e início de 537, antecedentes ao advento do Cristo de Deus.

– Que o seu Deus o leve e que Ele lhe faça um grande comandante para todo o seu povo!

Zorobabel estava de joelhos. As emoções singravam em sua alma. Era muita alegria a missão de conduzir o seu povo rumo à liberdade. Dos seus olhos ainda muito jovens brotavam as lágrimas sentidas que lhe rolavam pela face num pranto de agradecimento ao seu Senhor e ao seu Deus. Era a alegria de ver o seu povo liberto depois de tantas lutas e sofrimentos, de dores multiplicadas e muitas lágrimas. Junto a tudo isso, ele sentia os abraços de uma nuvem de espíritos que naquele instante dividiam com ele a grandiosidade do momento. Teve ímpetos de levantar e ir ter com os seus e sair pelas ruas dizendo que tudo valera a pena e que o seu Deus era o Deus verdadeiro, que lhes guardara no cativeiro para o amadurecimento de seu povo e que, no momento certo, conforme havia prometido, agora os fazia libertos.

– Meu senhor e para sempre meu rei, terá em nossas terras um povo amigo e sempre poderá dispor dele. Tenha em mim um servo eterno. Permita-me a ousadia de chamá-lo irmão. Se, em algum momento, precisar, senhor, da minha vida, ela estará sempre à sua disposição, faça-me um sinal, e eu estarei imediatamente para o que for e para o que acontecer.

Senhor, preparamo-nos para uma nova era. Aguardamos ansiosamente a vinda do Messias prometido por Deus. Quando isso acontecer, quero que o conheça. Será chamado de “Emmanuel” que, em nossa língua, quer dizer Deus conosco! Onde quer que esteja, cuidarei para que possa conhecê-lo!

Ciro estendeu-lhe as mãos. Sabia que ali estava o apressamento da derrocada de Babilônia. Cambises, seu pai, estava certo. Era o cumprimento de um compromisso. Para isso, ele tinha marchado até ali, embora seu coração gotejasse de paixão, pensando na solidão que lhe adviria da saudade de Miriam, mas, se aquele fosse o preço, o deus de Zorobabel merecia, pois ele era um deus forte.

– Zorobabel, apronte o seu povo, pois, em sete dias, Almuz iniciará a marcha que irá levá-lo para casa. Leve também meu coração, pois provavelmente esse não seja o nosso primeiro encontro, e por certo também não será o último.

Não se esqueça de recomendar-me sempre ao seu deus e, se acaso lhe oferecer algum sacrifício de ovelhas, touros ou o que quer que seja, faça-o também por mim, para que ele me guarde como eu tenho guardado o seu povo!

Almuz se levantou e, reverentemente, afastou-se.

– Meu senhor e meu rei, agradeço-lhe a confiança em depositar em mim tão relevante tarefa. Em breve tempo, estarei de volta!

– Almuz, quando voltar, se quiser, siga direto, pois já terei deixado Babili. Encontrar-nos-emos em Ectabana. Leve consigo a metade de meus homens e deixe comigo metade dos seus. Leve os solteiros e deixe comigo os que já estão ávidos por reencontrar suas famílias.

– Sim, meu senhor, assim será feito.

Durante todos aqueles dias, Babili viveu um verdadeiro alvoroço. Eram os judeus se preparando incansavelmente, dia e noite, para a partida. Respirava-se naqueles dias um clima de precipitação das coisas, o que gerava um hausto de ansiedade. Pessoas iam e vinham apressadamente e conversavam descompassadamente e aos gritos. Crianças eram encontradas chorando pelas ruas, perdidas de seus genitores, enquanto as criações também eram arrastadas daqui para ali e dali para acolá. A cidade virou um verdadeiro vespeiro humano. Não se falava em outra coisa a não ser despedidas e partidas.

Em torno de tudo isso, a figura maiúscula de Zorobabel, sempre calmo, ativo e ponderado a cuidar de tudo e a direcionar as providências para todos. Trabalhava de forma incansável, sonhando todos os dias com o momento em que seu povo transporia os muros de Babili e de quando eles chegariam novamente à terra natal.

Por certo, muito trabalho os aguardava. Teriam de reconstruir tudo e começariam uma nova etapa nas linhas do tempo.

Nada o desanimava. Para isso veio se preparando no curso dos anos, porque não afirmarmos que ele já viera preparado para tal mister? Sabia que não comandava um povo fácil e que teria de dispor de muita autoridade para se impor diante de todos, mas acreditava no Senhor seu Deus de alma e colocava em tudo o coração

crente abastado de fé.

– Meu irmão, ainda não o vi parar!

– Como parar, minha adorada Miriam?

– Meu irmão, ainda terá grandes desafios pela frente. É bom que guarde suas forças para que possa avançar com segurança.

Miriam, acho que, desde que nasci, penso neste momento, o instante de atravessar estes muros e empreender a mais sonhada das viagens, até que possa chegar à terra de nossos pais, de nossos avoengos. Quero percorrer as trilhas de nossos antepassados. Não vejo a hora de estar defronte ao mar da Galiléia, de ver o que restou de Jerusalém, dos templos do Senhor nosso Deus. Minha irmã, não vejo a hora de começar a reconstruir tudo e ver o nosso povo novamente feliz. E aí, minha adorada irmã, será o dia da grande celebração!

– É, Zorobabel, será, sem dúvida, um grande dia para o nosso povo, um dia digno de Deus!

– Mas, minha irmã, desculpe-me a falta de tempo para auxiliá-la em seus preparativos. Perdoe-me, são os muitos afazeres. Do que precisa de mim? Você necessita ultimar seus preparativos para que nada fique para a última hora, pois você sabe como são e no que dão os imprevistos, não é mesmo?

– Sim, meu irmão, eu bem sei!

– Precisa de mim?

– Meu adorado irmão, eu não vou com o nosso povo, quero que me perdoe por isso!

– Miriam, confesso-lhe que já sabia disso, e digo-lhe também que este é o momento que eu mais temia.

– Meu irmão, não posso ir!

– Minha irmã, pense bem em suas decisões.

– Meu irmão, esta é a coisa que mais tenho feito nos últimos tempos. Pensar, pensar, pensar... Muitas vezes, até a exaustão. Confesso-lhe que esta decisão não tem sido muito fácil.

– Miriam, procure conversar com o Senhor nosso Deus! Ele lhe dará a resposta. Acho que Ele provavelmente irá querer que você fique junto de nosso povo, tome conta de sua casa, gere filhos e cuide deles, fazendo-os homens de Deus!

– Meu irmão, tenho conversado com o Senhor nosso Deus. Falado com Ele de mim, do meu coração. Já obtive a resposta. Ontem eu lhe perguntei o que Ele queria de mim, que a vontade dele seria a vontade de sua serva! Fui dormir e esperei por sonhos. Esperei que alguns dos Seus anjos viessem me dizer de sua vontade, mas acredite, meu irmão, nada disso aconteceu.

Hoje, quando acordei, arrumei-me e saí de nossa casa. Levava comigo o coração apertado, oprimido pelas minhas muitas dúvidas. Chateada com o silêncio de Deus mediante as minhas orações e meus pedidos.

Seguia pela via principal, ia pensativa, como todo o dia, na direção do palácio. Respirava o ar puro da manhã e contemplava as primeiras aves que vojavam pelos céus, admirando e louvando a maravilhosa criação do Senhor nosso Deus. Foi quando, no segundo cruzamento, vi-me frente a frente com Ibraim, o cego, lembra-se dele?

– Claro que me lembro. Ibraim, o tocador de alaúde. Claro que sim, já até providenciei para ele um guia para toda a viagem.

– Ibraim não enxerga, meu irmão. Não me lembro de quando nos encontramos. Ele simplesmente me disse:

– Menina, segue junto à sua felicidade.

Eu perguntei a ele por que me disse aquilo, e ele respondeu que não havia dito nada!

Meu irmão você bem sabe que o Senhor nos fala de várias maneiras e por diversas bocas. Tenho certeza de que foi a resposta que eu buscava.

– Minha irmã, entristece muito o meu coração esta sua decisão, mas bem reconheço que, se as coisas assim se deram, estas, por certo, eram as palavras de

Deus para a sua vida. Além do mais, aonde for, levará a sua fé e jamais irá repudiá-la em nome de nada e por nada. Se as mãos de Deus a conduzem para essas direções é porque Ele possui planos para sua vida onde quer que esteja.

Lembre-se, alma de minha alma, aonde for, você terá de se levar e consigo irá sua alegria, sua felicidade, sua moral e seu devotamento ao Senhor nosso Deus.

Zorobabel, com os olhos cheios de lágrimas, abraçou a irmã, trazendo-a para junto do peito. Por vários instantes, ficou sentindo aquele coração que pulsava apressadamente junto ao seu, acariciou-lhe os cabelos longos e continuou:

– Minha alma, lembre-se de que Deus a ama e, como parte integrante de sua criação, Ele sempre quer para você o melhor. Se o melhor for seguir Ciro, corra para ele e não perca nenhum tempo e seja muito feliz.

– Meu irmão, talvez você não saiba a dor que sinto. Deixar meu povo, minha vida, você, que também é a alma de minha alma, mas, se eu não for de corpo e alma com Ciro, a minha alma ficará com ele, com meu povo irá somente um corpo vazio que certamente fenecerá com brevidade!

– Caminhamos todos para o desconhecido, pois o único que poderia nos falar sobre o futuro seria Deus. Contudo, minha doce irmã, onde quer que estejamos, estaremos separados de corpos, mas nossas almas estarão soldadas uma à outra para sempre.

Minha irmã, eu disse outro dia a Ciro que “o vento assopra onde quer, você ouve a sua voz e não sabe de onde vem, nem para onde vai.” Miriam, os ventos do Senhor são livres em suas escolhas. Muitas vidas ainda teremos, muitos caminhos ainda percorreremos, aguardando o “grande dia do Senhor”, como nos asseverou Isaías.

Siga seu caminho, eu seguirei o meu, mas estaremos sempre juntos. Miriam, os corações que se amam jamais se deixam ou se separam. Alma minha, o amor é eterno!

Abraçaram-se novamente e assim permaneceram longamente. Guardariam para sempre aquele cheiro gostoso um do outro. O perfume do ser amado é inesquecível, ainda que estejamos distantes, podemos senti-lo pertinho de nós em todos os instantes. Do cheirinho do ser amado jamais se esquece!

– Fraternal Palminha, como é lindo o encontro entre os corações que se amam. Verdadeiramente, eles transcendem simplicidade e principalmente o respeito aos encaminhamentos da vida e às decisões pessoais.

– Meu caro Rubens Gávio, o respeito mora nos alicerces da vida e, sem ele, tudo se desmorona e se autodestrói!

– Sim, o respeito mantém os alicerces do amor. Pelo respeito, aprendemos a lidar com o outro sem exigências e sem aprisionar quem quer que seja, muito menos nos manter prisioneiros em qualquer relação.

Quando falamos de fraternidade, entendemos que fraternizar está numa relação direta com o respeito pelo outro. Muitos abraçam o discurso falso da fraternidade, pois não conseguem conviver sem imposições e sem exigências. O ser fraternal respeita sempre!

Capítulo 21

Eis que era chegada, então, o grande dia. Babili amanheceu em terrível alvoroço. Zorobabel era o grande comandante de seu povo, tomando as últimas providências. Olhava os mínimos detalhes para que pudessem ser abertos os portões de Babili. Homens, mulheres, velhos e jovens se alinhavam em uma grande fila que se perdia de vista. Animais amarrados, muitas cabras, ovelhas, alguns cavalos, macas carregando os doentes e os inválidos, pertences pessoais, muitos teares, rocas, roupas e matulas de sobrevivência.

Zorobabel ia de um canto a outro, atendendo pacientemente as solicitações e dando as últimas instruções.

Almuz, garboso em seu cavalo, ultimava as providências para que a marcha pudesse começar. Tomava conscientemente conta dos últimos detalhes, distribuía as tarefas pessoais a cada homem, com o objetivo de cumprir as ordens de Ciro com o máximo esmero.

Para ele, tudo aquilo era mágico, pois sentia uma alegria incontrolável em poder estar ali e ser o comandante-chefe daquela expedição.

Parecia não ser a primeira vez. Aquelas cenas não lhe eram estranhas. Era como se ele já tivesse vivido aqueles acontecimentos e, ansiosamente, já pensava na volta, no instante de retornar para casa, de rever os seus e de poder assentar-se ao lado da frondosa árvore que existia defronte a sua casa, onde seus familiares estariam, por certo, aguardando-o calorosamente. E então poderia lhes contar várias histórias maravilhosas. Contos sobre as lutas, sobre as batalhas vencidas e agora sobre a expedição a Jerusalém que lhe havia sido confiado pessoalmente por Ciro. Essa distinção deveria ser cantada em versos e em prosa até o fim de sua vida. Era para ele uma grande honra.

Lembrava-se de Chantia, a filha querida que lhe povoava a mente e a única coisa capaz de fazer as lágrimas chegar aos seus olhos, impulsionadas pela saudade que lhe varria a alma. Queria, mais que tudo na vida, abraçá-la, amá-la em seus braços com todas as forças de sua alma e entregar-lhe os presentes que já faziam parte de sua bagagem de sonhos. Assim ia vivendo, dia após dia, o desejo

incontido de ver novamente aquele sorriso e de ouvir aquela voz tão meiga a lhe chamar sempre insistentemente.

Sentia ânsia de rever Cripta, que era a mulher que embalava os seus sonhos e a quem devotava todo seu carinho. Lembrava-se de sua mãe. Tinha dúvidas se ainda a encontraria com vida, pois a havia deixado bastante doentinha quando partiu. Mas tinha esperanças, já que, vez por outra, as notícias que lhe chegavam não davam conta de seu falecimento. Gostaria muito de abraçá-la também e ouvir novamente sua voz experiente e brava e, quem sabe, ainda poderiam montar juntos e cavalgarem felizes pelos arredores de sua alegre vila, rever o Hermum e o Caístro e lembrar-se de si ainda criança, quando nadava livremente em suas águas lindamente cristalinas.

Almuz estava ansioso para iniciar a jornada para, mais rápido ainda, retornar aos seus e viver as alegrias dos dias primevos. Por isso, ele não via a hora de se colocar em marcha. Olhava aquela multidão com complacência, com misericórdia. Ajudava uns a se organizar, outros a procurar o melhor lugar nos carroções. Apanhava uma criança aqui para procurar-lhe os pais. Sustentava um velhinho ali para que ele suportasse a dureza da marcha que estaria por vir e, daqui para ali, ele se dava ao máximo. Colocava seu coração hoje generoso a serviço de seus semelhantes.

Uma coisa, no entanto, havia lhe chamado a atenção naquela noite, pois havia tido um sonho no mínimo intrigante e assustador. Ele via muitas mulheres, velhos e crianças lhe estendendo as mãos mirradas, clamando por misericórdia e por água. Ele se via em outra vestimenta, passando garboso, insensível às dores que se multiplicavam à sua frente, e ainda estimulava seus homens a brandir os chicotes sobre eles, a sovelar as carnes dos pobres coitados sem dó nem piedade.

Acordou muito suado e chorando convulsivamente, como se pedisse perdão por aqueles feitos que lhe entristeciam a alma. Ficara algum tempo ainda no leito pensando sobre o sonho sem, na verdade, achar explicação no momento.

Na realidade, setenta anos atrás, Almuz, personalizando o nome de Aziz Thurat, velho general babilônio, estava fazendo o percurso inverso. Levava para Babili os judeus cativos depois da guerra declarada por Nabucodonosor II, tendo transportado os judeus vencidos pelo deserto com destino ao exílio e à escravidão, numa conduta extremamente dura e cruel, praticando um despotismo agressivo e insensível.

Quando, já às portas de Babilônia, ele, punido pelo cansaço que lhe arrasava as forças físicas, sofreu uma grave queda de seu cavalo e, a partir daí, fora cuidado por um homem já idoso, mas maravilhoso, chamado Jeriel, que saíra com ele cativo de Jerusalém.

– Ai, ai, minhas carnes!

– Senhor, deixe que eu cuide de suas feridas! Deixe, senhor, isso vai melhorar...

– Tire suas mãos porcas de mim, seu judeu nojento. Se não fosse por vocês, eu não estaria aqui neste estado...

– Senhor, tenha paciência, permita-me ajudá-lo. Eu estou aqui para ajudá-lo!

Aziz Thurat, embora caído e bastante ferido, ainda conseguiu forças para lhe dar pesado tapa no rosto, escarnecendo-lhe a figura. Entretanto, aquele homem era diferente e, munido de intensa brandura, agiu como se nada houvesse acontecido e lhe sorriu finamente, despejando no ambiente uma maravilhosa nuvem de harmonia.

– Senhor, tenha calma, tudo passa!

– Então ande, maldito, faça alguma coisa, mas ai de você se não conseguir me ajudar! Eu arrancarei sua pele ainda vivo!

Jeriel lhe impôs as mãos e orou fervorosamente.

– Senhor nosso Deus! Deus de Abraão, de Jacó e de Isaac! Deus verdadeiro que guiou Moisés e o nosso povo pelo deserto! Senhor meu Deus, eu, seu modesto servo, cubro a minha cabeça para que possa erguer-lhe meu coração. Senhor meu Deus, curvo a minha cabeça e abaixo os meus olhos, pois sei que não sou digno de admirar sua grandeza! Meu Senhor e meu Deus, eu rogo por esse homem, também seu filho, ainda estagiário da rebeldia, vivendo os equívocos da prepotência quanto ao senhor e ao seu povo. Senhor meu Deus, toque esse homem com sua força de cura, para que suas dores se desfaçam e sobre ele desça e permaneça nele a sua glória, para a glória desse seu servo. Que assim seja!

No mesmo instante, o vaidoso comandante sentiu as dores sair de seu corpo. Não acreditando no que acontecia, foi lentamente se levantando sem dificuldades, apoiando-se naquele homem santo que desconheceria em todo o transcurso da

deportação e que não ligara nem uma vez quando ele lhe pedia pelas mulheres, pelos velhos, pelas crianças, e por duas vezes ainda dobrou-lhe com força a chibata no rosto.

Agora ali, aquele mesmo homem, de forma misteriosa e maravilhosa, tirava as dores de suas carnes e lhe devolvia a sensação das pernas. Ele podia andar novamente.

Assim, levou-o consigo como escravo para sua casa, mais para protegê-lo do que propriamente para trabalhos forçados. Concedeu a ele o direito de continuar pregando o nome de seu Deus.

– Que deus é o seu, homem? Algum deus novo que não conhecemos?

– Sim, senhor! O Deus único e verdadeiro, o mesmo Deus que tirou nosso povo do Egito e guiou Moisés por quarenta anos pelos desertos, livrando-o de todos os males e ainda nos dando os mandamentos, fazendo conosco um concerto de fé.

– E o que você oferta ao seu deus tão forte?

– Ofertamos a fé, o respeito por nós mesmos e, acima de tudo, o respeito pelo nosso próximo!

– Então seu deus deve me odiar, porque eu trouxe para cá o seu povo cativo!

Se o seu Deus fosse forte, não deixaria que seu povo caísse escravo e fosse deportado até as terras de Babilônia...

– Tudo acontece pela honra de Deus. Estamos somente cumprindo seus projetos e tendo a oportunidade de semear seu nome e sua unicidade.

– Mas eu os trouxe para cá e confesso-lhe que estou arrependido por ter tratado vocês com alguma violência. Diga ao seu deus que eu nunca havia ouvido falar dele, e que eu prometo não fazer mais isso.

Olha, diga ao seu deus que eu o tomo também como meu deus. Vou colocar para sempre a minha espada aos seus serviços e irei respeitá-lo sempre.

– Senhor, que maravilha! A fé hoje entrou em seu coração! Ouço em mim a voz do Senhor nosso Deus, que diz que, em breve tempo, aceitará sua oferta e que,

em algum momento, pedir-lhe-á, e você levará o nosso povo de volta a Jerusalém!

– Diga ao nosso Deus, Jeriel, que eu já estou bastante velho e que não aguentaria mais uma tarefa dessas, pois eu morreria muito antes de chegar!

– Acalme-se, Senhor! Poderoso é Deus, “o espírito assopra onde quer, e você ouve a sua voz, e não sabe de onde ele vem, nem para onde ele vai”.

Por tempos seguidos, ele falava com o velho comandante veladamente sobre a reencarnação e seus mecanismos. Naqueles momentos, seria dispensável fazê-lo entender tais mistérios. Era apenas instante da semente. Entendia Jeriel que o tempo o levaria a mergulhar em tão importantes conhecimentos e aquelas sementes germinariam.

– É o vento! O vento é sempre perigoso quando se está pelo deserto!

– Diz o Senhor Deus, que você nos trouxe e você nos levará de volta à nossa casa. O Senhor é bastante poderoso para fazer cumprir todas as suas palavras!

Poucos anos se passaram, e o velho comandante morreu, aguardando o momento em que seu novo Deus o faria levar aquele povo de volta a sua terra. Morreu iniciando uma nova fase em seu coração, a fase do Deus único, verdadeiro e poderoso.

O profeta, por sua vez, perseguido pelos seus, por inveja e seguidas calúnias que lhe dilapidavam a alma, partiu dali vendido, com destino ao Egito, onde terminou seus dias sem faltar com sua fé nem um dia sequer, resignado, altruísta, fervoroso, cumpridor austero das leis. Até que, como um espírito vitorioso, foi convidado a retornar às procelas terrenas, trabalhando exaustivamente nos processos de consolidação da fé cristã, em que pôde dar exemplos maravilhosos nos sepulcros romanos, levando, assim, com dedicação máxima, a mensagem de Jesus aos gentios, sendo uma das vozes de Paulo, “O apóstolo da gentilidade”, durante sua prisão domiciliar e sua valia verdadeira dos últimos dias. Trabalhou ardorosamente na continuidade e na consolidação de seus esforços vitoriosos em Roma. Até os últimos dias de sua vida, quando velho e cego, foi então conduzido pelos espíritos do Senhor, não se afastando do trabalho em momento algum, por maior que lhe fossem os perigos e as dificuldades.

As almas grandes são assim. Fazem do trabalho a oração em movimento,

promovendo um íntimo contato com Deus!

Os anos se passaram e, em torno de setenta anos depois, realmente os ventos assopraram onde queriam. Agora Almuz, aos vinte e sete anos, simplesmente cumpria assim a previsão de Jeriel: “Diz o Senhor Deus que você nos trouxe, e você nos levará de volta a nossa casa. O Senhor Deus é bastante poderoso para fazer cumprir todas as suas palavras!”

Entretanto, ele jamais retornaria para sua casa, morreria pelo caminho, lutando corajosamente em defesa do povo judeu, lutando contra bandos de salteadores que, sabedores que Ciro libertaria aquele povo, eles, qual felinos sedentos de sangue, espreitavam-no pelo caminho, no intuito de fazer alguns escravos e saquear-lhe valores.

Almuz, ou Aziz Thurat, estava quite com a lei. Nem um til, nem um iota se passam sem que se cumpra a vontade de Deus.

– É da lei, não é mesmo, fraterno Palminha?

– Sim, caríssimo Gávio, os mecanismos da lei são sutis e, quando menos esperamos, o Senhor Deus nos fala por diversas bocas, “Quem tem ouvidos de ouvir que ouça”, e nos chama às reparações gloriosas, capazes de imprimir um novo direcionamento à nossa vida.

– Senhor, o senhor está ferido!

Naquele instante, Almuz retornou às faixas antigas de seu inconsciente. Era agora verdadeiramente Aziz Thurat, falando coisas incompreensíveis para aqueles soldados que lhe velavam os últimos momentos...

– Meu Senhor e meu Deus, fiz o que pude, lutei como um bravo por sua gente. Minhas carnes doem demais e já não sinto as minhas pernas. Novamente me sinto curado, mas os entreguei em casa novamente conforme me confiou.

Meu Senhor e meu Deus, permita que, pela última vez, eu possa rever minha Chantia, a minha doce Chantia, que eu a abraço e que possa também abraçar

minha Cripta, os dois maiores tesouros de minha vida...

Nesse instante, ele viu novamente aquele homem, o mesmo que o havia curado nas portas de Babilí, a lhe estender os braços, convidando-o a andar.

– Vem! Em nome do Senhor nosso Deus, você está curado! Vem! Levante-se! Movimente-se! Deus em si e faça-se de pé!

Ele levantou os braços na direção do amigo, e seus soldados entenderam que ele queria se levantar e lhe estenderam as mãos. Ele ainda balbuciou:

– Deus forte, Deus único, eu creio... Meu Senhor e meu Deus, eu creio em você!

Os soldados nada entenderam e buscaram, de qualquer jeito, levantarem-no, mas notaram que o grande comandante Almuz, ainda no verdor de seus dias, estava irremediavelmente morto.

Zorobabel, a seu lado, acompanhou pela vidência todo o processo e fez questão de lhe dar uma sepultura dentro das ruínas de Jerusalém. Ali jazia o corpo de um dos primeiros gentios convertidos à fé, e orou:

– Senhor nosso Deus! Receba este nosso irmão em seu reino de glórias e permita-lhe continuar a marcha de progresso, ofertando-lhe os mecanismos das vidas sucessivas. Que a sua vara e o seu cajado possam indicar-lhe o caminho para que, no tempo, o seu louvor não seja somente um movimento inconsciente dos lábios.

Nosso Senhor e nosso Deus, que ele possa louvá-lo em espírito e em verdade! Que assim seja para a sua glória por todo sempre!

Os soldados se despediram de Zorobabel e retornaram ao destino traçado. Não descansaram. Numa árdua caçada, enquanto não puderam levar cento e trinta cabeças de presente a Ciro, que, ao recebê-los, chorou como uma criança e ordenou que aquelas cabeças ficassem insepultas para sempre.

– Fraternal Palminha, violências geram violências e sustentam violências!

– Fraternal Gávio, ainda assim Deus produz a evolução e o progresso se

manifesta. Uns pelas dores, outros pela exaustão, e alguns outros optam pelo caminho do amor. A escolha é pessoal e intransferível!

Ciro cavalgava daqui para ali e dali para acolá. Procurava, pela derradeira vez, ver Miriam. Não queria abraçá-la, bem sabia que não daria conta, mas vê-la somente para que, em momento algum sua lembrança se apagasse de sua mente. Por mais que andasse, não a viu. Entendeu que ela se perdera no meio da multidão, no entusiasmo da partida, ou realmente preferiu partir silente e anônima por um motivo que era seu, que ele não conseguia entender.

O sol já declinava quando o último homem passou pelos portões de Babilí. Foram contados cinquenta e três mil e quatrocentos homens, quase setenta mil menos do que lá chegaram, mas Ciro sabia que Babilí jamais seria a mesma.

Se o aguaceiro jorrado por ele decretou as trincas e a falência estrutural da cidade, a partida do povo judeu decretava definitivamente a falência social de Babilí. Ambos os golpes eram fatais para a continuidade daquela cidade outrora progressista e forte, que agora mergulhava no silêncio sepulcral de quem passa a agonizar lentamente.

Ciro, cercado de seus homens, retornou ao palácio, prometendo a si mesmo partir o mais rápido possível. Não mais suportaria aquele lugar na solidão que lhe era imputada. Entendia que já havia cumprido seu papel e já tinha sofrido o suficiente. Começou, então, a se despedir de seus homens.

Solitário, penetrou no imenso salão onde, por tantas vezes, viveu a presença de Miriam sempre com sua alegria marcante, atenta e zelosa para com os mínimos detalhes de suas reuniões, distribuindo a todos filigranas de sua harmonia.

Ele debruçou sobre sua mesa de despachos e despencou a chorar compulsivamente, envolvendo-se num turbilhão de pensamentos. Chorava copiosamente pelo primeiro e único amor de sua vida! Ciro chorava por Miriam!

Em sua cabeça, uma série de reflexões turbilhonava seus pensamentos, tentando achar uma explicação ou uma saída para tanto sofrimento. Era o diálogo de um homem sensível com três instâncias importantes, o emocional, o racional e o lógico. Nesse gládio interior, ele buscava o consenso em si para encontrar novamente a paz.

– Onde eu errei? Por que eu deixei escapar a mulher de minha vida? Não! Eu devia ter impedido a sua partida, nem que para isso tivesse de usar a força, fazendo valer a minha soberania! Sim, fui um tolo! Eu fui um grande tolo. Não, não! Não, não, eu não podia fazer isso! Soberanos não amam escravos! Ou ela seria o meu amor, ou ela seria a minha escrava! Se ela fosse escrava, não seria a mesma Miriam, e por certo me odiaria para sempre! Eu preferi vê-la livre! Liberta, ela escolheu seu caminho. As pessoas livres escolhem seus próprios caminhos.

Sim, é preferível amar sobre um monturo de ódio do que viver uma perda sem reparações. Não, não!

Ciro, pense como uma pessoa sensata! As pessoas livres usam a sua liberdade para fazer suas próprias escolhas, e ela simplesmente escolheu o seu caminho.

Ciro isso que você fez foi uma questão de respeito. Não é o respeito o que você mais prega entre o seu povo?

Sim, na verdade, se eu havia concordado em libertar todos os escravos, por que iria escravizar a pessoa que mais amava?

Ciro, tiro, acorde! Quem ama não escraviza! Quem ama não submete a pessoa amada aos seus caprichos... tiro, o que você fez foi por amor! Eu amo Miriam!

Sim, senhor rei, o direito à liberdade não pode se perder diante dos desejos da carne, principalmente quando estes buscam escravizar o ser amado.

Sim, o amor é livre! Amor e liberdade são duas asas maravilhosas, capazes de levar os homens aos cumes da felicidade e, por vezes, ao sofrimento! Não, o sofrimento só existe quando existe o desrespeito!

O amor respeita sempre! Sim, eu amo Miriam e por isso ela jamais poderia ser subjugada e subordinada aos meus caprichos, jamais!

Ciro, quem ama não domina e tampouco escraviza. E de que me vale a Pérsia, se o que mais amo e mais quero não fui capaz de conquistar? Talvez o melhor fosse renunciar a tudo e ir na direção da minha felicidade! Miriam é a minha felicidade!

Mas não seria egoísmo? Se, em nome do amor, eu abrir mão de meu povo, de lutar por suas esperanças, de acreditar nos ideais de liberdade e de progresso?

Não, não posso, não posso! O meu povo não merece isso!

Ciro, seja forte, talvez essa seja a dor que você tenha de passar pela Pérsia, para a Pérsia e com a Pérsia. Talvez perder essa batalha por Miriam seja o preço de Babili! Se este for o preço, eu o pagarei!

Ciro acomodou-se ainda mais sobre aquela mesa e se permitiu chorar como uma criança, desmanchando o coração por aquela que era a sua vida. Tinha sono!

Ele teve a impressão de ter ouvido o chiar leve da porta de entrada, como se alguém se aproximasse. Não ouviu passos. Estava tranquilo, ninguém passaria por sua guarda especial por aqueles corredores. Sentiu, então, uma mão percorrer seus cabelos negros e já longos. Era como estivesse sonhando. Não se deu ao trabalho de se virar, seria uma sensação do próprio sono. Aquela sensação gostosa o fez se lembrar de Miriam, e assim ele se entregou àquela suave emoção.

– Meu senhor e meu rei por que choras num dia de tanta felicidade e de tantas honras ao seu nome? O que tem, senhor? Alguma dor?

Ciro viajava em seus pensamentos, via-se enlouquecendo de sofrimento, vivia um sonho gostoso do qual não desejava despertar. Sentia-se bem vivendo aquelas lembranças do seu amor.

De repente, escutou uma voz mais forte e um toque aveludado em seu braço. Aquilo era muito real para que pudesse ser um sonho.

– Senhor, por Deus, o que tem?

Ciro, então, tomou consciência de que não estava dormindo. Aquilo não era um sonho e não era também uma fantasia de sua mente.

Levantou-se num salto, movido por impulso.

– Miriam, é você?

Ficou lívido e assustado, não acreditando no que os seus olhos viam. Achou que estava enlouquecendo!

– Sim, senhor, a sua serva!

– Miriam, então você não partiu com seu povo?

– Não, meu senhor!

– Miriam, mas você é livre, nada a impedia de partir, nem eu, nem ninguém, por que ficou?

– Senhor, o coração que ama jamais é livre! Vive sempre o seu amor e não se permite afastar daquele a quem ama, seja em que circunstância for! Senhor, eu não fiquei por sua presença, muito menos para que pudesse tê-lo. Fiquei, meu senhor, para que simplesmente pudesse estar para sempre consigo...

Meu senhor e meu rei, estas coisas somente são vividas através do amor e, quando se ama...

Sei que sou livre! O amor é livre, espargue como a luz do Sol, penetra em tudo e tudo se faz. Mas amar, meu senhor, representa desejar os desejos de quem se ama, numa convivência harmônica para com os próprios desejos. O amor jamais sofre e nunca promove o sofrimento, pois, acima tudo, está num estado de felicidade que nos envolve a alma por inteiro, fazendo-nos seres plenos em tudo... O amor jamais ama somente o objeto amado. Ele, meu senhor, primeiramente ama a si e com tamanha intensidade que, fortalecendo-se, espargue em todas as direções. Jamais permaneceria aqui se sentisse que amo apenas o Ciro, o rei da Pérsia. Eu fiquei, meu senhor, porque primeiramente amo a mim mesma, amo Ciro, amo o homem e amo tudo que se encontra a nossa volta! Por isso fiquei, porque assim sou feliz.

O amor jamais se torna exclusivista. Meu senhor, quem ama jamais se escraviza, mas ama por opção pessoal.

– Miriam, meu coração é o mais feliz de todo o meu império! Sou o homem mais feliz deste mundo!

Miriam, peça-me o que quiser e eu lhe darei. Para Ciro tudo é possível!

– Senhor, o amor não impõe condições nem espera recompensas!

Eu o amo, meu senhor e meu rei, mas não imponho condições. Amá-lo-ei independentemente de me amar. Onde você for eu irei. Onde você estiver aí eu estarei sempre ao seu lado, diligentemente, ocupando o lugar da minha insignificância como sua serva humilde. Só lhe peço, humildemente, senhor, que não me negue nunca o direito de amá-lo!

Meu senhor, as almas que amam, amam amar! A minha alegria é poder amá-lo! Não o amo porque é bonito, lindo, porque é alto, forte ou porque seus olhos me seduzem. Meu senhor, fiquei pelo que é e pelo que representa para mim. Isso, meu senhor, os olhos não veem nem as mãos podem perceber. O amor é vivido através de sensações sutis que somente a sensibilidade do coração amante pode captar e sentir.

O amor, meu senhor, está fora do alcance dos sentidos comuns. Ele acontece de alma para alma.

Ciro não a tocou, não tinha autoridade moral para isso. Simplesmente se entregou à contemplação, embevecido de admiração, mergulhado num mar de felicidade. Olhou Miriam como se estivesse diante de uma deusa, deixou seu olhar se perder no objeto de sua admiração, mas, ainda que na dureza de um coração guerreiro, rendeu-lhe honras interiores e se deixou levar por intensa emoção.

– Miriam, você partirá comigo! Vivemos sempre juntos! Eu a farei a rainha da Pérsia. Terás o mundo aos seus pés. Viverei somente para você o resto dos meus dias até a eternidade!

– Meu Senhor e meu rei, não prometa nunca aquilo que ainda não pode cumprir! Eu sei entender! Eu não lhe peço nada, nada lhe imponho e não espero por nada!

Eu não quero a Pérsia nem tampouco o mundo. Aliás, o que faria com tudo isso? Quero, meu senhor, somente possuir a alegria de poder amá-lo todos os dias de minha vida.

Meu senhor, o amor é incondicional. Já lhe disse que ele não impõe condições. A tudo respeita. O amor é paciente e sabe aguardar. É no tempo que o amor faz o seu ninho, sabendo esperar as transformações inadiáveis que garantem a germinação de um novo ser.

O Senhor Deus é grandioso demais para tudo transformar! Onipotente, onipresente e criador de tudo. Se Ele labora toda sua grandiosa obra através do tempo, meu senhor, não seria justo que eu, uma serva humilde de sua criação, tivesse a pretensão de querer que as grandes transformações se fizessem por mágicas!

Miriam sabia que Ciro ainda não estava preparado para o amor incondicional e sem desvios. Sabia, também, que muitos séculos ainda rolariam e milênios ainda seriam vazados para que aquela alma pudesse entender o verdadeiro sentido do amor, mas se dava por muito feliz pelo Senhor Deus tê-la permitido viver ao lado do seu amor.

Ciro entendeu as considerações.

– Miriam, falo de amor, mas, quando a ouço, vejo que seu amor não é o meu. Tenha paciência, minha meiga menina, pois farei todos os esforços para que nunca venha magoar seu coração.

– Meu senhor e meu rei, provavelmente isso jamais acontecerá, pois o amor nunca magoa! Mas, se algum dia isso vier a ocorrer e se, em algum instante, os enganos propostos pela vida tomarem conta de seu coração, saiba que jamais guardarei mágoas, meu senhor. O amor perdoad sempre e jamais se torna rancoroso.

Meu Senhor, você aprendeu rápido. Os milênios que se arrastaram até aqui foram muito pacientes para que hoje eu pudesse ouvir essas palavras de sua boca. O Senhor nosso Deus é paciente. Trouxe-nos até aqui e continuará nos levando com intensa sabedoria pelos milênios afora.

Miriam tocou o braço de Ciro, convidando-o a um abraço, e cedeu a um longo beijo, que selou, naquela noite, um reencontro trabalhado pacientemente por seu espírito e por uma plêiade de espíritos superiores durante quatro mil anos. Era o reencontro de antigos viajores da nave do tempo. Transgressores da lei de amor e que, em um determinado momento, confundiram amor com propriedade e posse. Permitiram-se arder na forja dorida dos ciúmes devastadores, tornando-se vândalos da afetividade e salteadores dos sentimentos, precipitando-se em vertiginosas quedas.

A misericórdia divina age silenciosa e paciente e nos aguarda para a excelsa preparação do campo, para que o futuro possa ser ocasião de plantio!

Ciro, em júbilo, conduziu a alma de sua alma até seus aposentos, indo, logo em seguida, recolher-se ao sono banhado de profunda alegria. Ele não cabia em si de contentamento. Em sua cabeça, elaborava milhares de planos para o futuro, prevendo que seria bastante venturoso.

Capítulo 22

Amanheceu o dia. Com ele, renovadas alegrias pela presença marcante da luminosidade e da beleza dos dias de verão aberto. Contudo, aquele dia parecia diferente. Babili parecia não ter acordado. Já iam altas as horas do dia, e ela, antes falante, barulhenta, agitadiça, parecia se manter num estado de prostração. Ela estava quase vazia, pois foi embora a sua força de trabalho, os homens que movimentavam o dia com o seu vai e vem interminável e as mulheres que trabalhavam em todos os lugares. Na verdade, começava ali a agonia de uma cidade que outrora fora a rainha, vivendo seu grande apogeu e conquistas.

Ciro levantou rejuvenescido. Logo cedo, ao seu lado, sua dama de honra, ou a sua pajem, ou ajudante de ordens. Ele parecia outro homem a experimentar a alegria de estar seguramente lado a lado com o coração de seu coração.

– Bom dia, Miriam!

– Bom dia, meu Senhor, dormiu bem?

– Miriam, jamais dormi uma noite como esta, nem mesmo no dia em que a Lídia caiu aos meus pés. Conquistar cidades é diferente. Conquistar coisas, nem se fala. Mas conquistar Miriam é algo sem precedentes. O seu coração, para mim, é a maior das conquistas!

Miriam ficou meio corada, um tanto quanto desconsertada com seu rei. Fitou-o com intensa ternura de alma, admirando cada expressão do seu rosto como uma criança deslumbrada com seu presente.

– Miriam, estou com alguma marca ou coisa estranha?

– Não, meu senhor e meu rei. Quando amamos uma pessoa, amamos cada linha de seu rosto, cada detalhe do seu corpo. Causa-me, senhor, intensa alegria poder admirá-lo todos os dias!

Eu o magoo, senhor?

– Minha Miriam, desculpe-me. Eu é que não estou acostumado com essas prendas de mulher. Não se esqueça, menina, de que sou um guerreiro, homem bruto, e ainda não me acostumei com esses agrados femininos. Juro que aprenderei e serei ainda um homem cortês e fino, capaz de até mesmo ser encantador.

– Senhor, quando a alma ama, ela se enamora da essência do ser, e não do ser exterior, ou seja, do ser das aparências. Não o vejo nem guerreiro, nem tampouco bruto. Vejo-o simplesmente Ciro, o homem que amo. Amando, vejo-o o maior dos homens, o melhor, o mais encantador e o mais admirável dos seres.

Meu senhor, o amor é de alma para alma. O essencial para ele é a essência do ser.

– Ah, Miriam, quisera eu ter a sua alma e poder transbordar em lindas palavras. Mas, Miriam, para que não reste nenhuma dúvida sobre o tanto que eu a amo e a quero, e como não sei fazer poesias nem falar as belezas que você fala, eu lhe digo que a amo mais do que a minha própria espada.

– Ciro, ofereço a Yaveh a minha própria vida, se necessário for, para que ele retire de você a espada e que, cada vez mais, mostre-lhe a força da paz e a eficácia da conciliação. Que ele, habitando em você, faça-o um guerreiro da paz e um homem conciliador.

Que Yaveh lhe mostre cada vez mais que não existe melhores caminhos do que aqueles que produzem o progresso e a paz entre as gentes e que fazem as pessoas felizes.

Ciro, meu senhor e meu rei, a felicidade de seu povo é sempre o melhor e o verdadeiro caminho. Jamais se esqueça, querido de minha alma, que o seu povo é aquele que o Senhor Deus coloca mais próximo e aquele que lhe estende as mãos sedentas pelos caminhos. Para isso veio. Que você jamais se desvie dos seus objetivos.

– Meu senhor, o dia já é alto!

– Assente, Tarhif, e coma algo. Teremos um dia muito cheio.

– Ouvi falarem de Yaveh? Por acaso, vocês falavam de um mercador novo que dizem já estar próximo de Babili?

– Mercador novo, grande Tarhif?

– Sim, nosso serviço de inteligência nos trouxe a notícia de que uma caravana, vinda de Abadan, está na direção de Babili. Trazem especiarias, carnes salgadas e uns poucos escravos. São ordeiros e pacíficos. Seu comandante não é esse tal de Yaveh, e sim Joaman.

– Esse Yaveh é o deus de Miriam, Tarhif. Trata-se de um deus forte, que, segundo ela e Zorobabel, tem feito muitas coisas. Eu acho que ele é mesmo forte, pois não teve medo de deixar Miriam sozinha entre os persas. Olha, eu tenho simpatizado muito com ele!

– Grande senhor, o povo que se foi falava maravilhas dele. Deve ser mesmo um grande deus. Na dúvida, prefiro também ser admirador dele. Qualquer dia penso até em matar um galo em sua homenagem, para que nos leve seguros em nossa jornada de retorno a nossas casas.

– Ofereça um também em minha homenagem, Tarhif. Não seria conveniente deixar o seu rei sem proteção!

– Senhor, oferecerei também um em sua intenção!

– Pedi a Zorobabel que me recomendasse ao seu deus como seu amigo e amigo do seu povo. Não sei por que, Tarhif, acho verdadeiramente que o deus de Miriam é o único. Ele é o maior. Temos de agradecer-lhe, Tarhif, para que ele esteja sempre de bem conosco e com a Pérsia. Aliás, meu amigo, mate muitos galos, por mim, por você, pela Pérsia, por nossos amigos. Mande matar também um touro por todas as nossas conquistas e me traga o sangue. Quero banhar-me nele!

Ambos estavam felizes. Ciro por ver sua amada tão próxima de si, e Tarhif por ver seu rei feliz como poucas vezes o vira antes.

– Meu senhor e meu rei, um homem santo que viveu entre nós, por intermédio do qual Yaveh falou várias vezes, deixou-nos a seguinte palavra do Senhor nosso Deus: “De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios, diz o SENHOR. Já estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de animais cevados;

nem me agrado de sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes.”

Meu senhor e meu rei, fique descansado quanto aos galos e touros que pretenda imolar em sacrifício ao Senhor nosso Deus, pois que Ele não se agrada dessas coisas. Ao contrário, Ele se entristece por tanta ignorância.

Pense, meu senhor e meu rei, onde já se viu um Deus precisar de animais mortos e de sangue para se tornar amigo ou inimigo de alguém. Esse deus seria muito mesquinho!

– Não?

– Meu senhor, você mesmo detesta bajulações!

Quem, em todo o seu reino, que não sendo bom ou quebrando as leis que regem a Pérsia, ou ultrajando seu nome, poderia comprá-lo com bajulações?

O senhor aceitaria sangue, bois mortos, carneiros cevados? Isso lhe seria uma honraria?

Ciro e Tarhif escutavam-na boquiabertos e mantinham-se atentos aos seus argumentos. O segundo olhava para Ciro desconfiado, temendo que ele se desagradasse ou se sentisse ofendido com tais argumentos, mas, ainda assim, não perdia tempo em admirar aquela moçoila tão destemida.

– Meu senhor e meu rei, você ama a Tarhif, não ama?

– Claro que sim, Miriam!

– E você o ama porque ele lhe oferece sempre carneiros, bois, sangue e galos?

– Claro que não, Miriam!

– E você o ama porque ele se ajoelha diante de você todos os dias e lhe faz constantes promessas?

– Você bem sabe que não!

– Então me diga por que você ama a Tarhif?

– Porque, em todas as situações que já vivemos, ele sempre me demonstrou atos

de bravura e de lealdade incondicional.

– Meu senhor, por que diz que Tarhif é um bravo?

– Por sua capacidade de enfrentar as situações mais difíceis com coragem, sem medo, sempre confiante na vitória.

– Meu senhor e meu rei, poderíamos dizer que Tarhif tem fé em seu rei e fé na Pérsia?

– Claro que sim, Miriam. Ele é o mais valente, pois sempre acredita em nossa vitória.

Ciro se impressionou com aquela capacidade de dialogar, com seu jogo perfeito de palavras, com sua coragem de abrir um diálogo e de colocá-lo sob forte pressão.

– Meu senhor e meu rei, o que é lealdade?

– Ora, Miriam, ser leal é guardar consigo a sinceridade, a honestidade. É ser justo a cada ato.

– Ora, meu senhor e meu rei, disse que Tarhif é leal e por isso o admira. Acaso admiraria um desleal só porque ele lhe oferecesse sacrifícios e lhe fizesse lindas promessas?

– Jamais, Miriam. Eu sou leal a Pérsia em tudo, e os meus homens são leais a mim. Jamais permitiria que um desleal ganhasse minha admiração.

– Meu senhor e meu rei, acaso acha que é maior, igual ou menor que Deus?

– Miriam, quer me humilhar?

– Não, meu senhor e meu rei, somente enaltecê-lo diante dos olhos do Yaveh. No dia em que esta sua serva quiser humilhá-lo, que o Senhor Deus disponha de minha vida, fazendo-me morta em um instante...

– Miriam, eu sou menor que Deus!

Séculos haviam rolado na ampulheta do tempo, constituindo milênios, esperando daquela alma uma postura de humildade perante Deus. Aquele momento consubstanciava um elo de profundas ressonâncias em torno de todos os esforços que haviam sido feitos em prol daquelas duas almas. Era um marco da reaproximação consciente daqueles seres com o pensamento Divino.

Do lado exterior, plêiades de espíritos programadores comemoravam em júbilo o êxito daquele acontecimento, certos de que Ciro e Tarhif, a partir dali, jamais seriam os mesmos. Marcavam-se aqueles instantes como auspiciosos naquilo que era concernente à reconstrução das duas almas rumo ao futuro.

Um coroado discípulo do Senhor, Isaquias, que ali estava junto a várias outras entidades angélicas, convidou todos a se ajoelharem para uma prece de agradecimento ao Deus de Abraão!

– Senhor nosso Deus, pai de infinita bondade e de amor inesgotável! Ei-nos aqui reunidos, súplices e reconhecidos, para reverentemente agradecer-Lhe pelas vitórias que nos tem concedido no curso da eternidade.

Senhor, saudamos todos os esforços em relação a este orbe que, por ora, apenas inicia sua marcha rumo ao futuro glorioso que não tardará a chegar.

Reconhecemos, Senhor, que este laboratório de almas já começa a colher seus primeiros e auspiciosos frutos. Ainda que estejamos vivendo somente suas primeiras safras, vemos que ela é de excelente qualidade.

Reconhecemos que os seus projetos de lutas, dores e trabalhos extenuantes têm sido vitoriosos e responsáveis pelas grandes transformações de nossas almas ainda recalcitrantes.

De joelhos, mais uma vez, louvamos neste momento por entendermos que as dores, as lágrimas e os sofrimentos têm sido até aqui instrumentos eficazes no processo sublime da transformação humana.

Louvamos neste momento, Senhor nosso Deus, em que também pudemos dar testemunho da força do amor, ainda que movimentado por lábios tão pequenos e por estruturas tão franzinas, mostrando que é o Deus verdadeiro.

Louvamos, mais uma vez, Senhor nosso Deus, por hoje termos podido dar testemunho da força inquebrantável do amor superando a contextura granítica da

ignorância, mostrando, Senhor, que ele é a única força verdadeiramente capaz de operar grandes transformações, de corrigir severos enganos e de dar novos rumos à realidade humana.

Por isso, Senhor nosso Deus, é que esperamos tão ansiosos pelo Emissário Divino! Senhor, esperamos por Emmanuel, o seu filho dileto, já sem máculas, o grande governador deste mundo, para que possamos reverenciá-lo no altar humilde de nosso coração.

Sustenta-nos, estes humildes servos de sua seara, para que possamos ser dignos de estar situados na jornada terrena no tempo desse advento glorioso, para também podermos dar testemunho de fé e trabalho em sua gloriosa passagem pelas paisagens terrenas.

Abençoa, Senhor nosso Deus, estes nossos irmãos do caminho, para que, nos milênios que ainda correrão na grande operação correcional dos seres, eles possam continuar com sucesso a perene caminhada sob os influxos maravilhosos da lei de progresso!

O ambiente parecia amalgamado por uma safirina luz que trazia vibrações de harmonia ao ambiente. Ciro sentia uma sensação de leveza, de alegria jamais vivida por ele. Tarhif maravilhava-se com tudo, admirando profundamente aquela menina franzina que desafiava seu senhor e seu rei.

Ambos admiravam-na e absorviam aquele momento com intraduzível alegria, enquanto Miriam, consciente da presença divina, depositava em silêncio, ao Senhor seu Deus, filigranas de agradecimento por aquela experiência tão especial.

– Meu senhor e meu rei, alguém poderia lhe oferecer a Pérsia?

– Claro que não, Miriam. Sou o imperador de toda a Pérsia!

– Meu senhor e meu rei, o Deus verdadeiro não quer a Pérsia, porque, sendo Ele Deus, todo o reino da Pérsia lhe pertence com tudo o que nele há, inclusive a nossa vida, da qual pode dispor quando melhor lhe aprouver. Por que haveria de querer sangue, galos, sacrifícios e promessas vãs?

– Miriam, o seu pensamento é maravilhoso! Este é um Deus verdadeiro, não é Tarhif?

– Meu senhor e meu rei, claro que sim! Mas, então, o que oferecer a esse Deus?

– Ciro, meu senhor, Tarhif, digno comandante, o Deus verdadeiro quer apenas o nosso coração. É aí onde verdadeiramente deve estar o seu altar e onde deverão ser feitos os verdadeiros sacrifícios! Sacrifício da vida reta, plena em correção, sabendo amar e perdendo sempre, fazendo do trabalho a grande oferta do nosso coração.

O Deus verdadeiro não quer galos, nem valores, nem moedas, muito menos sangue e touros! Ele nos quer retos e plenos em nossa consciência!

Miriam ajoelhou-se e, de mãos postas à altura do coração, ergueu os olhos súplices ao céu, dizendo:

– Meu Senhor e meu Deus, faça morada em nossa vida, habite em nós, não somente hoje, mas pelos tempos, em nossas idas e vindas, nas muitas vidas que ainda nos reserva. Permita-nos podermos louvá-lo sempre em nosso coração! Glória lhe damos em nosso coração!

Ao terminar, ouviu uma voz que dizia:

Que nos leve a salvo até nossas terras!

Ao olhar para trás, deparou com as figuras de Ciro e Tarhif, também de joelhos, repetindo suas palavras. Ambos demonstravam intraduzível alegria. Era como se tivessem encontrado novamente a própria vida e, dentro dela, a felicidade. Cumprira-se ali, de maneira sutil, os desígnios divinos para aquelas vidas, que as marcariam para sempre.

– Fraternal Palminha, determinados momentos são tão importantes em nossa caminhada que permanecem para sempre vinculados em nossa mente. Este ato de cultuar a Deus de joelhos se transformaria em hábito na vida de Ciro e de Tarhif dali para a frente, perpetuando pelos séculos como uma postura de respeito e veneração ao Senhor e único Deus.

Ciro se levantou e, num impulso para um novo momento, disse a Tarhif:

– Companheiro, já é hora de prepararmos a retirada!

Tarhif sorriu, alegrou-se de alma.

– Meu Senhor!

– Convoque todos os comandantes, precisamos ultimar as providências. Partiremos em doze dias.

Cristiofen, você ficará em Babili até completar um ano, então lhe enviaremos substitutos para você e sua tropa. Você ficará com um quarto dos homens e lhe caberá a autoridade máxima sobre Babili e o cumprimento das leis por aqui.

Menino, acautele-se, pois se trata de uma tarefa de muita responsabilidade e de muita confiança. Sobre seus ombros estarão todas as vidas de Babili e os fantasmas dessa cidade também.

Ciro sentia que Babili era repleta de figuras extracorpóreas que ele não sabia explicar, mas que o desassossejavam bastante. Na realidade, o ambiente da cidade não o deixava tranquilo. Era como se vivesse sempre medroso e tenso, como se alguma coisa estivesse para acontecer.

Na realidade, Ciro revolvia ali seus próprios arquivos mentais e vivia, assim, sensações sustentadas nos canais anímicos do ser.

– Fraternal Palminha, realmente o passado é vivo e, de vez em quando, insiste em se tornar presente, tomando, para isso, algumas referências como fatores desencadeadores de fatos, pessoas, coisas, circunstâncias que nos levam ao processo de conexão mental e suscitam comportamentos atípicos, de forma incontrolável. Assim, deslocamos o ontem para o hoje e passamos a vivê-lo de forma real e intensa.

– Sim, meu fraternal Gávio, por isso toda vigilância no trato mental torna-se indispensável como forma de preservarmos a nossa saúde integral. Pequenos deslizes são suficientes para provocar desequilíbrio de larga monta.

Cautela para com os pensamentos e vigilância para com o fluxo mental são recursos terapêuticos de emergência!

Ciro tinha pressa em partir. Sentia-se presa do passado, como se alguma coisa insistisse em mantê-lo ali. Isso o deixava muito apreensivo.

– Senhor, talvez fosse bom oferecermos algumas ovelhas a “angra manieu”, para acalmar-lhe a ira e lhes conceder um ótimo retorno. Podemos fazer isso ainda hoje!

Ciro olhou para Tarhif, olhou para Cristiofen, olhou à sua volta com um olhar vago. Pensou e repensou, como se quisesse buscar uma resposta para Cristiofen.

– Comandante, prefiro acreditar num único Deus! Um Deus poderoso, capaz de nos guiar através das colinas, dos campos, dos desertos, levando-nos para Takht e Jamshid sãos e salvos...

– Mas então, meu senhor e meu rei, façamos um sacrifício a esse seu deus!

– Deus está cansado de oferendas, de carneiros, bois e sangue!

Cristiofen não entendeu nada, mas Tarhif sim.

– Sim, meu senhor e meu rei, Deus está cansado de oferendas e ofertas vãs!

– Cristiofen, você deverá, a cada quinze dias, mandar-nos emissários, a fim de nos relatar os acontecimentos. Nós faremos o mesmo e, em qualquer dificuldade, meu irmão, não saia para o enfrentamento, aquartele-se e guarde-se da melhor forma. Viremos na velocidade do vento!

Aquele instante havia sido sublime para os esforços empreendidos no curso dos milênios pelos planejadores do mundo maior em torno da reconstrução daquelas almas.

Ciro e Tarhif haviam aprendido verdadeiramente os ensinamentos vividos junto a Miriam. Dali em diante, ambos não mais viveriam dissociados do pensamento divino, bem como não mais se misturariam com os propósitos da fé cega e desprovida de bom senso.

Ciro iria viver distante dos templos pagãos, professando em si e junto aos seus uma fé vigorosa no Deus único. Entretanto, jamais se intrometeria na fé de seu

povo, dando à Pérsia ampla liberdade religiosa. Os propósitos daquelas campanhas de conquistas cumpriram fielmente os objetivos planejados. De um lado, levou a liberdade ao povo judeu, conforme o compromisso que assumira com os visitantes espirituais. Por outro, ganhou também a liberdade, na medida em que quebrou as algemas da ignorância, fazendo um triunfal retorno a si mesmo e ao pensamento divino, projetando luzes novas sobre sua caminhada.

Ciro marchou sobre a Lídia, a Média e também havia triunfado sobre Babilí, mas se tornou prisioneiro da fé!

A vida verdadeiramente é assim, nunca ganhamos duas coisas ao mesmo tempo. Todos os ganhos produzem suas perdas. Todas as perdas também produzem seus ganhos. As engrenagens existenciais são sutis nas mãos do Criador, e nós apenas interpretamos os imperativos da lei de progresso, os projetos de Deus para a nossa vida.

Ciro saiu daquela reunião e levou todos os seus comandantes até um antigo porão do palácio real. Logo de início dispensou sua guarda particular, entrou num verdadeiro labirinto, desceu e caminhou por túneis estreitos, sem nenhuma iluminação, embora parecessem bem ventilados. Sua comitiva, em silêncio, como admirada daquilo, curiosa com a caminhada, continuava lado a lado com seu rei. Depois de uns cinquenta minutos, já exaustos, chegaram a um extenso salão nos subterrâneos de Babilí, a aproximadamente noventa metros de profundidade.

Estavam diante de doze portas. Ciro abriu a primeira. Entraram e caminharam por extenso caminho. Viram outra porta à frente. Abriram uma grande trava e chegaram novamente ao mesmo salão. Abriram, então, a terceira e percorreram novamente longos caminhos até chegarem a uma décima terceira porta, oculta em outro grande salão. Ao entrarem, deram em outro amplo salão. Foi quando os olhos de seus comandados brilharam assustados, pois jamais viram tantas riquezas juntas. Prata, ouro, pedras maravilhosas, jarros, esculturas valiosíssimas e um amontoado de pergaminhos egípcios e judaicos.

Senhores, estamos diante dos tesouros de Babilí. São verdadeiramente despojos de guerra significativos. Cada um de vocês pode retirar o que melhor lhe aprouver. Isso faz parte da lealdade e da bravura de todos!

Os comandantes se entreolharam demoradamente e ficaram estáticos diante de

todo aquele tesouro, mas nenhum se atreveu ou tomou a iniciativa de tocá-lo.

Tarhif, então, decidiu questionar Ciro.

– Meu senhor e meu rei, eu não quero nada de Babilí. Para aqui eu não trouxe nada e também não levarei nada. Essas coisas não me trazem sensações agradáveis, nem sequer quero tocá-las. Aqui, senhor, respira-se muito sofrimento!

Ciro tomou, então, a palavra!

– Nobre Tarhif, muito me alegra a sua decisão. Também tenho o mesmo sentimento por tudo isso aqui. Há muito esperei pelo momento de trazê-los até aqui, mas eu, Ciro, também nada quero de Babilí. Isto aqui não me faz bem!

Assim, os demais comandados de Ciro foram, um a um, dando sua opinião sobre aquele tesouro, até que todos, diante de Ciro, abriram mão de um dos maiores tesouros já reunidos até então por um só povo. Verdadeiramente, ali estavam também as lágrimas de egípcios, caldeus, judeus, de muitos mercadores que foram esmagados traiçoeiramente pelos caminhos que iam a Babilí e vinham de Babilí, muitos povos foram escravizados, humilhados e supliciados em função daqueles despojos insignificantes.

Reis, guerreiros e assassinos passaram; as lágrimas, as dores, os sofrimentos já haviam sido vividos e seriam reconsiderados em outras oportunidades nas cadernetas da lei de ação e reação.

Todos os envolvidos na geração daquele patrimônio seriam fatalmente chamados a prestar os devidos esclarecimentos, a repor os saques efetuados e, em momento oportuno, teriam de ressarcir os prejuízos provocados aos cofres da harmonia universal. Nada passa sem que o tempo providencie a devida reparação.

Naquele momento, uma multidão de companheiros desvestidos da matéria densa digladiava no ambiente. Todos arvoravam para si o direito àquele imenso patrimônio, entrando mesmo em luta corporal entre si, enquanto outros buscavam, de toda forma, expulsar aqueles intrusos daquele lugar.

Almas desfiguradas, maceradas pelo sofrimento e mutiladas pela ganância e ruindade, que minava naqueles corações. Vinham algumas há milênios; outras há séculos; outras há décadas. Todas perdidas naqueles sombrios porões, sem se

darem conta de que o tempo não parava e que ele caminhava célere rumo ao futuro e, inexoravelmente, rumo às dolorosas reparações.

– Saiam daqui! Saiam daqui, seus invasores! Tudo isso aqui me pertence, isso é meu, isso é meu, já me bastam estes salteadores que não saem daqui, querendo me furtar... Bradava, colérico, Nabucodonosor, um rei cheio de pompas e exigências, agora, naquele lugar, com as roupas em frangalhos, como um indigente qualquer, reclamando para si um tesouro que jamais lhe pertenceu. Mantinha-se ali, algemado às posses passageiras, sem se dar conta de que o tempo havia passado.

Junto dele, Nanphur ou Assurbanipal, também brigando pelos despojos que lhe pertenciam. Somando-se a tudo isso, nessa paisagem macabra, estavam também centenas dos antigos donos abraçados a seus pertences, os quais acompanhariam ainda durante séculos. Por isso é que desde a Antiguidade o homem tem pintado e versado muitas vezes sobre as regiões infernais. Aquele local causava arrepios em todos, que se entreolhavam desejosos de que seu rei os convidasse para sair dali. As condições vibratórias daquele ambiente eram insustentáveis, pelo clima de disputa que pairava no ar e pelas vibrações de ganância e sofrimentos exaladas.

– Ninguém vai requerer nada para si?

Tarhif, respondendo por todos, disse:

– Meu senhor, não queremos nada disso daqui, levaremos conosco o orgulho de termos conquistado Babilí. Isso nos basta, senhor!

– Então, faço uma proposta a vocês!

– Não, meu senhor, você não nos propõe nada, você ordena e nós cumprimos!

– Juntos, trabalhemos lá na última saída construindo pedras sobre as portas, fechando-as para sempre. Assim ninguém mais poderá chegar até aqui!

Ciro, utilizando mais uma de suas estratégias de inteligência, disse:

– Este tesouro será a nossa oferta aos deuses. Que ninguém mais ouse tocá-lo.

Juntos, guardaremos entre nós este segredo!

– Senhor e rei, pode contar com todos nós!

Deram, então, meia-volta. Para alguns, aquele tesouro permaneceria como uma oferenda aos deuses que ali habitavam; outros simplesmente não se interessaram, movidos pelas linhas do passado em alguma relação com aquele espólio. Para Ciro e Tarhif, eles simplesmente cumpriam um compromisso assumido perante os espíritos que lhes haviam pedido em sonhos para que não tocassem nos tesouros existentes em Babili, sob pena de arrastarem para toda a Pérsia pesadas cargas de débitos.

Para os espíritos orientadores, foi um acontecimento glorioso. Aqueles homens haviam passado por uma das avaliações mais difíceis para qualquer um, a riqueza. Eles haviam recusado valores inestimáveis. Estava, finalmente, cumprida a última etapa das provas para aqueles quinze homens. A partir dali, iniciava-se uma nova etapa para aquelas vidas, faziam-se dignos de oportunidades maiores, e elas, seguramente, viriam para eles no tempo.

Isaquias, o guia espiritual daquele grupo, novamente reuniu seus trabalhadores e, de joelhos e mãos postas, elevaram a mente a Deus.

– Senhor nosso Deus, estamos agradecendo por mais este dia em que nos serviu em bandeja de luz tão nobre banquete. É maravilhoso, Senhor nosso Deus, assistirmos ao reposicionamento desses nossos irmãos queridos diante de tão irresistível apelo a lhes castigar o sentimento de posse que os manteve manietados e cativos até aqui.

Senhor nosso Deus, Pai condutor dos mundos estelares, permita-nos continuar juntos de nossos pupilos, alegrando-nos a cada júbilo diante das oportunidades realizadoras, vendo de momento a momento suas mãos misericordiosas e transformadoras operando maravilhas nesses corações.

Os milênios escorrem na ampulheta do tempo, mas sua magnanimidade permanece paciente e misericordiosa, aguardando-nos no caminho da glória.

Senhor nosso Deus, alcança-nos o coração e nos desperta diante das grandes oportunidades do porvir.

Permita-nos, Senhor, a dedicação integral, pois, quem sabe, esses nossos irmãos queridos, beneficiados por sua misericórdia infinita, não poderão estar prontos para beber nas fontes da Galiléia bendita, quando o Salvador se fizer presente nas paisagens terrenas? Assim terão condições de ser tocados pelo advento da Boa Nova e poderão avançar com maior segurança, almejando voos mais alvissareiros nas sendas da evolução.

Permita-nos viver este sonho, Senhor! Que para isso trabalhemos com afinco e esmero, dedicando-nos diuturnamente, para que, segundo Sua vontade com relação a este grupamento, eles possam, ainda que cegos, coxos, aleijados ou como estropiados pelo caminho, ter o ensejo bendito de se aproximarem do verbo do amor, saindo desse ciclo como homens transformados.

Senhor, nós também lhe pedimos por estes que aqui se encontram inconscientes, presos às posses e escravos das lutas pessoais. Que os anjos do tempo possam albergá-los em planos insondáveis, para que também sejam abençoados pelo despertamento.

Abençoa-nos, Senhor! Não permita que em momento algum venhamos a fraquejar perante as múltiplas oportunidades que se desdobram diante de nós. E que em tudo, por tudo e sobretudo o trabalho e o amor possam, então, triunfar em nós.

Que assim seja, Senhor!...

Os irmãos que digladiavam naquele ambiente se sentiram inicialmente apavorados com as chispas de luz que invadiam o local, contudo, subitamente passaram a sentir uma agradável sensação que há muito não lhes visitava. Por alguns instantes, conseguiram ficar harmônicos entre si.

– Fraternal Gávio, a prece, quando proferida com o coração e sustentada pela dinâmica do trabalho, é luz que se derrama com a força de uma semente abençoada, cuja germinação não se faz por esperar, traz consigo a força transformadora, lançando perspectivas novas sobre o ambiente, por mais difícil, estéril e improdutivo que seja o solo onde caia. Não há oração improdutivo. Todas elas recebem respostas imediatas, cujas providências se mostrarão no

tempo, requerendo fé, esperança e renovadas doses de perseverança.

Mais alguns dias e todas as portas já haviam sido fechadas para sempre por paredes que não chamariam a atenção dos mais hábeis ou mais espertos olhos. Aqueles tesouros repousariam para sempre no coração da terra. Causaram a queda de muitos, mas também se prestaram à ascensão de alguns. Por isso fizeram jus ao merecido descanso. Corações ávidos lhes tiraram da terra e agora davam provas de despojamento, concedendo a eles o devido retorno ao ninho. Haviam, assim, cumprido o seu papel.

Muitos conquistadores ainda ambicionariam entrar em Babilí. Todos atrás dos tesouros que Ciro não levou. Vários pesquisadores e estudiosos devassaram a região à procura dos mesmos tesouros. Exploradores, até os dias de hoje, ainda se arrepiam ao pensar no volume de tesouros que podem estar escondido naquela região.

São questões pertinentes à ganância humana, atestando ainda o período de ignorância em que está a consciência de muitos que, agindo impensadamente, não se atentaram para a importância das alertivas de Jesus, o Meigo Nazareno, quando nos asseverou: “Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça, nem a ferrugem consomem e onde os ladrões não minam, nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”²

– Sim, fraterno Palminha, na realidade, são companheiros que ainda estagiam em faixas primitivas da consciência, reverberando o passado e, muitas vezes, passam a vida nas longas experiências dos surtos psicóticos, sem que, necessariamente, sejam conduzidos algum dia aos manicômios ou às casas de saúde mental.

– Aliás, meu caro Gávio, muitos, pelo contrário, são ainda ovacionados socialmente como verdadeiros gênios e incansáveis trabalhadores. Passam os dias projetando planos mirabolantes em torno de tesouros perdidos, arcas, fortunas enterradas que, na verdade, existem argamassadas nos recônditos profundos das instâncias do inconsciente. Vivem um dos surtos sociais mais comuns, como outros vivem os surtos da guerra; outros, o do poder; outros, o da

dominação a todo custo; outros, o do ódio religioso. Inclusive, há aqueles que vivem verdadeiros surtos como defensores sociais, perpetrando crimes e mais crimes em nome da manutenção e do cumprimento das leis.

Fraterno Rubens Gávio, a população manicomial em surtos severos, fora dos muros das casas de saúde, é infinitamente maior do que a hospitalizada, em tratamento intensivo. São irmãos em desalinho mental que carecem de assistência assídua e profunda por meio da terapia intensiva do Evangelho de Jesus, como reestruturador emergencial dos canais autodesobsessivos.

Somente o Evangelho de Jesus é suficientemente capaz de promover uma verdadeira faxina no ambiente psíquico para o internamento emergencial nas oficinas sociais, para o trabalho redentor em benefício dos nossos semelhantes, providências profiláticas e reorientadoras do ser para os caminhos do bem e do amor ao próximo.

Em Babilí não se falava em outra coisa a não ser da partida próxima do imperador Ciro. O interessante é que havia um entristecimento generalizado por parte da população que restou após a saída do povo judeu. Previam todos que a partida de Ciro esvaziaria de vez a cidade, antes poderosa e opulenta e, naqueles dias, uma velha senhora agonizante em seu leito de morte. Tudo era lento, como se o desânimo tivesse tomado conta da população. Ciro, durante vários dias, recebeu no palácio a demonstração de carinho dos babilônios, que pediam a ele que ficasse ou que retornasse o mais breve possível.

Ele tinha a qualidade de seduzir as pessoas, que, apesar do pequeno convívio, já eram apaixonadas por seu rei. Crianças, homens e mulheres tinham-no como a um deus e devotavam a ele grande veneração. Ele sabia retribuir em simpatia, em bondade de coração, pois adorava o cheiro de povo, amava as gentes e pensava diuturnamente sobre a felicidade e mais facilidades para seu povo. Todo povo era o seu povo!

Jamais conseguia ir aos locais de destino, pois sempre uma imensa procissão se formava a sua volta. As crianças não lhe davam paz e se misturavam a ele em algazaras e brincadeiras. Era um guerreiro implacável, um combatente feroz, mas uma dama ou uma flor quando se tratava dos seus, daqueles a quem amava, embora, em momento algum transigisse na justiça e no cumprimento reto das leis, não tendo a mínima piedade para com os transgressores.

[1 Isaías 1, 11.](#)

[2 Mt 6, 19 - 21.](#)

Capítulo 23

Chegou o grande dia. Babilí amanheceu envolta em tristeza e lágrimas. O povo ovacionava Ciro! A vida lhe devolvia aquilo que alguns lhe roubaram no passado. Ele, garboso, à frente de sua máquina de guerra, tirava dos muros da cidade doze mil homens, que se arrastavam por detrás de si em quarenta grandes companhias e levantavam uma nuvem de poeira que poderia ser vista a quilômetros de distância.

Persas, medos, lídios, egípcios, babilônios e muitos mercenários de outras regiões regularmente alistados em seus exércitos.

Ciro, em momento algum olhou para trás. Ele detestava despedidas. Levava consigo o coração travado e dolorido, pois sabia que com ele ia a alma de Babilí, que não se recuperaria mais dali para a frente, ainda que os esforços de Alexandre, o Grande, se efetivassem no futuro. Babilí já seria um corpo sem alma, vivendo uma vida artificial apenas.

Lembrava-se das grandes rachaduras que deixava para trás. Sabia que o curso dos tempos reduziria toda aquela maravilha a escombros. Arrependeu-se, porém, já não havia mais tempo. Tinha de seguir em frente. Choros, lágrimas e arrependimentos não devolveriam a alma à Babilí, e muito havia para ser feito dali para por diante.

Bem próximo de si, cavalgava Miriam, agora Messade. Ia garbosa, como se velha guerreira fosse. Levava consigo o delicioso sentimento de liberdade, alegre por ter escolhido ser feliz. Estava em plena harmonia consigo mesma. Tinha consciência de que a vida é um processo ininterrupto de escolhas pessoais e intransferíveis, todas carregadas de responsabilidades e consequências, que repercutem imediatamente na dinâmica vital. São opções do ser, e somente a ele cabem as decisões.

Ela pagava, por certo, elevado tributo pela dor da saudade. Eram as lembranças de seu povo, saudades imensas do irmão querido Zorobabel, contudo, entendia que todas as decisões trazem suas consequências e que não é possível viver experiências sem que elas acarretem mudanças profundas e transformações de

base, que reviram o ser e exigem dele muita resignação.

Messade tinha plena consciência de que não se ganha duas coisas ao mesmo tempo. Ganha-se uma, mas perde-se outra. A convivência com os ganhos e as perdas constrói degraus maravilhosos para o crescimento. Ninguém avança para a adolescência sem que perca a comodidade da vida infantil. Ninguém chega à vida adulta sem que tenha de ceder o calor da mocidade.

A mulher abre mão das linhas corporais de beleza que lhe marcam a exuberância física para abraçar a gravidez redentora. Perde-se muito da comodidade e da liberdade para se ganhar os sorrisos maravilhosos e os vagidos intraduzíveis dos filhos.

A paternidade requer abnegação e perda de liberdade extra. Assim como para contemplar as noites de céu maravilhosamente estrelado perdemos a claridade do dia.

Perdas e ganhos fazem parte da vida. Há de se ter coragem para se conviver com elas e para que se tenha a alegria de lidar com os ganhos.

Infelizmente, muitos protestam pela falta de sorte e ausência de ganhos em sua vida. Reclamam e se contorcem em lamentações, todavia se esquecem que os ganhos são os louros dos fortes e o coroamento dos heróis.

Não existem ganhos para os fugitivos do caminho, nem tampouco para os fracos, muito menos para os covardes. Assim, antes de reclamarmos da vida que não nos sorri, reclamemos de nós mesmos. Se ela não tem sorriso para nós, provavelmente será porque não tem achado graça em nossas intermináveis indecisões.

Messade fez destemidamente suas escolhas! De uma ela não abriu mão. A de continuar perseverando na fé e amando ao Senhor seu Deus com toda sua alma e seu coração. As escolhas também exigem determinação, e ela continuou determinada e crente. Ela não escolheu Ciro pelo estrelato de ser rainha, tampouco pela posse, sendo a dona de seu coração, muito menos pela fragilidade do sexo enraizado nos prazeres materializados. Ela escolheu viver com aquele homem pelo simples ganho de amá-lo. Tinha consciência plena de que o amor não se deita, que ele jamais vai para uma cama, muito menos se entrega à volúpia desregada de prazeres que vivem início e fim. O amor é para sempre! Por isso ela simplesmente o amava! Assumiu o compromisso consigo mesma de

auxiliar na recondução de Ciro para o pensamento divino, ainda que tivesse de abrir mão de si mesma em função de seus objetivos. Tinha consciência de que, para que houvesse ganhos, seria necessário conviver com perdas pessoais.

Marchava firme na fé e perseverante no Senhor seu Deus. Sem olhar para trás, olhos firmes e resolutos para diante, acreditando no porvir, entendendo que cada um de nós interpreta os planos de Deus diante da lei de evolução.

Várias vezes pararam pelo caminho. Junto a Ciro e a Tarhif, pararam para orar e louvar o Senhor Deus único. Andava e vivia entre os homens, sem que ninguém ousasse tocar em uma mínima linha de suas vestes, produto da força moral que possuía, pois as pessoas não se impõem pelo poder de mando ou de imposição que exercem, mas pela essência sutil do respeito que transmitem.

Ciro a amava a cada dia mais, entretanto, não ousava tocar em um só fio de seu cabelo. Por várias vezes, não tomava uma decisão sem que também ouvisse Messade em suas nobres opiniões. Assim, ela não só ia conquistando pouco a pouco a totalidade do coração de seu amado como também de seus comandados. Ela já era um ícone de bondade e de respeito para todos.

Para muitos, era uma espécie de sacerdotisa com quem rezavam para um Deus muito poderoso todos os dias. Na realidade, ela ocupava o lugar de dama de ordens de Ciro e rapidamente conquistara um lugar de respeito junto aos corações de tantos quantos se aproximavam dela.

Messade era inteligente, viva, determinada em seus objetivos. A essa altura, já tinha um excelente domínio da língua persa e interagia com facilidade com todos, aprendendo cada vez mais o manejo do idioma.

Setenta dias após a saída de Babilí, Ciro avistou, pela primeira vez, Kerman, com suas construções antiquíssimas. Seu coração começou a bater mais forte. Vários jovens cavaleiros, vindos dos mais diversos pontos da Pérsia, ajuntavam-se ao exercito para lhes dar boas-vindas. Por onde passava, a população local o ovacionava. Os atrasos eram frequentes. Era constantemente obrigado a parar para dar atenção e agradecer as manifestações de carinho de seu povo.

Yahya já ficara para trás. Agora, consigo, marchavam os populares que o acompanhariam até Bakin, e daí a Persépolis. Ciro entrou triunfalmente em suas terras. Aquelas que lhe eram familiares em razão da infância. O povo estourou em frenética loucura.

Os sacerdotes esperavam pelo caminho para que fosse levado ao templo de Ahura Mazda¹ para as grandes comemorações. Já estavam por lá as vacas e outros animais para os sacrifícios de praxe.

– Grande Ciro, temos de agradecer aos deuses por sua campanha vitoriosa. Vamos oferecer a eles nossos melhores animais.

– Meu nobre Assuary, é com grande júbilo que atendo às suas intenções perante os deuses. Por certo, suas ofertas serão muito valiosas e bem recebidas por todos os deuses. Contudo, grande Assuary, venho de uma campanha de muitas lutas, mortes e muito sangue. Isso tudo tem me enfiado bastante...

– Mas, meu rei e senhor de toda a Pérsia, os deuses precisam ser agraciados com o nosso agradecimento, por sua esplêndida campanha por toda a Mesopotâmia. Não podemos desagradar-lhes, meu senhor!

– Sim, claro que sim, contudo tive um sonho. Sonhei que estávamos todos aqui para uma grande solenidade de agradecimento aos deuses, então eu o vi, grande Assuary, iluminado como um raio de luz, e você não matou os animais, e sim, com toda sua benignidade, concedeu-lhes a vida. Aí, então, eu lhe fiz uma graciosa doação para os deuses do templo em moedas. Eram muitas moedas, Assuary, que acha disso?

– Meu rei, como sonhou, assim seja feito. Que suas moedas venham aplacar a vaidade dos deuses, que clamam por agradecimentos, pois foram eles que conduziram sua espada.

E pensou de si para consigo, mais vale uma bolsa generosa e polpuda do que alguns animais mortos!

Na verdade, Assuary não estava interessado em agradecer a nenhum deus, mas apenas queria estar na galeria de importância junto a Ciro, a receber dele as benesses dessa relação, garantindo para si um lastro de destaque e uma sobrevivência digna e fácil.

Até o último de seus dias, nunca mais Ciro e o grande comandante Tarhif foram vistos em qualquer templo, nem mesmo nas festas em homenagem ou louvor aos deuses, embora jamais contrariassem a crença de seu povo. Nunca instituiu, em

todo o seu império, uma obrigação religiosa de culto a esse ou àquele deus, mas, na intimidade do palácio, junto dos seus, diariamente rendia culto ao que ele chamava de Deus verdadeiro, o Deus único. Com ele, vários nobres foram aderindo, pouco a pouco, à sua fé, adorando a Yaveh, o Deus que, um dia, o amigo Zorobabel lhe falou com tanta convicção, e por quem Messade vivia todos os seus dias.

Messade tornou-se uma das pessoas mais importantes do reino. Discutia com o seu senhor e seu rei sobre política, trabalho, atividades diárias, rotinas, grandes decisões e mínimos detalhes acerca das expedições que iam e vinham por todo o território persa, tendo varrido do reino a cultura de se possuir escravos. Na Pérsia, trabalhar era uma honra.

Ela ficava constantemente atenta, vigiando os viajantes que partiam e os que chegavam. Por intermédio deles, muitas vezes, tinha notícias de seu irmão e mandava as suas para ele.

Zorobabel reconstruía Jerusalém e o templo, com o qual sonhou durante todos os dias de sua vida! Ele era feliz. Jamais interferiu nas decisões de sua única irmã. Respeitou-lhe as decisões, despiu-se de qualquer rancor ou mágoa, continuando a amá-la com todas as forças de seu coração. Ele entendia que ninguém é propriedade de ninguém e que todos têm o direito sagrado de ser feliz, ainda que suas escolhas não sejam as nossas. Não quis fazê-la cativa de seu egoísmo nem tampouco lhe tolher a liberdade. Acreditava que ninguém tem o direito de manter cativos, nem para o trabalho e muito menos pelos sentimentos. Sabia que o ser é livre em suas escolhas, sejam quais forem, e ninguém tem o direito de desrespeitá-las.

Zorobabel já era uma alma que havia aprendido a respeitar as decisões alheias. Entendia que o respeito é a mola mestra para o entendimento perante a vida! Messade era feliz! Vivia a plenitude de seu amor por Ciro nos recônditos mais íntimos de seu coração.

O amor entre dois seres jamais dependeu de intimidades para poder se realizar e prescinde do exercício da sexualidade para se efetivar. O amor é vivido de alma para alma, sentido de coração para coração, transcende a todas as linhas de sentimentos possíveis para se divinizar na adoração do objeto amado.

Messade vivia a plenitude de seu amor, amando o sujeito de seu amor!

Ambos eram felizes, porque respeitaram a liberdade, acataram com harmonia as decisões e aprenderam que, apesar da distância, a proximidade existe quando o amor cuida de manter próximos os corações.

Messade amava Cambises, filho gerado em uma das muitas aventuras de Ciro. Entregou-se de corpo e alma à sua educação, preparando-o para que no futuro pudesse substituir seu pai com êxito e notoriedade. Ele amava Messade, a quem dedicava integral atenção e grande proteção. As linhas do passado garantiam a afetividade reinante e faziam com que os compromissos fossem levados com integral seriedade.

– Messade, posso chamá-la de mãe?

– Claro que sim, você é meu filho, filho do coração, filho do amor!

Messade, se algum dia meu pai não achar mais encantos em você, ou você não ver mais graça em meu pai, ainda assim você continuaria a ser minha mãe?

– Ora, meu filho, o coração jamais se desfaz daqueles a quem ama. Sejam quais forem as barreiras que ele possa encontrar, a maternidade, meu filho, quando vivida pelas linhas do coração, é para sempre.

– Mas, Messade, e quando eu me for? Quero ser como meu pai. Quero lutar e fazer conquistas, ser cantado como herói, correr o mundo e trazer para a Pérsia muitas vitórias. Ainda assim você continuará a ser minha mãe?

– Meu filho, você é livre e o amor jamais é egoísta. Sofrerei muito por sua ausência, mas me alegrarei também sabendo que luta pelo nosso povo, a quem amamos. O seu sacrifício é o meu, e onde estiver estarei consigo e você comigo. Estaremos sempre unidos pelos laços do coração.

– Messade, às vezes, sonho com um homem que se arrasta por enormes pedregais, todo sujo e cambaleante, implorando uma nova oportunidade.

Às vezes, vejo grande multidão correndo atrás de mim. Todos de paus nas mãos a atirar-me calhaus. Gritam em coro ensurdecedor:

– Traidor!... Traidor!... Assassino, assassino, cão dos infernos. Eu saio correndo

com muitas bolsas, e as moedas vão caindo pelo caminho, até que, exausto, eu desfaleço...

Depois me vejo seguindo uma enorme nuvem escura, numa caminhada interminável, cheio de medos e terríveis aflições, como se não desse conta da direção em que estava seguindo.

E aí me vejo nos processos de construção de uma nova terra, que eu sei ser Nínive, no Egito. Trabalhando duro e lutando ferozmente, caio por terra exausto de tanto trabalho, de tanta humilhação e chicotadas. Acordo, então, chorando...

Messade, peça a Yaveh para me abençoar e me livrar desses pesadelos terríveis. Já não durmo, tenho medo. Pede ao seu Deus por mim.

– Filho, dias virão não tão distantes que substituirá seu pai, o nosso senhor e nosso rei. Reinará sobre toda a Pérsia e terá o mundo a seus pés. Lutará e triunfará. Em alguns momentos, conhecerá o amargor das derrotas e amará seus guerreiros. Por certo, amará as mulheres, mas, filho, lembre-se sempre da honestidade! Seja honesto a cada passo, em cada momento de sua experiência e jamais traia a confiança de seu povo, pois as consequências são desastrosas. Em sua mente, você as conhece bem!

– Messade, você acha que eu já vivi tudo isso?

– Meu filho, não acho, tenho certeza. Lembra-se do dia em que seu pai chamou sua atenção, quando menosprezou aquelas crianças que vieram brincar para diverti-lo? Lembra-se que seu pai lhe exigiu imediata retratação quando um deles o abraçou e você, grosseiramente, evitou-lhe o abraço?

Lembra-se que seu pai lhe falou de um amigo chamado Zorobabel, dizendo-lhe que “o vento assopra aonde quer e que você ouve a sua voz e não sabe de onde ele vem e nem para onde ele vai”?

O seu sábio pai falava-lhe das vidas sucessivas, meu filho, chamando sua atenção para que não cometesse os mesmos erros do passado...

– Acha mesmo que viemos de outras vidas, Messade? Seria possível isso?

– Meu filho, diga-me, então, quem lhe ensinou a ser vaidoso? Quem lhe ensinou a viver esse orgulho que lhe é marcante? Por acaso aprendeu comigo ou com seu

pai?

Veja, não são características nossas, que vivemos sempre ao seu lado, nem tampouco dos amigos diletos de seu pai, que também povoam sua existência.

Diga-me, filho, onde aprendeu essas coisas?

– Acho que tem razão!

– Filho querido deste meu coração, muito breve está o dia em que haverá de reinar sobre a Pérsia. Não cometa os mesmos enganos de ontem, sob pena de seus pesadelos aumentarem e não terem fim...

– Ainda bem que tenho você, Messade. Prometo-lhe e a mim, prometo a meu pai e à Pérsia que irei melhorar. Não serei como meu pai somente na força de seus braços e na capacidade de sua inteligência. Eu quero segui-lo também no coração.

Messade lhe deu um abraço caloroso, colocando-o por entre suas asas maternas, nas quais o jovem se recolheu, ouvindo o pulsar manso daquele coração, albergando-se no calor daquela pessoa de quem ia se lembrar até o último dos seus dias.

– Fraternal Gávio, a maternidade é força maravilhosa, capaz de tudo movimentar e tudo transformar. Desde as épocas remotas da evolução terrena, os projetos do progresso sempre estiveram intimamente ligados à figura materna, pela capacidade de sentimento na condução dos processos intrincados da jornada humana.

Desde as épocas milenares, o sentido das vidas sucessivas sempre existiu, chamando os homens para as responsabilidades novas, mostrando que o túmulo não representa e nunca representou o fim de nada, muito pelo contrário, torna-se somente um marco entre antigas e novas responsabilidades.

Esse jovem reinaria num futuro próximo. Com o nome de Cambises II, seria rei após assassinar seu irmão mais novo e depois se impor sobre o Estado, mas o tempo se incumbiria de fazer dele um grande imperador, digno de seu pai e de sua mãe do coração.

Não existe uma semente que, semeada, torne-se infrutífera. Cada uma germina a seu tempo. Mesmo aquelas que jamais venham a germinar, ainda assim colaboram adubando e enriquecendo o solo no qual foram semeadas, favorecendo-o para que, no amanhã, outras sementes venham a ser plantadas.

Tornou-se uma verdadeira máquina de guerra, mas jamais tripudiou sobre o sangue de seus adversários. Nunca se esqueceu de ser amigo de seus amigos, sempre venerou o Estado Persa acima de todas as coisas, recompondo-se com o passado, bem aproveitando todas as oportunidades vividas, fechando de forma triunfal sua experiência diante do povo persa.

Muito mais que seu pai. Aliás, causaria inveja a Ciro, pois Cambises se tornou uma máquina de produzir arrecadação. Nada passava pela Pérsia, nada circulava sem que fossem recolhidos os devidos impostos. Isso, aliado à sua honestidade, tornou o estado Persa uma potência, onde o povo, durante anos, foi intensamente feliz.

Na Pérsia, desde Ciro, a desonestidade tornou-se o maior dos crimes. A mesma política foi acompanhada por seu sucedâneo. A Pérsia era para os persas e pela felicidade deles. Ser persa não era determinado pela natalidade, mas pelo cumprimento das leis. Quem amasse o país e cumprisse fielmente suas leis, se necessário fosse ofertar a própria vida, era cidadão persa. Por isso mesmo era venerado pelo Estado.

Assim foi que Cambises, apesar das guerras vividas, desembarcou no mundo espiritual totalmente regenerado, pois havia vencido com louvor a maior de suas quedas, a desonestidade! Por isso mesmo, meticulosamente, o Mundo Maior colocou Messade ao seu lado desde os primeiros dias, como um buril vivo a lhe polir as entranhas, para que nele pudessem despertar os pendores da honestidade.

Desembarcou no mundo material levando consigo pesadas dívidas coletivas por ter arruinado coletividades, usurpando bens públicos e alheios. A vida ali colocara à sua disposição poder, beleza e riqueza, dotando-o de todos os aparatos necessários para que, nas linhas das provas, pudesse se ver ou não aprovado em um dos mais difíceis dos exames: a honestidade!

Milênios podem transcorrer, porém nada fica perdido nos registros do tempo. Mais dia, menos dia, vemo-nos frente a frente com os mesmos obstáculos na árdua missão das provas, em que o livre-arbítrio é pleno e a derrocada totalmente

possível, mas o apoio e o amparo jamais faltam em momento algum para aqueles que realmente desejam se ver quites com as leis da harmonia universal.

Por isso, desde que o mundo é mundo, os pais desempenham um papel importantíssimo na reconstrução das almas e são fundamentais na história do desenvolvimento social. A paternidade e a maternidade são luzes que irradiam e guiam os novos homens para as sendas da evolução. Os pais têm uma grande responsabilidade na estruturação dos fios da honestidade no ambiente psíquico de seus filhos. Fatalmente, viverão junto a esses as glórias colhidas no árduo exercício da educação ou sofrerão as derrocadas vividas, os sofrimentos oriundos dos fracassos morais.

[1 Senhor da sabedoria.](#)

Capítulo 24

– Caro Gávio, os anos se passaram lentamente, movimentados por grandes realizações!

Ciro jamais parou em suas realizações! Os persas tornaram-se indomáveis! Persas eram todos aqueles que viviam e trabalhavam nas terras de Ciro e que obedeciam fielmente às suas leis.

Ciro tratou de consolidar sua autoridade fazendo todo o reino prosperar a todo o vapor. Para o povo, que representava sua força de trabalho, ele fazia todas as concessões. Para os criminosos contumazes em burlar as leis, era implacável, não tinha a mínima condescendência, esmagava-os sem titubear um só instante.

Revigorou a capital, modernizando-a e construindo à sua volta pequenas cidades-satélites, evitando que houvesse superpopulações. Ele achava que em lugares onde havia maiores aglomerados as pessoas morriam mais e mais cedo.

Organizou politicamente o Estado. Todas as cidades tinham seu representante legal, uma espécie de governador. Acima dele, existiam os mandatários da lei, que eram encarregados dos julgamentos e de policiar seus governadores. Entre estes, existia ainda sua guarda secreta, que era incumbida de vigiar todos. Para estes homens, tidos como de sua estrita confiança, qualquer burla ao Estado significava punição com severidade, não cabendo a mínima apelação, sendo levados e supliciados em mortes bárbaras.

Ele construiu a maior rede de estradas, num planejamento que estava muito além de seu tempo, com o objetivo de controlar todo o império. Essas estradas convergiam às capitais, num total de quatro, e em todas elas existiam postos de impostos e pedágio. Sobrava dinheiro nos cofres do imperador, com o qual ele pagava regamente os trabalhadores e investia na felicidade de seu próprio povo e no armamento do Estado.

Transformou os vencidos em partes integrantes do Estado e cidadãos persas. A Pérsia passou a ser um Estado que se impunha interna e externamente, levando seus adversários a pensar melhor com relação à sua capacidade bélica. Na

verdade, estava ali no comando uma inteligência e uma capacidade realizadora incomuns. Aquele homem simplesmente utilizava dos conhecimentos amealhados no ontem, e o planeta Terra agradecia, na medida em que, ao albergar essas almas em desalinho, recebia delas preciosas contribuições que muito favoreciam o progresso, que também estava meticulosamente planejado desde o ontem.

Em torno das vitórias e do crescimento do Estado, as festas religiosas se multiplicaram, dando ao povo uma relação estreita com o sentimento divino, embora ainda muito vinculado ao miraculoso, mas era necessário manter o povo sob o rígido controle do sobrenatural.

Tudo tem o tempo certo. Tudo avança, progride e nada fica fora do ciclo da evolução. Assim é que, dentro dos templos, os louvores e os cultos eram dirigidos em glória a Ahura Mazda¹, considerado a grande sabedoria do universo, e a Spenta Maineu², tido como a presença dos espíritos protetores.

Nas áreas externas da religiosidade, e principalmente junto ao povo, comemoravam-se as vitórias obtidas, dando ênfase a Angra Maineu³, o senhor dos infernos, conclamando o povo a se afastar do espírito diabólico das traições, aconselhando-o a entregar os inimigos do Estado às autoridades. Era uma forma de prender as massas por meio do temor, da insegurança e da total dependência de rígida obediência aos seres divinos. Ainda era tempo!

Ciro era um homem inteligente, que sabia tirar proveito da ignorância do povo e também aproveitar o alto grau de espiritualização simbólica dos cultos. Durante vários dias, eram celebrados os Gathas⁴ pelos sacerdotes locais. Dessa forma, com pão, trabalho e religiosidade, ele mantinha seu povo cativo em processo de obediência cega, embora livre, preservando o direito de ir e vir e o sagrado direito à família.

No interior do palácio, cercado daqueles mais próximos, celebrava Yaveh, o Deus único e todo-poderoso. Falavam de seu poder e sua benevolência, quando Messade era a grande oradora e condutora dos cultos. Ciro, Tarhif e Cristiofen permaneciam juntos. Tarhif tornou-se o grande senhor das estradas, colocando toda sua inteligência a serviço dos primeiros embriões da engenharia científica em nosso orbe, enquanto Cristiofen era o senhor das finanças de Ciro e o homem que pensava diuturnamente sobre impostos, ganhos, lucros, tornando a Pérsia poderosíssima devido ao estado abastado de seus cofres.

Crithitos, embora não fosse persa de berço, era o ofício, o responsável pela força de trabalho, deslocamento de homens, pagamento dos jornaleiros e recrutamento. Shuedrif era o comandante dos exércitos persas, que ganhavam cada vez mais notoriedade pela rapidez e capacidade de combate.

A política externa da Pérsia ia de vento em popa, aliada aos fenícios, que eram poderosos no mar, e aos judeus, que se tornaram eternamente agradecidos a Ciro. Isso lhe garantia segurança de ponta a ponta de seu império.

A Pérsia estava sendo preparada para, no grande futuro, passar pelo fogo avassalador de Alexandre, o Grande. Deixaria para os povos que se seguiriam uma escola valiosa de ética, de princípios administrativos intocáveis, de honestidade e, sobretudo, de força do trabalho no coração humano.

Assim garantiu paz e tranquilidade para que o Estado judeu se reorganizasse e se reconstruísse, num grande planejamento que envolvia a chegada do peregrino Jesus ao cenário terreno em condições favoráveis.

– Fraternal Gávio, vamos nos dirigir ao grande evento programado para hoje, quando teremos a reunião de várias casas de Jesus com o tema “Jesus Senhor e Mestre”. Estas iniciativas são, na verdade, uma maravilha, na medida em que cumprem um maravilhoso papel nos esforços sempre dignos nas atividades voltadas à “unificação”.

Teremos temáticas importantes e aguardamos com muita ansiedade a participação de dedicado amigo com amplos recursos nas lides da área da pedagogia. Há mais de quatro anos vimos exaustivamente preparando esse acontecimento, no qual temos depositado muito de nossas esperanças. Esses trabalhos fazem parte de projetos futuros quanto a uma série de acontecimentos previstos no âmbito dos processos voltados aos trabalhos “unificacionistas”. Na verdade, estamos construindo, por meio do Evangelho, uma grande ponte com vista ao futuro. Será uma oportunidade para trabalhar o Evangelho pedagógico. Essa iniciativa tem sido importante para toda essa região, pois vem retirando das mentes os ensinamentos do Cristo de um espaço mental meramente religioso e repetitivo, visando, assim, à luz da lógica, do bom senso e da razão, reafirmando-o soberanamente como “Senhor e Mestre”.

Temos por objetivo tirar das almas as ideias que giram em torno do Meigo Pastor

vividas num psiquismo de culto meramente mítico, envolto em uma aura de superstições, sem nenhum movimento de transformação pessoal, reconduzindo-o, assim, a seu verdadeiro lugar na consciência humana, o de terapeuta de almas e transformador de vidas.

Esse, sim, o verdadeiro “Salvador do Mundo”!

– Fraterno Palminha, vê-se que se trata de uma iniciativa importante e de objetivos extremamente trabalhosos. É bom que a notamos muito concorrida. Observo que todos têm chegado trazendo grandes expectativas.

– Sim, Gávio, estamos muito felizes com este acontecimento. Contamos com diligente participação de vários companheiros responsáveis espirituais pelas casas de Jesus em toda a região e até mesmo fora dela, de forma que este evento se reveste de grande sucesso.

Seguindo as orientações de nossos superiores, temos nos esforçado para colocar nossos companheiros em um caminho bem definido. Nosso lema tem sido “Doutrina pura e simples”. Dentro desse quadro, temos dado prioridade à sua feição cristã. O Evangelho é transformador de almas e, graças a Deus, temos conseguido bons frutos, e por isso estamos muito felizes.

Os trabalhos por aqui estarão divididos em dois pólos. Os aspectos dos ideais unificacionistas estarão sob a batuta direta de nosso amado Bezerra. As bases evangélicas estão sob a batuta de nossa fraterna Scheilla. Todos os que estarão aqui em trabalho, principalmente os expositores e coordenadores encarnados em atividade, foram exaustivamente trabalhados por nosso fraterno Emmanuel, que aqui assume a totalidade da direção, já que se trata de uma região que está sob sua responsabilidade direta.

– Fraterno Palminha, a atividade conta com a presença maciça de muitos de nossos superiores, num contato direto com todos os nossos irmãos participantes. A presença de companheiros desencarnados me parece oito vezes superior à dos encarnados!

– Sim, fraterno Gávio, nossos superiores tratam esse evento como um momento especial para os encaminhamentos futuros. A população espiritual se divide em vários grupos. Muitos foram destacados trabalhadores espíritas nesta área e continuam ligados a ela, empenhando sua dedicação e seu amor na continuidade das atividades. Vários outros são companheiros que já se encontram na

programação para reencarnações futuras, que terão relevantes trabalhos a cumprir por aqui, principalmente carreando consigo responsabilidades destacadas junto ao movimento espírita. Esse acontecimento lhes é imprescindível no tocante às atualizações necessárias para incentivar as tarefas futuras.

Muitos são destacados trabalhadores em outras regiões que aqui comparecem para amearhar conhecimentos e também no intuito de transferirem para seus locais os objetivos aqui tratados, principalmente o de dinamizar a divulgação do Evangelho de Jesus em todo o Brasil, fortalecendo sobremaneira as ideias redentoras trazidas pela Doutrina Espírita.

Entretanto, aqui também, meu fraterno Gávio, encontram-se alguns destacados representantes das trevas. Comparecem como espias, como se estivessem em tarefas delicadíssimas. Agem como se aqui se apresentassem totalmente escondidos, invisíveis e se ufanam disso. Consideram-se totalmente fora do conhecimento de todos. Contudo, sua entrada foi autorizada e já eram esperados. Foi até facilitada, pois eles também fazem parte dos nossos projetos futuros, por isso também os recebemos com muito carinho.

Os grupos mais destacados que aqui comparecem são os dos inimigos do Evangelho. Eles são os mais determinados e devotados em seus objetivos. São altamente persistentes e buscam desestruturar todas as iniciativas voltadas ao Evangelho, perseguindo, desanimando, agredindo e incentivando várias outras práticas desviantes. Além do mais, são hábeis semeadores de dissensões entre os participantes.

– Fraterno Palminha, esses ataques são permitidos?

– Ora, fraterno Gávio, tudo gira em torno de ação e reação. Tudo, meu amigo, gira em torno da sintonia!

Esses bravos companheiros que hoje estão aí ofertando uma dedicação exaustiva em torno do Evangelho, na grande maioria foram também seus grandes perseguidores em atividades movimentadas ao longo dos séculos. Muitos dos que aqui se encontram foram, há pouco, grandes parceiros desses mesmos que hoje se arvoram em perseguidores. Somaram muitos esforços juntos, e é natural que a sintonia lhes garanta a proximidade. Essa refrega de todos os dias é importante para o crescimento de ambos. Se não houver esse gládio, o progresso

não se faz!

– Ora, Palminha, quem diria, amigos de ontem se digladiando no hoje, vivendo um processo de recomposição do passado. Lembremo-nos da reaproximação mental dessas mentes comprometidas no passado. Estão todas ligadas às perseguições em torno do cristianismo. Elas simplesmente se reajustam hoje e fatalmente terão de se recompor em experiências futuras pela bênção da reencarnação.

– Isso, meu caro Gávio, irá fatalmente desaguar em experiências familiares. Filhos, genros, noras, sobrinhos, netos, e por aí vai. Na verdade, os laços de família são muito eficientes para esses em processos de reconstrução.

– É, bem vejo que a família é indispensável na solução dessas intrincadas questões. Abençoados laços de família!

– Sim, fraterno Gávio, por isso que nossos esforços junto aos trabalhos da evangelização infantil e aos jovens têm sido incansáveis, pois quanto mais cedo albergarmos essas almas, mais aumentam as possibilidades do sucesso reencarnatório.

– Veja que maravilha, meu fraterno Palminha, o coral já está a postos para o início. A música é um tonificante para as almas. É interessante que, por mais que esses nossos irmãos movidos por interesses escusos que aqui se encontram tentam fugir das vibrações movimentadas pelos cânticos, mais eles se deixam levar pela sonoridade e harmonia do ambiente. Veja, chegam mesmo a desmaiar de emoção!

– Sim, Rubens Gávio, a música também é doutrinadora por excelência. Nesses momentos, nossos irmãos da vigilância simplesmente os recolhem e os conduzem às estações de tratamentos. Podemos chamar isso de “a pesca maravilhosa”, não é mesmo?

Rubens, observe o auditório. Veja como está superlotado! Isso considerando apenas a população encarnada. Observe bem como eles não se misturam. Chegam e se abraçam. Há cumprimentos sociais e alguns até afetivos, mas quase não há um entrelace fraterno, aquilo que consideramos de coração para coração. Ainda temos de avançar muito em torno do quesito fraternidade.

– Fraterno Palminha, por que eles se separam?

– Ora, meu Rubens Gávio, eles se separam por um processo natural a que denominamos de hausto psíquico.

– É maravilhoso observar como a sintonia define todo o processo, não é mesmo, meu querido irmão?

– Aliás, caro Rubens Gávio, quando as oportunidades lhe permitirem, procure estudar detidamente o capítulo “Sintonia”, lavrado pelo benfeitor Emmanuel quando de seu trabalho Pensamento e Vida. Fraterno irmão, é algo maravilhoso, que nos enseja profundas reflexões. Aliás, esses trabalhos são para sempre e não podemos parar de estudá-los, reestudá-los. Nunca devemos perdê-los de vista. São pérolas para nosso processo de aprimoramento e crescimento.

– Sim, fraterno Palminha, eles ainda têm um largo papel a cumprir nos processos da evolução humana e não podemos sucateá-los precocemente a nosso bel-prazer, sob pena de perdermos maravilhosas oportunidades e de nos tornarmos corresponsáveis e anelados psiquicamente às mentes infelizes, hoje mentoras de tais projetos nefastos.

– É, fraterno Gávio, não podemos nos esquecer dos trabalhos realizados também por nossos benfeitores Joanna de Ângelis, André e as pérolas que têm sido vertidas por nosso querido Philomeno.

– Fraterno Palminha, lembremos-nos da magistral pedagogia de Amélia Rodrigues e de tantos outros que nos deram importantes colaborações no campo do aprofundamento dos conhecimentos. Confesso-lhe, querido irmão, que muitas vezes me deleito nos momentos de reflexões mais aprofundadas com as pérolas de luzes vertidas da doce pena de Rabindranath Tagore!

– Fraterno Gávio, Kardec é o alicerce seguro e a base sólida da fundação. Esses nossos irmãos são a construção. Lembremo-nos de que base sem construção é obra sem serventia, e construção sem base é risco iminente. Assim, base sólida e construção esmerada são indispensáveis ao edifício do progresso.

– Sim, Palminha!

– Veja, ali mais para a direita e bem à frente estão os romanos. Sempre ocupam os primeiros lugares, mantêm sólidas estruturas familiares, das quais sempre se orgulham e que superprotegem, mas trazem ainda consigo o hausto do poder e da dominação entranhados na alma e se julgam os “professores do Evangelho”.

A maioria também é egressa dos templos religiosos. Seguidas reencarnações no clero sistematizado. Observe bem que ainda guardam consigo a aura clerical de ontem. Se pudessem, institucionalizavam a Doutrina dos Espíritos.

Olhe naquele canto oposto, a Judéia se reúne ali. Evitam o quanto podem os romanos, embora lhes respeitem e, quando o assunto é o Evangelho, até conseguem convergir entre si, mas se julgam os “guardadores do Evangelho”. Daí um gládio enorme entre aqueles que se acham donos contra os que se entendem doutores. O bom mesmo é que, enquanto isto vai ocorrendo, o progresso vai alcançando todos.

Gávio, veja lá mais atrás, bem separados estão os atenienses. Julgam-se os legítimos representantes da cultura espírita e seus maiores guardadores. Adoram os discursos e as aulas de cultura. Maravilham-se com os títulos, principalmente os que possuem, e de todas as formas cuidam diuturnamente da feição cultural que envolve a doutrina espírita. Guardam vírgulas, til, pontos, formação aprimorada das frases, enfim, prestam um grande trabalho. Graças a eles, tanto romanos quanto judeus se veem na obrigação de se fazer cultos também, e isso acaba por tornar a Doutrina dos Espíritos um espaço eminentemente culto.

Olhe, bem lá no fundo está um grupamento de macedônios, preocupados ainda com as conquistas. Não toleram os inimigos e, se vencem uma eleição, uma disputa qualquer, fazem com os vencidos o que fizeram com Tebas. Não deixam pedra sobre pedra e se ufanam em fazer limpas. Ainda garantem que fazem isso em nome da Doutrina dos Espíritos.

Não são cuidadores, guardadores, proprietários do Evangelho nem da doutrina. Vivem deslumbrados com as conquistas e sonham diuturnamente com a vida espiritual, porém, não no sentido de trabalho e conquistas, mas como um repouso em colônias, campos e convívio próximo com guias e espíritos superiores que atendam aos seus interesses pessoais. Às vezes a vida os conduz ora para grupamentos judeus, ora para os romanos, e assim eles vão, pouco a pouco, assimilando as luzes da Boa Nova e operando gradativamente a transformação pessoal.

Ali, alguns franceses, ingleses, africanos, muitos com o coração ainda fixado nos pontos de maior convergência de seus interesses, nos quais os processos conscientes da evolução mais lhes requerem participação. O progresso vai se fazendo passo a passo, buscando os trânsfugas da lei e lhes oportunizando luzes

e indicando novos horizontes.

Está vendo aquele miolo ali? São os persas. Ali estão os egípcios, os medos, os lídios. Todos são marcados por capacidade de trabalho, mente realizadora e, nas instituições nas quais põem as mãos, fazem verdadeira transformação.

Trabalham, cobram, exigem, lutam. Com eles ninguém fica parado, todo mundo se mexe, colabora e participa. Embora pensem quase diuturnamente nas finanças da instituição, têm o sentido de transformá-las em assistência ao próximo. Em geral, aprendem com os romanos o Evangelho e com os judeus a guardar com carinho e responsabilidade o aprendizado evangélico. Detestam as contínuas lutas dos macedônios e espartanos, mas se entendem muito bem com os ingleses, franceses e africanos. Em se considerando as lutas fratricidas perpetradas no passado, vivem quase que integralmente preocupados com a implantação da fraternidade. Nessa preocupação com o ambiente fraterno, constroem em si e para todos a Doutrina Espírita.

– Olhe lá, fraterno Gávio, é Hitrix! Hoje uma nobre companheira, uma das maiores incentivadoras da evangelização infantil nesta região. Ali está Peréia, lembra-se dela na festa de Ciro? É hoje dirigente em uma conceituada instituição. Conduz uma creche com empolgação e grande empenho. Faz do trabalho o caminho da redenção, constrói uma larga folha de serviços em torno do próximo.

Logo ali, veja bem, está Personta. Tem sido grande colaboradora na área da mediunidade, com grande responsabilidade e dedicação esmerada. Noite a noite, tem polido sua personalidade nas atividades de socorro à população desencarnada trazida a ela na pauta do trabalho, do esclarecimento e do amor. Nem de longe se afigura ser a mesma mulher. Hoje, opera a transformação pelo Evangelho e já possui também grandes ganhos entre os jovens como incentivadora das artes e das responsabilidades espirituais. Para muitos, tem sido uma verdadeira mãe.

Ali um pouco à frente temos Amon e Xantrix, dois velhos mercadores que hoje trabalham diuturnamente em razão das tarefas de unificação. Têm dado o máximo de si para avançar. Por meio da divulgação doutrinária e das tarefas voltadas à assistência social, Amon tem sido uma peça destacada nas lutas unificacionistas em toda a região. Há muito tem se destacado nas atividades de conciliação dentro das Casas de Jesus, em tudo procurando ser um importante elo nos momentos mais difíceis, em que a paz algumas vezes claudica.

– Que bom, Palminha, ver esses companheiros com comprometimentos agudos no passado avançando hoje, já se libertando das algemas das dores, livrando-se do peso imposto pelo passado delituoso por meio do bom aproveitamento das oportunidades que têm sido vertidas nos campos benditos das vinhas do “Consolador Prometido”.

– Sim, fraterno Gávio, pelas vidas sucessivas nas experiências colhidas no curso dos milênios, vamos tendo a oportunidade de reescrever uma nova história pessoal, imersos na forja de lutas que, pouco a pouco, vão nos habilitando a amplo processo de transformação. Ficamos muito felizes por vê-los já despontando, ainda que timidamente, como importantes colaboradores na construção de uma Nova Era.

Podemos registrar aqui, nesta oportunidade bendita que nos concede os trabalhos em torno da Boa Nova, um representativo número dos companheiros presentes na festa proporcionada por Ciro. Agora se encontram participando deste grande banquete ofertado misericordiosamente por Jesus.

Ontem, a velha Pérsia, a imponente Babilônia, hoje o trabalho com Jesus, a grande viagem do ser no grande objetivo da construção do amor e da sabedoria.

Vendo-os aqui, tomamos ainda mais consciência de que o tempo é uma abstração, restando-nos somente o hoje como joia preciosa presenteada por Deus.

Façamos do nosso presente o marco de nossa redenção, amando, trabalhando, entregando-nos de corpo e alma aos processos sutis de nossa reconstrução.

Babili ainda está muito viva por aqui!

Os anos se passaram, meu caro Gávio, e Messade criou junto a si os vários filhos de Ciro, sendo quatro provindos da mesma mãe e vários outros desconhecidos, frutos de suas muitas relações, sem que a sexualidade levasse em conta a responsabilidade. Ele vivera várias relações, algumas afetivas, outras simplesmente biológicas e várias outras simplesmente por impulsos incontidos do desejo. Messade testemunhava silente todas elas, mas jamais deixou de amá-lo e respeitá-lo como seu senhor e seu rei, devotada como uma fiel escudeira, sempre pronta a se dar de alma ao homem que sempre fora seu grande amor. Renunciou à sua mocidade e à sua vida, guardando consigo pacientemente sua missão de anjo da guarda, entendendo que o amor não prescinde da

responsabilidade e da entrega incondicional em razão dos objetivos, velando a fé em Yaveh, o Deus único, sabendo velar por Ciro até o momento em que este tombou morto em batalha desprezível.

Era chegada a sua hora! Ele havia desempenhado seu papel! A vida é assim, nos conduz ao casulo físico com uma proposta bem definida, sempre como uma grande oportunidade de avançarmos em direção aos árduos processos de reconstrução de nós mesmos.

Extraímos da vida as oportunidades maravilhosas que ela nos concede. É bom que doemos a ela a nossa parcela de retorno em forma de contribuições bem definidas quanto aos processos da harmonia universal.

Retornamos um dia levando conosco a bagagem de realizações efetuadas, por vezes, com compromissos sérios nas áreas em que quebramos os códigos da harmonia universal. Assim o progresso se faz, silente, inexorável, sem derrogar nada, “Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um iota ou um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido”⁵. Aí entra em cena o bom senso de Kardec: “Tem o homem o poder de paralisar a marcha do progresso? Não, mas tem, às vezes, o de embaraçá-la”. “Que se deve pensar dos que tentam deter a marcha do progresso e fazer que a Humanidade retrograde? Pobres seres, que Deus castigará! Serão levados de roldão pela torrente que procuram deter.” Sendo o progresso uma condição da natureza humana, não está no poder do homem opor-se-lhe. É uma força viva, cuja ação pode ser retardada, porém não anulada por leis humanas. Mas quando estas se tornam incompatíveis com ele, despedaça-as juntamente com os que se esforcem por mantê-las. “Assim será, até que o homem tenha posto suas leis em concordância com a justiça divina, que quer que todos participem do bem, e não a vigência de leis feitas pelo forte em detrimento do fraco.”⁶

Ciro continuaria sua marcha atendendo aos imperativos da lei de progresso. Em algum lugar, ainda teria de reconstruir uma nova Babilí, mas, no entanto, levava consigo também o mérito de ter sido o grande libertador do povo judeu.

Toda aquela massa humana continuava a caminhar também em atendimento aos mesmos desígnios promovidos pelas lei de progresso e, em algum lugar, também teriam de se recompor perante a harmonia universal.

– Meu fraterno Palminha, é da lei, não é mesmo?

– Sim, fraterno Rubens Gávio, leis universais, imutáveis, e a elas todos nós estamos sujeitos, por isso nos asseverou o Peregrino de nossas almas, o meigo Jesus: “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim ab-rogar, mas cumprir”.⁷

Os séculos continuaram a passar!

Alexandre contribuiu pouco. Assolado pelo desejo desenfreado de conquistas, perdeu a grande oportunidade de efetivar a união dos povos conquistados e de abrir maiores espaços para a cultura grega. Preocupou-se com as conquistas pessoais e muito pouco com os interesses coletivos. O tempo, por certo, ainda o aguardaria para que ele, nos séculos vindouros, pudesse, junto às tribos americanas, ofertar uma grande contribuição aos processos de crescimento de seu próprio povo.

Roma já estava pronta e amadurecida para cumprir seu papel passageiro no cenário da evolução humana.

A Judéia ultimava os preparativos para o advento do Cristo de Deus, que já estava em pauta. Os imperativos da lei de progresso eram cumpridos milimetricamente.

– Meu fraterno Gávio, nada se passa entre os povos, nada acontece no concerto das nações que não esteja rigidamente dentro do macroplanejamento superior. Da mesma forma que as vidas no contexto individualizado também caminham sistemicamente dentro dos imperativos da lei de progresso.

Veja, a palestra já vai começar. Nosso fraterno amigo fluminense já está pronto. Aproveitemos o máximo, meu querido companheiro, mais esta oportunidade que a vida nos concede e não nos esqueçamos de que o próximo milênio começa sempre hoje!

Paz e alegria!

1 Senhor da sabedoria.

2 Espírito benfeitor.

3 Espírito diabólico.

4 Os dogmas dos Gathas consistem em um culto monoteísta de Ahura Mazda (o “Senhor da sabedoria”) e em um dualismo ético que contrapõe a Verdade (Asha) e a Mentira (Druj). Tudo o que é bom se apoia nas emanções de Ahura Mazda: Spenta Maineu (o Espírito benfeitor); todo o mal é causado por seu irmão gêmeo, Angra Maineu (o Espírito Diabólico). Após a morte, a alma de cada pessoa será julgada na “Ponte da discriminação”. Quem seguiu a Verdade chegará ao paraíso; os partidários da Mentira cairão no inferno.

5 Mt 5,18.

6 O Livro dos Espíritos - Da Lei de Progresso Questão 781.

7 Mt 5,17.